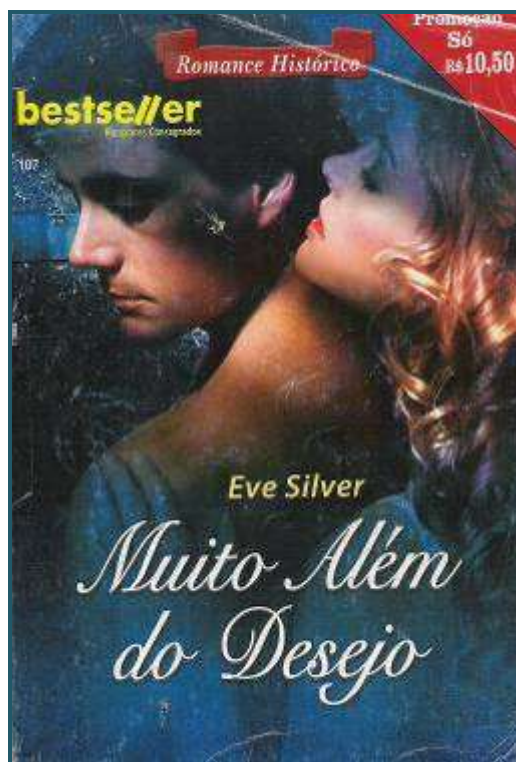




Muito além do desejo

Dark desires

Eve Silver



LONDRES, 1820

TOME CUIDADO... ELE TEM SEGREDOS SOMBRIOS... E PODE SER MUITO PERIGOSO...

A advertência ecoava na mente de Darcie quando ela chegou à residência do dr. Damien Cole. Desesperada, Darcie procurara emprego numa casa noturna de Londres, mas para sua sorte... ou não... ela fora recomendada para trabalhar como governanta de um conhecido médico local.

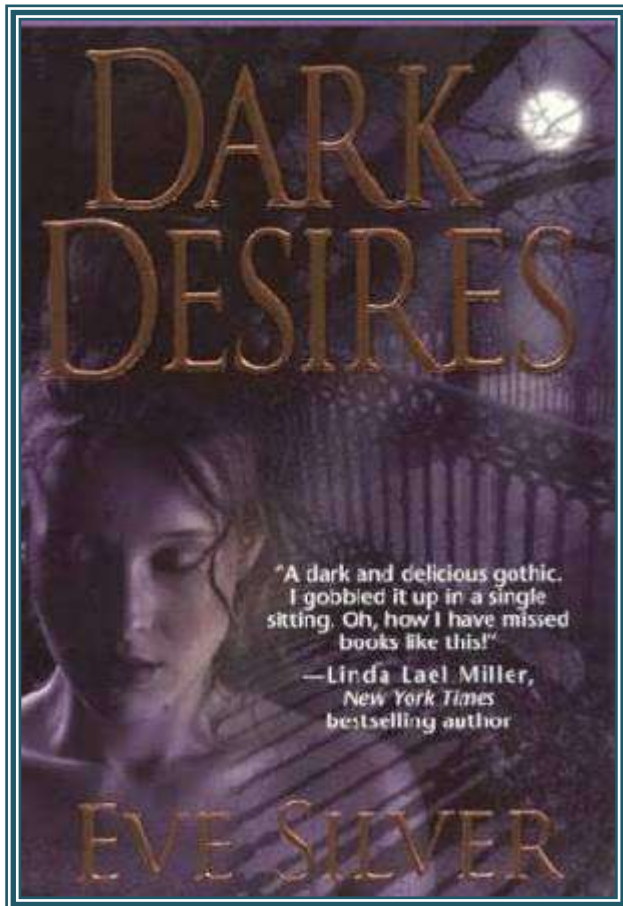
Coisas misteriosas acontecem na casa do atraente dr. Cole. Criadas desaparecem, visitantes estranhos chegam no meio da noite, e é expressamente proibido o acesso ao laboratório anexo ao casarão... Até o dia em que Damien descobre as habilidades de Darcie para desenho e a convida para trabalhar como sua assistente. As longas horas compartilhadas sob o mesmo teto despertam entre ambos uma inesperada... e irresistível... paixão. No entanto, quanto mais Darcie se envolve com Damien e seus segredos, mais difícil se torna saber se ele é um dedicado doutor... ou um homem implacável...

Digitalização: Poly

Revisão: Edna F.

Projeto Revisoras





On the streets of Whitechapel, a man steps from the fog-shrouded shadows, looking for company. The women are always happy to take his coin - just before they take his knife...Darcie Finch has come to the East London brothel as a last, desperate choice. Instead, the madam turns Darcie out into the harsh night with new hope - to seek employment from one who owes her a favour, Dr. Damien Cole - as well as a last warning: have a care. Steer clear of his work and his secrets. He is a man to fear...The Cole residence is a strange place, indeed. Servants disappear. Unsavory characters call at odd hours of the night. And Darcie has seen the handsome doctor leave his laboratory splattered with blood. Now, Damien has offered her the chance of a lifetime, using her skills as an artist to work beside him. Long hours together soon ignite an unexpected - and irresistible - passion. But the closer Darcie gets to Damien and his secrets, the more she wonders if he is a dedicated, charming healer...or a cold-blooded killer...

Copyright © 2005 by Eve Silver

Originalmente publicado em 2005 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP. NY, NY - USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: **Dark Desires**

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL Patrícia Chaves

EDIÇÃO TEXTO

Tradução: J. Alexandre

Copidesque: Roberto Pellegrino

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Thomas Schlück

COMERCIAL/MARKETING Silvia Campos

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

© 2007 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 – 10º andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley Moore

CAPÍTULO I

Uma cortina de névoa se elevava sobre as pedras úmidas da rua Hanbury, incorporando os cheiros fétidos das entranhas da cidade. Darcie Finch arrepiou-se ao receber lufadas de vento nos cabelos e no rosto. Acelerou o passo sobre os pedregulhos molhados. Segurou sua velha pasta de couro contra o peito, procurando em vão proteger os sentidos dos maus odores.

Ruídos do descarregamento de gado de corte perpassaram pelo ar, vindos de um abatedouro próximo. Pela manhã, as pedras da rua estariam molhadas, não da chuva ou da neblina, mas do filete de sangue bovino que se formaria.

O som cavo de mugidos a assustou. Venceu o pânico por meio de um suspiro profundo, depois de sentir medo equivalente ao dos animais. Darcie não pôde evitar a comparação com seu próprio e triste destino. A diferença era que ela o havia escolhido, enquanto as reses tinham sido condenadas sem piedade nem julgamento, nascidas para o sacrifício.

Novamente Darcie soltou o ar dos pulmões, com um assobio. Depois, fez convergir seu foco mental. Escolhas sempre existiam, e ela havia feito as suas. Melhor aceitar a responsabilidade do que brandir o punho contra o destino, reclamando da carga a suportar.

Os pés já lhe obedeciam mecanicamente. Suas botas pisaram o cascalho da rua enquanto ela esfregava os dedos sobre a cicatriz que lhe enrugava a pele da mão esquerda. Destino? Steve havia falado da sorte como se esta fosse uma velha amiga, ou talvez uma inimiga mortal. Para ele, o destino um dia lançaria todos na mesma vala. Da mortalha e do caixão só escapariam os indigentes selecionados para a mesa dos professores de anatomia, na verdade homens insensíveis que rondavam hospitais públicos e apressavam o fim dos agonizantes sem família, em nome do ensino da ciência médica.

Afastando o pensamento mórbido, Darcie projetou o corpo à frente. Trágica e deplorável era a vida que a esperava, mas não pior que a de outras garotas como ela. Suspirou suavemente. Antes, acreditara em sonhos e contos de fada, tecera uma fina teia de privilégios e fantasias. Agora, achava-se diante da crua realidade, contando apenas com seu charme e inocência.

Subitamente, Darcie entrou em alerta. Frêmitos gelados rodearam seu coração. A certeza de que não estava sozinha na via estreita lhe assoberbou a mente. Podia pressentir alguém ali, dotado de más intenções. Ansiosa, esquadrinhou a escuridão e procurou identificar a causa de seu desassossego.

O temor era um remanescente dos dias em que Darcie tivera uma vida boa, longe dos becos degradados da cidade. De novo ela tateou a cicatriz da mão, lembrança de Steve e de um instante de violência. Pensou nele como a boa pessoa que havia sido, antes de perder a fortuna. Seu padrasto, além de rico, era então um homem de caráter.

Mais alguns passos, e Darcie chegaria ao mercado. Travessia perigosa, embora conhecesse o caminho. O fermento passou a doer, como se ela abrigasse agulhas debaixo da pele. Deveria ter tomado a direção oposta,

escolhido uma rua mais segura, fora dos limites do bairro de Whitechapel. Agora era tarde.

Recostada na porta de um prédio, ela vasculhou as sombras. Nada nem ninguém em meio à densa névoa. Mas pôde sentir uma presença ali. Por experiência própria, sabia ser prudente levar em conta os sentidos. Poderia imaginar um pobre trabalhador voltando para casa, mas seus instintos colocavam-se contra essa hipótese.

Esconda-se. Corra. Fuja. A voz de Steve a alcançou como se projetada fora da sepultura dele.

Darcie colou-se à parede salvadora, esperando que seus rápidos batimentos cardíacos fossem audíveis somente para ela. Tentou manter a calma, mesmo pressentindo que o pior estava por acontecer.

Como se saísse de sua imaginação, uma forma masculina emergiu da neblina. Sem ruído, apenas com uma ondulação do ar. Darcie não ousou respirar, pois um odor terrível lhe atingiu as narinas. O cheiro do mal.

Ela se achava perto o bastante para tocar a roupa do homem, caso quisesse ser notada. Refletiu, por absurdo, que aquela era uma pessoa de posses, por vestir uma capa longa até os pés, de tecido sedoso e brilhante. As botas também eram lustradas, de couro. Mas por que um homem rico viria a Whitechapel, no extremo da zona leste?

Os segundos se escoaram com aterradora lentidão. Abruptamente, ele girou o corpo e afastou-se, arrancando ruídos das pedras do pavimento. Um senso agudo de alívio, doloroso alívio, invadiu Darcie.

O eco das passadas do homem se desvaneceu. Darcie examinou as trevas e saiu de junto à porta. Rua deserta, sem viva alma, mas o estômago roncou, num testemunho de que ela estava com fome. Ignorou a desagradável sensação, mesmo porque não possuía nem uma migalha para comer. Seguiu seu caminho. O alvorecer se aproximava, e até as prostitutas e os que as procuravam já deixavam seus postos nas esquinas tenebrosas.

Um rato gordo cruzou a calçada à frente de Darcie. Enojada, restou-lhe recordar a vida que levara numa pequena casa em Shrewsbury, ao lado da mãe, da irmã, chamada Abigail, e de Steve. Ultimamente, apenas com Steve, num pequeno apartamento. Costumava tomar chocolate quente e trocar abraços com os familiares na manhã do dia de Natal. Faltava lógica, porém, em colocar o passado feliz como escudo a um presente trágico, sobretudo quando estava prestes a encerrar sua jornada de desesperança.

Lágrimas encheram os olhos de Darcie, num pranto que não era de desafogo, mas de tristeza. As ironias da vida lhe inspiravam um desabafo amargo.

— Então, você veio, Darcie Finch. Imaginei quanto tempo iria demorar. — A mulher faceira, de meia-idade, muito maquiada, cravou os olhos frios na visitante.

Estava à porta de uma casa na rua Hadley. Os lábios da proprietária, que respondera ao toque da campainha, compunham uma linha estreita e as

sobrancelhas se erguiam em óbvio deboche.

No degrau de entrada, Darcie engoliu em seco e hesitou, até que a mulher a puxou porta adentro.

— Não tenho a noite toda, a não ser que trouxe uma bolsa cheia de dinheiro. — Ela riu da própria piada.

Darcie tentou responder, contar à mulher por que viera. Inutilmente.

— Perdeu a língua, mocinha? — A mão foi fechada com força em torno do pulso de Darcie.

Um empurrão, e ela viu-se no interior da casa modesta, junto à mesa da sala, onde apoiou os quadris. O lugar recendia a cigarro e perfume barato, além de um aroma indefinido, pegajoso.

— Ele está morto e enterrado? — indagou a mulher.

Que Steve havia morrido, ela sabia. Quanto a ser enterrado, tinha dúvidas.

— Pode me chamar de sra. Feather, como as outras. Não terá nenhum tratamento especial.

— Claro, senhora. — Poucos em Whitechapel desconheciam aquele endereço, mas quando Darcie o descobrira, numa carta que constituía seu último elo com o passado, ficara chocada.

Examinou a sra. Feather, cujas feições ostentavam as marcas de uma rotina desgastante. Seria possível que aquela criatura devastada pelo tempo fosse a cafetina de Abigail? Da bonita e meiga menina Abigail, que ninava Darcie até ela adormecer e a colocava no berço? Um peso no coração abateu-lhe o ânimo. O acalanto era tudo de que se lembrava sobre sua irmã.

A sra. Feather espalmou a mão na face de Darcie. Devia ter pouco mais de quarenta anos, embora envelhecida. Até os lábios estavam murchos. A maquiagem não lhe encobria as rugas.

De súbito, a sra. Feather pregou o olhar na pasta de couro que Darcie segurava.

— Eu trouxe desenhos.

— Não de Abigail, espero. A irmã que você conheceu não existe mais.

O que poderia retrucar? Ouviu mais uma pergunta, cheia de impaciência:

— Quantos anos tem?

— Faço vinte em junho.

— Pois parece mais jovem — disse a alcoviteira, inspecionando o rosto de Darcie e levando-a até o espelho pendurado na parede. A moldura era bonita. — Porém magra como um poste. Os homens gostam de curvas cheias.

Darcie contemplou seu reflexo. A sra. Feather tinha razão.

Os olhos saltavam no rosto esguio. A pele clara, as bochechas encovadas e os cabelos castanhos transmitiam a impressão de saúde precária. O figurino preto, severo, também não ajudava na aparência, aparentando sobrar no corpo raquítico.

Um homem parou à porta semi-aberta, riu alto ao olhar para dentro e entrou, deslizando a mão pelo ombro da sra. Feather. Era assim com as mulheres da noite, pensou Darcie, paralisada ante a intimidade reinante. Bem,

devia ser o modo como os homens a tratavam.

O intruso era razoavelmente bonito, de altura mediana, vestido com elegância, mas com uma aura malévola que tencionou os nervos de Darcie. Sorria com malícia ao observar a visitante.

— É esta a mocinha iniciante? — ele perguntou em tom frio, enquanto Darcie baixava os olhos até o chão. — Lembra uma peça de porcelana, de tão frágil. Menos bonita do que imaginei.

— Lorde Albright, o quarto vermelho está a sua disposição, conforme pediu. Mas não se engane. Esta jovem pálida é capaz de lhe propiciar total prazer.

Darcie realmente gritou quando lorde Albright lhe tocou o braço. A reação o envaideceu, provocando um sorriso. A sra. Feather fechou a porta, barrando o vento, e acrescentou:

— Entre de vez e fique à vontade. Não vai querer comer nada frio, vai?

— Quente ou gelada, terei a maior satisfação em conhecer de perto esta garota.

A repulsa cresceu dentro de Darcie.

A alcoviteira guiou o lorde escada acima até o quarto. Olhou para trás, por sobre o ombro.

— Espere-me aí. Ainda preciso orientá-la.

Agora, Darcie sentia-se de fato doente, nauseada. Mas não havia perigo de vomitar no piso de madeira encerada, pois nada tinha no estômago. Uma dor aguda lancetou seu abdome. Como eram tristes os rumos de sua vida! Tormento e agonia passariam ao longo das horas, porém ela ficaria para sempre marcada pela escolha que fizera.

A casa da sra. Feather! Um nome inócuo, mas que se tornaria o símbolo de sua complacência com o destino. Não era um simples antro de encontros escusos. Com certa dose de zombaria, a sra. Feather atendia pessoas da sociedade, em seus mais sombrios e vis desejos.

Darcie já não tinha onde dormir, sua última refeição tinha sido na noite anterior: uma batata crua, caída de um cesto, que recolhera do chão. Não era de admirar que o cérebro se achasse nublado. Por semanas, ela pedira trabalho ou um prato de comida, de porta em porta. Havia conseguido algumas faxinas, nada mais. Não tivera a coragem de se prostituir, mas agora Abigail tinha dado um jeito nisso, convencendo-a. Ela poderia vender-se diretamente a lorde Albright, ou indiretamente à cafetina de sua irmã.

Ou então morrer.

Na verdade, ocupar um quarto para encontros naquela casa se equiparava a uma morte lenta. Ao caminhar pela sala, seu braço bateu contra a maçaneta da porta de saída.

Os dedos envolveram a peça metálica, abrindo a sala. A escuridão e o cheiro de chuva lá fora enervaram Darcie. Tinha sido um erro vir até ali. Não conseguiria fazer o que os outros esperavam dela.

Respirou fundo, decidida a fugir, quando uma forte mão a reteve pelo

braço, bem no ponto dolorido deixado pela maçaneta. Era a sra. Feather, que portava alguma coisa entre os dedos.

— Leve isto — ela passou-lhe um magro maço de dinheiro. — Mas não volte mais aqui. Este lugar não é para você.

Admirada, Darcie examinou o presente. Não contou as notas, porém pareciam ser uma fortuna para uma garota com fome.

— Procure o dr. Damien Cole — recomendou a proprietária. — Na rua Curzon. Diga que eu a enviei e que agradecerei à altura o favor de acolher você.

— Rua Curzon... — repetiu Darcie, vacilante. Atrás da sra. Feather, surgiu sua irmã, Abigail, que meneava a cabeça afirmativamente, mas não se adiantou para abraçá-la. Um bordel, por mais discreto que fosse, não era o local indicado para demonstrações de afeto.

— Quando puder, devolva a ela, que também precisa.

— Obrigada, senhora. Obrigada, Abigail.

A cafetina a tangeu na direção da rua e insistiu para que não retornasse a Whitechapel. Certamente, Abigail daria conta das taras de lorde Albright.

— O dr. Cole é um homem duro, temível, mas não deixa de ser uma boa pessoa — disse a irmã. — Cuide dele, porém fique fora do caminho e não se intrometa no trabalho que faz nem nos segredos da casa.

Darcie apressou-se a rua abaixo, apertando numa das mãos as notas que ganhara. Na outra, continuava a segurar a pasta de couro. Tinha escapado da degradação, sua pena havia sido comutada. Liberou algumas lágrimas. De bom grado esfregaria o chão da residência do médico, lavaria sua roupa, esvaziaria os cestos de lixo. Era uma grande chance.

Armada de um nome, Damien Cole, e das referências verbais de Abigail e da madame, Darcie avançou em meio ao nevoeiro. O alerta da irmã ainda ressoava em seus ouvidos. *É um homem duro, temível.*

Talvez...ele não lhe negasse um prato de sopa quando ela chegasse à elegante rua do bairro de Mayfair. Ouviu o trotar de cavalos a puxar uma carruagem fechada. Escondeu-se na calçada, até a passagem de dois imponentes animais. O barulho foi aterrador para quem perdera o controle de suas emoções.

Darcie levou a mão ao ventre e agachou-se, como se fosse desfalecer sobre o chão molhado. O ruído das patas cessou e, logo em seguida, um cavalheiro lhe ofereceu a mão.

— Está bem, senhorita? Assustou-se com os cavalos? — Era o condutor.

— Ela se machucou? — inquiriu uma segunda voz, vinda de dentro da carruagem, melíflua, mas reconfortante.

— Creio que não, senhor. Apenas ficou assustada — avisou o cocheiro.

Ainda vergada, Darcie girou a cabeça e viu o dono do veículo caminhando em sua direção, em passadas firmes que transmitiam confiança. As botas lustrosas levantavam salpicos de água da calçada.

Seria o mesmo homem que a tinha seguido na rua Hanbury? Darcie conteve o pânico, à lembrança da aura maligna que vinha do estranho de capa longa. No entanto não experimentou nada de ruim diante da pessoa que agora

se acercava dela. O medo a deixou, substituído por um senso de resignação.

O cavalheiro abriu a capa comprida e ficou de cócoras. Com outro gesto breve, dispensou o cocheiro. Tinha olhos cinzentos num rosto aparentemente bondoso.

— É verdade que não se feriu? — Ele esperou a negativa, tateou o tornozelo dela e pediu ao condutor da carruagem que trouxesse uma manta. Ele não sabia, mas o problema de Darcie era fome e frio, não uma distensão muscular.

O homem ajeitou a cobertura sobre as pernas dela, deixando ver seus cabelos louros e mais longos do que o normal. Lembrava um anjo. No mesmo instante, Darcie teve vontade de tocá-los. Ergueu-se subitamente depois de sentir a mão dele em seu pescoço gelado, como se procurasse uma lesão. O cocheiro foi de novo afastado.

— Sabe me dizer que dia é hoje? — ele perguntou, com o olhar fixo nela.

A princípio, Darcie não compreendeu a intenção. Em seguida, imaginou que o cavalheiro da carruagem procurava medir seu grau de lucidez.

— Saí terça à noite. Agora já deve ser quarta. — Embaraçada, notou que a mão masculina atritava a dela, transmitindo calor. Evitou movimentos bruscos ao desvencilhar-se e recolher a pasta, caída no chão. Apertou-a contra si como se fosse um tesouro. Suspirou.

— Resposta correta — ele murmurou. — A senhorita parece lúcida. Não perguntarei o que faz a esta hora nos arredores de Whitechapel. Mas lhe ofereço minha carruagem para levá-la ao seu destino.

— Oh! — Ela comoveu-se com a atitude amável. — Estou à procura da rua Curzon.

— Lugar bonito, porém um pouco distante. Pretende andar por lá, no outro lado da cidade? — O tom foi amistoso, mas Darcie suspeitou que o cavalheiro a confundia com uma prostituta de rua. Não estava tão longe da verdade. — Ou vai ao encontro de alguém, especificamente?

Darcie pouco tinha a dizer a um estranho, embora estivesse claramente à mercê dele.

— Só pergunto porque eu moro na rua Curzon. — O olhar passeou pelo corpo magro de Darcie. — Acho que não encontrará o lugar por si própria — ele completou em tom impessoal.

O cocheiro havia retornado à boléia da carruagem e já empunhava as rédeas. Os cavalos patearam, nervosos.

— Venha — convidou o homem, um tanto pálido à luz da madrugada. Havia de fato algo excêntrico a respeito dele, de sua atitude.

Darcie o observou através das mechas de cabelos encharcados que haviam escapado dos grampos. Naquele instante, estranho ou não, o cavalheiro encarnava seu salvador. Pela mão dele, entrou no veículo.

— Seu amigo está dormindo? — ela indagou ao deparar com outra pessoa acomodada no banco em frente ao seu, meio sentada, meio reclinada, com a cabeça encostada na lateral, de olhos cerrados e sem nenhum movimento.

— Não é meu amigo.

— Está doente? Ou bêbado? — Darcie quis saber, antes de instalar-se. Pareceu-lhe ouvir um riso cavernoso do dono da carruagem.

— Nem doente, nem bêbado. Já não dispõe de tais possibilidades.

Um arrepio glacial percorreu Darcie da cabeça aos pés.

— Quer dizer que ele está morto, então?

A expressão impassível do homem não traiu nenhuma emoção ou ansiedade. Seus lábios finos articularam palavras que soaram obscuras a Darcie.

— Exatamente. Está morto há pelo menos um dia. — Um sorriso cínico seguiu-se à tenebrosa revelação.

Ela engoliu em seco. Conteve a náusea, agradecida por ter o estômago vazio, e observou o inerte companheiro de viagem. Dividia a cabine da carruagem com dois homens. Um morto. O outro, provavelmente insano.

O homem encapotado mexeu-se enquanto falava, trazendo seu ombro para bem próximo do de Darcie.

— Aonde deseja ir, exatamente?

Ela sentiu o calor do corpo masculino reduzindo o espaço entre os dois. Pensava em qual seria a maneira certa de conversar com alguém que conduzia um cadáver. Repetiu que desejava ir à rua Curzon, mas acrescentou:

— O senhor não vai procurar a polícia para reportar a morte desse homem?

— Não, ninguém pode fazer mais nada por ele. — Deu de ombros, intrigando Darcie ainda mais. — Qual o endereço?

— A casa do dr. Damien Cole, senhor, onde vou pleitear um emprego.

— Que tipo de emprego?

— Como criada.

— Hum. E possui referências? — Ele centrou nela sua atenção.

Se tivesse, dificilmente bateria na porta da sra. Feather.

— Nenhuma por escrito, senhor. Perdi as cartas de recomendação deixadas pela família para a qual trabalhava, e que se mudou para a Índia. Nada tenho que possa atestar meu caráter.

— Bastante inconveniente — ele comentou, atraído pelo raio de luz que atravessava a janela e fazia brilhar o rosto de Darcie. Os olhos cinzentos do homem cintilaram.

— Bem, minha irmã, que trabalha para a sra. Feather, diz ser velha amiga do médico. A madame também.

O dono da carruagem parecia esperar a alegação. Fitou a passageira com indulgência, sorriu e ajeitou o cadáver que, numa curva, havia descambado para o lado. Apavorada, Darcie reuniu todas as forças a fim de suportar o trajeto. Dependia da condução gratuita para alcançar seu destino.

— Sua irmã é amiga do dr. Cole? Deve ser nova no círculo de amigos dele.

Então, ele conhecia o médico. Fator de alívio ou de apreensão?

— Quem é essa irmã? — foi a pergunta seguinte.

O que responder? Sobretudo para um louco? Se comprometesse a

reputação de Abigail, estaria atingindo a sua própria.

— Por favor, deixe-me na casa do dr. Cole e explicarei tudo a ele.

Os cantos dos lábios do cavalheiro se abriram num meio sorriso, e Darcie imaginou que, normalmente, ele sorria muito pouco.

— Eu sou o dr. Damien Cole — o homem disse suavemente.

O coração dela ganhou um ritmo errático. Seu salvador era o potencial patrão. Ainda assim, divertiu-se com a descoberta. Havia aprendido a não se surpreender com as voltas que a vida dava.

— Conte-me quem é essa mulher que alega ser minha conhecida.

— Na verdade, minha irmã pediu que o procurasse em nome da sra. Feather, a quem estaria prestando um favor se me empregasse. Ela prometeu retribuir a gentileza.

A carruagem balançou, mas o dr. Cole permaneceu rijo na cabine, sem disfarçar a tensão. Obviamente, ele conhecia Abigail. Uma inexplicável tristeza apossou-se de Darcie ao concluir que, por via de consequência, o médico também era íntimo da sra. Feather, a cafetina. Por que um profissional renomado, morador de um bairro nobre, faria visitas à periferia degradada da cidade?

A imagem de lorde Albright a aguardar a presença de Abigail no quarto vermelho do bordel deu-lhe a idéia de que os ricos também procuravam prazeres escusos, em casas suspeitas. Albright não poderia receber a amante na própria residência nem procurá-la na dela nem recorrer a um hotel, onde poderia ser reconhecido.

— Quando se alimentou pela última vez, srta. Feather?

O conteúdo da frase a deixou confusa, mas sem abafar sua fome.

— Oh, não. Não sou parente da sra. Feather. Eu me chamo Darcie Finch.— Ela corou ligeiramente. — Quanto a comer, não me lembro exatamente. Duas noites atrás, talvez três.

— Você começará a trabalhar para mim amanhã. Hoje, só descanso e boa alimentação.

— Está me aceitando como criada? — Darcie vibrou no íntimo. A sorte, finalmente, viera ao seu encontro.

— Tenho urgência em contratar alguém para todos os serviços da casa. Minha última serviçal de confiança desapareceu de repente, sem deixar notícia.

Darcie evitou pedir detalhes. Era uma situação comum. Menos normal foi o tom sardônico que ela julgou identificar na explicação do dr. Cole para empregá-la de imediato.

— Quarenta libras por ano. Quarto e comida grátis, incluindo chá, açúcar e cerveja, que, como sabe, são regalias para poucos.

A mente de Darcie girou em função da proposta. O cargo que pleiteava costumava render cerca de trinta libras anuais, sem mordomias. E o dr. Cole nem exigira referências por escrito ou qualificações.

— Obrigada, senhor. Trabalharei duro, pode ter certeza. — Seu salvador não se arrependeria de dar-lhe aquela oportunidade. — Mas não tomo bebida

alcoólica.

— Nesse caso, ofereço-lhe o valor correspondente em dinheiro, para você comprar algum objeto pessoal, como uma fivela para os cabelos.

Darcie havia sido educada numa família de bons princípios. Ainda podia ouvir a mãe dizendo que omitir a verdade era a mesma coisa que mentir. Era agradável saber que, com seus ganhos, poderia adquirir algo tão frívolo como uma fivela, quando até então não possuía o suficiente para comer um pão. Ficou um tanto mortificada pela visibilidade de seus cachos desgrehados, porém reconheceu que o dr. Cole não havia falado por mal. Ao contrário, mostrava-se especialmente generoso para com ela.

E o cadáver? Contemplou-o com mórbida fascinação. O corpo devia estar sem vida fazia pouco tempo, porque não exalava nenhum cheiro de putrefação. Por certo, imaginou, era algum cliente do médico que falecera após longa agonia.

Darcie pressionou os dedos nas têmporas, avaliando sua fadiga, seu mal-estar devido àquela situação macabra. Para fazer o que fazia, transportando o morto na própria carruagem, o dr. Cole só podia ser uma pessoa muito extravagante.

— Chegamos — avisou ele quando a carruagem parou. Desceu e ajudou Darcie gentilmente a ganhar o chão firme.

Sua mão na dele despertou-lhe a certeza de que o dr. Cole tinha boas maneiras. Quanto às intenções...

Lembrou-se de lorde Albright e da repulsa que sentira diante dele, acentuada por um medo de arrepiar. Não pôde furtar-se a compará-lo ao dr. Cole, com sua impecável etiqueta social, sua frieza ao lado de uma pessoa morta. No entanto era muito melhor trabalhar para um louco do que submeter-se aos caprichos sexuais de um nobre sem moral.

Livrando a mão, Darcie examinou a fachada branca da casa, dotada de largas janelas de madeira. Uma cerca alta de ferro rodeava a propriedade, que não transmitia a idéia de luxo, mas de conforto e segurança. Lanças pontiagudas encimavam as barras, como sentinelas contra qualquer tentativa de invasão.

A cerca contínua só era interrompida por dois portões, um levando à ala dos empregados, outro acessando uma trilha de cascalho até a varanda de entrada da casa, provida de cinco degraus de pedra e ladeada por um abrigo para a carruagem e os cavalos. Como a porta principal estava longe de onde Darcie havia descido, ela deduziu que deveria encaminhar-se à área da criadagem.

O dr. Cole meneou a cabeça como se lesse seus pensamentos.

— Em virtude das circunstâncias — ele disse, com uma mesura elegante —, hoje você pode pernoitar na ala social.

Mais uma vez, Darcie observou o casarão sólido, mas, aparentemente, pouco acolhedor. Nada de queixas, porém. O local destinava-se a ser o seu lar, o único lar após um longo período de penúria. A curiosidade a alfinetou: o dr. Cole teria esposa e filhos? Não parecia, mas era impossível saber antes de ingressar

na casa. Tinha receio de perguntar.

Seu olhar fixou-se no médico, na tentativa de demonstrar agradecimento. Contudo o dr. Cole constituía um enigma. Não bastava que ele a tivesse tratado com generosidade. Darcie precisava desesperadamente de teto e emprego, porém as condições em que isso se concretizara exigiam enormes reservas de força interior.

O cadáver, por exemplo. Continuava dentro da carruagem parada, como o terceiro passageiro de uma viagem sinistra. O dr. Cole não tinha esclarecido o motivo de conduzir o corpo nem o que faria com ele. Na verdade, não lhe devia explicações.

O médico era um homem bonito, mas Darcie sabia que ninguém podia se fiar nas aparências. A superfície sólida de um lago, no inverno, geralmente esconde um poço gelado, profundo, mortal. Além disso, o olhar de alerta e a citação de sua irmã quanto ao fato de Cole ser uma pessoa temível seguiam provocando inquietação. Que tipo de gente percorre a cidade de madrugada, na companhia de um morto?

Ela repassou suas opções: prostituir-se como Abigail, sob as bênçãos da sra. Feather; voltar às ruas para esmolar; seguir o dr. Cole casa adentro e integrar-se à criadagem. Imperturbável, ele aguardava a decisão, sem pressioná-la.

Aflita, Darcie queria agarrar a oportunidade. Não era de sua conta que o empregador fosse um médico estranho, capaz de apossar-se de cadáveres. Talvez tivesse fama como pesquisador. Talvez estudasse a possibilidade de ressurreição dos mortos, como um novo dr. Frankenstein, e integrasse o grupo adepto da ressuscitação.

Apertando os lábios nervosamente, ela lançou as dúvidas para o fundo da consciência. Não deixaria suas suspeitas atrapalharem o serviço oferecido pelo dr. Cole. Abigail a havia alertado para não imiscuir-se no trabalho dele.

Com um movimento lento dos pés, Darcie escalou os degraus até a porta principal. E assim abriu para si própria um enigmático futuro.

Na manhã seguinte, descansada e alimentada, Darcie levantou-se antes de o sol nascer. Fazia meses que não se sentia tão bem. Vestiu-se depressa, desceu a escada do fundo do corredor, que levava diretamente à cozinha e à área de serviço, conforme o patrão havia indicado. Passou em frente a quartos vazios, lembrando-se de que o médico ocupava uma suíte, ao lado do consultório e estúdio particular, no pavimento superior.

Na copa, ela encheu um balde d'água, apanhou vassoura, sabão e panos de limpeza. Ajoelhou-se nos degraus da varanda, a fim de esfregá-los. Estavam sujos de poeira e limo.

Poole, o mordomo, surgiu e espantou-se com o esforço da nova empregada, já que o dr. Cole nunca fora muito exigente quanto à faxina. Aliás, em seu laboratório privado, raramente alguém entrava, mesmo que apenas para limpar. O desdém de Poole, ao explicar os deveres de Darcie, animou-a a lavar a pequena escada de pedra com maior empenho, com gestos circulares. O

mordomo pareceu odiá-la desde o primeiro momento, mas ela pretendia provar que ele não tinha motivos para isso. Não cometeria erros em suas funções.

Numa pausa, Darcie escutou passos avançando pela rua ainda deserta. Abaixou o esfregão, olhou, porém nada viu. Era enervante o ruído, como o que havia captado na noite anterior, quando procurava algum cliente em Whitechapel. Já não sentia arrepios, porém, nem tinha mechas de cabelos molhados soltos na testa. A atividade física a aquecia agradavelmente.

Enquanto recuava, varrendo as folhas caídas no pátio, Darcie esbarrou de costas com o dr. Cole. Foi embaraçoso. O que ele fazia ali?

— Desculpe-me — ela disse, temerosa. — Não vi o senhor chegar.

Pudera! O médico não passara por ela enquanto lavava os degraus. Se viesse da rua, Darcie ouviria os passos, o ranger das dobradiças do portão. Intrigada, observou a figura dele, notou as botas salpicadas de barro.

— Não se amofine — pediu o médico. — Eu a vi trabalhando da janela do meu quarto e resolvi descer.

Na memória, Darcie reconstituiu as passadas que a haviam assustado na rua Hanbury, em cujas sombras alguém se escondera na noite anterior. Estremeceu e, mais do que depressa, o dr. Cole tomou-lhe as mãos após pôr de lado a vassoura. Sua pele era quente. O aperto, firme.

— Você continua gelada — ele comentou, atritando os dedos de Darcie.

Ela não imaginava que suas mãos estivessem tão frias, por efeito do manuseio de água. Aceitou, constrangida, o agasalho de lã que o dr. Cole lhe ofereceu e que trazia dobrado no braço. Seria indelicadeza recusar, sobretudo quando o médico ajeitou a peça amavelmente nos ombros dela.

— Para mim? — Darcie ergueu os olhos, confusa. A malha grossa e macia não parecia nova, apresentava um cerzido na manga e tinha o tamanho dela. — Está me emprestando esta preciosa blusa?

Ele inclinou a cabeça de leve, com um brilho divertido no olhar.

— Não, agora é sua.

— Por quê? — Aumentou o assombro de Darcie.

— Porque você é friorenta, só por isso.

— Obrigada, mas a dona não dará por falta da malha?

— Não. A proprietária não precisa mais dela. — Foi desconcertante a mudança nas feições do dr. Cole, que adotou uma expressão fria, desprovida de qualquer emoção.

Com isso, ele girou o corpo, subiu os degraus agora limpos e desapareceu dentro do casarão, deixando Darcie a imaginar o motivo de sua atitude, o sentido de suas palavras.

Cuidadosamente, ela dobrou a blusa de lã e pendurou-a na barra da cerca. Não queria que a peça caísse no chão enquanto trabalhava no asseio do quintal e da trilha de cascalho. Com um derradeiro olhar ao agasalho, recuperou a vassoura e curvou o corpo, pensando em como a peça grossa seria útil nas manhãs frias.

Numa pausa, examinou a fachada da casa silente e definiu o dr. Cole como

um homem realmente exótico. Bondoso a ponto de trazer a malha para uma simples criada, misterioso a ponto de mudar de ânimo ao estalar de um dedo, sem falar do fato de conduzir um cadáver na própria carruagem.

Manuseando a vassoura, Darcie avaliou com rigor a personalidade do médico. Ela conservava a imagem do meio sorriso e dos olhos brilhantes do dr. Damien Cole, com precedência sobre seu estado de contenção e desconfiança. Lembrou-se da especulação anterior que fizera: o médico, com boas probabilidades, era mentalmente perturbado.

CAPÍTULO II

Nos dias subseqüentes, Darcie usou o tempo para limpar e arrumar os cômodos, ajudar a lavadeira ou a cozinheira, ficar à disposição de qualquer outra empregada da casa. Em conseqüência, não apenas tomou conhecimento de todas as tarefas necessárias, como conseguiu arrumar seu quarto, na ala da criadagem, de modo a torná-lo bastante acolhedor. Permaneceu vigilante quanto à sorte que tivera, decidida a tudo fazer para que ela não mudasse uma vez mais.

Como o dr. Cole adotava horários estranhos, a rotina dos empregados submetia-se aos hábitos do patrão. Ele trabalhava a noite inteira, trancado no laboratório, e dormia o dia todo. As vezes nem chegava a dormir. Não era incomum que Darcie ficasse sem vê-lo por mais de 24 horas, mas quando o encontrava, o médico falava em tom cordial, como se ela fosse mais do que uma simples criada da casa.

A equipe de auxiliares trabalhava alheia à presença ou ausência do dr. Cole, sob as ordens rigorosas de Poole, o mordomo. Darcie percebeu, consternada, que ninguém se preocupava em servir o dr. Cole, mesmo quando ele deixava de almoçar ou jantar.

Rememorou com carinho os bons tempos de Steve, durante os quais a sra. Beales, a cozinheira da casa em seus anos de infância, jamais deixava de levar ao patrão uma bandeja com sanduíches frios, bolinhos, café ou chocolate quente, sempre que Steve chegava tarde do trabalho. Era triste que o dr. Cole não contasse com essa consideração, que ninguém ali se importasse com ele.

Certa tarde, depois de ajudar a limpar um peixe fresco e guardá-lo na despensa, Darcie criou coragem para abordar a cozinheira, que todos chamavam de sra. Cook.

— Notei que o dr. Cole não comeu nada hoje.

A corpulenta mulher interrompeu os movimentos de picar legumes e a encarou com expressão interrogativa.

— Nenhuma novidade, minha cara. — Retomou os golpes de faca afiada.

— Devo levar uma bandeja para ele?

Foi imensa a surpresa da sra. Cook.

— Ele não vai se servir de nada e, se estiver furioso, pode atirar a bandeja

na sua cara.

— Gostaria de tentar caso a senhora prepare algum lanche que o patrão aprecie. — Darcie não acreditava numa reação violenta do dr. Cole. O tratamento que recebia dele não era especial, porém respeitoso.

— Ninguém tentou, nem mesmo eu. — A sra. Cook meneou a cabeça, desaprovando a idéia. — Melhor dizendo, já coloquei uma bandeja bem fornecida na porta do quarto dele, que continuou intocada por horas. O patrão faz as coisas a seu modo.

— Mas agora ele não está no quarto. Entrou no laboratório faz alguns minutos. Eu vi.

— Pior ainda — ponderou a sra. Cook. — O laboratório e o estúdio de trabalho são os templos do dr. Cole. Ele não sai e ninguém entra. Em todo caso...

A cozinheira arrumou um prato com pão, queijo e frutas frescas.

— Você verá que tudo ficará intacto. O patrão gosta mesmo é de beber.

— De beber?

— Costuma sair para longos passeios sob a chuva, talvez vencido pela melancolia. — Assim falando, a sra. Cook prometeu a si mesma não contar mais nada sobre o dr. Damien Cole. Já havia tagarelado além da conta.

Darcie subiu os degraus até a porta do laboratório, com a bandeja nas mãos e a mente perturbada pelas revelações que acabara de ouvir. Bateu levemente e, para sua surpresa, foi autorizada a entrar.

Girou a maçaneta enquanto equilibrava a bandeja contra a própria cintura. O primeiro detalhe que notou, no interior do cômodo, foram as pesadas cortinas cerradas a fim de barrar o sol, impondo o reinado das sombras.

O dr. Cole se achava sentado à escrivaninha, com um livro aberto diante dele e um abajur aceso. Piscou sob a luz que se filtrou pelo corredor.

— Consegue ler quase no escuro, senhor? — ela inquiriu, quase no tom de uma mãe ralhando com o filho.

O dr. Cole ignorou a questão, examinando Darcie com vagar até perceber a bandeja.

— O que é isso?—As sobancelhas levantadas indicaram um espanto sincero, e ela sentiu um frêmito de afeição pelo médico.

— Um pequeno lanche. Os seres humanos precisam se alimentar a fim de sobreviver.

O dr. Cole deixou escapar um riso franco, jogando a cabeça para trás.

— Você é corajosa, tanto por entrar aqui como por me trazer comida a esta hora.

Darcie nada respondeu. Não se julgava valente. Antes, era tola a ponto de tratar o patrão sem cerimônia. Onde e como conseguiria outro emprego se perdesse aquele? Deveria ter simplesmente largado a bandeja à porta, batido três vezes e corrido para o pavimento térreo.

Por isso, seu assombro foi total quando ele fechou os dedos em torno de seu pulso.

— Fique. — A voz soou baixa e rouca.

Ela o fitou, sem defesa, e depois identificou uma garrafa de conhaque quase vazia na mesa de trabalho. Seus sentidos já haviam captado o aroma de álcool no ar. A menção da sra. Cook à melancolia do médico revoou em seus pensamentos como um alerta. Um homem estranho, solitário, e uma garrafa de conhaque podem formar uma combinação perigosa. Darcie sabia disso muito bem. Mas os olhos do dr. Cole estavam limpos e claros, não vermelhos e sanguinolentos como os do padrasto, Steve, quando este, deprimido, bebia até desfalecer.

Na mão, o dr. Cole segurava uma pequena moldura dourada, que Darcie havia espanado na única vez em que entrara no estúdio. Sabia, assim, que se tratava do retrato de uma bonita jovem de cabelos pretos e vestido rendado. Por um momento, ficou tentada, a perguntar quem era a mulher que tanto significava para o patrão.

Ela balançou a cabeça, afastando a má idéia, e tomou a direção da porta, após depositar a bandeja numa mesa auxiliar.

— Obrigado — ele disse, agora com certa dureza por não ter conseguido reter Darcie junto a si. — Deixarei a bandeja no corredor, depois de me servir.

Ela fechou a porta com suavidade, mas correu assustada assim que se viu do lado de fora. Saltou os degraus até a cozinha, e nem assim pôde barrar a sensação de que o breve encontro com seu empregador lhe havia acelerado o coração e lançado a mente num intenso redemoinho.

O convite para fazer-lhe companhia tinha estremecido sua alma.

Na manhã seguinte, Darcie espanava com vigor a janela da sala. Através da vidraça, contemplava fixamente a trilha de cascalho que levava aos fundos do terreno. Prestou menos atenção à limpeza do que à figura do dr. Cole, refestelado no banco ornamental existente perto do abrigo da carruagem. Perto dele, uma floração de petúnias vencia a barreira dos pedriscos para formar um leito de pétalas roxas.

O sol acentuava o dourado dos cabelos do dr. Cole, e Darcie viu quando ele moveu o corpo a fim de escapar da incidência direta dos raios luminosos. Devia fazer horas que o médico estava imerso na leitura de um grosso volume. Não pela primeira vez, Darcie pesou os interesses dele, os gostos e as antipatias, os fatos que o fascinavam e os que tratava com desdém.

Por um instante, desejou merecer do médico tanta atenção quanto o texto que ele lia. Poderia assim estudar de perto aqueles olhos cinzento-claros, focados com intensidade no livro, e falar alguma frase que seria saboreada sílaba por sílaba.

Ela sentiu ambivalência quando o dr. Cole a notou à janela e moveu os lábios como se fizesse um comentário ou um pedido. Tal atitude trouxe alegria a Darcie, mas, ao mesmo tempo, ela ficou receosa por ter sido percebida, quando estava habituada a esconder-se nas sombras.

Darcie estreitou os lábios e forçou-se a sair da janela. Como o serviço ficara incompleto, certamente seria repreendida por Poole. Ele já a havia censurado

por lavar a louça devagar demais, desperdiçando tempo. Darcie havia entendido que deveria trabalhar depressa, a fim de não entrar em atrito com o mordomo, ainda que as tarefas caseiras resultassem menos perfeitas do que ela gostaria.

Com gestos ágeis, Darcie usou o espanador para remover a poeira da escrivaninha do dr. Cole, valendo-se de sua momentânea ausência. O pequeno retrato da jovem morena, com bordas douradas, jazia a um canto da mesa. Sempre que limpava o escritório, demorava-se na contemplação da imagem, ponderando quem seria aquela mulher e qual espaço ela ocuparia na vida do dr. Cole.

Darcie começou a arrumar os livros nas estantes de mogno que circundavam todo o estúdio do médico. Permaneciam em constante desalinho, pois o proprietário parecia apanhar aleatoriamente os volumes que lhe interessavam, deixando os outros tombarem na prateleira.

Cuidadosamente, ela levantou um livro da Real Sociedade de Londres, publicado em 1665. Uma raridade, sem dúvida, e talvez uma das primeiras descrições fisiológicas do corpo humano, com o auxílio de lentes de aumento, conforme o título que Darcie leu na capa. Os livros e revistas do dr. Cole tinham nomes interessantes, embora ela não atinasse com seu verdadeiro significado.

— Depressa, Darcie! Poole está bravo com você de novo!

— Oh, Mary! Você me assustou!

Na soleira da porta, com as rebeldes madeixas vermelhas escapando de seu gorro, Mary Fitzgerald mostrava os olhos verdes arregalados de preocupação.

— Logo quando eu observava estes livros misteriosos... — Darcie apontou as estantes com a cabeça. — Você já os viu? Horríveis!

Ela correu o dedo indicador pelas lombadas e parou no volume mais grosso. Recitou o título em voz alta: *Sobre o Movimento do Coração e do Sangue nos Animais*, de William Harvey, edição de 1628.

— Ah, você sabe ler — comentou Mary, a auxiliar de limpeza com quem Darcie desenvolvera maior afinidade. — Eu só olhei as figuras.

— E não sentiu medo? — Darcie franziu a testa, enquanto Mary se aproximava dela, após comprovar que ninguém vinha pelo corredor.

— Você nunca abriu um destes livros e olhou os desenhos? Como já está aqui há um mês, pensei que havia metido o nariz na coleção do dr. Cole, embora todos digam que ficaria furioso se descobrisse.

— Pois eu acho que ele é um homem generoso, dotado de bom coração — retrucou Darcie, disposta a omitir que já havia aberto algumas das obras, considerando os textos fascinantes e as ilustrações, confusas e aterradoras.

— Bom coração? — Mary rebateu. — Fala isso porque ele a empregou. Mas você trabalha duro para receber seu pagamento, Darcie Finch. Aliás, trabalha mais do que todas nós. — Uma ponta de rivalidade permeou a frase. — Por mim, acho que o dr. Cole não tem coração. Vejo pessoas entrando e saindo da casa em horas estranhas, quando gente honesta não permanece nas ruas. Penso que ele vem fazendo algo... satânico.

Darcie recordou-se do cadáver na carruagem, na noite em que chegara,

mas bloqueou o pensamento e fitou Mary com ar reprovador.

— O dr. Cole não é o diabo, nem mesmo um homem mau. Você deve controlar sua imaginação. As pessoas não têm hora para cair doentes e procurar um médico!

— Doentes? Eu disse que pareciam enfermos? Quando comecei a serviço da casa, cinco anos atrás, o dr. Cole tinha boa clientela. Atendia matronas da sociedade e suas filhas petulantes. Depois, foi restringindo os horários, dedicando mais tempo a cirurgias em hospitais da zona leste ou a pesquisas no laboratório. — Mary observou a janela dos fundos, onde era guardada a carruagem. — Algumas das pessoas que entravam pareciam mais moitas do que vivas. Anote minhas palavras, Darcie Finch. Existe algo de maligno nas atividades do dr. Cole.

À medida que Mary avançou, Darcie saiu do caminho, facilitando o acesso às estantes. A auxiliar de limpeza baixou a voz e novamente olhou por sobre o ombro.

— Jane, a empregada que precedeu você, foi embora de repente e ninguém ouviu mais falar dela.

Darcie lembrou-se: o dr. Cole havia mencionado a criada fugitiva na noite em que a contratara, mas agora Mary parecia cobrir de suspeita seu desaparecimento.

— Um dia, achei um lenço do dr. Cole caído no chão, sujo de sangue.

Darcie teve de dominar o calafrio que a invadiu.

— Médicos lidam com sangue, Mary, e às vezes mancham seus lenços.

Balançando negativamente a cabeça, Mary calou-se enquanto examinava os livros alinhados nas prateleiras. Achou o que queria e puxou-o para fora.

— Reconheço este porque não tem a lombada dourada como os outros.

Não se tratava de um volume impresso, e sim de uma série de folhas manuscritas, encadernadas em couro. Mary abriu a capa e folheou as páginas cuidadosamente, até encontrar a que procurava.

— Veja isto, bem aqui — apontou com o dedo.

Darcie obedeceu e sua respiração ficou suspensa. A página revelava o esboço detalhado da parte interior de uma perna humana. Não foi o tema que a perturbou, e sim a maneira como os pormenores estavam delineados. O desenho mostrava a pele descolada da carne, os traços dos músculos até o osso. Estranhamente, o horror de Darcie viu-se amenizado pela constatação de que o artista, medíocre, havia distorcido a perspectiva.

Passos ecoaram no corredor vazio. Mary deixou o livro cair e, com a ponta da bota, empurrou-o para debaixo da escrivaninha. Começou a polir o móvel com um pano embebido em água, sal e limão.

— O que estão fazendo aqui?

As duas mulheres estremeceram ante o tom agressivo do mordomo, Poole. Ele lançava olhares alternados, mas frios, a Mary e Darcie.

— Pensamos que, trabalhando juntas, a limpeza seria mais rápida — argumentou Mary, indicando as brilhantes cantoneiras de cobre da mesa de

trabalho.

— Pois eu acho que, ao contrário, estão perdendo tempo com conversas frívolas.

— Não, senhor — Mary insistiu, enfatizando a resposta com um gesto de cabeça.

— Pode ir agora — ordenou Poole, rilhando os dentes de raiva.

Mary recolheu o balde, os panos, e cruzou a porta olhando de viés para o mordomo, ante o receio de que ele lhe barrasse a passagem a fim de repreendê-la de novo. Com um olhar rápido e piedoso para Darcie, saiu sem conferir a expressão severa de Poole.

— Eu... — Darcie pigarreou, nervosa diante da inspeção pouco sutil que o mordomo realizou no estúdio do dr. Cole. — Já estou terminando aqui, senhor. Mas notei que ninguém limpa o laboratório do patrão. Posso fazer isso, se o senhor quiser.

— Você não deve nem passar perto do laboratório! — Poole soou irritado.

— Não deve notar nada, pensar nada. Limite-se a cumprir as minhas ordens. Fui claro?

Darcie concordou, meneando a cabeça, depois de sentir que a força daquelas palavras tinham valido por um bofetão. Poole pronunciou o nome dela com menosprezo.

— Darcie Finch... Há muitas moças nesta cidade que superam você em aparência e boas maneiras, e que gostariam de ter seu cargo. Tome cuidado, Finch, pois estou de olho em você.

Em movimento lento, Poole deslizou a mão pelo tampo da escrivaninha, para verificar a limpeza. Seus olhos frios esquadriharam o estúdio, com a mesma intenção, até aproximar-se de Darcie a ponto de ela poder ver o traço de sangue seco no queixo dele, conseguido ao fazer a barba. Darcie não pôde desviar a vista daquela pequena nódoa.

— Não exagere — disse o mordomo ao abandonar o aposento.

A ameaça contida nas palavras ecoou no silêncio que se seguiu. Com o coração batendo forte, Darcie aguardou um minuto até que o ritmo frenético cedesse, e então agachou-se a fim de recuperar o livro escondido debaixo da mesa.

Alisou as páginas manuscritas e deteve-se no desenho da perna eviscerada que Mary lhe mostrara. Sim, se a posição fosse diferente, com a ponta mais para a direita... Darcie imaginou como desenharia o tema. Não importava o quanto este fosse tão desagradável, ela o via com olhos de artista. Reconhecia beleza estética onde outros enxergavam apenas horror.

Sem pensar, alcançou a pena, o tinteiro, e traçou, ao lado da original, sua versão da imagem. Com rápidos movimentos, adicionou luz e sombra. Ficou bem melhor do que o outro desenho, Darcie concluiu com satisfação.

Subitamente, a enormidade de sua transgressão a abateu. Havia estragado uma página do livro do dr. Cole, talvez seu próprio volume de anotações. O que acontecera para agir assim? Um tremor a possuiu dos pés à cabeça. Ele a

mandaria embora, de volta às ruas, de volta ao destino do qual mal havia escapado. Era inacreditável que tivesse agido com tanta irresponsabilidade.

Horrorizada, Darcie fechou o livro. Devolveu-o à estante. Contemplou-o com mórbida fascinação, esperando que o médico não consultasse a obra manuscrita por longo tempo. Com isso, ela se salvaria. O dr. Cole certamente possuía outros livros sobre anatomia para examinar.

Cruzando a porta, Darcie lançou um olhar desesperado para o corredor, felizmente vazio, e trancou-se em seu quarto.

Naquela noite, rija e tensa sobre a cama, Darcie sentiu os próprios ossos doerem, mas não conseguiu adormecer apesar da fadiga. Os nervos lhe tiraram o sono.

Tentou ignorar o ronco de Mary, sua colega de quarto, sem sucesso. As duas mulheres dividiam um aposento no sótão. Darcie sentia-se grata por ter cada uma sua cama. Sabia que, em outros dormitórios, duas e até três criadas partilhavam o mesmo leito. Poderia até ser bom manter os corpos próximos durante as noites frias de inverno, mas o dr. Cole era um patrão generoso. Colocara um aquecedor a carvão no quarto de Darcie.

— Ei, está dormindo? — Mary despertou com vontade de conversar.

— Não, mas pensei que você estava. Eu a acordei?

— De jeito nenhum. Parece preocupada. O que há?

— Recordava o dia da minha chegada, quando o dr. Cole lhe pediu que me trouxesse um lanche.

— Bem, não foi nenhum incômodo — declarou Mary.

— Eu sei. Mas, para mim... Poole estava presente e ficou furioso por alguém me servir. Deve ter me odiado desde então — Darcie confidenciou.

— Sim, ele ficou vermelho, aparentando que ia explodir. — Mary emitiu um riso abafado. — Poole se considera um sedutor.

Lembrando a reação do mordomo, Darcie julgou que ele podia ser qualquer coisa, menos um sedutor.

— Eu me surpreendi agradavelmente com este quarto — ela disse. — Fazia tempo que não dormia em nada mais confortável do que a entrada de um prédio. Aqui, encontrei uma cama quente.

— Compreendo o que quer dizer. Trabalhei antes em duas casas, por dez anos, e devo reconhecer que o dr. Cole nos trata bem.

Darcie alisou com a mão o bonito cobertor verde e branco. As roupas de cama eram mais limpas e frescas do que uma pessoa sem recursos poderia desejar. E ao lado da grelha no meio do aposento, entre os dois leitos, havia um cesto cheio de carvão.

— O dr. Cole também é generoso quando se trata de nos manter aquecidas — comentou Mary, em tom agradecido, mas cansado. Sua fadiga já limitava a capacidade de conversar.

— Durma, Mary — Darcie murmurou, arrependida de ter forçado o diálogo. Igualmente exausta, cobriu-se, virou-se para o lado e tentou provocar o sono, concentrada nos conselhos recebidos da mãe durante sua infância.

As lições maternas não haviam envolvido apenas alguns truques para adormecer, mas também o decoro e o recato que deveriam ser seguidos em sua vida de mulher. Ironia. Daria tudo, naquele momento, para ouvir novamente a voz da mãe.

Darcie não pôde evitar a onda de tristeza e saudade que a envolveu. Seu pai tinha morrido quando ela era uma criança de colo, e a mãe se casara de novo com um rico comerciante que a adorava. Embora Steve fosse o único pai que havia conhecido de fato, Darcie o chamava de padrasto, porque sua mãe desejava conservar alguma lembrança do finado marido e incutira na filha pequena a diferença entre os graus de parentesco.

Além da voz, Darcie sentia falta do perfume, do toque suave de sua mãe, que havia sido uma pessoa gentil e sorridente. Darcie crescera debaixo do amor incondicional da mãe e dos cuidados do padrasto, mas então Steve perdera seus bens, Abigail fugira de casa e a mãe, tuberculosa, foi aos poucos deixando a vida em lenços manchados de sangue.

Um lenço manchado de sangue! As palavras de Mary, proferidas no estúdio do dr. Cole, ocuparam a mente de Darcie, e com elas vieram as lembranças do livro manuscrito de anatomia e de sua má conduta. As pálpebras fechadas não afastaram a imagem insistente: será que, como sua mãe, o médico tossia a própria vida para fora de si?

Ela revirou-se na cama, com os pensamentos girando interminavelmente. Então, do nada, veio a terrível questão: não teria o dr. Cole sujado o lenço de sangue quando havia dissecado a perna para registro e ilustração?

O estômago de Darcie revirou ante a imagem da perna descarnada, separada do corpo a que pertencera, e que ela atrevidamente havia resolvido redesenhar.

Como tinha podido fazer o que fizera?

A tinta, a pena, o volume pertenciam ao dr. Cole, e mesmo assim ela havia esboçado no papel sua idéia de uma perna humana, nua e esfolada. A angústia maior vinha do fato de o dr. Cole ser um bom anatomista, que cortara a carne com bisturi a fim de desvendar os mistérios do organismo. Isso explicava os assustadores esboços contidos no livro encadernado.

Darcie digeriu o conceito, imaginando onde o médico ob-tinha seus modelos. Era melhor não ceder à curiosidade. Em Whitechapel, corriam rumores sobre os expedientes adotados por cientistas a fim de conseguir cadáveres recentes. Coveiros abriam sepulturas frescas e trocavam corpos por algum dinheiro, e não faltavam boatos infames sobre assassinatos de indigentes. A demanda era crescente por causa da multiplicação das faculdades de medicina.

Com um soluço comovido, Darcie removeu a coberta e sentou-se na cama, lançando aos ombros a malha de lã que o dr. Cole lhe dera. Era quente, aconchegante, mesmo não sendo nova, mas por que o médico havia lhe oferecido aquele presente?

O dr. Cole constituía um enigma. Silencioso e severo em dado instante,

gentil e generoso em outro. Não lhe entregara apenas a blusa grossa, no primeiro dia de trabalho, mas também uma muda completa de roupa.

Não quero vê-la em farrapos, como se tivesse saído de um asilo, ele dissera.

Com isso, porém, Darcie havia caído na antipatia do traiçoeiro Poole. Não podia esquecer-se, nunca, de tomar cuidado com ele. Se o mordomo descobrisse que ela havia conspurcado o livro do patrão! As conseqüências seriam inimagináveis.

Um plano tênue aflorou em sua mente e aglutinou-se numa sólida estratégia: arrancaria e queimaria a página do livro na qual tinha deixado, desenhada, a prova da sua transgressão.

Darcie apanhou o castiçal com um toco de vela, da banquetta que servia de criado-mudo, desceu pé ante pé do sótão rumo ao escritório do dr. Cole, um pavimento abaixo. No longo corredor, deparou com uma estranha aparição. Rilhou os dentes com força, procurando vencer o surto de medo. A figura pairava no ar, branca e tétrica, com longos cachos negros disfarçando a palidez de uma forma aparentemente desencarnada.

Medo e apreensão gelaram o sangue de Darcie, enquanto ela olhava o espectro. Mas uma exclamação complacente escapou de sua boca quando percebeu que o fantasma, coberto por uma camisola branca, era ela mesma, refletida no espelho ornamentado que se localizava na parede terminal do corredor. Engoliu em seco, umedeceu os lábios e condenou sua fraqueza de espírito, que a levava a temer o próprio reflexo. Seguiu caminho, admitindo que estava estressada, os nervos tensionados até o extremo, a mente propensa a tolas fantasias.

Abriu a porta do estúdio, ergueu a vela mais alto e examinou o cômodo. Contrariamente ao que havia pensando, já não sabia o que procurar, e onde. As estantes estavam bem-arrumadas, a escrivaninha em ordem, como ela a havia deixado pela manhã. Moveu-se até ficar de frente para a prateleira na qual, agora se lembrava, tinha colocado a obra manuscrita, entre dois livros encadernados em couro. Lá estava, intacto, o livro de esboços do dr. Cole.

Darcie suspirou, aliviada, mas logo um som cavo atraiu sua atenção. Correu até a janela para ver, e acidentalmente seu quadril bateu na mesa de trabalho. Com um pequeno grito, ela cambaleou. Conseguiu recobrar o equilíbrio pouco antes de cair. Mas o castiçal escapou de sua mão, e a chama da vela apagou-se de encontro ao chão.

Sozinha na escuridão, Darcie estava prestes a entrar em pânico, porém controlou-se ao raciocinar que havia sido apenas um ruído do lado de fora da casa. A agitação não cedeu por completo porque ela estava cansada e ansiosa. Descobrir a fonte do som a ajudaria a acalmar-se. Pressionou o corpo contra a janela, afastou a cortina pesada e olhou.

A lua cheia era como a rainha de um céu estrelado. Sua claridade iluminou as figuras de dois homens que puxavam um grande baú pela trilha de cascalho que levava ao abrigo da carruagem. Dali saía uma ligação, por degraus, com a

parte superior do galpão, que abrigava especificamente o laboratório secreto do dr. Cole.

As duas criaturas vestiam pouco mais do que andrajos e, mesmo a distância, Darcie pôde perceber suas expressões duras e seus movimentos furtivos.

Ambos carregavam lamparinas a querosene. Fizeram uma pausa para descansar e um deles, o de menor estatura, abriu a tampa da arca de madeira. Darcie não viu o conteúdo do baú, mas que tipo de encomenda precisava ser entregue durante uma visita clandestina no meio da noite?

Ressuscitadores! A palavra, amaldiçoada por todas as seitas religiosas, relampejou na mente de Darcie. Mas os rumores diziam que um grupo secreto de cientistas praticava experiências nesse sentido. Elas requeriam cadáveres frescos e cérebros sem danos, capazes de receber choques elétricos.

Assim que uma luz se acendeu no segundo pavimento do casarão, os homens retomaram sua tarefa e bateram na porta do galpão da carruagem. O lugar foi aberto por dentro e os carregadores empurraram o baú até o interior do abrigo.

Estática, sentindo nos dedos a maciez do veludo da cortina, Darcie chegou a pensar que tudo era produto da sua imaginação. No entanto eram reais os sons advindos do esforço de carregar a arca escada acima, até o laboratório do dr. Cole.

Ela esperou dez, vinte minutos. Os entregadores saíram, conduzindo o baú pelas alças laterais, como as de um caixão de defunto. Os passos agora rápidos denotavam que haviam se livrado de um peso. Lançaram um olhar à janela do estúdio, e Darcie escondeu-se nas sombras, arrepiada de pavor. Pelo som das vozes que se afastavam, ela concluiu que poderia voltar a observar com segurança.

Deviam ser apenas trabalhadores braçais, que não ofereciam perigo imediato, apesar de sua missão sinistra. A visão da perna amputada, constante do livro do dr. Cole, dominou a mente de Darcie. Ela avaliou o quanto aquela parte do corpo seria leve ou pesada. Leve, considerou. Mas um cadáver completo, com cabeça, tronco e membros...

A luz do abrigo se apagou. Darcie soltou a cortina de veludo que segurava. O dr. Cole surgiu à frente do galpão, com sua figura inconfundível, sorriu de satisfação e trancou a porta. Voltou-se a fim de examinar os arredores, olhos e ouvidos atentos, tentando captar alguma coisa no ar. A luz suave da lua inundava seu cabelos e sua pele, envolvendo-o numa estranha claridade.

O coração de Darcie bateu forte, o sangue fluente prejudicou sua capacidade de audição. Com um meneio sutil do corpo, o dr. Cole fixou a vista na janela do estúdio. Darcie gostou de ver os gestos dele oculta, mas de repente o médico pareceu focalizá-la dentro da alma. Ele procurava algo ou alguém. Ela!

Arfando, Darcie afastou-se da vidraça e colou-se à parede. Sabia que não podia ser detectada concretamente, porém ele intuía sua presença no interior do escritório. Essa certeza a aterrorizou.

Absurdo! Havia a distância, existiam as trevas. E como o dr. Cole teria uma percepção especial da realidade?

No entanto Darcie tinha medo de ser vista. Mais, de ser agarrada à força e trazida para os braços dele. Deus do céu! De certo modo, não era o que esperava ao invadir o território do patrão?

Ela levou o pulso à boca e mordeu os nós dos dedos. Era apenas em razão da bondade do dr. Cole que fantasiava atos de intimidade com ele. Mas a verdade não podia ser negada. Darcie reagia como mulher voluptuosa ante a estrutura física do médico. Era um caso de atração carnal, e ela faria bem se afogasse o desejo nas profundezas de seu ser, enterrando a urgência de ser acariciada e possuída.

Não desistiu, porém, de bordejar a vidraça outra vez, procurando pelo dr. Cole na noite enluarada. Com um suspiro, percebeu que ele continuava parado como estátua de mármore, contemplando a janela do estúdio. Aparentemente, cansou-se de vigiar a fachada e moveu-se tão leve quanto a própria sombra, e desapareceu.

Darcie saiu correndo do escritório, fazendo uma pausa apenas para recolher do chão o castiçal caído. Esquecera-se de arrancar a página do livro de esboços, de sumir com o desenho que havia rabiscado. Venceu com pressa o caminho até o quarto do sótão, onde se deitou e cobriu-se até a cabeça.

Era a maneira que encontrara de bloquear a noite.

CAPÍTULO III

— Acorde, Darcie. Vamos, levante-se!

Ela descerrou as pálpebras pela metade, com muito sono, e viu Mary Fitzgerald inclinada sobre seu corpo. Sacudia-lhe os ombros, além de gritar.

— Que horas são? — Pela luz baça filtrada da janela, ainda não era dia pleno.

— Não importa, mas já é madrugada. Vista-se logo, porque Poole está fora de si e nos convocou a todas para uma reunião urgente.

Com o auxílio da mão forte de Mary, Darcie sentou-se na cama e pediu sua escova para cabelos. Lavou-se e vestiu-se rapidamente, só gastando um pouco mais de tempo na escovação dos dentes com o pó mentolado, que havia sido uma de suas primeiras aquisições com o adiantamento salarial.

A água fria no rosto ainda não estava seca quando, seguindo a amiga, Darcie desceu até o saguão de entrada, onde as outras criadas se perfilavam em desconfortável silêncio.

O que se podia ouvir era o murmúrio de vozes masculinas através da porta da sala. Logo o dr. Cole surgiu e correu a vista pela fila de serviçais. Darcie cravou o olhar no chão, com a boca amarga e uma crise de pânico ameaçando-lhe as entranhas.

Respeitosamente, o mordomo Poole mantinha a distância de um passo

atrás do patrão. Sua expressão era de prudência enquanto focava o dr. Cole, parecendo distante e pensativo.

— Aconteceu algo muito estranho — começou o médico, erguendo no ar o livro de esboços que trazia na mão esquerda. — Da última vez que consultei esta obra, havia uma única ilustração na página 63. Agora, encontrei dois desenhos em vez de um.

Livros e imagens científicas não faziam parte do universo normal das criadas, por isso o silêncio que se seguiu deveu-se em grande parte à incompreensão. Mas Darcie sabia bem do que o dr. Cole falava. As primeiras luzes matinais intensificaram sua tensão, tanto que, sem interrupção audível, ela julgou escutar formigas escalando os azulejos.

— Quero saber se alguém aqui tem idéia de como um segundo esboço apareceu no meio do meu livro. — O tom era firme, porém suave, sem censura nem ameaça. Darcie ponderou que ele envidava um grande esforço para conter-se.

Nenhuma das outras serviçais moveu-se.

Foi Darcie quem fixou o olhar no dr. Cole e descobriu que ele a observava, com ar calmo e interrogativo. Naquela noite, ela acompanhara da janela suas andanças na escuridão e, depois, seu desaparecimento do pátio, como se ele próprio fosse feito de sombras. Agora, o dia nascente o banhava de um halo brilhante.

Darcie notou, porém, que o dr. Cole usava as mesmas roupas. Olheiras comprovavam que ele não havia dormido nada, pensamento que lhe causou certa piedade. No entanto, por que deveria lamentar a vigília do patrão, quando sua própria vida repousava nas mãos dele?

Consciente de que a transgressão cometida não deveria recair sobre as criadas inocentes, Darcie ergueu o queixo e deu um passo à frente, saindo da fila. Primeiro encarou Poole, cujas feições eram pouco amistosas. Depois, olhou lateralmente para Mary, que lhe mostrou um ar piedoso antes de voltar a focalizar o chão. Por último, forçou-se a encontrar os olhos cinzentos e brilhantes de Damien Cole.

O que poderia acontecer? Ela julgava Cole como um homem bom, que lhe oferecera uma oportunidade de trabalhar honestamente. Claro que a lembrança do cadáver transportado na carruagem comprometia essa imagem positiva do médico, mas haveria uma explicação. Talvez fosse apenas preparar o defunto para devolvê-lo à família ou para o sepultamento como indigente. Aproveitaria para investigar, como profissional, as condições da morte.

O dr. Cole havia contratado uma jovem desvalida como Darcie, cujo destino era percorrer as ruas em busca de parceiros dispostos a pagar por alguns momentos de prazer. Também mantinha em seu estúdio desenhos de membros humanos mutilados, mas isso não fazia parte de sua especialidade?

Efetivamente, Darcie já não contestava o caráter do dr. Cole. Não existia prova alguma de sua improbidade. E, ademais, não era ele quem estava em julgamento naquela reunião, e sim ela, que havia extrapolado os limites de suas

funções na casa e apanhado um livro para, estupidamente, danificá-lo. O patrão a expulsaria de casa. Ela retornaria às calçadas do vício, ao acolhimento da sra. Feather, a cafetina.

— Eu fiz o desenho, senhor — Darcie falou com clareza, elidindo o tremor na voz.

Um som em coro, uma respiração coletiva foi a resposta involuntária do grupo de empregadas. Darcie desviou a vista para a janela, lutando para que as pernas trêmulas não a derrubassem. Apesar de sentir o olhar do dr. Cole sobre si, não conseguiu enfrentá-lo.

— Ah! — exclamou o médico após uma pausa tensa. — Venha comigo.

Ele girou o corpo a fim de subir a escada, e Darcie pestanejou, surpresa, antes de segui-lo até o estúdio. Poole a fitou como a um inseto desprezível, dando passagem aos dois.

A fila formada pela criadagem mostrou-se tensa de preocupação: Cook, a cozinheira que havia sido tão bondosa com ela; John, o cocheiro, que falava pouco, mas demonstrava simpatia; Mary, a colega de quarto, sua amiga. Lágrimas toldaram a visão de Darcie enquanto ela escalava os degraus, apressando-se para alcançar o lépido dr. Cole.

Confusa, no alto da escada, Darcie parou. Esperava ser demitida sem cerimônia, sem um sermão a respeito de seu comportamento errôneo.

— Venha — o médico convidou, e Darcie foi tomada pela incerteza.

— Com licença, senhor — conseguiu articular, recorrendo a uma reserva de coragem que ela própria desconhecia. — Cheguei a esta casa com um único bem: uma pasta com desenhos de minha autoria. Posso apanhá-la?

Sentiu-se num ninho de serpentes, mas o dr. Cole não pareceu zangado, apenas surpreso.

— Por que motivo deseja pegar a sua pasta?

— Para levá-la comigo quando for embora.

— E aonde pensa que vai? — Em vez de impaciência, o tom do médico denotou genuína confusão, porém não maior que a dela. Darcie pensou, não pela primeira vez, que o dr. Cole fosse insano.

— Só me resta voltar às ruas — ela replicou, mantendo o contato visual a fim de evitar que, chorando, procurasse o ombro do dr. Cole e implorasse para ficar.

— O que você tanto precisa das ruas? — Agora, era claro o aborrecimento do médico. Inquieto, ele gesticulou com a mão. — Isso pode esperar. Agora eu necessito de você.

Ele ganhou o corredor e, voltando-se, viu não apenas Darcie, mas também Poole, que o seguira servilmente. Dirigiu-se ao mordomo:

— Conto com você, Poole, para encontrar outra boa empregada para tarefas gerais. Darcie não serve mais para esse posto.

— Claro, senhor. — Ele fingiu superioridade diante dos criados que, no saguão, tinham visto e ouvido tudo, sorridentes. — Darcie Finch não pode continuar na mesma posição, depois do que o senhor descobriu a respeito dela.

Darcie teve vontade de chorar, mas se conteve após pensar que teria uma eternidade para as lágrimas.

— De fato, não deve prosseguir fazendo o que faz aqui — o dr. Cole concordou, meneando a cabeça. — Devem existir centenas de moças precisando de emprego. Cuide de encontrar uma que permaneça no serviço mais do que algumas semanas. Parece que perdemos nossas melhores criadas num ritmo alarmante.

— Imediatamente, senhor. — Poole retirou-se escada abaixo e dispensou a criadagem reunida, ainda perplexa.

— Agora que vi uma prova do seu talento — disse o médico, ingressando no estúdio —, seria um desperdício manter você no serviço de faxina geral. Mesmo porque pretendo utilizar esse seu dom para o desenho anatômico.

Agitada, Darcie derrubou um vaso de flores da mesinha do escritório. Tentou segurá-lo em tempo, mas seu estado de espírito, dividido entre a náusea e a euforia, não permitiu. O vasinho espatifou-se no chão.

— Desculpe-me — ela murmurou, esperando unia explosão de raiva do patrão, face à perda da fina peça de porcelana. Até mesmo um homem aparentemente bondoso podia perder a calma, porém o dr. Cole limitou-se a olhá-la com expectativa.

— Não tem importância — falou. — O problema é que você se cortou. — Uma lasca de porcelana havia espetado o polegar esquerdo de Darcie, justamente onde existia um corte cicatrizado.

Sem hesitar, o dr. Cole tirou um lenço branco da calça a fim de amarrá-lo no dedo que vertia um filete de sangue. Como fascinado, ele examinou o ferimento antes de cobri-lo. Darcie pensou no lenço salpicado de sangue que o médico descartara anteriormente e Mary havia encontrado.

Resolutamente, ela livrou a mão do toque do médico, que, segundo ela, ia além de uma atitude profissional. Imaginou, horrorizada, se o dr. Cole não seria um vampiro pronto a sugar-lhe o sangue.

Com a serenidade de sempre, o médico abriu a porta e avisou que desceria para apanhar sua maleta de emergência, esquecida na sala, e ao mesmo tempo avisar Poole para tratar, mais tarde, da limpeza, do chão.

Darcie viu-se sozinha no escritório, sentada na cadeira de couro da escrivaninha. Mais do que depressa, seus olhos se fixaram no pequeno retrato da jovem morena, colocado em lugar de honra sobre a mesa.

Não havia outra possibilidade: aquela mulher tinha sido o grande amor de Damien Cole. A esse pensamento, um estranho espasmo pressionou o coração de Darcie e incômodas lágrimas brotaram de seus olhos. Passou o dorso da mão nas pálpebras umedecidas. Reconheceu-se ansiosa demais. Que segunda explicação haveria para a sua tristeza diante de uma simples fotografia?

Do porta-retrato, a atenção de Darcie deslocou-se até o livro de esboços que havia sido a causa de tanto tumulto. Estava aberto na mesa, exatamente na página que ela havia retocado.

De regresso, o dr. Cole aproximou-se e enrolou uma bandagem com

pomada no polegar esquerdo de Darcie, garantindo que não só estancaria o sangramento como melhoraria muito o aspecto da velha cicatriz.

— Obrigada. — Ela tinha de agradecer também o cavalheirismo do médico, que em momento algum perguntara sobre a origem da cicatriz.

— Não há de quê. — Ele pousou a mão firme e gentil no ombro dela. Somente a tirou ao posicionar o livro de modo que os dois pudessem ver com clareza o desenho feito por Darcie.

— Você consegue repetir o desenho? — O dr. Cole trouxe sua cadeira para mais perto da mesa e colocou a pena e a tinta ao alcance de Darcie.

Ela anuiu com um gesto de cabeça, inalando a fragrância que vinha do corpo dele. Notava ainda seu hálito fresco quando sentiu a perna quente do médico pressionada contra a sua. A sensação era de peles em contato, apesar do grosso tecido da calça masculina e das camadas de roupa que Darcie usava, incluindo meias, combinação e vestido.

Mesmo que o toque não fosse agradável como era, Darcie nunca poderia reclamar. Não passaria por ingrata ao homem que já a salvara duas vezes.

— Está doendo? — Ele tomou-lhe a mão como se fosse tirá-la para dançar num baile elegante.

— Não.

— Consegue desenhar? .

— Sou destra.

Darcie só pôde pensar na tolerância do dr. Cole, que, obviamente, flertava com ela e, mais importante, lhe assegurava um meio de vida. Minutos antes, Darcie se limitara a rezar para que não fosse posta na rua. Agora, seu pesar aumentara em função da perda que poderia sofrer, longe do dr. Cole.

Imaginar-se como uma sem-teto, vendendo o corpo para comer, deu-lhe a dimensão do horrível círculo de pobreza do qual tinha escapado.

Graças ao dr. Cole, Darcie estava vencendo o medo que lhe rondava os recessos da mente. Faria o que o médico pedisse, mesmo porque, se deixasse o casarão, dificilmente o veria de novo. E essa era outra causa de sua dor.

— Notei sua cicatriz — ele disse por fim, tocando de leve o polegar esquerdo a fim de estudar a marca na pele. Mais uma vez, ela apreciou o contato. — O corte parece profundo. Você teve sorte em não perder o movimento do dedo.

Com um olhar angustiado, Darcie retirou a mão e enterrou-a no colo, ocultando a cicatriz como costumava fazer quando estava nervosa. Ali residiam lembranças muito particulares, terríveis demais para ser partilhadas.

O dr. Cole a fitou, mediu, esperou.

— Segredos, Darcie? — perguntou com amabilidade e perspicácia.

Depois de medicá-la, o dr. Cole parecia pela primeira vez interessado em sua vida pessoal. O corte não incomodava. Sua dor era outra, a das ilusões perdidas. Em outros tempos, como enteada de um rico comerciante, ela poderia sentar-se com o doutor à mesma mesa, flertar e dançar com ele. Não dependeria de sua generosidade para sobreviver.

O medo que tinha tomado, havia instantes, quanto a não ter onde dormir, mostrara-se bem maior que a dor do ferimento físico. Darcie fixou os pensamentos no dr. Cole, em seus sonhos frustrados. Isso, sim, era doloroso.

— Esta sua cicatriz pode ser bastante melhorada — ele sentenciou, traçando com o dedo a linha da marca na pele, acima do curativo já feito. — Mas você não precisa me contar como aconteceu. Fique calma.

Em silêncio, Darcie centrou-se no desenho sobre a mesa, disposta a manter seus segredos sepultados, apesar da amabilidade do dr. Cole. Ele parecia querer tomar conta dela, na condição de profissional, ou então respeitava a distância que ela tomou, a fim de manter sua privacidade. De qualquer modo, não era tão simples assim. O médico aguardava o momento certo de passar-lhe uma nova tarefa.

Efetivamente, pouco depois ele pousou os dedos sobre o próprio desenho.

— Veja, não tenho nenhum talento com carvão, lápis ou tinta. Minha arte se resume a representar, da maneira menos tosca possível, os músculos, os tendões, os ossos de uma perna. — O dr. Cole virou uma página do livro e mostrou: — Isto deveria ser um pé humano, mas não se parece com nada. Você poderia tornar-se minha desenhista, colocar no papel tudo o que venho estudando, fazer gráficos detalhados das minhas dissecações.

— Não sei se consigo, senhor — murmurou Darcie, imaginando como reagiria ao esboço de cadáveres e de suas partes.

— Você desenhou muito bem a perna. Não existe grande diferença entre uma perna, um braço ou um pé, além dos detalhes específicos. Se traçou um membro, pode traçar outros.

Meneando a cabeça, Darcie procurou articular seus pensamentos. Prestar assistência ao dr. Cole, enquanto ele dissecava um corpo humano, não era a idéia que fazia de felicidade pessoal. Tinha ouvido falar que, tanto em Londres como em Edimburgo, anatomistas famosos vendiam ingressos para quem quisesse assistir a uma sessão de retaliação de cadáveres. Conduta deplorável, segundo ela, mas como esclarecer ao dr. Cole o que pensava dessa prática?

O médico ergueu-se e cruzou o estúdio até a janela. Apoiou-se no caixilho, abriu uma fresta na cortina e observou o abrigo da carruagem. Quando falou, verbalizou seus conceitos como se compreendesse com exatidão os temores de Darcie.

— Você vai se acostumar. Corpos sem vida têm uma finalidade. São como a arca de um tesouro esperando para ser aberta. O conhecimento científico que podem proporcionar é impressionante... — Ele a encarou. — Constituem a verdadeira chave para a vida e a morte.

Darcie entendia o valor da pesquisa, mas sua repulsa era maior, sobretudo à imagem de um corpo sendo transportado de carruagem até o casarão do médico.

— É o que deseja, senhor? Compreender a vida?

Ele não respondeu de imediato. Naquele silêncio, Darcie sentiu a corrente subterrânea de pensamentos sinistros. Não era apenas o terror de voltar às ruas,

o medo de passar fome e frio, a angústia de estar sozinha no mundo. Experimentou uma trepidação interior que a levou diretamente à concordância com os objetivos do dr. Cole, quaisquer que fossem.

— A vida, Darcie? — ele perguntou suavemente, como se tecesse uma teia em torno dos sentimentos da criada. — Tenho pouco interesse nos segredos da vida. Deixo esse tema aos jovens e tolos acadêmicos.

Darcie prendeu a respiração. Conhecia a resposta que se seguiria.

— Quero decifrar a morte. Conhecer nosso maior inimigo. Encontrar um meio de enganá-lo.

As palavras, friamente pronunciadas, pareciam envolver uma meta sublime, quase divina. Uma sensação de frio tomou conta do coração de Darcie. Não obstante o pressentimento que permeou sua mente, ela não pôde negar que a oferta do dr. Cole era interessante.

Ele lhe propunha uma vida diferente, ajudando-o a pesquisar os mistérios da morte. Um intercâmbio razoável.

Darcie encontrou o olhar contido do médico e soube, no mesmo instante, que sua resistência às emoções eram forjadas em aço. Com certeza, os dias e noites consumidos no laboratório, realizando práticas horríveis, ou mesmo no estúdio, desenhando fragmentos humanos, eram manifestações de uma alma perdida.

No decurso de poucas semanas, Darcie perdeu a repugnância inicial e extraiu alguma satisfação do fato de estar exercendo seu talento de desenhista, que vinha desde a infância. O dr. Cole não era exigente a ponto de pedir-lhe que fizesse algo que não quisesse, como acompanhar as autópsias no laboratório, mas seu entusiasmo pelas tarefas freqüentemente o levava a esquecer-se de comer ou dormir. Levada a seguir os horários do patrão, Darcie viu-se jantando à meia-noite ou deitada até o meio-dia.

Trabalhavam juntos, lado a lado, e muitas vezes as pernas se tocavam ou os dedos calejados do médico atritavam a pele da mão de Darcie. No entanto, mesmo quando a boca bem cinzelada dele se aproximava perigosamente do rosto de Darcie, o dr. Cole era sério e respeitador, alheio à adoração que crescia no coração magoado de sua auxiliar.

Em certas ocasiões, ela o apanhava olhando-a com intensidade, despertando seu fascínio e também um medo irracional. Por horas intermináveis, Darcie redesenhava os rascunhos feitos pelo dr. Cole, que capturavam sua visão da anatomia humana. Mais de uma vez, ele lamentou a própria falta de talento e elogiou a dela, o que originava uma onda de calor nas veias de Darcie.

Quase sem sentir, ela tornou-se imune ao conteúdo sinistro das páginas do livro, passando a dividir com o dr. Cole certo reconhecimento da beleza natural das pessoas. Restava uma grande diferença, porém, entre realizar os desenhos e travar contato com despojos humanos. Darcie chegou a pensar que, com o andamento do trabalho, perderia a capacidade de desenhar um espécime vivo e original.

Naquela manhã, tendo levantado tarde, Darcie entrou no estúdio bocejando, a boca coberta com a palma da mão.

— Bom dia, dr. Cole — saudou da soleira da porta, enquanto ele terminava um lanche informal à base de pão e queijo.

— Apenas Damien, por favor — o médico solicitou. — Não mais "senhor" nem "dr. Cole". Já que eu a chamo de Darcie há semanas, você pode e deve me tratar pelo primeiro nome.

Ela suspirou, insegura. Em sonhos, já o havia chamado de Damien, escandindo¹ as sílabas de um prenome que se tornara precioso por evocar sua necessidade ingente de amor e paixão. Contudo tratar o médico por "Damien", na presença dele, era outra história.

Darcie hesitou ao apanhar o pedaço de queijo que o dr. Cole, ou Damien, lhe passou, enrolado num guardanapo.

— Você pode ir comendo pelo caminho. — Apontou a porta.

— No caminho, senhor?

— De novo! Diga meu nome, Darcie, e descobrirá que ele dói menos do que imagina. — Os cantos da boca do médico se curvaram num gesto aprovador, e ela experimentou uma estranha sensação: adorava ver aquele sorriso raro.

— Aonde vamos... Damien?

Ele se aproximou e por um longo momento a contemplou com olhos sombrios.

— Está vendo? Não foi difícil dizer meu nome. — A voz baixa e áspera também a envolveu, como se a tocasse fisicamente. O olhar fixou-se nos lábios de Darcie, e ela concentrou-se na boca firme que a atraía. Qual seria o gosto de Damien?

Com um breve soluço, Darcie recuou, e esse movimento pareceu afetar a concentração que ocupava o dr. Cole. Ela teve um sentimento de perda.

Em seguida, o médico espalmou a mão nas costas de Darcie e a guiou escada abaixo. Ela sentiu os dedos dele através do tecido da roupa. Em silêncio, precedeu-o pelo corredor e degraus, ciente de que Damien não respondera à sua questão talvez para fazer mistério quanto ao destino de ambos.

Tomaram a mesma carruagem na qual Darcie havia chegado ao casarão, e as janelas laterais, abertas, deixavam entrar na cabine o facho luminoso do dia. Para alívio dela, estavam sozinhos na viagem. Ou seja, nenhum cadáver dividia o veículo com eles.

— Aonde vamos? — Darcie insistiu, e a resposta tardou alguns segundos.

— A Whitechapel — O dr. Cole apontou o chão da cabine, onde jazia uma caixa de apetrechos profissionais. — Trouxe material e gostaria que você esboçasse uma forma humana.

Whitechapel! A parte da cidade à qual Darcie nunca desejaria voltar, sobretudo para desenhar um corpo sem vida, como pareciam ser as intenções de Damien Cole. Seria um desafio para seus nervos, uma prova que não valia a pena realizar. Apesar disso, faria o melhor possível, admitindo que uma parte

¹ Destacar bem na pronúncia as sílabas de (um verso) ou de (uma palavra).

dela havia ganhado profundo interesse e curiosidade pela anatomia humana. Começara a aprender o que as imagens representavam, a memorizar o estranho vocabulário que os especialistas usavam a fim de descrever o organismo.

Cada músculo tinha seu nome, geralmente em latim. Darcie havia misturado emoções sobre sua inusitada posição como assistente de um anatomista e seu recente fascínio sobre a dissecação de um corpo.

— Espero dar conta do recado — comentou.

— E por que não? — Damien indagou, franzindo a testa. — Ah, porque a mulher em questão estará nua? Bem, você também é mulher, portanto não haverá surpresas.

Darcie notou que Damien entrelaçava e apertava os dedos de uma das mãos contra os da outra, num exercício de força. Então o corpo a ser desenhado era de uma mulher. Velha? Jovem? Doente? Ou vítima de algum terrível acidente? Ela afastou da mente todas as variações possíveis do evento.

— Darcie... — murmurou o médico. — Prefiro que olhe para mim quando lhe falo. Não sei conversar com a sua nuca.

— Desculpe-me — ela disse, espantada, e firmou o rosto. — A vida me incutiu esse mau hábito, que espero mudar.

— O que aconteceu na sua vida para fazê-la apegar-se as sombras e observar o mundo por meio de olhares indiretos?

Inconscientemente, Darcie atritou a ponta dos dedos em sua cicatriz, admirada com o fato de Damien ter concluído tanta coisa sobre ela. Seu coração ganhou um ritmo frenético. Não queria falar a respeito de Steve, de como sua existência havia piorado depois que o padrasto perdera, um após o outro, os navios que fretava, levando um pedaço de seus sonhos e de sua alma ao fundo do oceano.

Era, na ocasião, uma jovem bem-educada, amorosa e cheia de esperanças, dona de um futuro promissor. Mas isso tinha ficado no passado, antes de sua mãe morrer e de Steve ter sua fortuna enterrada no mar. Por algum tempo, Darcie Finch ainda mantivera as aparências, mas depois havia acordado para a realidade de seu pesadelo.

— Nada aconteceu — ela apressou-se em responder, mordiscando o lábio inferior à visão dos olhos brilhantes de Damien.

— Todos nós temos nossos segredos — ele falou, sorrindo. — Quem sou eu para pedir que você confesse os mistérios da sua alma?

Tais palavras produziram uma indefinível vibração em Darcie.

— Não tenho confissões a fazer.

Damien nada disse. Observando pela janela da carruagem, anunciou que haviam chegado ao destino. Assim que o veículo parou, ele desceu para a calçada estreita e ajudou Darcie a saltar. As maneiras elegantes do médico sempre a maravilhavam, sobretudo por tratar com tanta cortesia uma simples criada, que ele próprio havia promovido a um cargo melhor, embora incomum.

Novamente, como na noite em que se perdera em Whitechapel, Darcie sentiu o cheiro de putrefação da pobreza ali reinante. Tinha morado por algum

tempo naquele bairro, e sobrevivera por milagre. Lembranças desagradáveis inundaram sua mente, deixando-a quase sem fôlego.

Damien esticou o braço até a cabine para recolher sua maleta de médico e a caixa com papel em branco, lapiseiras e outros materiais artísticos. Essas ações devolveram Darcie ao tempo presente, lançando ao fundo da memória as recordações negativas que a acorrentavam ao passado.

— Volte para nos apanhar às três horas, John — Damien instruiu o cocheiro e depois guiou Darcie pelo braço ao longo da viela.

Caminharam alguns minutos até que Damien parou junto a uma porta. Darcie titubeou, sentindo os pés gelados e a pele arrepiada ao reconhecer a casa. O pulso acelerou-se. Ela não teve outra saída senão fitar Damien, suplicante, com a confusão evidente em sua fisionomia. Lentamente, a compreensão surgiu como o sol nascendo atrás de uma colina.

— Eu não imaginei... — ele começou. — Quero dizer, não julgava que você teria restrições a trabalhar comigo nesta casa. Se considerar a situação ofensiva, podemos transportá-la para outro lugar.

Darcie balançou a cabeça aleatoriamente, os nervos à flor da pele, afirmando a si mesma que nunca pensara em voltar à casa da sra. Feather.

Por misericórdia, Deus! Que a mulher morta que eu vim desenhar não seja Abigail.

Ela pôde sentir a mão de Damien sobre seu ombro, consolando-a.

— Por acaso é...

Darcie engoliu em seco para desfazer o nó formado em sua garganta.

— Por acaso a mulher que morreu é a sra. Feather? Diga-me — ela insistiu.
— A mulher morta é a sra. Feather? Ou Abigail?

Damien a fitou com estranheza, pois Darcie havia usado uma linguagem pouco familiar a ele. Ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Não há nenhuma mulher morta, Darcie. Apenas uma viva, e quero que você a desenhe, começando pela perna, onde um ferimento simples infeccionou e deu origem ao pus e a um cheiro fétido. Desejo documentar a inflamação. Em troca dos meus serviços médicos, a mulher concordou em ter suas formas desenhadas.

— Formas desenhadas? — Darcie expressiu indecisão. — Sem roupa?

— Sim — confirmou Damien. — Raramente preciso do esboço de uma pessoa vestida.

Desconcertada, Darcie avaliou a cena: ela e Damien no mesmo quarto com uma mulher nua.

— Darcie, você deve ter visto trabalhos de grandes artistas, como Da Vinci e Rembrandt, retratando mulheres despidas. A arte e a cura não são territórios tão distintos. — Ele deu de ombros. — Infelizmente, nasci com talento apenas para um deles. Você será de grande valor para mim, documentando a lesão antes e depois do tratamento.

Darcie observou a rua escura e deserta. Por diversas vezes tinha dormido ali perto, na soleira de uma porta recuada. E nem fazia tanto tempo assim.

— Você é caridoso por vir à zona leste a fim de tratar uma paciente. Duvido que muitos médicos se aventurassem a isso.

— Caridoso é uma palavra antiquada, Darcie. Aposto como muitos colegas gostariam de estar no meu lugar.

Ela nada retrucou. A declaração do dr. Damien Cole correspondia aos fatos. Teria ele vindo a Whitechapel numa noite anterior e visitado sua irmã Abigail naquele antro de pecado?

— Jurei que nunca voltaria aqui — ela afirmou. Era a promessa feita à irmã, semanas antes.

— Também já fiz esse juramento — Damien respondeu enigmaticamente. — Mas as pessoas têm o bom costume de mudar de idéia.

Ele ergueu a mão e bateu na porta, que foi aberta por uma jovem de olhos borrados por rimei, pele clara e cabelos soltos em estudado desarranjo. Era uma mulher de baixa estatura, feições delicadas e sorriso meigo.

Quase uma menina, Darcie pensou, com amargor na boca. Viver e trabalhar ali, para uma cafetina, devia constituir um destino terrível.

— Ah, dr. Cole... — a jovem o saudou respeitosamente, fechando melhor o robe que usava. — Todos ainda dormem, mas podemos utilizar o meu quarto, se não fizermos barulho.

— Tudo bem, Sally — o médico aprovou, citando pela primeira vez o nome da paciente e fazendo Darcie precedê-lo no corredor. — Esta é Darcie Finch, que veio desenhar você.

Sally enrugou a fronte e, após um momento de contemplação, arregalou os olhos, inspecionando a visitante com interesse.

— Darcie Finch! — ela exclamou. — Você já esteve aqui antes. Lembro-me porque foi na mesma noite em que lorde Albright... — Sally calou-se abruptamente e fitou Damien.

— Bem, foi a noite na qual recebemos um dos nossos mais fiéis clientes. Parece que não gostou de alguma coisa e nunca mais voltou. Eu abri a porta da casa para você, lembra-se? Estava molhada, tremendo de frio, em nada parecida com agora. Você é bonita!

Darcie não pôde pensar numa resposta. Sabia que havia engordado, graças a refeições regulares, e que seu rosto ganhara um pouco de cor. Fazia muito tempo, porém, que não se considerava uma mulher atraente. A beleza tinha sido importante em sua vida, tempos atrás. Agora, não.

Embaraçada, ela enfrentou o olhar intenso de Damien, o mesmo com que de vez em quando ele a brindava. Parecia concordar totalmente com Sally, e tal impressão a deixou ruborizada. Pressionou os lábios e desviou a vista, focando o chão a fim de disfarçar seu constrangimento.

— Bem, não vamos ficar aqui na sala o tempo todo — propôs Sally, encaminhando-se ao quarto, no andar superior. — As meninas da casa estão todas dormindo — avisou, como justificativa para fechar a porta do aposento com excesso de suavidade.

Darcie não se espantou com o interior do lugar: quarto pequeno, mas cama

grande e cortinas drapeadas, pintura em vermelho-escuro supostamente sensual, na verdade opressiva.

— Sally, precisaremos de água e sabão — disse Damien, posicionando ao pé da cama as duas malas com apetrechos médicos e artísticos.

A jovem prostituta saiu a fim de atender ao pedido, enquanto Darcie recolhia papel de desenho e lápis-carvão da caixa. Ocupou uma cadeira estreita, de canto, e esperou Sally retornar.

Quando ela entrou, com uma vasilha cheia de água, Damien usou o sabonete para lavar cuidadosamente as mãos.

— Vou lhe contar um segredo, Darcie — falou o médico ao enxugar-se. — Sujeira nos dedos ou nos instrumentos cirúrgicos pode causar infecção e, muitas vezes, a morte.

Estranho. Darcie lembrava-se de que os médicos encarregados de sua mãe doente não limpavam as mãos antes de examiná-la.

Reclinada na cama, contra uma quantidade de travesseiros, Sally abriu o robe, ergueu a camisola e deixou à mostra uma feia lesão escura na coxa. Parecia ser dolorida.

— Desculpe-me, Sally, mas isto vai doer um pouco. — Damien apertou com os dedos as bordas da ferida. A paciente mordeu o lábio, mas não gritou nem chorou.

— Vai doer mais se o senhor não resolver o problema e o veneno pestilento invadir o meu sangue. — A voz de Sally soava um pouco estridente, mas Darcie teve de admitir que ela se expressava muito bem. — Enfim, é melhor que doa agora do que eu ter de amputar a perna.

Darcie já esboçava os primeiros contornos da coxa lesionada quando Damien a interrompeu.

— Repare aqui. — Ele indicou a pústula redonda e as riscas rubras que se irradiavam de seu centro. — É um furúnculo. Ele atinge o tecido subcutâneo, que pode necrosar. Desenhe tudo com rigor, porque no próximo exame de Sally vou necessitar de uma comparação.

Ainda que não compreendesse bem o que era "tecido subcutâneo", Darcie pôde ver que a pele do local estava lacerada, o que devia causar muita dor.

— Sally, agora farei uma incisão no ferimento e vou drenar o pus. Agüente firme, porque a dor será intensa.

A paciente agarrou as bordas do lençol, enquanto concordava com a cabeça. Darcie esperou Damien lancetar a lesão, e por meio de traços rápidos registrou tudo o que viu.

— Está feito. — O médico embrulhou o bisturi e o dreno usados num pedaço de pano.

— Não foi tão terrível — disse Sally, exibindo um esgar.

Damien retirou da mala de couro um frasco largo, cheio de um líquido claro e viscoso. Com habilidade, limpou a área lesionada e abriu o vidro, fazendo menção de espalhar seu conteúdo sobre a coxa de Sally.

— Há sanguessugas aí? — perguntou Sally, com ar enojado.

— Não, fique tranqüila. — Damien pousou a mão em seu ombro. — Como lhe disse antes, não uso sanguessugas nem sangro meus pacientes.

Darcie conteve a surpresa. Ele não sangrava seus doentes? Nunca ouvira nada semelhante. Sua mãe perdera sangue aos borbotões, morrendo quase desprovida de seiva vital.

— Por que não? — ela quis saber.

Damien olhou ansioso para Darcie.

— Não vejo benefício algum em tirar o sangue de alguém que está doente.

— Mas a sangria não remove os maus humores do organismo?

— Maus humores? Ainda estou para ver esses fluidos que fazem parte da imaginação dos antigos. Não, Darcie. Minha opinião sobre a natureza das enfermidades e do seu contágio vai contra a teoria popular. — Ele observou a reação de Sally, aparentemente confusa pela revelação. — Mas discutiremos esse assunto depois. Por ora, vamos continuar.

Damien besuntou a ferida de Sally com o produto oleoso do frasco. Ela ensaiou uma expressão de dor, mas não protestou. Embora estivesse a quase um metro da cama, Darcie sentiu o odor fétido da gosma utilizada, que recendia a algo podre.

— O que é isso? — murmurou.

— Pão apodrecido. Uma velha senhora irlandesa me passou a receita. Alguns a chamavam de bruxa... — Damien fez uma pausa e focalizou a parede mais afastada, claramente perdido numa lembrança distante. Quem poderia dizer se falava sério? — Mas eu a considerava uma curandeira, uma mulher sábia e amiga. Sabia muito sobre doenças e doentes, e partilhou comigo parte desse conhecimento, antes de morrer. Uma das coisas que me ensinou foi produzir e usar este pote, alimentando-o de vez em quando.

— Alimentando? — Sentindo-se traída, Sally recuou do toque de Damien.

Darcie dividia com a paciente a mesma comoção. Haveria naquele frasco alguns bichos vivos que precisavam receber comida?

— No pote só existem crostas de pão e um pouco de álcool — Damien esclareceu. — Não há sangue, nem vísceras, nem ossos humanos. Espero que acreditem.

Impressionada com a sapiência do dr. Cole, Sally sorriu, no que foi seguida por Darcie. Damien vinco a testa ao observá-la, fingindo interesse no desenho, mas também forçando certa intimidade.

— Por falar em ossos humanos — falou Sally —, aconteceu outro assassinato no bairro.

A notícia secou a boca de Darcie, cujas mãos tremeram a ponto de colocar em risco o resultado do desenho. Por uma fração de segundo, Damien percebeu-lhe o desconforto.

— A velha sra. Margaret Bailey apareceu toda cortada, meses atrás. Agora, foi o vizinho dela, mas acho que o segundo assassinato pode não ter sido praticado pela mesma pessoa. — Sally respirou fundo. — Isso porque todas as vítimas anteriores eram mulheres. Desta vez, além de se tratar de um senhor,

nada foi levado.

— Levado? — Darcie estranhou.

— Cada vítima teve um pedaço do corpo roubado, exceto o homem idoso. A primeira jovem a morrer foi cortada de cima a baixo, e seus órgãos genitais sumiram, se é que me entende...

A acidez da repulsa arranhou a garganta de Darcie. Tinha ouvido sobre os assassinatos de Whitechapel. Ninguém estava livre de sofrê-los ou de tomar conhecimento deles, naquelas vielas tenebrosas. No entanto ela jamais escutara algo tão radical como o roubo de órgãos humanos, e a simples idéia dessa blasfêmia a deixou atordoada.

— Pelos cortes e incisões, dizem que o criminoso é médico — completou Sally. — Alguém que sabe o que faz.

Sem motivo aparente, Darcie pensou nos dois homens e na arca pesada que entregavam na casa da rua Curzon, na noite de sua chegada. Procurou Damien com o olhar, mas ele ainda trabalhava na perna de Sally. Fitou-o por sobre o ombro, porém, e ela captou uma expressão glacial, fria como granito.

Ele sabe algo sobre os assassinatos de mulheres em Whitechapel, concluiu Darcie. Logo que a idéia lhe varou a mente, ela a congelou com um movimento de cabeça. Era irônico demais! Darcie não tinha o direito de imaginar o que Damien sabia, quando ela própria conhecia mais do que deveria. O homem idoso. Steve.

— Terminei — anunciou o médico ao fixar a bandagem ao redor da coxa de Sally, que pediu licença para ir ao banheiro.

Damien e Darcie ficaram sozinhos no quarto. Ela o viu derramar água limpa nas mãos e esfregar os dedos longos e finos. Inexplicavelmente, um calor profundo a invadiu a partir dessa contemplação. Incapaz de desviar a vista, Darcie estudou as mãos fortes e viris do médico. Como se sentiria se aquelas mesmas mãos atritassem sua coxa, tocassem sua pele? Quase podia experimentá-las deslizando, molhadas, mas quentes, por seu corpo inteiro, em sedosa carícia.

Assustada com o excêntrico rumo de seus pensamentos, Darcie pestanejou com rapidez, na intenção de afastar a imagem dos dedos de Damien sobre sua secreta intimidade.

Devia haver algo de terrivelmente errado com ela. Como conseguia ouvir o relato de macabros homicídios em Whitechapel e no instante seguinte ansiar pelo toque de Damien? Era luxúria, definiu. O desejo de beijar e ser beijada, a sensação do corpo dele pressionado contra o seu.

Que tipo de depravação a havia engolfado, para fantasiar liberdades com aquele homem? Só poderia ser iniquidade permitir-se uma perversão dessa natureza, sobretudo quando estava perto da cama na qual Sally se expusera, praticamente nua.

Mas talvez estivesse ali a resposta que Darcie buscava. No bordel da sra. Feather, a vida era triste. E a morte rondava nas vielas próximas.

De repente, tendo acabado de enxugar-se, Damien encarou Darcie de

maneira incisiva, cortante. Com dois passos, aproximou-se dela. Parecia prestes a beijá-la, e de novo a fantasia a torturou.

— Você foi... muito bondoso... por cuidar de Sally — Darcie balbuciou, desesperada para quebrar o feitiço que lhe magnetizava os sentidos.

— Fui? — A voz soou baixa, modulada. Ele lançou a toalha na mesa, sem nunca desviar os olhos.

Darcie conteve a respiração, suspensa na agonia da incerteza. Eram pouco familiares as emoções que experimentava. Poderia falar, gritar em protesto, mas isso apenas traria Damien para mais perto dela. A inédita atração por ele a envergonhava, sobretudo por manifestar-se naquele antro. Seus sentimentos com relação à casa da sra. Feather por fim se concretizaram num choro suave.

O alívio veio com a volta de Sally ao quarto, pronta para cumprir o acordo de posar nua. O breve ruído da maçaneta fez com que Damien se afastasse depressa, mudando de expressão. O olhar caloroso e sensual foi substituído por um ar de fria civilidade.

O longo suspiro de Darcie continha gratidão a Sally pela interrupção. *Se isto é alívio*, ela pensou enquanto via Damien guardar seus pertences, *por que se parece tanto com desapontamento?*

CAPÍTULO IV

— Mary, fale-me da moça que deixou a casa. — Sentada em sua cama, com as pernas cruzadas, Darcie sentia dores lombares pelo longo tempo que passara inclinada sobre sua prancheta, desenhando e redesenhando ilustrações.

— De Jane? — Mary indagou, com voz rouca. — Ela simplesmente desapareceu.

— Mas para onde foi? — Darcie começou a arranjar os cabelos numa única trança.

— Ninguém sabe. — Mary baixou ainda mais o tom, como se as paredes tivessem ouvidos. — Era uma boa pessoa. Os pais morreram de varíola e a cunhada, com quem morava, dispensou-a, temerosa de um contágio. Assim, Jane veio trabalhar em serviços domésticos. Esse foi seu primeiro emprego. — Ela olhou nervosamente para os lados. — E talvez o último...

Darcie ergueu as sobrancelhas diante da suspeita de Mary. No convívio com as criadas do casarão, aprendera que elas tinham forte tendência ao melodrama.

— Foram amigas?

— Sim. Era fácil fazer amizade com Jane, embora ela jamais falasse do seu passado, exceto para lamentar que a esposa do irmão a hostilizava. Só estranhei não se despedir de mim, antes de partir. Talvez não tivesse tido a chance.

Mary foi até o aquecedor e remexeu as brasas usando uma haste de ferro.

— Sabe? No mesmo dia em que Jane sumiu, achei o lenço manchado de sangue do qual já lhe falei. Naquela madrugada, o doutor saiu antes do

amanhecer. Sei disso porque ouvi um ruído e fui à janela verificar.

Como em resposta ao olhar de Darcie, a vidraça balançou por efeito do vento. As duas mulheres trocaram uma expressão de medo diante do raio que cortou a escuridão da noite.

— A tempestade está chegando — comentou Mary, pálida.

— Não tenho medo de temporais — Darcie avisou, pensando nas borrascas que enfrentara nas ruas de Whitechapel e outros bairros. Agora, possuía um teto, um abrigo cálido, e não podia queixar-se.

— O que você viu quando espiou pela janela? — ela quis saber.

— Bem, o barulho me acordou e Jane não estava na cama. Era cedo demais, tudo escuro. — Mary sentiu-se estimulada a prosseguir: — Mas também foi muito estranho. Dois homens puxavam um baú sobre os pedregulhos.

— Dois homens? — Darcie mostrou-se muito interessada no relato.

— Um alto, outro baixo e gordo. Não consegui ver os rostos.

— E carregavam uma arca de madeira?

— Não. — Mary meneou a cabeça. — Não a erguiam, pois devia ser pesada, mas a arrastavam pela trilha, saindo do abrigo da carruagem.

— Saindo? — Darcie ficou assombrada. Quando vira a mesma cena, os dois sujeitos estavam levando o baú para o galpão.

— Observei-os até que saíssem do meu raio de visão. Então, vi o dr. Cole deixando o abrigo. Apurei os ouvidos junto à porta, e creio que ele entrou no estúdio ou no seu laboratório. — O ar apavorado de Mary fez Darcie estremecer.

— E depois? O que aconteceu?

— O patrão permaneceu na casa por pouco tempo. Logo saiu de novo, sozinho, e eu segui seus movimentos pela pequena janela frontal que dá para a estrada. Você conhece.

Darcie murmurou uma concordância, ansiosa por ouvir o restante da história.

— Como o cocheiro não estava à vista, o próprio dr. Cole conduziu a carruagem a um destino ignorado. Mais tarde, naquela manhã, encontrei o lenço sujo no chão do estúdio, debaixo da escrivaninha. Jane nunca voltou a este quarto, nunca mais a vi.

— Acha que Jane estava dentro do baú? E que o dr. Cole a levou embora, talvez para enterrá-la?

— Não acho nada. — Mary abraçou-se para combater o frio. — Só sei que o patrão ficou fora por um dia e uma noite.

— Mas você deve ter alguma teoria! — Darcie exclamou. — Seria possível que o dr. Cole tivesse perpetrado algum crime contra Jane?

— Nada mais tenho a dizer.

A vidraça bateu novamente, como a enfatizar a decisão de Mary, e Darcie desistiu de mais informações. O que a amiga havia contado já bastava para pressionar seus nervos e confundir-lhe a mente.

Em silêncio, as duas se refugiaram debaixo das cobertas e tentaram dormir. Não era fácil depois de um dia tão agitado. De fato, o sono não a

abençoou com o esquecimento. Darcie permaneceu revirando-se na cama. A insônia vinha se tornando rotina.

Com um suspiro resignado, ela saiu da cama e, vendo Mary adormecida, caminhou pé ante pé para fora do quarto. Absteve-se de acender uma vela e, como um espectro silencioso, desceu os degraus do sótão até o estúdio.

Um livro. Damien Cole devia possuir um livro que ela pudesse ler a fim de provocar o sono. Algum volume de poesias, quem sabe. O patrão lhe havia franqueado sua biblioteca, portanto não haveria mal algum em escolher e apanhar uma obra.

Assim que Darcie pôs a mão na maçaneta, um ruído suave de passos indicou que alguém subia do pavimento inferior. Ela escondeu-se dentro do estúdio, deixando uma fresta na porta. Não queria um confronto com o mordomo Poole, tão tarde da noite.

Não era Poole o homem que cruzou o corredor. Os cabelos alourados denunciavam Damien. O coração de Darcie acelerou-se. Ele também não portava vela ou castiçal, mas se movia no escuro com pleno conhecimento da casa. Parou por um instante defronte do próprio quarto e, em seguida, entrou.

Darcie abriu totalmente a porta do escritório. Colou-se à parede a fim de retornar em segurança. Uma réstia de luz cortava o breu, vinda do quarto de Damien. Ela tencionava passar direto, em busca da escada para o sótão, rezando para que ele não a visse. Conhecia bem o caminho. Nada havia de sinistro ali, exceto a cor de sangue do tapete, de ponta a ponta.

No entanto um movimento no interior do quarto a levou a parar junto à porta. Descobriu que poderia observar o aposento sem ser percebida, pois Damien estava de costas em sua poltrona, diante da lareira. Sua camisa branca se encontrava solta sobre as pernas.

De repente, Damien voltou a cabeça e fixou os olhos na porta. Darcie escondeu-se, mortificada. Seria humilhante ser pega espionando o patrão. Ao mesmo tempo, existia o sentimento de desejar ver-se descoberta e agarrada pelo médico. Sim, admitiu, havia algo fora do lugar em seu íntimo.

Com ousadia, ela inclinou o corpo, olhou mais uma vez e viu que Damien não mais mantinha a vista em sua direção. A camisa solta revelava o peito dele, a pele do ventre, mas estava manchada como se alguém tivesse lançado um vidro de tinta na roupa. Além dessas manchas, existiam outras, da cor do tapete. Cor de sangue.

Claro que, como médico, o dr. Cole teria explicações razoáveis para as nódoas, produzidas por algum paciente. De qualquer modo, Darcie estremeceu, atenta a sons e imagens que lhe barrassem a fuga. Fechou os olhos e ouviu a janela de seu quarto batendo ao sabor do vento. Estava perto, concluiu, e valeu-se do fato de que Damien não havia se movido para espíá-lo mais uma vez. Ele tirou a camisa manchada e jogou-a nas chamas da lareira, que logo cresceram em brilho e esplendor.

Por mais que se pudesse considerar normal queimar uma camisa imprestável, o ato era estranhíssimo. Damien permaneceu de pé diante da

lareira, esfregando as mãos no peito desnudo e no abdome ondulado. Parecia fascinado pela cintilação do fogo.

Quanto a Darcie, de boca seca, admirou-se com o repentino desejo de beijar e lambe a pele do dr. Cole. Repreendeu-se pela enormidade e atrevimento de sua fantasia, domou a vontade de conhecer por inteiro o corpo sedutor de Damien, que lembrava a ela uma bonita escultura.

Em mais uma olhadela, Darcie viu que o médico enchia uma bacia com água, retirava a calça e mergulhava a peça de roupa, apertando-a a fim de lavá-la. Gotas de água pingaram em sua pele clara, para o fascínio da observadora, que podia enxergar o reflexo do dr. Cole no grande espelho oval acima do lavatório.

Mas ele também conseguiu percebê-la atrás de si, e Darcie conteve um grito ao concluir que Damien sabia que ela estava lá. Não, não. Mera coincidência o encontro dos olhares através do espelho. Darcie se achava bem escondida entre as sombras do corredor.

Ainda assim, ficou angustiada com mais aquela transgressão praticada contra seu empregador. A possibilidade de ser demitida agora se tornava real.

Conseguiu chegar a seu quarto, como uma estudante envergonhada pela atração por um mestre, capaz de imaginar cenários em que nunca deveria pensar.

A despeito disso, uma parte de Darcie queria voltar ao quarto de Damien e entregar-se a ele, sedenta dos lábios do médico em seus seios, na junção das coxas. Tinha pouca experiência prática, mas a vida nas ruas de Whitechapel lhe havia ensinado a realidade do encontro íntimo entre um homem e uma mulher.

Com um soluço triste, Darcie afundou sob as cobertas, repelindo a necessidade ingente de levantar-se de novo e correr até o quarto de Damien. Sonhou com ele envolvendo-a num abraço sensual, em meio a um jardim de rosas. Só que as pétalas caíam das flores como gotas de sangue.

Na manhã seguinte, foi um sacrifício para Darcie engolir o desjejum e suportar a atmosfera opressiva vigente entre a criadagem do casarão. Atribuiu ao tempo nublado seu mal-estar, mas a imaginação a levava a crer que cada colega sabia de sua espionagem contra o patrão, para vê-lo seminu, fazendo suas abluções antes de deitar-se.

Consciência culpada, por certo. Ao lado de Darcie, Mary se mantinha calada, deixando a refeição matinal esfriar no prato. Na verdade, todas as empregadas estavam anormalmente quietas, incluindo Tandis, a jovem ajudante da copa. Apenas Poole parecia imune a qualquer sensação diferente. Reinava como um príncipe à cabeceira da mesa, comendo sem parar, mas de modo elegante. Aplicava a si próprio seus altos padrões de comportamento.

Repentinamente, o mordomo fixou o olhar em Mary, estudando-a por uns bons segundos. Surpresa, Darcie notou que a expressão sempre severa de Poole se suavizava diante de Mary. Voltou a atenção para seu prato e comeu ovos com *bacon*. Uma sobrevivente das ruas jamais poderia tratar qualquer comida com indiferença. Também desejava terminar logo o desjejum para subir até o estúdio

de Damien.

Não estava apreensiva quanto ao reencontro com o médico. Retomaria seu trabalho de desenhista com prazer e alegria na presença dele. Mas Damien não se encontrava no escritório. Ela foi à janela e desejou que o sol vencesse rapidamente as nuvens que escureciam o céu. Seu rosto refletiu-se no vidro. Darcie pareceu pálida, abatida.

Rumou para a mesa do dr. Cole. Ele não havia mencionado que estaria fora naquela manhã cinzenta nem dado indicação de que desfrutaria o almoço ou o jantar. Uma pilha de papéis chamou a atenção de Darcie, mas nela também não existia uma nota ou um recado pessoal. Certamente, Damien tivera algum trabalho a completar longe de casa. Desolada, Darcie deixou-se afundar na cadeira de couro.

— Bom dia.

Ela saltou ao tom brando do cumprimento. Damien se encontrava na soleira da porta, e suas olheiras denotavam que igualmente não tinha dormido. Darcie sentiu o impulso de adiantar-se e correr os dedos com suavidade pelas manchas roxas. Mas foi ele quem avançou primeiro e colocou o indicador sob o queixo de Darcie. O toque provocou um fluxo de eletricidade através de seu corpo.

Erguendo o rosto de Darcie, Damien a observou de perto. Sabia que ela o havia espiado. Pelo menos, Darcie estava convencida disso. Aos poucos, a proximidade causou um conflito de sentimentos dentro de seu peito. Ela ansiava por ser abraçada e experimentar a força dos braços de Damien. Ao mesmo tempo, tremia sob o instinto de proteger-se do magnetismo que ele exercia.

— Parece cansada — comentou o dr. Cole ao acercar-se dela ainda mais.

O aposento aparentava girar. A respiração de Darcie vinha em haustos² curtos, enquanto ela focalizava a linha esculpida dos lábios dele. Como seria o beijo de Damien? Duro? Suave? Firme?

Curvando a boca, Darcie revelou covinhas nas bochechas, mas a beleza de Damien era dominante. A necessidade de afastar-se dali via-se submergida pelo impulso, muito mais forte, de apoiar-se no peito do médico, sentir seu cheiro, apagar o fogo que lhe corria nas veias.

O que estava acontecendo?

Darcie lançou um novo olhar a Damien, que a contemplava com uma intensidade alarmante, mas também sedutora. Ensombrecidos, os olhos do dr. Cole lembravam fornalhas capazes de derreter metal.

— O que me atrai em você? — ele perguntou, deixando apenas alguns centímetros de espaço entre os dois. O levíssimo toque desceu do queixo para o pescoço de Darcie, que umedeceu os lábios e suspirou.

— O quê? — Damien repetiu.

O contato dos dedos na pele dela aumentava a agonia do desejo, que a espicaçava como alfinetes. Caso cedesse, ficaria para sempre sujeita ao feitiço de Damien? Não havia aprendido nada com as duras lições da vida? O bom senso a

² Sorvo, aspiração. Trago, gole; sorvo.

alertou de que era perigoso relacionar-se intimamente com o dr. Cole.

Seu emprego, seu conforto, sua segurança jaziam nas mãos dele, assim como Steve tinha manejado, outrora, as rédeas de sua existência. Seria positivo relembrar a traição de Steve e a vida amarga à qual ele havia empurrado sua irmã.

De súbito, a mão pousada em sua nuca tornou-se pesada, estranha. Um arrepio esfriou as emoções de Darcie, e ela reviu na mente as imagens da camisa manchada de sangue que o dr. Cole queimara.

Como se percebesse a repentina repulsa, Damien adotou uma expressão fria e remota. Abruptamente, distanciou-se de Darcie para remexer a pilha de documentos sobre a escrivaninha.

Ela já vira a cena dezenas de vezes: Damien empunhando o porta-retrato que ocupava um lugar de honra na mesa, admirando com devoção a bonita jovem morena que havia posado com a delicadeza de uma ninfa. O pintor da imagem parecia ter trabalhado sem emoção, mas a vibração da modelo saltava da moldura.

Damien demorou mais de um minuto a contemplar a miniatura.

— Não pretendi causar problemas a você — sua voz grave rompeu o silêncio. — Todo homem que força a atenção de uma mulher não é homem!

— Você não forçou nada nem me causou problemas — Darcie teve coragem de dizer.

Damien voltou-se, questionador.

— Parece que não gostou do meu toque. Ou entendi mal?

Ela ergueu no ar a palma da mão, em gesto suplicante.

— Quero afirmar... que suas atenções para comigo, não me desagradaram.

A despeito dessas palavras, as imagens da camisa ensangüentada eram recorrentes na mente de Darcie. Damien não fizera nenhum mal a ela, mas, e a outras pessoas? Em todo caso, era difícil acreditar em alguma perversidade da parte do dr. Cole.

Com sua voz tisonada de aflição, Darcie sugeriu que comesçassem o trabalho do dia. No entanto Damien continuou estudando a figura do porta-retrato e só o devolveu à mesa após alguns segundos.

— Quem era ela? — Darcie completou a inevitável pergunta com um toque brando no braço do médico. Precisava saber, embora detestasse a idéia de ouvir o dr. Cole confessar que havia amado outra mulher.

— Ela foi parte da minha juventude sem rumo. Representa o que já fui e não sou mais — ele declarou solenemente.

— Você a amou!

— Sim. — Damien executou um curto movimento afirmativo com a cabeça.

— E onde ela está agora? Por que não vive com você?

— Os ratos ganharam garras? — ele ironizou.

O rubor nas faces de Darcie acusou seu embaraço. Podia passar por inconveniente, mas, já que começara, queria conhecer toda a história.

— Ela se casou com outro? — indagou, num quase murmúrio dirigido ao

chão.

O som das botas de Damien indicou sua aproximação. Incapaz de erguer o olhar, Darcie permaneceu observando-lhe o calçado lustroso.

— Nunca se casou. Nunca foi pedida em noivado. É terrível quando uma bela mulher se vê desprezada como um sapato velho. — O tom frio apenas escondia a angústia subjacente na fala de Damien.

Ele ainda a amava, pensou Darcie, pousando a vista na figura emoldurada. Embora ignorasse a história dela, imaginou que o médico teria amado a jovem morena até seu último minuto de vida. Tal percepção foi dilacerante.

Por que Damien não a pedira em casamento? Se ela havia sido desprezada, era também uma traição, como acontecera com a irmã, Abigail.

— Venha — mudou de assunto o médico. — Quero lhe mostrar algo, a razão do meu atraso nesta manhã.

Ele esperou que Darcie o precedesse na saída do estúdio. Juntos desceram a escada e foram até a porta dos fundos, aquela que se abria para a trilha cascalhada onde, no final, erguia-se o galpão da carruagem. Dali, por outro lance de degraus, chegaram ao laboratório secreto do dr. Cole, situado acima do abrigo. Ciente da importância do momento, Darcie prendeu a respiração.

— Devo alertá-la de que pode se horrorizar com o que verá. Mas você é a extensão das minhas próprias mãos, e eu preciso saber se consegue fazer o que necessita ser feito.

Damien não falara de uma extensão de si mesmo em termos pessoais. Darcie compreendeu que, sendo ela uma artista do desenho, ao contrário dele, não poderia furtar-se a realizar a tarefa solicitada.

Ao subir a escada estreita, Darcie sentiu os primeiros odores medicinais — pós, sabão e álcool misturados — que vinham do laboratório. Ali descobriu algo mais: uma cama hospitalar, alta e retangular, encimada por candelabros bem providos de velas.

Na penumbra, a atmosfera era pesada e estranha.

— Por que não abrimos as janelas? A luz natural é melhor — ela disse.

— Porque não quero intrometidos por aqui...

— Não quer intrometidos... — Darcie ecoou, abatida pela culpa.

— Tenho material de desenho naquela mesa. — Damien apontou a pequena escrivaninha de canto, perto da maçã, onde ela identificou um cesto de lixo do qual emanava a maior parte do cheiro enjoativo que sentira.

Sem preâmbulos, o médico retirou o lençol escuro que cobria a cama e revelou um órgão em forma de cone, do tamanho de uma mão adulta.

Franzindo a testa, Darcie não soube definir se era a visão daquele pedaço de carne apodrecida que a agredia ou o aroma sutil de sangue. Cobriu a boca.

— O que é isso?

— Um coração. Depois de você desenhá-lo inteiro, vou dissecá-lo, e assim poderemos registrar as valvas, o septo, os tendões cardíacos. — Ele transmitiu satisfação ao falar.

— Veio da cozinha? — Darcie pensou num coração de porco ou de vaca.

Provavelmente, a cozinheira estaria intrigada com o sumiço da peça.

— Da cozinha? — Damien repetiu e deu risada. — Não, nem do açougue. O que isso importa?

Darcie sentou-se com a cabeça entre as mãos. O dr. Cole condeou-se dela, achando melhor deslocar a questão para um contexto científico e inteligível.

— Então, é um coração humano? — Darcie inquiriu.

— Claro. — Damien puxou-a para perto da maçã. Empunhou um par de pinças. — Vê esta camada? Na verdade, não é uma, são três. O coração é protegido por um saco triplo, o pericárdio. — Gesticulou na direção do papel e da tinta. — Pode começar pela parede externa do órgão. Rapidamente eu poderei lhe mostrar uma área de necrose no ventrículo esquerdo, muito interessante. Depois, levantarei o coração por estas roldanas — Damien apontou um conjunto de ganchos e fios suspensos —, e você o verá bater.

— Bater? Mas está morto! — ela gritou, desviando o olhar. — Quer dizer, parece úmido!

— Digamos que é fresco — afirmou Damien, imperturbável.

O termo só poderia significar que se tratava de um órgão recém-extraído de um corpo sem vida. Engolindo em seco, convulsivamente, Darcie apanhou o lápis-carvão e tentou traçar o primeiro esboço, apesar de seu precário estado de nervos.

A cor vermelha voltava a assombrá-la. O desjejum que havia ingerido parecia à procura do caminho de volta. Após um gemido, ela buscou o melhor ângulo e deparou com a escada que lhe oferecia a rota de fuga daquela terrível visão: um coração sem corpo.

Acalmou-se ao sentir o estômago aplacado e passou a desenhar o espécime incorpóreo. A mão de Damien lhe pesou no ombro antes que Darcie apresentasse o resultado.

— Infelizmente, não ficou satisfatório. Você está bem?

— Sim, estou. No começo, a tensão me atrapalhou, mas agora sinto-me pronta para continuar, se você quiser.

— Sua palidez me preocupa, minha cara — ele comentou.

— Era de esperar, não? Passará logo. Vamos em frente com o trabalho.

Pura retórica. Darcie foi vencida por seus impulsos e correu para a escada, após jogar o esboço na mesa. Planejava descansar a mente num lugar mais arejado. Escolheu a cabine da carruagem arriada.

Mas Damien não apenas a seguiu como a alcançou. Estendeu o braço entre a passagem e a porta do veículo, impedindo Darcie de prosseguir. Ela ainda não sabia se o médico havia ficado ofendido ou somente preocupado com suas reações.

— Estou bem — Darcie murmurou. — Só preciso de um pouco de ar.

— Essa expressão, "estar bem", é terrível, porque pode significar tudo e nada.

Ela concordou, focalizando os lábios firmes que a atraíam. Estranhamente, compreendeu o que Damien quisera dizer.

— Nesse caso, corrijo: estou maravilhosa, deslumbrante.

O tom um pouco acima do normal fez com que o médico estreitasse os olhos e avançasse dois passos. O calor de seu corpo já a atingia. Estabelecera-se uma distância mínima entre os corpos que vibravam.

— Deslumbrante. É uma palavra que a descreve com exatidão.

Darcie abriu a boca a fim de replicar, mas fechou-a diante da sensação de prazer e plenitude que ele tinha lhe proporcionado ao defini-la assim.

Por sua vez, ela o considerava irresistível, excitante, perigoso.

— Darcie... — sussurrou Damien com intenso poder de sedução.

Bastou mais um passo para que os corpos se encontrassem, deixando Darcie certa de que ambos já haviam superado os limites da conveniência. Em cada tomada de ar, seu busto atritava o peito dele, e logo os bicos dos seios começaram a formigar e doer, sem falar nas sensações que a virilha masculina despertava entre suas coxas.

Um som de súplica escapou dos lábios de Darcie. Um novo tumulto lhe abrasava a mente. Seu refúgio foi descoberto num simples pensamento: retroceder. As pernas trêmulas já não sustentavam seu peso, mas ela conseguiu recuar. Apoiou a palma da mão na parede próxima à carruagem.

Deixou-se reclinar ali, mais protegida pelos tijolos do que pelas emoções.

Damien acompanhou tudo com um olhar caloroso, que não permitia dúvidas sobre a própria excitação. No entanto, assim que sentiu a solidez da parede, Darcie tentou domar a respiração descontrolada, mais uma vez recorrendo a haustos curtos.

O que acontecia com ela? Desejava ao mesmo tempo fugir e ficar, tirando o casaco e a camisa de Damien até sentir sua carne diretamente contra a sua. Queria mais ainda...

— O que você quer, Darcie? — ele perguntou, num reflexo de seus pensamentos indecorosos.

— Quero... — A linha firme e sensual dos lábios de Damien mais uma vez a calou. Sua mente registrava apenas uma vaga noção do que realmente almejava. O corpo parecia saber muito mais.

De novo, Damien fechou a distância entre eles. Pôde ver cada cílio dela individualmente, mas não a tocou.

A resposta decisiva surgiu com a clareza de uma revelação. O vazio interior, a solidão, o medo marcavam presença dentro de Darcie. Ansiava por ser puxada vigorosamente por Damien, até reclinar a cabeça em seu peito largo. Seria a cura para a sua desolação.

— Toque-me — ela deu voz ao pensamento, temerosa de arrepender-se. Damien era seu empregador, um homem com infinito poder sobre sua vida. Mais ainda, possuía os próprios segredos e demônios. Constituíam um enigma, e Darcie jamais poderia confiar nele.

Sua súplica provocou em Damien um súbito clarão de desejo, que endureceu sua fisionomia, mas fez colar ainda mais forte seu corpo ao dela. Darcie pôde senti-lo de encontro aos seios, ao ventre, às coxas, pressionando-a

contra a parede.

Os lábios não tardaram a se unir também, misturados num contato cheio de calor. Experimentar a boca de Damien na sua, a voluptuosa carícia da língua, roubou dela os últimos vestígios de equilíbrio. A sensação era de que seu coração se liquefazia, ameaçando consumi-la. Ofegante, ele dobrou o joelho de modo a comprimir Darcie no vão das pernas. Arfando, ela agarrou-se à camisa de Damien e amassou o tecido com os dedos fechados.

Quando a pressão do joelho do médico diminuiu, Darcie teve de assimilar a frustração do desejo que crescia dentro de si. No entanto os dedos de Damien já deslizavam por seus cabelos enquanto, com a cabeça inclinada, ele lhe propiciava beijos longos e famintos, introduzindo e retirando a língua da boca que os acolhia. Darcie pôde sentir, por fim, o gosto real de Damien: melhor do que vinho ou chocolate.

As pernas de ambos continuavam entrelaçadas. Ela ansiou por livrar-se das roupas que a incomodavam, principalmente depois de sentir a rigidez de Damien na virilha. Por decisão própria, resolveu explorar aquele território por meio de um leve toque. A lembrança de Damien sem camisa, depois sem calça, a excitava além do limite do pudor.

De repente, Darcie sentiu os dedos dele a prender seu pulso, impedindo a exploração sensual antes mesmo que começasse. Com um meneio de cabeça, Damien curvou o braço de Darcie em torno da própria cintura.

— Não pretendia chegar a este ponto — ele murmurou, pousando o queixo no ombro dela. — Existe uma qualidade intangível em você, Darcie, que me fez esquecer de quem e do que sou. Você é capaz de curar até a alma mais sinistra do mundo.

Ela nada disse. Faltava-lhe resposta para as cismas de Damien, bem como defesa contra a atração que a incendiava. Além disso, o médico havia expulsado de sua mente as lembranças ruins, levando-a a sonhar de novo os sonhos de qualquer jovem bonita.

A interrupção das carícias, porém, a deixou intrigada, constrangida. Incerta de si mesma, lutando por algum autocontrole, Darcie observou a janela dos fundos do casarão, acima do corpo de Damien. A cortina se mexeu.

Tinham sido vistos? Por Mary? Por Poole? Era uma situação horrível.

— Damien...

Ao som de seu nome, o médico pareceu assustar-se e tombou as mãos para as laterais do corpo, num gesto de desamparo. Era uma definição estranha, Darcie avaliou. Por que ele se sentiria desamparado?

Damien olhou para ela como se fosse a primeira vez.

— Desculpe-me — disse apressadamente. — Mais uma vez, eu me excedi.

Tão frio, tão distante, depois de atitudes de indômita paixão! Damien era muito controlado e sua armadura protetora consistia numa gelada cordialidade. Ele afastou-se, rumo ao laboratório, e apenas uma vez olhou para trás, dedicando a Darcie uma expressão indecifrável, que já não refletia nem desejo nem afeto.

— Um lobo em pele de cordeiro — Damien disse ao retomar os degraus.

Paralisada, Darcie não compreendeu a alusão. Damien se referia a ela ou a si próprio? Ser literalmente devorada por aquela boca deliciosa pareceu-lhe uma idéia cativante. De qualquer modo, como a cortina da distante janela estava imóvel, decidiu não contar-lhe nada.

Subiu a escada atrás dele, de olhos cravados nas costas largas, e imaginou se haveria uma real afinidade entre ambos. Um imaginário sussurro interior alertou contra o perigo. *Esconda-se nas sombras. Corra, menina, corra!* Darcie ouviu a voz de Steve, ao mesmo tempo em que captava um odor de álcool e suor, o brilho de uma faca, a dor de uma traição. Perigo! Apesar de Damien, ou por causa dele, guardaria para sempre a lembrança de um homem que se transformara em outro, muito diferente do normal. O mesmo poderia ocorrer com o dr. Cole, que a havia resgatado das ruas e tratado tão bem?

Darcie pestanejou. As imagens da memória se esvaíram quando ela parou, na entrada do laboratório, e viu o reluzente coração humano que jazia na cama.

CAPÍTULO V

Determinada a apresentar um bom trabalho, Darcie retomou o material de desenho, enquanto o dr. Cole agrupava seus instrumentos cirúrgicos com cuidadosa precisão. Com um olhar furtivo, Darcie estudou o comportamento dele e imaginou se estava tão afetado quanto ela pelo interlúdio sensual. Depois, concentrou-se no coração exposto e esqueceu o lado tenebroso da tarefa. Passou a reconhecer uma estranha beleza no órgão sem corpo, nosso motor da vida.

— Estas duas câmaras superiores formam o átrio — percorreu Damien ao cortar e separar a parede cardíaca. Movimentos meticulosos e firmes indicavam sua paixão por esse trabalho. Mais paixão, sem dúvida, do que aquela que o consumira minutos antes, no abrigo da carruagem.

— Vê a fina parede na porção posterior? Desenhe-a.

Ele espichou o pescoço a fim de conferir as linhas que Darcie traçava rapidamente com lápis-carvão. Deu-lhe alguns nomes em latim para que fossem escritos no pé das folhas de papel.

— O que é aquilo? — Interessada, ela apontou uma pequena bolsa que se projetava do músculo. — Parece uma orelha de cachorro.

— É verdade. Chama-se aurícula, e a palavra *auris* significa orelha. — O tom caloroso de Damien fez Darcie pensar que ele apreciava seu interesse. — Agora, olhe aqui.

Com uma incisão, o anatomista expôs as câmaras inferiores do coração, os ventrículos.

— Repare que o lado direito apresenta uma parede mais fina que o esquerdo. — Em seguida, Damien caiu em silêncio, dando tempo a que Darcie registrasse a imagem.

— Por quê? — ela indagou, sem parar de desenhar.

— O coração é como uma bomba hidráulica. Na verdade, duas bombas. Da direita, o sangue flui para este vaso sangüíneo, que o leva aos pulmões, situados um de cada lado do coração. Da esquerda, o sangue vai para esta artéria, a aorta, e daí alcança todo o corpo.

— Então, o lado esquerdo é mais espesso porque trabalha mais, bombeando o sangue para o organismo inteiro. A porção direita é, digamos, mais preguiçosa e só fornece sangue para os pulmões, que estão perto.

O raciocínio brilhante de Darcie plantou em Damien um sorriso franco, aprovador.

— Sabia que, nas escolas de medicina, muitos estudantes levam meses para chegar a essa conclusão?—ele comentou.

— Isso é porque não permitem a matrícula de mulheres. — Ela também sorriu.

— Não ainda, infelizmente.

Daquele momento em diante, os olhares se intensificaram e uma onda de prazer e confiança dominou o restante da conversa. Darcie sentiu que Damien estava verdadeiramente interessado em suas idéias e opiniões.

— Você acha que, algum dia, haverá mulheres médicas? — ela provocou.

— Médicas e cirurgiãs. Isso não demora, apesar do que disse um colega meu: mulheres com educação superior procurariam um meio de atrofiar seus órgãos reprodutivos e não terem mais filhos.

— Que bobagem! — Darcie acusou, mas logo corrigiu-se: — Bem, quero dizer, é uma idéia ridícula. Conheci mulheres em Whitechapel que, com seu trabalho tido por desonroso, sustentavam as famílias e educavam os filhos. Algumas chegavam a ensiná-los a ler e escrever, antes que fossem à escola.

— Continue — pediu Damien diante da pausa reflexiva de Darcie.

— Enfim, há mulheres corajosas que fazem muita coisa, e geralmente são elas que gostam de dar a luz. Por isso penso que seu amigo está errado.

Ela temeu ter cometido mais uma transgressão, capaz de acabar com a paciência de Damien. Havia desafiado a crença de que a mulher era um ser de limitada inteligência, servil ao marido, preocupada apenas em criar os filhos.

Caso pudesse freqüentar uma escola superior, o segmento feminino traria imensos benefícios à humanidade. Restava saber se, apesar da aparente aprovação, o dr. Cole efetivamente apoiava o conceito.

Ele tinha pendido a cabeça para trás, assumindo um ar tenso e duro. Devagar, ergueu a mão e retirou uma madeixa errante da face de Darcie.

— Aonde você ia na noite em que quase foi atropelada pela minha carruagem?

— À casa da sra. Feather — ela confessou.

— E ela a enviou para mim.

— Certo.

Um sorriso frio, desprovido de humor, marcou a expressão de Damien, enquanto ele passeava os dedos pelo rosto de Darcie, até acercar-se da boca.

— A sra. Feather mandou você para que eu a salvasse — murmurou. — Não

levou em conta que a casa dela poderia ser infinitamente preferível à minha?

Darcie franziu o cenho, duvidosa do real significado da sentença. De hábito, a frieza de Damien, seu olhar ferino e as frases enigmáticas formavam um conjunto aterrador.

— Como pode perguntar isso, sabendo que o meu destino me esperava aqui? — Ela fixou os olhos nele. — Você foi bondoso e eu sou feliz na sua casa.

— Feliz? — O médico desceu a mão até o pescoço de Darcie. Fingiu apertá-lo, mas os dedos se abriram, livrando-a da pressão que fizera disparar um coração amedrontado.

Os olhares se cruzaram. Ela tossiu e tentou escapar. Segura pelo pulso, sentiu um misto de pavor, desespero e desejo liquefeito que lhe inundou as artérias. Desconforto era a palavra que resumia sua condição, mas Damien o acentuou ao afirmar;

— Sou um perigo para você, Darcie. Fuja deste lugar.

O conselho não correspondia à ação, pois o punho continuava preso. Detalhe sem importância, pois, mesmo livre, Darcie não sairia facilmente da casa do dr. Cole.

— Não... posso — balbuciou, angustiada, porém verdadeira. Abandonar Damien partiria seu coração, rasgaria sua alma. De algum modo, o médico havia se tornado, para ela, mais do que tivera em toda a vida. Não conseguiria explicar o fenômeno, e assim apenas repetiu: — Eu não posso deixar você.

— Mas eu posso mandá-la embora — foi a resposta áspera.

Em silêncio, Darcie o fitou. Ele seria capaz de fazer isso? De forçar sua saída?

Abruptamente, o médico a liberou e recuou dois passos. Ela pôde sentir, ou mesmo ver, a tensão nos músculos de Damien quando disse:

— Também é possível que eu saia daqui, para a minha casa de campo. Você não compreende o perigo que corre. Não sou o homem certo para você, Darcie.

Como assim? Ela experimentou o amargor da desilusão, a raiva de si própria por ter se oferecido de corpo e alma a Damien. Agora, ele ameaçava abandoná-la, como tinham feito Abigail, sua mãe e Steve.

— Se me permitir ajudá-lo... — propôs.

— Ajudar-me? — A voz soou enrouquecida. — Não tenho salvação, Darcie. Você pode me ajudar no meu trabalho, mas não mudar a criatura na qual me transformei.

— Não entendo. É porque você bebe? — Darcie arriscou o palpite. — Sempre é possível parar.

Lentamente, Damien voltou-se para ela. Como de hábito, já tinha dominado suas emoções.

— A sra. Feather não a preveniu a meu respeito?

Sua irmã, Abigail, é que havia feito isso, e Darcie recordou as palavras: *o dr. Cole é um homem duro, temível, mas não deixa de ser uma boa pessoa. Cuide dele, porém fique fora do caminho e não se intrometa no trabalho que faz nem nos segredos da casa.*

Segredos. A visão da camisa ensangüentada, agora reduzida a cinzas, voltou-lhe à memória. Não desejava pensar mal de Damien. Ele havia demonstrado extrema generosidade para com ela. Mas, ainda assim, Darcie não podia negar a ocorrência de fatos estranhos: os dois carregadores, o baú, o médico desaparecendo em meio às trevas da noite. Também não podia condenar Damien por qualquer infração, antes de ter evidências contra ele.

Ela combateu suas suspeitas, fascinada pelo rosto perfeito do médico. Seus contatos com ele só o haviam elevado em sua estima. Mostrara bondade, sim, e uma atração erótica que silenciosamente espicaçava seu desejo.

Tarde da noite, um ruído leve e abafado despertou Darcie do sono profundo. Levantou-se, andou no escuro do quarto e chamou Mary. O pranto da amiga cessou de imediato, para recomeçar segundos depois.

— Mary... — Darcie sentou-se ao lado da colega e acariciou-lhe a cabeça. — Você está doente?

A pergunta pareceu lançar Mary em outro nível de desespero, pois os soluços aumentaram em ritmo e volume. Movendo a mão em círculos suaves, Darcie manifestou simpatia pela colega e em seguida procurou uma vela para acender.

— Não! — exclamou Mary. — Sem luz!

— Está doente? — Darcie repetiu.

— Doente do coração, da alma.

— Andou analisando a sua vida? O que aconteceu com você?

— Por favor, eu não posso... não posso contar.

Darcie sentiu lágrimas nos próprios olhos. Sua estimada Mary havia sido ferida de uma maneira inexplicável, porém a dor que transmitia era evidente. Acomodou-se melhor sobre o colchão e ouviu um pedido desesperado.

— Não me abandone, Darcie!

— Não vou abandoná-la, Mary. Agora, tente dormir. Logo será dia e teremos de trabalhar. — Darcie esperava que a labuta cotidiana sedasse os nervos da amiga, propiciando-lhe alívio. Mas então lembrou-se de que havia mudado de função na casa. — Sinto muito se você tiver de fazer a minha parte na faxina. Poole ainda não contratou outra empregada para o meu serviço. Acho que ele torce para que o dr. Cole desaprove os meus desenhos e me mande de volta ao cargo antigo.

Ao abraçar Mary, ela a sentiu distante e sem ação. Corrigiu-lhe a posição na cama, até que relaxasse. Imaginou o que teria causado aquele novo desconforto: a menção à faxina, aos desenhos ou ao dr. Cole?

Por fim, Mary caiu num sono agitado. Devagar, Darcie ergueu-se da cama estreita. Mary mexeu-se, mas não acordou. Era a vez de Darcie retomar o descanso debaixo das cobertas. Não conseguiu, atenta que estava a qualquer solicitação imprevista da amiga.

Sentada contra a cabeceira da cama, Darcie cobriu com os braços os joelhos desnudos e fixou-se na pequena janela da parede em frente, cuja cortina se achava aberta. Era possível ver o céu escuro, e isso a distraiu até que um grito

agudo varou a vidraça e gelou seu sangue. O som alto foi de curta duração, fazendo-a pensar num pássaro, uma coruja talvez.

Darcie mudou de posição. Ajoelhada na cama, esticou o tronco a fim de enxergar melhor o aposento acima do abrigo da carruagem. Havia luz no laboratório de Damien. Perdendo a noção de tempo, ela manteve o olhar ali até ver a silhueta do médico a mover-se de modo agitado.

Ele logo apagou as velas. Darcie aguardou no escuro e, como esperava, Damien tornou-se visível na trilha de cascalho defronte da garagem. Numa parada, a meio caminho da casa, o médico retirou algo do bolso de seu casaco.

Olhos treinados, sentidos em alerta, Darcie aproximou-se da vidraça, onde pressionou o rosto. Notou que o vento forte fazia balançar os galhos das árvores, produzindo um ruído sinistro. Isso em nada influenciou na concentração de Damien, Pela maneira como ele segurava o objeto nas mãos, tratava-se de um pedaço de pano, um retalho escuro, que devolveu ao bolso pouco depois.

Darcie reteve o fôlego ao sentir que ele a percebera. Recuou um passo, mas não sairia de seu posto, embora por duas vezes Damien já tivesse erguido o olhar para a janela indiscreta. Duas vezes em que houvera uma intensa ligação entre ambos, como se as mentes estivessem conectadas e o médico soubesse que ela o estava espiando.

A primeira ocasião tinha sido a noite em que Darcie invadira o estúdio com a intenção de rasgar a página do livro de esboços, prova de sua intervenção indevida nos assuntos do dr. Cole. Na segunda vez, Darcie havia espiado o médico sem roupa. Os olhares se cruzaram no espelho do lavatório e assim ele se certificara de sua presença junto à porta.

Agora, seria racional pensar numa coincidência, tal como nos dois episódios precedentes. Nem por isso seu coração parou de bater forte, num ritmo contínuo e audível. Darcie percebeu quando Damien Cole girou o corpo e desapareceu em meio às trevas.

Uma sensação de ameaça se instalou dentro do pequeno quarto. Talvez a crise de angústia de Mary nada tivesse a ver com Damien, mas Darcie preferiu verificar. Acendeu uma vela e cruzou, quieta, o espaço que a separava da cama da amiga.

Ergueu a vela na mão e baixou a vista até a forma adormecida de Mary. A agitação dela havia deslocado as cobertas, revelando que sua colega ainda vestia sua roupa de trabalho, contrariamente à rotina de usar camisola. Exaustão, sem dúvida.

Mary mexeu-se dentro de seu sono e a nuca ficou visível.

Com espanto contido, Darcie notou algo difícil de assimilar, mesmo com a chama próxima do rosto e do pescoço da colega: perto da linha da clavícula, havia cinco escoriações arroxeadas, pequenas e ovais.

Baixou a luz e examinou os próprios dedos, comparando-os com as nódoas na nuca de Mary. Estavam perfeitamente agrupadas, quatro de um lado e a quinta de outro, solitária, posicionadas de modo a fazer pensar que...

— Minha gola esconderá as manchas roxas.

Darcie saltou por efeito da voz áspera de Mary. Quase deixou cair a vela.

— Mary, isso parece... — Ela meneou a cabeça e tentou de novo: — Parece que alguém pretendeu...

— Nunca fale dessas escoriações. — Mary sentou-se na cama e puxou a mão livre de Darcie para que ela lhe fizesse companhia. — Aconteceu algo terrível, mas...

Sentada, Darcie pôde examinar melhor as marcas feitas por uma mão humana, na tentativa de estrangular alguém. Além disso, faltava um pedaço de pano na roupa da amiga, que usava um vestido simples, uma espécie de bata preta. Cravou os olhos em Mary e perguntou impiedosamente:

— Foi o dr. Cole?

A essa questão seguiu-se o choro brando de Mary.

— Por favor... Não posso... Significaria minha morte. Fizemos algo terrível comigo. — Ela tocou a garganta com os dedos e suspirou, — Não apenas coisas que você pode ver, mas outras... antinaturais. Que Deus me perdoe.

— Você nada fez que necessite de perdão.

— Ninguém deve saber — Mary suplicou, mais calma. — Prometa-me.

A fragilidade de Mary lembrou a Darcie a da irmã, não a jovem e prestativa Abigail do passado, mas a pessoa que ela se tornara no presente: uma mulher endurecida pela vida de pecado e deboche, uma mulher sem esperança.

— Prometo, Mary — Darcie afirmou, enfatizando o compromisso com um abraço na amiga.

O alvorecer não aplacou a inquietação de Darcie. Damien já a havia informado de que passaria o dia em Whitechapel, operando, e só retomaria à noite. Não era bom ficar sozinha e inativa. O coração dela pesava, a mente produzia imagens seqüenciais de Mary, seu pescoço ferido, sua face angustiada. À lembrança de Damien girando na mão a tira de pano escuro, Darcie permaneceu imóvel, confusa. Nem tudo estava correto na casa da rua Curzon. Existia algum mal, alguma aberração entre as sombras. Mais uma vez, Darcie tentou racionalizar o desaparecimento da criada Jane, imaginando que ela simplesmente havia encontrado emprego melhor e saíra do casarão, ou talvez tivesse fugido com um namorado secreto. Tudo o que ouvira sobre o caso, contado por Mary, doeu nela como um dente cariado.

E quanto à própria Mary? Darcie vira com seus olhos as abrasões na nuca. Estremeceu de frio e medo até ingressar no estúdio de Damien. Ocupou como sempre a cadeira estofada da escrivania e abriu o livro de esboços. Naquele momento, valorizou o fato de Damien estar longe dali. Sua presença a afligia ao mesmo tempo em que excitava. Precisava de tempo e espaço para reunir os pensamentos num conjunto coerente.

Para começar, almejava ver o médico como seu patrão e nada mais. Nenhum bem adviria de sua insana pretensão ao amor dele. Era uma criada, resgatada de Whitechapel, e nada poderia existir entre eles. Inviável confiar na ilusão de um real afeto por parte de Damien.

Perdida em devaneios, tamborilou os dedos no tampo da mesa. O alerta de

sua irmã fazia pensar que Damien tinha segredos assustadores, mas como Abigail os havia conhecido? Na realidade, ele somente se mostrara bondoso, embora por mais de uma vez também exibisse um lampejo de instintos primitivos.

Damien a tinha beijado, desfrutado o gosto de sua boca. Darcie havia corrido a língua, sem pudor, pelos lábios rijos do médico. Ainda existiam outros detalhes que a levavam a mexer-se irrequieta na cadeira. A lembrança de Damien seminu, as mãos lavando a calça, o peito respingado de água, a pele brilhando à luz da lareira.

Com a mente ocupada por imagens sensuais de Damien, Darcie apanhou o vidro de tinta no canto da escrivaninha. Desastrada, balançou-o no ar a fim de verificar quanto continha de líquido, mas a tampa se soltou e uma mancha negra se espalhou sobre o jornal dobrado na mesa.

Endireitando o frasco, ela constatou que a mancha se restringia ao papel do jornal, sem espalhar-se pela mobília nem pelo tapete do estúdio. Sua roupa também estava intacta.

Menos mal. Mas teve de secar o borrão, e assim reparou nas letras grandes, cuidadosamente alinhadas na página. Inclinou-se para ler o texto.

Mais um assassinato do mesmo criminoso frio foi descoberto em Whitechapel, na madrugada de ontem. Londres comentará o caso por muito tempo, na certeza de que está solto em nossas ruas um monstro em forma humana, cuja crueldade e audácia têm impressionado as autoridades policiais.

A série de crimes chocantes em Whitechapel culminou com a morte, há duas noites, de uma certa Sally Booth, que está ligada às outras vítimas somente por seu infeliz modo de vida. Toda a experiência fornecida pelo mundo criminal é insuficiente para explicar o cruel assassinato de três, talvez quatro mulheres de rua. A única vítima masculina do monstro exterminador agora é considerada alvo de um ataque casual, por haver testemunhado uma das ações do criminoso.

Darcie levantou-se, trêmula a ponto de apoiar a mão no canto da mesa, em busca de equilíbrio. A última frase da reportagem a deixara atordoada. A única vítima masculina: Steve. Ela sabia que outra pessoa, e não o monstro de Whitechapel, havia tirado a vida de seu padrasto.

Deliberadamente, baixou o olhar até a cicatriz na mão, que atritou como de costume. Claro, soubera o tempo todo que nenhum vilão sem nome e sem rosto assassinara Steve. Fechou os olhos com força, tentando bloquear a imagem de seu ex-adorado padrasto, falido e maltrapilho, transformado em morador de rua, vertendo sangue no chão sujo. Muito sangue.

Os saltos das botas produziram um som, vindo do saguão de entrada, que alertou Darcie. Instintivamente, ela dobrou o jornal manchado de tinta, empunhou-o e, de modo furtivo, saiu do estúdio rumo ao seu quarto, onde o escondeu debaixo da cama. Não conseguia explicar sua pressa, mas sabia que deveria retomar a reportagem e ler o texto integralmente. Alguma coisa, nas

letras impressas, a atraía. Alguma coisa sobre as mulheres assassinadas.

Não tinha tempo naquele instante, porém mais tarde... Mais tarde releria tudo. Consciente de seus deveres, desceu os degraus outra vez e voltou ao estúdio. Ali estava Damien Cole, instalado junto à mesa, folheando distraidamente o álbum de esboços de Darcie.

— Com licença, senhor — declarou, já do lado de dentro da porta.

— Senhor? — Ele girou a cabeça e a encarou. — Pensei que já havíamos combinado que o meu nome é Damien.

Darcie sentiu as faces ruborizadas. Existia certa distância, certa dose de proteção em manter um tratamento formal. Tratar o médico pelo nome de batismo dava um caráter mais pessoal ao relacionamento, sugerindo uma crescente intimidade. Ela desviou o olhar, detendo-o na perna encurvada da escrivaninha.

— Sinto muito, Damien — desculpou-se.

— Também não há necessidade disso.

— É que derramei tinta no seu exemplar do *Daily Express*. Tornou-se imprestável. — Darcie redirecionou o olhar para Damien e não encontrou censura em sua expressão.

— Foi uma infelicidade, mas pedirei a Poole que compre outro exemplar. — Ele deu de ombros, denotando uma disposição informal, e então voltou a atenção à mesa, começando a examinar os desenhos de Darcie. Parecia que a matéria do jornal tinha pouca importância.

Ela encolheu-se interiormente ante as palavras de Damien. Podia imaginar o que o mordomo Poole pensaria da necessidade de uma segunda cópia do jornal. Embora já não estivesse sob a supervisão direta de Poole, a malevolência dele ficava evidente quando cruzavam caminho. Darcie não tinha dúvidas: aquele homem a odiava.

— Você dispensou suas clientes da zona leste? — perguntou. — Julguei que não voltaria para casa antes do anoitecer.

— Trabalhei lá desde a madrugada. — Damien observou a janela. — E o dia já está quase terminando. Você dormiu bem? — O tom implicava um interesse educado, mas Darcie não se absteve de ponderar se o médico a vira junto à vidraça, na noite precedente, deduzindo que ela passara longas horas acordada.

Saberia Damien que Darcie o havia espiado, que o vira com uma tira de pano arrancada do vestido de Mary, que ela suspeitava de algo muito errado em curso no casarão? Um batimento seco do coração oprimido preveniu-a de que, por segurança, não deveria imiscuir-se nos assuntos do dr. Cole.

— Pelo menos está bem agora? — Damien insistiu, olhando-a por sobre o ombro.

— Sim, muito bem — Darcie mentiu.

— Hum — resmungou Damien, deslizando um dedo sobre um dos desenhos de Darcie.

— A polícia descobriu outra mulher morta, aparentemente assassinada duas noites atrás. Li no jornal quando derrubei o tinteiro.

Além de quieto, Damien ficou visivelmente tenso nos músculos das costas e dos ombros. Sua mão parou de compulsar as folhas desenhadas.

— Eu sei — disse em seguida, num tom assustador.

Darcie apenas permaneceu parada onde estava, esfregando com o polegar direito a cicatriz da outra mão. O gesto era um bom indicador de seu nervosismo.

Com a rapidez de uma serpente, Damien girou na cadeira, capturou os dedos de Darcie e manteve-a aprisionada enquanto tocava a marca existente acima do polegar esquerdo.

— Conte-me como isso aconteceu — ordenou.

Ela olhou suplicante para o médico, como uma presa hipnotizada pelo predador. Continuou muda, balançando a cabeça.

Em ritmo lento, olhos nos olhos, Damien ergueu a mão lesionada até os lábios e beijou a cicatriz com estranha devoção. Mais, passou a língua por toda sua extensão,

O contato inesperado provocou uma explosão de desejo dentro de Darcie.

— Conte-me — ele repetiu, agora em tom de pedido, não de ordem.

Livrando sua mão, Darcie rodeou a cadeira a fim de escapar da presença tão próxima do médico, antes que a sedução de Damien a levasse a fazer o que ele queria: contar tudo e libertar-se da terrível verdade sobre o que haviam feito com ela, e o que fizera em represália. Mas relatar o segredo significava ceder a outro uma parte de sua privacidade, um pouco de sua pessoa. E Darcie tinha medo disso.

Damien alterou sua postura, bloqueando com os ombros largos a passagem de Darcie e sua esperança de escapar. Sem nenhuma palavra, puxou uma segunda cadeira para perto da mesa, em ângulo com a sua. Assim, ficariam lado a lado, mas em posição confortável para uma conversa franca.

— Não sei por onde começar — ela disse ao sentar-se. Ele apenas a observou e esperou, poupando-se de comentários.

Sim, Damien a ouviria sem julgá-la. Um senso de serenidade se apossou de Darcie ao se agarrar a essa hipótese. Ela lhe contaria o episódio, mesmo porque o médico parecia suspeitar de algo pior do que a própria verdade.

— O homem idoso que o jornal menciona como vítima do monstro de Whitechapel foi morto por outra pessoa. — Darcie fixou o olhar em Damien, para certificar-se de que ele compreendia.

— Sim, estou ciente disso.

Foi uma resposta que a deixou mais intrigada do que uma confissão de culpa. Como Damien estava ciente de que outro assassino havia tirado a vida de Steve? Como poderia conhecer tal pormenor? Talvez quisesse dizer apenas que o jornal levantava essa possibilidade.

— Continue — ele pediu.

Darcie molhou os lábios com saliva, nervosamente, porém manteve o olhar. Percebera como era produtivo acompanhar as reações do médico ao seu relato. No canto mais escuro de sua mente, soou um alerta, mas ela venceu o

desconforto. O segredo havia durado tempo demais. Era crucial livrar-se desse peso vivo dentro do peito. Era relaxante partilhar a tragédia com outra alma amiga.

Não com qualquer uma. Darcie desejava dividir a dor com Damien, franquear-lhe a visão do fogo que havia forjado seu destino, permitir que o dr. Cole curasse seu coração torturado, assim como gostaria de curar o dele.

— O homem assassinado era meu padrasto — ela disparou, antes de um suspiro.

Pronto. Um dos segredos fora revelado, mas existiam outros.

— Minha vida era bem diferente no tempo em que esse padrasto ganhava bem e me dava tudo — Darcie prosseguiu. — Eu morava numa boa casa, vestia roupas bonitas. Abigail brincava comigo, cuidava de mim, secava minhas lágrimas quando eu chorava.

— Abigail?

— Sim, minha irmã, a atual atração do bordel da sra. Feather.

A expressão de Damien não mudou. Sua face permaneceu sendo uma máscara de fria compaixão. O rosto de um médico, pensou Darcie.

— Bem, como jovem elegante, tive sonhos semelhantes aos de qualquer garota da sociedade: destacar-me nos bailes, casar, criar filhos. Então, minha mãe caiu doente.

A voz de Darcie tornou-se embargada. Doente era um termo tão neutro! Podia indicar um simples resfriado. Talvez ela devesse ter sido mais dramática, de modo a justificar seu horror ante o falecimento da mãe.

— Minha mãe tossiu sangue até morrer.

— Tuberculose, moléstia terrível! — comentou Damien, sem apressá-la a prosseguir com o relato. Esperou que Darcie juntasse a coragem necessária para isso.

Finalmente, ela falou, mal pronunciando as palavras acima do nível de um murmúrio.

— Nós a enterramos num dia escuro e chuvoso. Pouco depois, soubemos que Steve tinha perdido tudo. Ficamos pobres, destituídos. — Darcie entrelaçou os dedos das mãos. — No início, Steve manteve o brio, a compostura. Procurou investimentos, fez empréstimos, mas nada deu certo. Os credores nos tiraram a casa, as economias, até as jóias de minha mãe.

A medida que se expressava, Darcie ia ganhando força na voz, enquanto as mãos repousavam calmamente em seu regaço. Parecia que o relato possuía o valor de um exorcismo, afastando os demônios que lhe devoravam os pensamentos.

— Nada sobrou. Steve me arranjou um emprego junto a um comerciante amigo. Eram uma boa família, os Grant. Mas minha paz durou pouco. O sr. Grant foi designado para servir o governo na Índia, e eu me vi de volta a Steve. Ele havia conseguido comprar um pequeno apartamento em Whitechapel.

Darcie se recordava bem do lugar, feio e decadente em comparação com o lar que habitara.

— Steve se transformou em vendedor ambulante e, desgostoso, caiu no vício do alcoolismo. — Fechando os olhos, ela procurou apagar a imagem de Steve, sujo e barbado, cheirando a bebida e miséria.

— Enquanto isso, onde estava Abigail? — Damien estranhara o fato de Darcie não ter mencionado a irmã até então, na história.

— Ela possuía um pretendente secreto. Ao menos, acreditava na época que era um admirador sério e decente. Meses antes da nossa ruína, Abigail fugiu com esse namorado, que lhe prometia tudo, só para descobrir que estava sendo iludida. O homem já tinha esposa e filhos. Não sei exatamente o que aconteceu com minha irmã a partir daí, apenas que ela se tornou o que é hoje, trabalhando para a sra. Feather. Nunca deu notícias, exceto por uma carta que chegou pouco antes de a nossa casa ser confiscada. — Darcie sorriu tristemente. — Guardei a carta e, pelo endereço da remetente, encontrei minha irmã naquela noite. Curioso, morei um bom tempo em Whitechapel, tinha ouvido falar da sra. Feather, mas nunca imaginei que descobriria Abigail em um bordel.

— Foi na noite em que nos conhecemos — Damien interveio.

— Sim. A noite na qual você me salvou.

— E o apartamento que o seu padrasto comprou no bairro?

— Era frio e escuro. Ele não se importava, já que permanecia pouquíssimo tempo dentro de casa. Não tínhamos dinheiro para carvão de aquecimento, roupa, comida. Mas Steve sempre conseguia algumas moedas para um drinque.

Apesar da gravidade das revelações, Darcie não demonstrava rancor. Parecia imune a qualquer ressentimento ou mágoa.

— Certo dia, encontrei Steve com as mãos tremendo, os olhos vermelhos, injetados. Havia vômito no chão. Motivo? Ele tinha ficado sem beber por diversos dias. — Darcie não suportou o olhar solidário de Damien e desviou a vista. — Dois homens truculentos esperavam na sala. Steve me agarrou pelo pulso e me jogou aos pés daqueles indivíduos.

Damien resmungou, contrariado, e buscou com os olhos a face de Darcie, que agora se confundia com uma máscara de raiva. Ele também adotou um ar feroz, primitivo.

— Atiraram para Steve uma bolsa com moedas. Eu as ouvi tilintar no chão, enquanto um dos homens me levantava. Forçou-me a acompanhá-lo até um armazém abandonado, perto das docas. Escutei um comentário: eu valeria um bom dinheiro por ser virgem. — Ela fitou o médico, embaraçada. — Ataram meus punhos, prenderam um pano sujo na minha boca, trancaram-me numa saleta.

— Seu padrasto vendeu você! — exclamou Damien, indignado.

Darcie deu de ombros, como se o episódio tivesse reduzidas conseqüências, embora a verdade fosse outra, muito diferente. Ela havia amado Steve como segundo pai, confiado nele com toda a força de um coração imaturo. E fora vilmente traída!

Damien tomou-lhe as mãos entre as suas. Darcie pôde sentir o calor do corpo masculino, a fragrância de sabonete e do céu de verão. Estranho. Como

definir assim o odor de Damien? Qual seria o cheiro de um céu de verão?

Inclinando-se, ela respirou o aroma peculiar. Ansiava por deitar a cabeça no ombro dele e ser engolfada por um abraço cálido. Preguiçosamente, Damien correu o polegar pela cicatriz de Darcie, aguardando a continuidade do relato.

Mesmo sem um abraço, ela sentiu-se segura graças ao toque, e suspirou fundo, a extrair energia da calma do médico.

— Havia na saleta uma lamparina com copo de vidro. Essa pequena caridade, ou distração, acabou me salvando. A chama logo morreu, fiquei no escuro, mas derrubei a lamparina com o ombro e ouvi o vidro se quebrar.

Era evidente que Darcie preferia não contar essa história nem recordar aquela noite tenebrosa que havia vivido. Por outro lado, partilhar o drama com Damien representava um grande alívio, tal como ela previra.

— Mesmo de mãos amarradas, consegui apanhar um lasca de vidro. Com ela cortei a corda, mas, como não tinha firmeza, acabei me ferindo. Abri um corte acima do polegar esquerdo, profundo até o osso, e danifiquei o tecido da mão antes de ficar livre. — Darcie já não conteve as lágrimas, que desciam abundantes até sua boca. — Havia sangue por toda parte. Meus dedos se encharcaram dele. Mas, afinal, eu tinha me libertado.

Retirando as mãos da pressão de Damien, ela ergueu-se decididamente e caminhou até a janela. Ele nada fez para impedi-la.

— Corri feito uma maluca. — Darcie deu uma risada breve e abafada. — E imagine onde fui parar? No apartamento de Steve. Pode conceber uma pessoa mais idiota do que eu?

Damien levantou-se da cadeira e, alcançando Darcie, limpou gentilmente as lágrimas do rosto dela.

— Não posso conceber uma pessoa mais corajosa do que você.

Darcie pestanejou. Permitiu que aquelas palavras penetrassem em sua mente e lhe propiciassem segurança e autocontrole. Ansiosa por encerrar a história, prosseguiu:

— Vi Steve desmaiado no chão e uma garrafa vazia de bebida na mesa. Recolhi minha pasta de desenhos e tentei apanhar um pedaço de pão, mas a minha mão esquerda estava imprestável. Com sorte, consegui enrolar um pano no corte, que continuava sangrando. — Sua voz se converteu num sussurro. — Pensei que, se um trapo estancava o sangue, alguns pontos de sutura o fariam melhor. Com agulha e linha, eu própria costurei minha carne rasgada.

Damien voltou a segurar-lhe a mão, que examinou de perto.

— Você mesma costurou, sem condições de higiene! Não é de admirar que tenha ficado esta cicatriz.

Darcie concordou, exibindo um ar amargo e resignado. Ao endireitar a cabeça, Damien mostrou imensa raiva, mesclada com ilimitada admiração pela coragem dela. O apoio silencioso fortaleceu o ânimo de Darcie.

— Então, os dois homens voltaram e bateram forte na porta. Só tive tempo de derramar sobre o ferimento algumas gotas da bebida alcoólica que havia restado na mesa. A dor foi terrível, mas eu a suportei porque os homens

estavam prestes a arrombar a porta.

Ela tampou os ouvidos com as mãos, como se ainda escutasse o maldito som.

— Steve acordou. Olhou-me com compaixão e disse: "Esconda-se no escuro, menina. Corra!". Assim eu soube que ele estava conformado com o seu destino. Tinha me vendido uma vez, não poderia fazer isso de novo. Então, fiz o que me pedia. Saí pela janela, misturei-me às sombras da rua, abandonei Steve à morte. Os bandidos o apunhalaram.

Darcie virou o rosto, cerrou os olhos a fim de não ver mentalmente o sangue derramado, numa imagem que ainda a assombrava. Mas Damien a fitou com indescritível emoção, disfarçada entre as feições severas.

— Lamento muito — ele murmurou, antes de, com um abraço, abrigá-la em seu peito.

Refugiada naquele porto seguro, Darcie experimentou alívio, liberta do terrível peso que a abatia desde a morte da mãe.

— Por que lamenta? — racionalizou, afagando Damien na linha inferior do queixo. — Nem me conhecia, na época.

— Talvez por isso mesmo.

Apoiando a cabeça no ombro dele, Darcie permitiu-se a sensação de ser estimada e protegida. Imaginou como seria ser amada por aquele homem. Sopesou as palavras de Damien, a maneira como a tocava e abraçava. O dr. Cole se importava com ela, em certo grau. Talvez a amasse um pouco.

Foi quando seu olhar pousou no pequeno retrato emoldurado que jazia em cima da escrivaninha. Sentiu enorme tristeza. Enquanto havia revelado seus profundos segredos, Damien não tinha contado nada sobre si mesmo. Tal conclusão a fez compreender a espessura das muralhas que ele construíra em torno da própria vida.

De olhos secos, Darcie fartou-se no abraço que recebia, com o coração oprimido por sua incapacidade de oferecer-lhe conforto, de aliviar uma dor intensa, tal como Damien fizera com ela. Tinha ofertado a ele sua total confiança, mas não merecera uma retribuição à altura.

Afinal, aonde esse confronto desigual a levaria?

CAPÍTULO VI

A risada de Mary e Tandis, a jovem copeira, ecoou pela casa quando Darcie voltou de um passeio na tarde seguinte. Damien havia saído para acompanhar uma conferência sobre anatomia, dispensando-a de qualquer outra tarefa senão distrair-se um pouco pelo restante do dia. Deixara o cocheiro John à disposição dela e, assim, Darcie havia ido até o Hyde Park de carruagem, depois caminhara desfrutando o crepúsculo no parque e o ar fresco.

Ela pendurou sua boina num cabideiro antes de seguir o som das vozes alegres que procediam da cozinha. Num certo sentido, sentiu inveja. Rir

implicava camaradagem, proximidade, enquanto sua nova posição na hierarquia da casa a afastava das demais empregadas.

Por outro lado, ficou contente pelo renovado humor demonstrado por Mary. Na noite anterior, ela havia chorado muito antes de conseguir dormir, abafando o pranto no travesseiro, da melhor maneira possível, a deplorar o episódio de terror que deixara marcas em seu pescoço. Ainda se recusava a falar no assunto, e Darcie havia decidido não forçar uma confissão na íntegra, pois esse tipo de pressão poderia revelar-se desastroso.

Darcie encontrou as duas colegas polindo a prataria, na copa ao lado da cozinha. Elas ergueram o olhar, curiosas.

— Olá — Mary saudou com um sorriso.

— Posso ajudar? — Darcie começou a remover suas luvas, no mesmo instante em que verbalizou o oferecimento.

— Seria ótimo. — Mary meneou a cabeça afirmativamente. — Para um homem solitário, o dr. Cole tem uma bela coleção de travessas e talheres.

— Nem pense nisso! — atalhou a cozinheira Cook, ranzinza como sempre. Da soleira da porta, com as mãos plantadas firmemente nas ancas largas, ela enviou a Mary um olhar reprovador, antes de fitar a própria Darcie. — O que diria o doutor se, depois de ter lhe dado folga, visse você trabalhando e sujando as mãos com material de polimento? Você ficaria sem condições de fazer bons desenhos para ele. Não, mantenha distância da copa e da cozinha.

A sra. Cook havia pronunciado tais palavras sem rancor aparente, mas Darcie sentiu a alfinetada do mesmo modo. Agora era uma excluída, uma intrusa, nem serviçal nem patroa. Era assim que as ex-colegas e ela própria viam as coisas. Um sentimento de dolorosa solidão a assolou, exigindo esforço para ser afastado.

— Talvez eu possa varrer o chão ou limpar as janelas — Darcie propôs, preocupada em mostrar-se útil. Não ter o que fazer na casa, durante a ausência de Damien, dava tempo demais à sua mente para vagar por áreas que, de preferência, deveriam permanecer inexploradas.

— Não de novo! — exclamou a cozinheira em tom firme. — Vá para o seu canto, porque temos trabalho por aqui. Estou preparando um pudim especial que o doutor adora, embora geralmente não goste de doces.

— Mas poderia contar com a minha ajuda — retrucou Darcie. — Poole ainda não contratou outra criada para o meu lugar, e eu tenho duas boas mãos,

Subitamente, um murmúrio peculiar tomou conta da copa, e todos os olhares convergiram para Darcie.

— Já ficamos sem a equipe completa, antes. Parece que nesta casa tornou-se habitual perdermos empregados — falou Mary com suavidade, trocando um rápido olhar com a sra. Cook.

Tandis colocou um vigor adicional no polimento que realizava. Manteve-se quieta, com a cabeça baixada para a bandeja de prata que estava lustrando.

Confusa, Darcie fitou todas as ex-colegas, imaginando um meio de restaurar o convívio bem-humorado que prevalecia antes de sua chegada.

Incapaz de explicar a mudança de atmosfera, concluiu que talvez fosse melhor retirar-se e permitir que as empregadas dessem andamento ao serviço.

— Bem —justificou-se —, vou descobrir algum trabalho no estúdio do dr. Cole.

— Talvez seja melhor — anuiu a veterana cozinheira.

Mary nada acrescentou, mas lançou um sorriso a Darcie.

Ela cruzou a porta, desviando-se da sra. Cook, que lhe deu passagem. Hesitou um pouco, desejando dizer algo que a ajudasse a recuperar sua posição entre as três mulheres. No entanto nenhuma frase lapidar lhe ocorreu, e Darcie atravessou o corredor determinada a encontrar um livro interessante no escritório de Damien. Folhear uma obra de anatomia poderia tornar-se divertido.

Ela pesou as declarações de Mary e da sra. Cook enquanto escalava os degraus. Sim, haviam ficado sem a equipe completa quando Jane partira de surpresa, sem deixar uma justificativa nem um adeus.

Darcie conhecia parte da história, a partir do que Mary lhe havia contado. Mas ainda existia uma inexplicável corrente de medo debaixo do comportamento estranho e taciturno de Mary e das outras duas. Restou-lhe apenas encolher os ombros, resolvida a interrogar Mary mais tarde, no quarto. Havia questões não respondidas e, ainda que não quisesse pressionar a amiga quanto ao desaparecimento de Jane, talvez fosse a hora de obter uma explicação real para o mistério.

Assim que começou a subir a escada, uma voz fria interrompeu seus passos.

— Finch.

Lentamente, Darcie voltou-se e viu Poole parado no sopé.

— Ah, boa tarde, sr, Poole. — A calma aparente disfarçou o desconforto que ela sempre sentia na presença do mordomo.

— Gostaria de trocar uma palavra com você.

— Sim, claro. — Darcie não se dispôs a descer os degraus que os separavam. Aos poucos, Poole cresceu diante dela, projetando seu longo e fino nariz na direção de Darcie. No entanto ela ganhou vantagem sobre ele, graças às alturas diferentes na extensão da escada.

Com alívio, Darcie percebeu que Poole já não a intimidava como antes. Efetivamente, cada vez menos ela se escondia atrás de uma conduta amedrontada diante do chefe imediato. Talvez, ponderou, dividir suas dores e mágoas com Damien a tivesse libertado do terror e da angústia que a devoravam desde que Steve a vendera por uma bolsa de moedas. O conceito foi guardado para pensar depois, pois Poole a exigia.

— Estive observando você. — Ele subiu mais um degrau. — Eu a vi com o dr. Cole, outro dia, no abrigo da carruagem.

Então, havia sido ele que abrira a cortina a fim de espionar. Tal descoberta causou uma sensação desagradável. Poole havia visto ela e Damien num abraço apaixonado. Um tremor de mal-estar a arrepiou.

— Tenho estado freqüentemente com o dr. Cole — Darcie procurou justificar-se, mas conservando um tom frio na voz, pois assim soaria menos insegura.

Poole inclinou de leve a cabeça, como aceitando o argumento dela.

— Ambos sabemos a qual ocasião eu me refiro.

Darcie segurou o fôlego por um instante. Soltou o ar sem pressa, dando-se tempo para elaborar a resposta, embora o coração batesse irregularmente e a boca estivesse seca como pão dormido.

— Não vejo como meus atos possam ser do seu interesse, senhor, já que estou a serviço do dr. Cole.

— Mas ele a empregou para isso? — O tom duro e malicioso a sacudiu.

Darcie sentiu as bochechas ardendo diante da insinuação. Erguendo a mão, Poole barrou qualquer explicação ou desculpa por parte dela.

— O dr. Cole tem muitas faces, nem todas bonitas como você imagina. Sou empregado dele há anos e vi bastante coisa estranha. Cuide-se, Finch, porque não poderei vigiá-la constantemente.

Darcie chegou a abrir a boca a fim de contestar, mas nenhuma resposta lhe ocorreu. Com uma mesura breve, Poole virou-se e partiu, deixando Darcie no meio da escada, aflita e confusa.

Não poderei vigiá-la constantemente. O que o mordomo quisera dizer com isso? As palavras de Poole giraram em sua mente, causando uma desorientação que só foi interrompida quando Darcie decidiu subir o resto dos degraus e alcançar o estúdio, no pavimento superior.

Perdida em conjecturas, ela sentou-se à escrivaninha, com o exemplar de um romance clássico, mas foi incapaz de concentrar-se no texto, que parecia dançar nos limites da página. Desistiu. Fechou o volume. Avaliou no que Poole pensava ao falar que Damien Cole era um homem de muitas faces, nem todas bonitas.

Não pôde mensurar quanto tempo permaneceu ali, sentada, e quando deu conta de si, verificou que uma hora havia transcorrido.

— Oh, devo ter cochilado! — murmurou em tom audível.

Acomodou-se na cadeira e correu a mão pelo rosto, colocando no lugar as mechas de cabelos que lhe haviam escapado da nuca. Levantou-se depois, alisou a saia, mexeu os braços num movimento de rotação destinado a aliviar os músculos doloridos pela posição forçada na qual dormira. Darcie cruzou o escritório até a janela, abriu a pesada cortina de veludo e espiou o lado externo. Uma nesga de lua a recebeu. Ela suspeitou que havia perdido a hora do jantar.

Cuidadosamente, devolveu o livro à estante e deixou o estúdio rumo à escada dos fundos, que levava ao sótão e ao seu quarto. No trajeto, passou pelo quarto fechado de Damien. Uma lâmina de luz pôde ser vista no extremo da porta. Darcie apurou os ouvidos a fim de captar qualquer som que indicasse a presença dele no dormitório, mas o silêncio reinou.

Mais um vez, a sensação de isolamento a tomou de assalto, assim como acontecera em sua volta do passeio ao Hyde Park. Deixou-se ficar no corredor,

junto à porta de Damien, experimentando uma pungente solidão e abandono. Não podia permanecer ali. Precisava retomar o caminho de seu quarto, desfrutar o aconchego de sua cama. Deu somente três passos antes de parar e retornar à porta fechada. Preparou a mão e estava pronta para bater, com os nós dos dedos, quando congelou como se despertasse para uma realidade incompreensível, porém severa em suas exigências. .

Deus do céu! O que fazia ela montando guarda, altas horas da noite, à frente da porta do quarto de Damien Cole?

Pretendia bater e pedir para entrar? Uma vez no interior do aposento, o que exatamente gostaria de fazer?

Afastando-se mais uma vez, Darcie cruzou os braços ao peito, com frio. Chocada, repreendeu o próprio comportamento em silêncio. Devia ir logo para a sua cama e acabar com aquela maluquice.

— Darcie... — A voz sempre baixa e grave de Damien a acariciou, transformando o arrepio no calor que desceu por sua espinha.

Ela apertou os olhos, fechados na direção do som. O nome, pronunciado com veemência, indicava que não mais se achava sozinha no corredor escuro. Em ritmo lento, voltou-se para descobrir que Damien tinha aberto totalmente a entrada do quarto, como criando um portal para o paraíso.

Foi inevitável que Darcie pensasse, como em prévias ocasiões, se ele possuía algum poder sobrenatural, algum conhecimento místico que lhe permitia conhecer seu paradeiro. Mas a visão da figura de Damien, emoldurada pelo batente, iluminada por velas acesas atrás, acabou de tirar-lhe a racionalidade. Com a respiração curta e os batimentos cardíacos acelerados, ela estudou o dr. Cole, cuja camisa estava solta sobre sua estrutura muscular. Solta e aberta, revelando um filete de pele dourada. Darcie observou-lhe o peito, recordando a noite em que o vira quase despido, o tórax exposto à sua visão.

Após um suspiro, focalizou o rosto de Damien. A boca se curvava graciosamente nos cantos e os olhos brilhavam com uma luz primitiva, acenando para ela em mudo convite.

Mas Darcie continuou pregada no lugar, consumida pelo desejo de deitar-se com ele, ainda que o bom senso recomendasse uma fuga daquela sensualidade.

— Você jantou? — A pergunta prática impôs a informalidade, como negando a embriaguez dos sentidos que Damien lhe provocava, qual um vinho forte.

— Não. — Ela meneou a cabeça. — Infelizmente, cochilei no meu estúdio e perdi a hora da refeição.

— Mesmo? — Ele recuou da soleira da porta, oferecendo passagem com um gesto de boas-vindas. — A sra. Cook deixou uma bandeja no meu quarto, com pão, carne fria, frutas e queijo. Incluiu até um pudim que eu aprecio muito. Considere-se intimada a comer comigo. Há mais do que o suficiente para dois.

— Mas... Seria impróprio. Não devo entrar.

Damien dirigiu-lhe um olhar defensivo. Um sorriso cheio de mistério

bailou nos lábios dele, antes que suspendesse um cacho de uvas roxas à frente da boca de Darcie. O que tencionava fazer? Talvez empurrasse uma uva para o espaço entre os dentes dela, e poucos gestos poderiam ser mais sensuais.

No entanto Damien levou a fruta à própria boca, puxou um bago e o mordeu, sem parar de fitá-la por um único segundo.

— Você tem razão. Não fica bem — ele disse, em tom equivalente ao de uma carícia. Ao vê-la ainda entorpecida junto à porta aberta, acrescentou: — Vá, Darcie. Procure a segurança de sua cama.

O som da voz masculina gerou nela um calafrio, mais de excitação que de pavor. Todos os instintos a preveniam de que fazer uma refeição com o médico, na privacidade de seu quarto de dormir, era algo perigoso. Contudo, a própria precaução, somada ao incentivo dele, não foi suficiente para animá-la a se afastar. Em segredo, o coração clamava pela decisão de entrar.

Darcie olhou com intensidade para Damien. Nervosamente, umedeceu os lábios com a língua, atraindo a atenção calorosa do médico para sua boca. Os olhos dele cintilaram de desejo.

— Você sabe o que eu quero — Damien disse em timbre amável.

Sim, Darcie sabia. Arfante, ela sentiu as pernas fracas, como se tivessem perdido os ossos de sustentação. Encostou o corpo no batente a fim de não desabar sobre Damien. A mão ergueu-se num gesto de súplica.

— Eu quero você nos meus braços, na minha cama. — Ele a segurou pelo pulso, trazendo-a para si, enquanto suas feições se transformavam, ardentes de paixão. — Posso lhe proporcionar sensações incríveis, agradáveis e perversas. E você me dará o mesmo em troca.

A proposta fez Darcie sentir-se quente e perturbada.

O dr. Cole tem muitas faces, nem todas bonitas como você imagina. As palavras do mordomo Poole lhe voltaram à lembrança, porém o apelo contido na fala de Damien era mais intenso. Ela foi engolfada por um turbilhão de novas emoções.

Medo, expectativa, confusão. E desejo. Com um leve gemido, Darcie colou seus lábios nos dele. O gosto de vinho constituía uma promessa viva de prazer. Enlaçando-lhe o corpo pela cintura, Damien a conduziu para dentro e trancou a porta do quarto.

Não houvera nenhuma sutileza no beijo que trocaram. Apenas frenesi e uma selvagem fusão. Agora, Damien afagava os cabelos de Darcie com suavidade, mas também com a pressão certa para fazê-la derreter-se ao toque sensual. Ela sentiu calor nos seios, umidade entre as pernas, porém deixou toda a iniciativa por conta de Damien, que não tardou a se aproveitar de sua ânsia de entrega.

Ele tocou-lhe os mamilos, o ventre, e constatou a intensidade da fome de prazer que Darcie manifestava. Ela retribuiu as carícias, começando por deslizar os dedos pelos cabelos sedosos de Damien, depois puxando sua camisa e correndo a boca por toda a pele nua, macia e bronzeada de seu tórax, que a fascinava.

Assim, logo chegou à virilha dele, e o primeiro contato o fez saltar para trás.

— Calma. Temos a noite inteira — falou, colhendo os pulsos de Darcie e levantando-a.

Ela soltou seu peso sobre Damien, excitada; e por um dos punhos, ele a guiou até a cama larga, convidativa. Com um gentil empurrão, deitou-a. Embora vestida, Darcie sentiu a textura do cobertor debaixo das pernas e das costas, bem como a massa muscular de Damien sobre ela. Ele liberou a mão presa, deixou-a livremente, esperou para ver se Darcie fugia dali, escapando da fome de prazer que a consumia, mais brutal ou violenta do que a fome de comida que tantas vezes sofrera.

Ela estava gostando daquele novo tipo de fome, a sensualidade no seu limite.

O instinto a ajudou na descoberta de carícias capazes de enlouquecer Damien. Em certo momento, após um beijo prolongado, Darcie mordiscou-lhe o lábio inferior, como se expandisse o território disponível para agrados.

A atitude a excitou. Ela desejava Damien cada minuto mais, e tal vontade, fortalecida pela intensidade emocional de sua compulsão, despertou-lhe algum temor.

O olhar de Darcie recaiu na porta trancada. Se resolvesse fugir, ele a impediria?

— Fuja, Darcie. — O próprio Damien a incentivou, embora a cintilação dos olhos lhe pedisse que ficasse. — Vá embora enquanto pode, enquanto eu consigo suportar a sua ausência. Nunca serei um bom amigo ou amante.

Será que, por fim, era possível ver alguma emoção na fisionomia dele? Damien não se oporia a que ela escapasse do quarto, se essa fosse sua escolha. Ao contrário, ele a encorajava a evitar uma intimidade maior, definitiva.

Darcie ignorou o conselho, estreitou-se contra Damien de modo a fazê-lo sentir os bicos dos seios atritando o peito dele. Recebeu um beijo ardente e tomou a decisão final: não vacilaria em ficar com Damien, não se arrependeria disso. O baixo-ventre de Darcie latejou, como carne viva à espera de uma explosão de prazer, como parte independente de seu corpo abrasado. Ela engoliu era seco, depois esfregou o alto das pernas uma na outra, num movimento que serviu para insuflar as chamas.

— Serei sua... de bom grado... Damien — balbuciou, com a respiração entrecortada. — Você acreditava que, tendo vivido nas ruas de Whitechapel, eu desconhecía os efeitos da minha decisão? E quer ser meu amante, ou não?

— Sim — ele murmurou, ampliando o calor interno que a consumia.

Num gesto rápido, Damien removeu a camisa e desnudou a pele dourada de seu torso para o olhar cobiçoso de Darcie. Ele a abraçou, permitindo que ela inalasse o aroma de sua pele e, em seguida, que corresse a língua pelas saliências de seu abdome musculoso.

Aplicando as palmas no rosto dela, Damien pressionou os lábios de Darcie em mais um beijo terno, gentil. Parcialmente frustrada, ela introduziu a língua

na boca dele, saboreando-o. Já não tinha necessidade de beijos doces. Ansiava por algo mais voluptuoso, como a dança sensual da língua de Damien dentro de sua boca. Tomada de um desejo selvagem, queria também senti-lo dentro de si, superando aquele aparente e inadmissível autocontrole.

Mas Damien sabia como prolongar as preliminares a fim de oferecer a Darcie a maior satisfação possível. Deitado sobre ela, seus lábios a devoravam, e a rigidez sensível em sua virilha pressionava a junção das pernas de Darcie. Ela vibrou ante essa reação, deleitando-se com a constatação da virilidade de Damien. A resposta de Darcie foi a respiração arfante e o batimento pesado do coração.

Os olhares se encontraram enquanto ele erguia seu peso com um braço e usava a mão livre para desabotoar lentamente a frente do vestido de Darcie. Sem raciocinar, utilizando apenas o instinto, ela levou os dedos de Damien aos seios ainda cobertos, mas acalorados como nunca. Poder-se-ia dizer que estava febril, não fossem novas e estranhas as sensações que ele lhe despertava com seus toques. De repente, Darcie sentiu-se perdida, incerta de seu verdadeiro papel naquele quadro de luxúria.

— Quero ver você — disse Damien. — Seu busto, suas pernas, seus cabelos soltos e espalhados sobre o travesseiro. — Ele tocava cada parte que nomeava, até que, exaurida, Darcie lhe segurou o pulso.

— Não, eu... — Ela mordiscou o lábio ao perceber que Damien retirava habilmente os grampos de seus cabelos, libertando-os em sua extensão.

Depois, ele passou a ponta do indicador sobre a face de Darcie, até alcançar-lhe os lábios sensíveis. Ela abriu a boca e sugou-lhe o dedo, num simbolismo evidente e fortemente erótico.

A luz das brasas da lareira era a única iluminação existente no quarto. As sombras predominavam e acentuavam, no jogo de claridade e escuridão, os planos bem definidos do rosto de Damien. Na penumbra, ele continuava sólido e quente de encontro a Darcie.

Invertendo a situação, Damien segurou o punho dela, levou os dedos de Darcie à boca e envolveu um por um com os lábios. Ela havia pensado que ele imitaria sua iniciativa, começando a sugá-la a partir da mão. Mas não. Ao contrário, Damien mostrou os dentes brancos e finos, e mordeu a extremidade carnuda do polegar de Darcie.

Supondo tratar-se de uma carícia inovadora, ela reagiu apenas com um gritinho abafado. Em seguida, valeu-se do enlevo do parceiro para sair da cama. Arqueou as costas e suspendeu os cabelos, exibindo a nuca. Havia suor escorrendo dali para o restante do corpo, sem mencionar a umidade crescente entre as pernas.

Com um grunhido de prazer, Damien também ergueu-se, enlaçou-a por trás e colou a boca no pescoço alvo de Darcie. Lambeu as gotas salgadas com tal empenho que ela sentiu, junto com um novo arrepio, a pele flamejar de sensibilidade.

— Damien... — o murmúrio escapou.

O ar fresco ajudou-a a recobrar-se quando ele passou a livrá-la das roupas. Darcie olhou por sobre o ombro e viu os olhos escuros de Damien brilhando na penumbra. O vestido foi ao chão enquanto ela, calada, admirava as feições perfeitas do médico.

— Você é bonita — ele disse, ao mesmo tempo em que lhe empalmava os seios e esfregava os mamilos com os polegares.

Damien é que era bonito. Darcie o julgara assim desde o início.

Gemidos despudorados se fizeram ouvir à medida que os lábios dele se tornavam mais insistentes. A extremidade da língua de Damien friccionou os mamilos de Darcie, mas, insatisfeito, ele desceu mais um pouco, até o ventre pulsante dela. A carícia, escaldante, a derreteu por completo.

Como se lesse seus pensamentos secretos, Damien levou a mão direita ao vão das pernas de Darcie e a apertou. Num surto de irresistível instintividade, ela deitou-se no chão e apoiou os pés na borda da cama, franqueando ao dr. Cole a visão e o caminho para suas partes mais íntimas.

O lado ainda racional de Darcie pedia para Damien parar com aquilo. Ela se dispunha a fechar as pernas contra a invasão dos dedos. Mas o lado exaltado pelo toque de volúpia recomendou que Darcie se soltasse e se abrisse àquele contato arrebatador. Na posição que assumira, com os pés erguidos, Damien poderia tocar e acariciar seu corpo de uma maneira que ela nunca imaginara.

O som da respiração ofegante de Damien ampliou a excitação de Darcie, desarmada pelas carícias que tendiam a conduzi-la a um final desconhecido.

Alisando a pele das laterais do corpo de Damien, ela o descobriu completamente nu. Não vira quando ele tinha retirado a calça, pois sua mente estava focada nas sensações especiais que Damien criava, nas respostas que ele induzia em seu corpo ardente de desejo.

Sentando-se na cama, dando curso às fantasias que jamais realizara quando vivia nas ruas, Darcie traçou a curva dos quadris de Damien e colheu, frontalmente, a expressão ereta da sua virilidade. Gostou da maciez aveludada da pele sob sua mão. Devagar, ela moveu os dedos ali, sentindo o fluxo do sangue de Damien. Ou seria o seu próprio? Ela já havia perdido a noção de onde terminava seu prazer e começava o dele.

Um grunhido, e Damien caiu na cama em cima de Darcie, procurando avidamente o caminho para a sua fenda, em substituição aos dedos. Quando conseguiu, foi acolhido por um calor carnal indescritível, que lhe facilitou a primeira e firme arremetida.

Ela esperava sentir dor, mas não houve nenhuma. O pequeno desconforto inicial converteu-se numa pulsação voluptuosa, que lhe propiciava imenso prazer, sobretudo depois que Damien deu um ritmo constante a suas investidas lânguidas e febris.

— Acho que... — Darcie sussurrou, sem perder a evolução do ato de amor.

— Não ache nada — ele falou em resposta. — Apenas sinta, Darcie. Solte-se e sinta!

— Sim! — ela exclamou, vibrante, corrigindo o ângulo do atrito, a

intensidade da pressão, até satisfazer-se com cada golpe viril, na busca de um objetivo que não conseguia definir.

Suas mãos apertaram as nádegas de Damien a fim de trazê-lo para mais perto, mais para dentro. Os calcanhares comprimiam o colchão. E Darcie também balançava levemente os quadris, oferecendo ao amante um ninho cada vez mais quente e acolhedor.

Ela subiu alto na escala da luxúria. Sentiu que a tensão crescente em seu corpo a aproximava do auge da relação. Assaltada por Damien no âmago de sua intimidade, Darcie percebeu que a conclusão estava perto, e então orientou os sentidos para tirar total proveito do parceiro. De seu toque. De seu aroma. Do gosto de sua pele em seus lábios.

Bastou ele forçar um pouco, e Darcie atingiu o auge em meio a uma queda virtual num abismo pontilhado de luzes. Ainda sentia Damien dentro dela, acompanhando-a na explosão de prazer. Já não estava sozinha no mundo.

Darcie e Damien se tornaram um só.

— Você é bonito. — Darcie rolou para um lado da cama, dispensando o cobertor por causa da lareira e do calor interno do próprio corpo. Com o cotovelo apoiado no colchão, ela examinava Damien nos mais imprevistos detalhes.

Ele jazia de costas, as pernas esparramadas, sem nenhuma vergonha de sua nudez.

— Eu é que deveria dizer isso — Damien respondeu, rindo.

— Adoraria desenhar você assim. — Darcie afagou com a mão o peito descoberto do médico.

Erguendo a cabeça, ele apanhou a mão que o acariciava e beijou-a com devoção. Darcie deu um pequeno grito e livrou seus dedos. Ao notar a cadência do tórax masculino, subindo e descendo na função de respirar, teve vontade de tocar Damien novamente, porém intimidou-se com o rompimento dos limites.

— Por que me escolheu? — indagou, preocupada.

Damien utilizou o braço a fim de puxá-la para baixo, até o nível em que se encontrava. Ela perdeu a vantagem de poder estudar as formas dele a partir de um ponto mais elevado, porém desfrutou a sensação de aninhar-se contra o corpo esguio e forte.

— Por que eu? — Darcie insistiu, depois de afastar o rosto para vê-lo melhor e afagar-lhe a face com a mão.

Damien deslocou a cabeça para o lado e fitou-a com um olhar curioso. As sobrancelhas se ergueram, a provar sua perplexidade.

— Já me fiz a mesma pergunta — ele disse —, desde a noite em que encontrei você, molhada e faminta, aparentando que não estaria mais viva de madrugada.

Darcie voltou a sentar-se na cama, contra a cabeceira forrada de travesseiros, e mostrou-se precavida.

— Foi só por isso? Porque teve pena de mim?

Damien forçou o corpo a subir, até nivelar seu ombro com o dela.

— Tive pena da sra. Bright, com seu marido beerrão e o pé deformado. E da sra. Anderson, sujeita a alucinações e crises de melancolia. Pobre mulher. Sim, essas e outras clientes me condoeram.

Cerrando os olhos, Damien deixou Darcie pensar que havia dividido com ela uma grande quantidade de informação, quando na verdade não lhe dera nenhuma nem respondera à pergunta.

Darcie não conhecia as pessoas que o médico mencionara, mas, pelo rápido perfil, nenhuma delas, clientes ou não, combinava com o retrato de fêmeas belas e fogosas, por quem os homens se apaixonam à primeira vista. Pensando bem, ela também não se encaixava no perfil, e mesmo assim...

Darcie beijou de leve o ombro exposto de Damien. Encarou-o nos olhos, que ele abriu depressa ao sentir o contato.

— Isso não é resposta — disse ela cautelosamente.

Damien suspirou. Acomodou-se melhor na nova posição, afofando um travesseiro, e Darcie admirou a flexão dos músculos abdominais, que ele exibia como trunfo para a sedução.

— Quero você. — Ele inclinou-se e beijou-lhe a ponta do nariz. — Você é bonita, inteligente, corajosa. Sim, muito corajosa. Quanto ao resto, não tenho explicação. — Um raro ar de dúvida flutuou no olhar de Damien. — Se eu tivesse uma explicação, uma compreensão desse fascínio, talvez me protegesse contra ele.

— O que eu sei é que há mulheres mais bonitas e mais inteligentes. — Darcie sentiu-se tola ao afirmar isso e mordiscou o lábio inferior. Em vez de declarar sua eterna paixão e devoção por Damien, conceitos que estavam na ponta da língua, tinha optado por humilhar-se com uma desvalorização pessoal. Como se não merecesse a atenção, o interesse, a excitação de Damien, mesmo na simples condição de macho.

Melhor do que ela, o médico percebeu a impropriedade.

— Mas eu não quero nenhuma outra, Darcie. Quero você.

A reação dela seguiu sendo estranha. Sentiu-se meio insultada, meio divertida com o fato de Damien não ter notado a ofensa contida em sua asserção de que havia mulheres que a ultrapassavam em beleza e inteligência. Claramente, ele não acreditava que isso importasse.

Tangido pelas próprias palavras, Damien aproximou a boca da de Darcie. Ela sentiu no médico um novo despertar do desejo, algo fácil de comprovar com uma olhadela em sua virilha. Ele nem mesmo esperou que Darcie fizesse isso e o cobrisse de carícias excitantes. Usou as mãos para abrir-lhe as pernas.

— Quero você, Darcie — repetiu, sussurrando junto aos lábios dela. — E com a sua doce aprovação, eu a terei de novo.

CAPÍTULO VII

Pecaminosa. Foi assim que Darcie se definiu ao despertar e espreguiçar-se

langorosamente. Curioso como sua conduta indecente, na noite de amor com Damien, podia também fazê-la sentir-se maravilhosa. Auto-estima em alta, tinha novos e insuspeitos poderes, tal qual o de fixar o sol brilhante no firmamento.

Por infortúnio, o mesmo sol que atravessava a janela para iluminar a cama constituía um sinal de que o interlúdio erótico terminara, e um outro dia principiava.

Darcie deixou-se ficar deitada, ouvindo apenas o silêncio reinante na casa. Sabia, antes de ver com os próprios olhos, que Mary já não estava naquele quartinho do sótão, o que era muito bom. Ela desejava saborear suas lembranças, aclimatar-se às mudanças no corpo e nas emoções, trazidas pelo encontro íntimo com Damien. Esse ajustamento seria melhor se feito em solidão.

Imagens de Damien flutuaram com radiante claridade em sua mente. Os lábios se curvaram num irreprimível sorriso.

A cada detalhe da entrega apaixonada, Darcie passava os braços em torno de si, enlaçando as felizes memórias.

Havia deixado o quarto do dr. Cole bem cedo, antes de o sol raiar. Gostaria de ficar mais tempo abraçada a ele, porém o segredo de sua alegria devia ser preservado. Assim, em dado momento da madrugada, Darcie deslizara para fora da cama de casal e tinha alcançado o próprio dormitório sem ser notada por Mary.

Dona não só de um segredo como de um arrebatamento particular, ela havia vencido o corredor e subido os degraus dos fundos pé ante pé, descalça. Sentia vontade de cantar, saltar e dançar. Aceitara, porém, o fato de que já tinha gozado de felicidade demais para uma só noite. Até evitara, no trajeto, pisar no terceiro degrau, que estalava sob o peso de qualquer corpo desprevenido, podendo denunciá-la.

Damien não quisera que ela se fosse.

— Fique — ele havia dito, segurando-lhe a mão num convite, não numa ordem, e observando-a depois com avidez enquanto ela se vestia.

Darcie lembrou-se da primeira vez em que trouxera uma bandeja com lanche para dentro do estúdio de Damien. Naquela ocasião, também havia sido convidada a permanecer ali.

— Não me incomodo com o que os outros pensem. Volte para a cama e dane-se o mundo — ele completara.

— Você pode se dar ao luxo desse sentimento, mas eu não. A realidade é diferente, e sou eu, mais do que o mundo, que vai se danar. — Darcie havia pronunciado tais palavras com absoluta sinceridade, sem nenhum traço de rancor. Fizera uma escolha e não tinha do que se queixar. Não lamentava nada. Efetivamente, estava deliciada com sua decisão de passar a noite com Damien.

— Nem eu nem você precisamos sofrer por causa desta situação, Darcie. Eu jamais permitirei que sofra. — O olhar intenso de Damien a tranquilizara, — Agora, volte para a cama.

Ignorando o suave comando, Darcie havia beijado a boca bonita e escorregado porta afora. Não se sentia pronta para partilhar sua paixão com o mundo exterior, nem para permitir que a criada da casa se intrometesse em sua secreta ligação com o patrão.

Agora, de olhos bem fechados, ela jazia em sua cama, desfrutando pensamentos agradáveis a respeito de Damien: seus lábios, suas mãos, seu...

— Trabalhou até tarde, ontem?

Darcie abriu os olhos. Não tinha ouvido ninguém aproximar-se, mas ali estava Mary examinando-a de cima, com a testa enrugada.

— Pensei que você tivesse descido bem cedo — rebateu Darcie, com as faces queimando de embaraço.

— Realmente descí, mas agora voltei. Qual o problema? Vim avisá-la de que o doutor foi chamado para um atendimento de emergência. Disse que retornará tarde e lhe deixou isto. — Mary entregou à amiga um papel dobrado.

Darcie sentou-se na cama e agradeceu.

— Sinto-me mal, amiga, por você ter subido tanta escada para me entregar um recado. Acho que você tinha outros afazeres.

— Tinha, sim. Mas enfrentei os degraus porque estava curiosa. — Mary aproximou-se de Darcie e espalmou a mão em sua testa. — Sente-se mal? Parece quente, mas está fria.

— Estou bem, muito bem, obrigada. — Darcie abanou-se com a folha de papel dobrada.

— Então, o que diz aí? — Mary julgou-se autorizada a acompanhar a leitura do recado, tomando conhecimento de seu conteúdo.

Darcie baixou a cabeça e focalizou o pedaço de papel que segurava na mão. Não queria abri-lo na frente da outra, e sim saborear a mensagem em particular, porém Mary mostrou-se determinada a permanecer ali. Ela acreditava que o recado era apenas uma instrução de patrão para empregada. Também não sabia ler. Assim, se houvesse necessidade, Darcie simplesmente mudaria as palavras de Damien.

A primeira impressão, ao abrir a folha, foi positiva: a de uma caligrafia masculina e regular, que ela pensou em apertar junto ao coração, antes de desapontar-se com a descoberta de que o texto não era o de um amante.

Darcie,

O dia é todo seu, faça o que quiser. O cocheiro John está ao seu dispor. Talvez você goste de passear no parque de carruagem. Provavelmente, voltarei tarde.

Damien Cole

Como ansiava por palavras de amor e emoções fortes, Darcie ficou abalada. Deixou os ombros caírem, propensa a chorar. No entanto a presença de Mary a removeu de qualquer manifestação que levantasse suspeitas.

— O doutor ficará fora o dia todo — ela informou, dobrando a folha cuidadosamente a fim de aproveitar os mesmos vincos. — Voltará tarde.

— Isso eu já lhe disse — contestou Mary, com uma inflexão de voz indicativa de que ela considerava o recado muito esquisito. — Por que ele precisava lhe mandar uma mensagem?

Ao refletir sobre o comentário, Darcie melhorou de humor. Talvez Damien tivesse escrito a nota justamente para demonstrar que pensava nela. Qualquer motivo para decepção evaporou-se.

— Melhor eu descer e pegar no trabalho. — Mary voltou-se a fim de sair do quarto.

Resgatada de seus devaneios, Darcie colheu a mão da amiga.

— Obrigada, Mary.

— Só por lhe trazer a nota? De nada. Como falei, estava curiosa. — Agora, o tom denotava que seu interesse havia sido frustrado.

— Obrigada por ser minha amiga — completou Darcie suavemente.

Comovida, Mary a contemplou com olhos lacrimosos. Meneou a cabeça e apertou-lhe a mão, como confirmando a irrestrita amizade.

— Há um prato de comida para você na cozinha — ela completou, com os pés na porta. — Cobri com um pano para não esfriar.

Por alguns minutos após a saída de Mary, Darcie manteve o olhar no quarto vazio, avaliando por que não havia aproveitado a chance de falar com a colega a respeito de diversos assuntos, sobretudo das dúvidas e suspeitas que envolviam o desaparecimento da criada Jane. Estava insatisfeita com as breves informações de Poole, e inibida quanto a interrogar Damien sobre o problema, especialmente após uma noite de perfeita intimidade com ele.

Pensando melhor, Darcie preferia guardar aquelas horas de amor no fundo do coração, acarinhá-las em segredo e em silêncio. Tais lembranças seriam seu tesouro particular. Iniciar uma conversa com Mary ou qualquer outra, acerca de Jane ou de outros assuntos da casa, colocaria essa decisão em risco. Sem sentir, ela poderia ser levada a relatar os momentos desfrutados no abrigo da carruagem e no quarto de Damien. Mantê-los em sigilo era uma questão de confiança mútua.

Darcie levantou-se da cama e lavou-se demoradamente. Com os dedos, alisou a parte inferior de seu vestido preto, simples e liso. Por um momento, ficou triste por Damien tê-la visto em traje de serviço ou, pior, com os farrapos nos quais havia chegado à casa dele.

Rememorou as roupas graciosas que usara na juventude, muitas adornadas com lacinhos, como era apropriado a um figurino jovem. Vestidos quase de criança, afinal. Ela encolheu os ombros, imaginando a reação de Damien a esses modelos. Afastou da mente toda mágoa, porém seguiu desejando possuir pelo menos um vestido elegante, para com ele apresentar-se ao médico.

Damien a havia visto apenas naquele feio vestido preto.

Mas também a vira nua.

Esse pensamento deveria impor uma pausa às fantasias de Darcie. Ela fora criada com perspectivas de casamento e filhos, apoiadas num peculiar senso de

bem-estar material. Depois, o mundo cruel tinha lhe trazido vergonha e pobreza, até o encontro com Damien, seu abraço, suas carícias. E disso Darcie não se envergonhava.

Ajeitou os cabelos num discreto coque, cantarolando enquanto se movia pelo quarto, a mente longe do sótão abafado. Apanhou grampos de uma caixinha, prendeu-os entre os dentes e foi colocando um por um no alto da cabeça. O último grampo caiu da boca, escapando dos dedos, e desapareceu no chão.

Darcie ajoelhou-se para procurá-lo. Nada encontrou sobre a cama, mas segurou-se no colchão e espiou debaixo do móvel.

— Aí está você! — murmurou ao esticar o braço e fechar os dedos em torno do grampo.

Mas, além do prendedor de cabelos, havia ali uma massa estranha. Ela olhou melhor e deparou com o jornal manchado de tinta que havia escondido sob a cama, dias antes. A intenção era reler a matéria sobre os assassinatos em Whitechapel. Contudo esquecera-se de fazer isso.

Naquele momento, Darcie deixou o coque incompleto e desdobrou o jornal na penumbra. Com cuidado, estendeu-o sobre a coberta, após verificar que as manchas de tinta tinham secado. Orientou a página na direção da janela, por onde entrava um pouco de sol. A nódoa negra, produzida pelo tinteiro derrubado no estúdio de Damien, dificultava mas não impedia a leitura do texto em sua integridade. Redobrando a atenção, ela leu:

Mais um assassinato do mesmo criminoso frio foi descoberto em Whitechapel, na madrugada de ontem. Londres comentará o caso por muito tempo, na certeza de que está solto em nossas ruas um monstro em forma humana, cuja crueldade e audácia têm impressionado as autoridades policiais.

A série de crimes chocantes em Whitechapel culminou com a morte, há duas noites, de uma certa Sally Booth, que está ligada às outras vítimas somente por seu infeliz modo de vida. Toda a experiência fornecida pelo mundo criminal é insuficiente para explicar o cruel assassinato de três, talvez quatro mulheres de rua. A única vítima masculina do monstro exterminador agora é considerada alvo de um ataque casual, por haver testemunhado uma das ações do criminoso.

Perdida em conjeturas, Darcie bateu a mão no jornal aberto. Havia algo no texto que importunava sua consciência. Na primeira leitura, dias antes, o trecho sobre Steve, seu padrasto e a única vítima masculina, já lhe trouxera incerteza, independentemente de qualquer outra consideração.

Os olhos pousaram no nome de Sally Booth e na referência maldosa a seu modo de vida. De repente, num lampejo, Darcie arrepiou-se. Sally só podia ter sido uma prostituta. E a garota que ela havia encontrado na casa da sra. Feather, aquela que Damien tinha tratado de uma infecção na coxa, também se chamava Sally.

O nome era comum, ela refletiu, contra o rumo de seu raciocínio. Sem

dúvida, existiam muitas mulheres da noite chamadas Sally. Mas, ainda que procurasse tranquilizar-se com essa dedução, Darcie não conseguiu aliviar o peso em seu peito, que tornava penosa a respiração.

Centrando de novo a atenção no jornal, recitou o restante da reportagem em voz alta, como se assim o demônio homicida de Whitechapel se tornasse menos monstruoso:

Os detalhes da morte de Sally Booth serão omitidos pelo Daily Express. Basta relatar que ela foi encontrada, na madrugada de quarta-feira, com a cabeça quase separada do corpo e, numa mutilação ainda mais revoltante, com o coração arrancado do peito.

A polícia descobriu Sally morta no quintal de um casarão, no número 10 da rua Hadley. Ela ocupava um quarto na casa, tida como de má reputação. Quase certamente, com o objetivo de não ser vista, Sally Booth entrou pelos fundos junto com um acompanhante, o provável assassino. O quintal torna a casa acessível a qualquer hora do dia ou da noite.

Investigadores não acreditam que ela tenha sido morta em outro local e depois transportada até a rua Hadley. Já que suas colegas não ouviram gritos, conclui-se que o assassino sabia muito bem como agir dentro de seus diabólicos propósitos.

Os ferimentos e incisões praticados com precisão no corpo da vítima levam as autoridades a suspeitar que o monstro assassino seja um homem com conhecimentos médicos.

Darcie repassou o trecho. Rua Hadley, número dez... Céus! A casa da sra. Feather! Sally Booth era de fato a jovem que ela conhecera ao acompanhar Damien Cole até lá. Gostaria de duvidar da conclusão, mas os fatos corroboravam a terrível verdade.

Um forte calafrio abalou sua estrutura, fazendo os dentes baterem num espasmo nervoso. Ela escondeu o rosto nas mãos e chorou, lembrando o destino triste da pobre garota.

A cabeça quase separada do corpo, o coração arrancado do peito...

O quarto pareceu girar e o estômago protestou enquanto Darcie relia tudo, concentrada nas letras impressas que surgiam borradas diante de seus olhos.

Para que um assassino cortaria o pescoço de uma prostituta e removeria seu coração? O coração de Sally!

Darcie dedicou o resto do dia a fazer intermináveis esboços do coração humano guardado no laboratório do médico. Lembrou-se de ter perguntado a Damien a quem pertencia. Qual havia sido mesmo a resposta?

Nenhuma outra: *o que isso importa?*

Naquele dia, ela havia aceitado essa despreocupação.

Agora, conhecer os fatos importava mais do que qualquer coisa em sua vida. Freneticamente, Darcie caminhou dentro do laboratório, meditando.

Aquele coração pertenceria a Sally? Em caso positivo, como Damien tinha...

Numa pausa, ela recordou-se da noite em que vira Damien pela porta aberta do quarto dele. Quando havia sido? Segunda-feira? Não, terça à noite.

Com as mãos trêmulas, Darcie verteu água do jarro na bacia. Inclinou-se e lavou o rosto, tentando combater seu estado febril.

Por fim, enxugou-se com a toalha de linho pendurada ao lado da bacia. Na terça-feira, havia visto Damien, pela fresta da porta, lavar sua calça após ter destruído uma camisa ensangüentada nas brasas da lareira. Na quarta de manhã, alguém tinha encontrado os despojos mutilados de Sally.

Mais uma vez Darcie retornou aos limites de seu quarto, controlando a náusea e o gosto ácido que lhe dominava a boca. Tinha passado a noite anterior na cama de Damien, nos braços dele. As mãos do médico haviam deslizado livremente por sua pele nua. Mãos que curavam? Ou que matavam, impiedosas?

Ela não pôde suportar a dúvida.

Dobrou e redobrou o jornal até formar um pequeno quadrado, fácil de transportar dentro da bolsa. Passou os dedos pelo rosto. Apertou as bochechas, na ânsia de achar alívio para sua ansiedade.

Deveria ir à casa da sra. Feather. O alerta da irmã, Abigail, as palavras de precaução contra Damien Cole pesaram-lhe na mente. Era crucial e urgente saber se ela corria algum risco por conviver com o médico.

O dr. Cole é um homem duro, temível, mas não deixa de ser uma boa pessoa. Cuide dele, porém fique fora do caminho e não se intrometa no trabalho que faz nem nos segredos da casa.

Levando o jornal na bolsa, Darcie apressou-se escada abaixo, até a porta dos fundos da casa. Sua intenção era encontrar John e pedir-lhe que a conduzisse, de carruagem, à casa da sra. Feather. Não parou na cozinha, pois o prato que Mary havia guardado para ela não lhe apetecia. O estômago parecia torcido em pequenos nós, que doíam, mas a dor no coração é que era insustentável.

Os dias que passara sob o teto do dr. Cole haviam imbuído Darcie de um falso senso de segurança: saber que tinha onde dormir e o que comer, acreditar que Damien se preocupava com ela. Agora, a dura lição de Whitechapel haveria de ser recordada. Permitira-se sonhar, ter esperanças. Era um terrível choque descobrir que suas fantasias e expectativas, que haviam começado a borbulhar e crescer, tendiam a tombar no chão e virar cinzas.

Tão entretida estava Darcie com seus devaneios que nem viu o cocheiro John acercar-se pela trilha de cascalho. Colidiram. A reação dele, na verdade, foi que a arrancou do mundo dos pensamentos e a relançou no universo real. — Calma, garota — ele disse, como se falasse com um de seus cavalos. Segurou-a pelo ombro, com a finalidade de estabilizá-la sobre o piso escorregadio. — Aonde vai com tanta pressa?

— Desculpe-me, John. Procurava você. Quero dizer, o dr. Cole me avisou que eu poderia lhe pedir que me levasse aonde quisesse, hoje.

— Ao parque, então? Como da última vez? — John sorriu, prestativo.

— Não. — Darcie engoliu em seco. — Preciso ir a Whitechapel, à casa da sra. Feather, aonde você já nos levou certa vez.

O cocheiro mostrou-se espantado.

— Para que ir lá? Não é um lugar indicado para jovens como você.

— Por favor, John. — A acidez estomacal parecia fermentar-lhe a boca. Não tinha considerado a hipótese de o cocheiro recusar-se a conduzi-la ao destino pretendido.

John a examinou de cima a baixo e balançou a cabeça negativamente. Começou a afastar-se dali. Com sua recusa, cresceu o pânico e o mal-estar de Darcie. Ela precisava ir ao bordel, em busca de respostas. E se tivesse se deitado com um assassino em série?

Não, era impossível. Mas nada custava questionar a irmã e a cafetina que a empregava. Damien era um homem reto, caridoso, que já havia demonstrado sua bondade. No entanto...

De repente, Darcie pensou na maçã que havia separado para comer, na tarde anterior. Pronta para morder a reluzente casca vermelha e saborear o miolo tenro, descobriu o buraco feito por um verme. Horrorizada, apanhou uma faca e cortou a fruta ao meio. Seu interior estava povoado de nojentos invasores, podre até o caroço.

O episódio reforçou seu conceito de que as aparências enganam.

Decidida, reteve John pelo braço e suplicou por transporte até Whitechapel. Infelizmente, não podia dar ao cocheiro nenhuma explicação convincente, no que se referia aos crimes registrados no bairro. Existia algo, porém, que ela podia dizer:

— Conheço a sra. Feather. E Abigail, sua principal servidora, é minha irmã.

John pestanejou, claramente assombrado pela novidade. Calou-se por algum tempo, recompondo a expressão do rosto até que restasse apenas uma leve sombra. De súbito, ele concordou:

— Está bem. Vamos. — John tomou o rumo do abrigo da carruagem. — Em cinco minutos, o veículo ficará pronto.

Darcie suspirou, aliviada. John a levaria. Ela veria sua irmã, bem como a sra. Feather, e lhes exigiria respostas. Caso hesitassem, estava disposta a implorar. Implorar para assegurar-se de que o homem que ela amava não era um monstro, um frio assassino em série.

O homem que ela amava?, perguntou-se Darcie, vacilante sobre o caminho cascalhado. De onde viera isso? Por que pensava estar apaixonada por Damien Cole, um homem cheio de mistérios?

Mas era verdade. Ela o amava, mesmo em face da perdição. Vislumbrava uma pessoa adorável, atrás dos segredos e das muralhas do autocontrole que ele exibía.

Pensou em Steve, um pai maravilhoso durante a maior parte da vida, mas que se revelara um canalha no fim. Havia convivido com o padrasto tantos anos e não percebera nele nada de anormal.

Então, como ter certeza de que seu coração não se enganara, de que

Damien era efetivamente um homem bom? Poderia o amor sobreviver à falta de confiança?

Na cabine da carruagem, Darcie espiou dentro da bolsa a fim de certificar-se de que o jornal *Daily Express* estava ali. Teria sido melhor ela não ver a reportagem sobre os crimes em Whitechapel, porque assim ainda estaria encapsulada na lembrança da noite gloriosa que passara com Damien.

Leu o texto mais uma vez, forçando-se a acreditar nas informações. As datas, os horários, tudo parecia apontar para o envolvimento de Damien nos crimes. Por isso teria queimado a camisa suja de sangue e lavado a calça, após uma incursão noturna. Por isso possuía, no laboratório, um coração humano sem corpo, para estudos, na manhã seguinte à da morte trágica de Sally Booth. Era médico, cirurgião, anatomista. Dono de habilidade suficiente para dissecar e roubar órgãos das vítimas.

Outro mistério: por que ele mantinha aquele laboratório secreto dentro de casa em vez de realizar suas pesquisas na escola de medicina, diante dos alunos?

Foi natural que Darcie estremecesse, tentando conciliar sua noite de amor com a imagem de Damien sugerida pela horripilante reportagem do jornal.

Embora John acelerasse os cavalos, o percurso até Whitechapel pareceu interminável. A carruagem por fim estacionou diante do número dez da rua Hadley. Portas e janelas fechadas.

— Espero aqui — John afirmou, ajudando Darcie a descer.

— Obrigada — ela murmurou. Apenas um passo, e voltou-se a fim de encarar o cocheiro. — John, você está a serviço do dr. Cole há muitos anos, não?

— É verdade. Muitos anos.

— Saberá me dizer como o dr. Cole conheceu a sra. Feather?.

— Não sei exatamente. Terá de perguntar ao próprio doutor. — Ele fechou a expressão, mostrando-se distante, pouco amistoso.

Darcie desistiu de perguntar mais, ciente de que nada extrairia do condutor da carruagem.

— Creio que não vou demorar — informou, antes de dirigir-se à porta de entrada.

Bateu, mas ninguém veio atender. Após alguns minutos, em que colocou mais força nas batidas, Darcie lançou seu peso contra a extensão da folha de madeira. Nada. Aguardou pacientemente por uma resposta e, à falta dela, voltou a bater, agora com os punhos fechados, e não com o nó dos dedos.

Ninguém apareceu. Darcie suspirou, imaginando se teria de recorrer ao ombro forte de John para arrombar a casa.

— *Quem é?* — A pergunta veio em tom de contrariedade.

A porta se abriu para revelar ninguém menos do que a própria sra. Feather, descabelada, sem maquiagem, usando um casaquinho velho sobre a camisola. Quando viu que era Darcie, seu rosto assumiu de imediato um ar aborrecido.

— Não lhe disse que não voltasse aqui? — ela grunhiu, carrancuda.

— Sinto muito, mas eu preciso falar com a senhora e com Abigail.

— Abigail não está. Foi atender um cliente em domicílio. — A cafetina estudou Darcie, impressionada com a lisura da pele, mas parecendo também sondar o íntimo da visitante.

— Como chegou?

— De carruagem. O doutor a cedeu para mim.

— Notável! Como uma madame! — Ela pousou a mão no ombro de Darcie e deu-lhe um leve safanão. — Não ouviu nossos conselhos, não é, tolinha?

Incerta quanto ao significado do que a cafetina dizia, Darcie manteve-se muda.

— Está apaixonada pelo dr. Cole — a sra. Feather acrescentou, esclarecendo.

Darcie sentiu o equilíbrio interior lhe faltar. Como podia aquela mulher da vida saber o que se passava dentro dela, à custa de um mero olhar?

A sra. Feather deu de ombros e acrescentou:

— Se pudesse voltar no tempo, eu mesma estaria apaixonada pelo doutor. Mas seria um erro. Não se deve amar alguém que não retribui seu afeto. — Entrou, afastando-se da porta e levando Darcie com ela, pelo braço. — Como as outras meninas da casa estão dormindo, podemos falar livremente nos fundos da casa.

Darcie lutou para manter uma aparência de calma. Não desejava mostrar que as observações da sra. Feather a haviam atingido com certa precisão. A idéia de amar um homem resistente ao amor era terrível em si, mas pior era amar um homem no qual não conseguia confiar.

Já na cozinha, a sra. Feather ocupou uma cadeira simples, de madeira e indicou outra para Darcie. A mesa desarrumada, repleta de pratos e talheres usados, continha uma garrafa de uísque pela metade.

A dona do bordel serviu-se de mais uma dose, derramando o líquido cor de âmbar em seu copo. A mão tremia. Algumas novas gotas contribuíram para aumentar a pequena poça existente no tampo da mesa. A bebida foi consumida de um só gole.

— A senhora está de luto por Sally? — indagou Darcie serenamente, tocando a mão da sra. Feather.

A cafetina pareceu apequenar-se na cadeira. A discreta expressão de simpatia por parte de Darcie abrira uma rachadura em suas defesas, amenizando o ar contrariado. Uma lágrima traçou caminho no rosto pálido.

— Sim — ela confirmou. — Sally era uma boa menina, vivia sorrindo.

Para seu espanto, Darcie viu a sra. Feather baixar a cabeça e enterrar a face nos braços cruzados. Imaginou como a cafetina, afinal uma pessoa sensível, tinha caído naquela vida. Ergueu-se e ficou agachada perante a mulher, a quem abraçou pela cintura durante o pranto. No mínimo, devia-lhe o acolhimento que, entre tantas candidatas, ela dera à sua irmã Abigail.

Exaurida pelo choro, a sra. Feather recompôs-se.

— O que veio saber? — murmurou.

Darcie levantou-se e retomou a cadeira, mas posicionou-a mais perto da

outra. Abriu o jornal sobre a mesa. Apontou o texto manchado que falava dos crimes em Whitechapel.

— Tenho o pressentimento de que a sua Sally foi a nova vítima do assassino.

— Minha Sally... — a sra. Feather ecoou tristemente. — Sim, ele a matou e mutilou, deixando muito sangue.

— Lamento sua perda — comentou Darcie, em tom embargado.

— Você lamenta! — a sra. Feather ironizou. — Mudou depressa desde que esteve aqui. Antes, nem notaria uma pessoa como Sally. Passaria longe de um bordel, longe de sua irmã. — A declaração era correta.

— Sim, tem razão. Mas a senhora também não se incomodaria com o tipo de vida de suas garotas, sobreviventes de um destino que golpeou todas cruelmente.

— Nós sobrevivemos — foi o comentário perspicaz. — Mas chega disso. Aceita um chá?

Darcie sorriu, a despeito da tristeza que a rondava, e aceitou. A sra. Feather foi ao fogão, esquentou água, preparou cuidadosamente um bule e duas xícaras. Movia-se devagar, como uma idosa machucada pelos anos, abatida pela perda de Sally. Darcie podia imaginar a intensidade dos sentimentos que a veterana cafetina escondia.

Em silêncio, Darcie ajudou a trazer o bule e as xícaras até a mesa. Recusou o açúcar oferecido, mas aprovou o leite que a sra. Feather misturou ao chá. Tomaram a bebida caladas, até que a mulher a surpreendeu com mais uma intervenção precisa:

— Você veio aqui para me perguntar sobre ele.

— Sim. — "Ele" era o dr. Cole. — Quando me enviou para o doutor, Abigail e a senhora me preveniram sobre manter distância do trabalho, dos segredos dele...

— E você não nos deu atenção, certo? — A expressão foi de desafio. — Não se contentou com um pagamento decente, um bom teto e comida farta. Precisava bisbilhotar a vida do médico.

— Não pretendi...

— Nunca fazemos essas coisas de propósito — a outra cortou —, mas fazemos mesmo assim. Jamais pensei que tudo terminaria dessa maneira. Abigail acreditou que, depois de tantas visitas regulares, ele gostava dela e a pediria em casamento. Mas, ao contrário, deixou-a afundar na lama.

— Quem? — Darcie questionou, horrorizada. Estavam falando de Damien Cole? Parecia impossível. — O médico seduziu minha irmã?

— Nada disso. Ela não o amava, apenas acreditava que o dr. Cole estava apaixonado e alimentou sonhos de casamento e de uma vida digna. Sonhos que sempre se evaporavam na neblina de cada manhã. Os homens só tratam bem uma mulher até conseguir o que querem. Darcie sentiu um baque no coração.

— Nem todos. Não creio que todos os homens sejam cruéis, insensíveis.

Bem, deveria acreditar, a partir do exemplo de Steve e de como ele se

tornara um canalha, capaz de vender a enteada para exploradores do lenocínio. Afastou a má lembrança, porém optou por não acreditar que Damien a enganasse, traindo seu afeto.

— Acredite no que quiser. Você aprenderá com o tempo. Aprenderá.

Darcie pressionou os lábios e guardou silêncio, no controle de suas emoções. Tinha vindo ali atrás de respostas, não de conselhos nem de recriminações.

— Quando bateu na minha porta, semanas atrás, você era uma garota tímida, com medo da própria sombra — sentenciou a sra. Feather. — Hoje, está diferente. Menos medrosa, menos insegura, a ponto de encarar as pessoas nos olhos. — Ela inclinou-se para dar ênfase ao que dizia. — Não pense que ele a protegerá ou dará apoio. Se isso acontecer, será uma falsidade. Ou ele irá para longe ou, pior, mandará você embora. E então você voltará a ser um ratinho assustado, de coração partido.

Darcie tentou digerir aquelas palavras, avaliando sua veracidade. A autoconfiança atual seria um mero reflexo do suporte dado por Damien? Ou por si própria havia recuperado a segurança, perdida quando Steve tentara vendê-la como carne fresca a mercadores do sexo? Preferia que a segunda hipótese fosse a verdadeira. Investia toda a sua esperança nisso.

— Senhora, o dr. Cole esteve aqui naquela noite? A noite em que Sally foi morta? — Por fim, as questões que importavam saíram de sua boca em ritmo de enxurrada. Julgava que, de outro modo, não teria coragem de perguntar.

Uma sombra de mágoa recobriu os olhos cansados da alcoviteira.

— Esteve — ela confirmou. — Primeiro em espírito, depois em carne e osso. Mas esteve. Venha comigo e eu lhe mostrarei o legado de sangue que ele deixou.

A declaração pesou intensamente sobre Darcie, cujo coração se acelerou. Com esforço, ela acompanhou a sra. Feather, que tomou o caminho de um dos quartos.

— Sabe como eu conheci o dr. Cole? — indagou, ainda no corredor. — Era uma noite clara e fria, sem vento. E curioso, mas não me lembro da data nem do mês ou do ano, apenas que as estrelas brilhavam sobre mim como se quisessem me proteger com o seu manto cintilante.

Ela lançou um olhar agudo para trás, na direção de Darcie, é prosseguiu:

— Eu tinha ido visitar um amigo doente e estava atrasada. Voltava com pressa a fim de abrir a casa para os clientes da noite. Quando virei a esquina, ouvi um grito desesperado. Deparei com uma mulher... — A voz da sra. Feather falhou, obrigando-a a calar-se por um momento.

Embora fosse um dia quente, Darcie teve de esfregar as mãos nos braços, por causa do arrepio que lhe atingiu os ossos e da premonição de um relato aterrorizante. Não havia nada de ameaçador dentro do bordel, com sua decoração simples e tapete gasto pela passagem de muitas botas. Ainda assim, Darcie sentiu uma aura malévola descendo sobre ela.

Olhou para trás, desconfiada, e não viu ninguém. Apenas o latido distante de um cão quebrou o silêncio reinante, tirando-a de sua concentração. No fim

do corredor, a sra. Feather abriu uma porta e meneou a cabeça para Darcie, pedindo-lhe que se aproximasse.

— Na verdade, não era uma mulher feita, e sim pouco mais do que uma adolescente. Estava vergada sobre si mesma, segurando a barriga, em meio a uma poça de sangue. Eu não podia abandoná-la ali, na rua, então a trouxe para casa, ora carregada, ora arrastada... Venha, entre.

Darcie hesitou em adentrar o quarto, temerosa do que poderia encontrar ali. A sensação de desconforto crescia a cada segundo.

— Ele veio aqui naquela longínqua noite. Esteve neste mesmo quarto, onde a mocinha jazia na cama, ensopando os lençóis com o seu sangue.

— Morrendo? — Darcie sussurrou, sem saber mais o que pensar ou sentir.

— Sim, e não havia esperança de recuperação. — A sra. Feather tocou o braço de Darcie, disposta a deter o turbilhão interior que a engolfava. — A garota estava grávida. De poucos meses, mas eu percebi. Suponho que o pai da criança a abandonou e ela procurou ajuda médica em Whitechapel.

Franzindo a testa, Darcie enfrentou o olhar firme da cafetina.

— A senhora quer dizer que ela decidiu, interromper a gravidez? Fazer um aborto?

— Sim, porque eu a encontrei sangrando muito, fraca demais até para caminhar. Obviamente, não era deste bairro. Roupas finas, mãos bem tratadas, casaco caro. E não cheirava a uísque ou outra bebida qualquer. Eu a acomodei neste quarto, mas era tarde demais. Com seu último suspiro, ela pronunciou um nome: Damien Cole.

Darcie recuou, como se levasse uma estocada igualmente fatal. Não, não podia ser Damien Cole. Estava preparada para qualquer revelação surpreendente, menos para essa. Damien não podia ter gerado um bebê, junto com uma jovem inocente, e depois resolvido largá-la à própria sorte. Negava-se a acreditar nesse disparate. — Mas ele nunca...

— Mande alguém chamá-lo — prosseguiu a sra. Feather, alheia à objeção de Darcie. — Chegou logo, bastante perturbado, como se o próprio diabo o tivesse guiado pelo percurso. Voou até o quarto e beijou o corpo frio da moça, afagando-lhe os cabelos, sussurrando juras de amor. Tolo! Uma pessoa morta não ouve nada. — Ela encolheu os ombros, dando a parecer que era indiferente, porém em seus olhos Darcie identificou pesar e compaixão.

— Quem era a jovem? — inquiriu, sabendo que a dor no peito não a mataria, embora fosse quase insuportável. Damien seria o pai de uma criança, teria desertado da mãe e reconhecido, tarde demais, que a amava? Não, mil vezes não!

— Ela não contou e ele não disse. Apenas ergueu a jovem nos braços e a conduziu até a carruagem. Ignoro outros detalhes. No entanto a figura do dr. Cole ao sair, com suas bonitas feições transfiguradas pela dor, ficou na minha memória para sempre. Agradeceu-me por ter tentado ajudar, educado apesar das circunstâncias.

Meneando a cabeça, Darcie procurou compor a imagem descrita.

— O doutor acrescentou que, se eu precisasse de algum favor, recorresse a ele sem pestanejar. Meses depois, o dr. Cole começou a frequentar a casa regularmente, a fim de cuidar da saúde das garotas. Imagine! Falava comigo e com elas como se fôssemos socialmente iguais.

Fascinada pela história, Darcie esforçou-se para definir seu real significado. De súbito, o retrato em miniatura, mantido na mesa de trabalho de Damien, veio-lhe à mente.

— A jovem que morreu... era morena, de cabelos negros?

— Sim.

A sensação de mal-estar aumentou no estômago de Darcie. Para ela, não havia dúvida de que Damien tinha amado, e muito, a mulher do retrato. Ironicamente, havia procurado a sra. Feather em busca de respostas, e só conseguira mais indagações. A única resposta cabal que obtivera já era conhecida antes de vir ali. Damien tinha se apaixonado por aquela jovem, e ainda a amava.

Mas, e se ela tivesse levado todo o amor de Damien para o túmulo?

— Fale-me da noite em que Sally Booth morreu — pediu. — A senhora afirmou que Damien esteve aqui, primeiro em espírito, depois em carne e osso. O que pretendeu dizer com isso?

— Uma das minhas protegidas, Marise, cometeu um erro. Foi premiada, se é que me entende...

— Engravidou?

— Poucos homens pagam para se deitar com uma prostituta grávida. Assim, ela procurou alguém que a livrasse do problema. Não me contou nada, senão eu a teria ajudado. Quem ela achou era uma verdadeira açougueira, talvez a mesma mulher que fez o serviço na jovem morena. Mas Marise decidiu realizar o aborto sozinha, por conta própria, usando uma agulha de tricô. Ficou num estado terrível, chorando e sangrando. Naquela noite, pensei em Damien Cole e na garota morta. Por isso falei que ele tinha vindo aqui em espírito.

— E em carne e osso?

— Também. Veio logo que soube que eu precisava dele. Entrou neste mesmo quarto, fez o que pôde. Por vezes parece que as tragédias se repetem de modo igual, até nos pormenores, mas Damien possui poderes inexplicáveis.

A referência a dons especiais do médico colocou Darcie de sobreaviso.

— Então, ele salvou Marise?

— Ela sobreviveu, embora não possa mais ter filhos.

— E o que significa sua menção a ele ter lhe deixado um legado de sangue?

A sra. Feather adiantou-se o suficiente para puxar da parede o lençol grande e branco que a recobria. Revelou-se então a pintura original, em tinta creme, mas salpicada de vermelho. Eram pingos avulsos ou manchas mais extensas, algumas bem vividas e outras claras, sugerindo que alguém havia tentado remover as nódoas esfregando um pano úmido na superfície tismada.

— Meu Deus! — exclamou Darcie.

— Cirurgia improvisada é assim mesmo — interveio a dona da casa. — Faz

sujeira. Já joguei fora o tapete, agora falta pintar de novo o quarto. — Ela apontou o queixo para o chão desprotegido.

Darcie a sacudiu pelos ombros.

— E Sally? Quando foi morta? Quando, exatamente, Damien saiu daqui?

A sra. Feather adotou um ar misterioso. Ergueu as sobrancelhas enquanto Darcie lhe pressionava o braço.

— Não sei — disse, depois de dar a impressão de que procurava lembrar-se. — Fiquei sozinha aqui, com Marise. As outras garotas tinham ido tratar dos seus assuntos, percorrendo ruas e boates. Nunca soube nada de Sally, até que o delegado de polícia apareceu, na manhã seguinte.

Tirando a mão de cima da cafetina, Darcie não atinou com onde colocá-la. Deixou-a pender junto ao corpo, assim como o outro braço. Sentiu-se arrasada, drenada de emoções. A explanação que almejava a havia decepcionado, e assim ela viu-se envolta por confusão mental e desesperança. Lançou um último olhar à parede ensangüentada. Admitiu que não descobriria ali as respostas que buscava.

Damien tinha estado na casa, na noite em que salvara a vida de uma jovem. Como poderia ter matado uma outra? Não fazia sentido. Era implausível.

— Preciso ir — ela avisou, encarando a sra. Feather.

— Compreendo.

As duas mulheres voltaram pelo corredor estreito até a sala principal. Darcie vacilou junto à saída. Com um suspiro comovido, abraçou a sra. Feather com firmeza. Os braços dela também cingiram a visitante.

— Gosto da senhora como de uma irmã, por causa de Abigail — afirmou Darcie. — Não importa o que tenha acontecido, não importa o que o futuro nos traga, gosto da senhora.

— Eu disse para você nunca mais vir aqui, certo? — rebateu a alcoviteira. — Mas, se quiser me visitar, será bem-vinda. Prefira as horas do dia. A noite, é mais complicado, além de perigoso.

— Eu voltarei — garantiu Darcie, contente por ter extraído alguma coisa boa de sua profunda tristeza. Depois da sra. Feather, Abigail certamente retornaria a seus braços. Não a irmã de sua juventude, que já não existia, mas a Abigail que a protegia e amparava, que sobrevivera aos golpes perversos da vida.

Darcie firmou a intenção de reconciliar-se com a irmã.

— A senhora e Abigail me salvaram, sabe disso. Mandaram-me para o dr. Cole. Obrigada.

— Não precisa agradecer — declarou a sra. Feather em tom solene. — Talvez tenhamos lhe dado um empurrão, mas você se salvou sozinha. É muito corajosa.

Naquele momento, Darcie não sentia coragem nem força vital, apenas confusão e medo de que fora apanhada numa teia de mistérios complexos demais para a sua compreensão imediata.

— Lembre-se, querida — acrescentou a cafetina. — O dr. Cole não é fácil de entender. Eu o conheço há anos, ou melhor, não o conheço há anos. Só sei que

ele tem segredos terríveis e um remorso ainda mais medonho.

— Mas como sabe da existência desses segredos terríveis?

— Posso reconhecer uma alma torturada quando a vejo. Correm rumores de que o dr. Cole foi expulso da universidade devido a experimentos estranhos. Outro boato pior é o de que ele não se importa com a origem dos corpos que estuda e diseca...

Respirando fundo, Darcie enfrentou os dedos frios do terror que a invadiu.

— São apenas rumores — disse, em busca de um precário alívio.

— De qualquer modo, pense mais em você. Cuide-se.

— Tomarei cuidado. Virei outro dia qualquer. Quero ver Abigail e conversar bastante com ela.

Um rápido abraço final, e Darcie saiu para a calçada, onde o cocheiro John, vigilante e nervoso, andava em círculos perto da carruagem.

CAPÍTULO VIII

O retorno à rua Curzon foi interminavelmente lento. Darcie tinha pressa em afastar-se de Whitechapel e escapar das pesadas lembranças ou dos fluidos negativos que assombravam as ruas do bairro.

Embora admirada com suas descobertas, permanecia confusa com tudo o que fora incapaz de desenterrar. Agora sabia que Damien tinha estado na rua Hadley, na noite do assassinato de Sally Booth. Sabia que, na maleta de couro, ele carregava seu bisturi e outros instrumentos cirúrgicos. Havia visto sua camisa manchada de sangue, bem como o coração sem corpo que lhe pedira que desenhasse.

Eram fatos incriminadores, mas a sra. Feather informara que Damien tinha salvado a vida de Marise. Poderia um homem salvar uma mulher e, em seguida, matar outra? Continuava sem fazer sentido.

Também existia a questão do motivo pelo qual Damien se esgueirava pelas vielas, assassinando mulheres da vida. Seria porque geralmente não tinham família e ele poderia, livre de suspeitas, arrancar-lhes os órgãos internos? Talvez o problema fosse mais profundo: o de uma pessoa com surtos de insanidade, apesar de, no dia-a-dia, ninguém desconfiar de sua loucura.

Não havia prova alguma de que Damien Cole fosse outra coisa senão um médico dedicado e bondoso.

Darcie pressionou as têmporas com os dedos. A cabeça lhe doía sob o peso das incertezas. A agonia se tornava maior quando considerava que havia se apaixonado por Damien, que se deixara fascinar por ele. Nem mesmo possuía o direito de desconfiar do envolvimento do dr. Cole com crimes repugnantes. Era um médico, alguém que curava, não um exterminador.

Enfim, faltavam evidências de um comportamento incorreto. Mas Damien era anatomista, agia um tanto fora das regras, não fazia segredo de sua obsessão por dissecar cadáveres e órgãos humanos. Ao contrário, isso se tornara parte da

rotina no casarão da rua Curzon. Se era restrito o acesso ao laboratório em cima do galpão da carruagem, todos conheciam o que se passava ali dentro.

A pergunta era: por que Damien não exercia seus dons numa faculdade de medicina? Tinha sido expulso? Por qual motivo real? Ousaria confiar nele? As insinuações da sra. Feather tingiam essas questões com uma dúvida atroz.

Darcie só pôde lidar com conjecturas e ondas de desespero, simultaneamente confrontada pelas suspeita e pelas lembranças da noite de amor com Damien Cole. Recusava-se a crer que havia dormido com um assassino.

Extenuada de tanto pensar, ela não surgiu à janela quando a carruagem estacionou diante da casa. John veio abrir a porta e ajudá-la a descer. Notou o rosto alterado de sua passageira.

— A visita que fez parece tê-la abalado... — comentou o cocheiro, preocupado.

— Não, John, de modo algum — Darcie mentiu. — São os problemas que tenho... faz tempo.

— Seja cuidadosa. — Ele segurou-lhe a mão por um instante a mais do que o necessário, apertando-a num gesto de encorajamento. — Não gostaria de vê-la machucada.

Darcie inclinou a cabeça, mas não achou resposta para a intervenção de John. Estava cansada de tentar adivinhar a causa dos enigmáticos conselhos que vinha recebendo, até mesmo do cocheiro. A sra. Feather, Abigail, Poole e agora John haviam se unido no alerta de Darcie contra algo desconhecido.

Situação desgastante, a ponto de ela preferir conhecer a verdade, por mais cruel que fosse, a continuar refletindo e sofrendo com base em meras hipóteses. Decidiu aceitar o braço oferecido por John e apoiou-se nele, rumo à entrada do casarão.

— Por que, exatamente, devo ser cuidadosa, John?

Os olhos do cocheiro ficaram arregalados. Ele não esperava tal pergunta.

— Bem, tenha cuidado com o dr. Cole, ou poderá afundar no lamaçal.

Por um momento, Darcie perdeu a fala, avaliando o significado do que escutara. Insegura, ponderou se John a prevenia contra o médico, de maneira geral, ou se sabia do envolvimento pessoal de ambos.

— Afundar no lamaçal? Explique-se melhor. — Darcie procurou soar calma.

— Você ajuda o dr. Cole no trabalho dele. Não é correto. Um cadáver deve ser enterrado e pranteado adequadamente, e não ser violado e cortado em pedaços sobre uma maçã. Já é ruim que o doutor sinta necessidade de agir assim, mas usar uma pessoa como você... uma mulher...

Apesar de tudo, foi reconfortante descobrir que John não suspeitava de nenhuma intimidade entre Damien e ela, exceto a profissional. O alerta dele confirmou-se como uma espécie de deferência à sensibilidade da desenhista, a fim de lembrar-lhe seu lugar.

— Obrigada, John, por me dar transporte — Darcie disse junto à porta.

Apertou o braço dele, em sinal de gratidão, e entrou sem esperar que o cocheiro retornasse à carruagem.

Dentro da casa, ela pendurou sua boina no cabideiro e apressou-se até o escritório de Damien, ciente de que, naquele horário, ele não devia ter voltado. No entanto queria ficar perto dos livros, da cadeira e outros pertences do patrão. Num átimo, examinou o estúdio a partir da soleira da porta e seu coração rejubilou-se ante a visão de Damien. A sensação assemelhou-se a um primitivo arrepio, que superou seus medos e dúvidas.

— Ah, aí está você! — O timbre rouco de Damien saudou sua chegada.

Era surpreendente que ele tivesse regressado antes dela. Darcie permaneceu parada e, na troca de olhares, notou que Damien a fitava com especial intensidade.

O médico levantou-se da cadeira predileta e só então ela percebeu que não estavam sozinhos, como pensava e queria. Um segundo homem ergueu-se da poltrona, em movimento dificultado pela rotunda barriga. De meia-idade e estatura baixa, exibia bigode e suíças que formavam ângulo com seu queixo. Tipo interessante, que fez Darcie sorrir antes de focalizar Damien novamente.

— Darcie, permita-me apresentar-lhe o dr. William Gramercy. Doutor, esta é Darcie Finch, a artista responsável pelas excelentes ilustrações que lhe mostrei.

— Ótimos desenhos — o outro elogiou, estendendo a mão. — É um pouco estranho que uma mulher realize esse trabalho, mas não posso desprezar os resultados. Ouso dizer que apreciei muito sua dedicação ao meu coração.

— Dedicação? Ao seu coração? — Perplexa, Darcie desviou a vista.

— O coração que dissecamos outro dia foi dado a mim pelo dr. Gramercy — esclareceu Damien. — Após ter-lhe falado da talentosa artista que empreguei para ilustrar os meus experimentos, o dr. Gramercy achou que o órgão estaria melhor comigo do que com ele.

— E é a pura verdade — atalhou o visitante, efusivo. — Excelente trabalho, minha cara.

Como ele mexia o corpo e rodava os braços, pontuando seus elogios, Darcie temeu que viesse até ela e a estreitasse, batendo-lhe nas costas. Seu olhar procurou Damien e o encontrou a observar tudo com ar divertido.

— Bem, meu caro, já me vou — disse o dr. Gramercy, inclinando a cabeça para os dois outros. — Não é necessário me acompanhar.

— Faça questão — atalhou Damien. — Tenho uma última pergunta a você, sobre o que conversamos antes.

— Hum — resmungou o médico gordo, enquanto lançava um olhar cobiçoso para Darcie.

Os dois homens deixaram o estúdio, mas ela pôde ouvir o diálogo murmurado no corredor. Palavras ocasionais a envolviam indiretamente: *Whitechapel... Transtorno sexual... Manicômio... Por fim, obrigado por vir, adeus.*

Os termos soltos, porém, não a ajudaram a entender a realidade na qual

havia submergido. Suas emoções flutuavam até o teto do estúdio, como borboletas livres, quando a mente digeriu a informação de que o dr. Gramercy havia fornecido o coração fresco ao bisturi de Damien. Darcie teve vontade de saltar e dançar. E imaginar que ela suspeitara de Damien como autor da morte de Sally! Claro, o coração incorpóreo não pertencia a Sally!

Os pensamentos voltaram à camisa manchada que ela havia visto Damien queimar. As nódoas não eram do sangue de Sally, formadas no momento em que ele extraía o coração do corpo já sem vida. Como pudera pensar isso!? Obviamente, as manchas vermelhas tinham surgido quando Damien tentava salvar Marise. A euforia trazida por esse alívio quase fez Darcie gargalhar.

As passadas de Damien soaram nos degraus, no retorno ao estúdio, e ela se recompôs. Controlou o impulso de correr e pular nos braços dele. Colou as mãos nas laterais do corpo, sentindo-se indecisa quanto ao verdadeiro papel que representava na existência de Damien,

Houve uma pausa junto à soleira e um olhar caloroso para Darcie.

— Damien... — ela sussurrou, anulando o espaço que os separava, tangida pela necessidade de estar perto do médico.

Ele fechou a porta do escritório e inclinou a cabeça a fim de receber o beijo iminente e inadiável. A carícia de Darcie carregava todas as poderosas emoções que ela havia experimentado durante o dia. De boca aberta, sugava os lábios e procurava a língua do amante, que a princípio reagiu à altura, com exaltação sensual. Depois, ele interrompeu o contato físico, esquivou-se e fitou Darcie com admiração.

— Foi um dia longo? — perguntou amavelmente.

— Sim, foi — ela respondeu, pensando nas perturbadoras suspeitas geradas durante a visita à sra. Feather e ao quarto borrado de sangue. — Muito longo.

— Passeou no Hyde Park?

— Não. — Darcie reforçou a negativa com um gesto de cabeça. — Preferi fazer uma visita à minha irmã.

— Então, estive na casa da sra. Feather, em Whitechapel.

— É verdade.

— Pois bem... — Damien adotou uma expressão enigmática, mas que não escondia sua desaprovação.

Nervosa, Darcie entrelaçou os dedos e atritou o polegar direito na cicatriz da outra mão. Em seguida, espiou a escrivaninha, onde descansava o pequeno retrato da mulher morena, como testemunha muda do passado. Era o momento de perguntar. Agora ou nunca.

— Damien, quem é a jovem do retrato?

Ele produziu um breve suspiro, depois ergueu as sobrancelhas, denotando surpresa. Darcie viu que a questão o incomodava.

— De onde veio essa pergunta? Não estávamos falando da sua visita à casa da sra. Feather?

Ela andou até a mesa e levantou o porta-retrato, examinando a figura

feminina em busca de iluminação. Mas o rosto meigo e os cabelos escovados nada responderam.

Damien seguia suas ações, de expressão fechada, ocultando o que pensava atrás da máscara de polidez que Darcie conhecia bem. Igualmente não havia ali pista alguma para o que pretendia descobrir.

— Talvez estejamos falando justamente da velha alcoviteira. O que ela e sua irmã lhe contaram?

— Abigail não estava. A sra. Feather me relatou que uma jovem morreu dentro da casa, pronunciando o seu nome. Disse que você veio rapidamente e levou o corpo embora.

Ele foi até a janela. Apoiando um dos ombros no caixilho, fitou longamente o abrigo da carruagem. Darcie comprimiu os lábios, à espera. Com um breve soluço, devolveu o retrato à mesa.

— Por favor... — ela disse, ansiosa. — Eu partilhei com você os segredos mais fundos da minha alma. Você não vai dividir nada comigo? — Contou mais de um batimento cardíaco, aguardando resposta. Focalizou as costas largas de Damien. — Não vai confiar seus segredos a mim?

Sem voltar-se, ele não demonstrou, por qualquer palavra ou movimento, que havia ouvido Darcie ou que ela estava presente. O silêncio fez desabrochar uma planta daninha que os emaranhou em seus ramos.

Lentamente, Darcie passou a recuar, na intenção de deixar Damien a sós com suas reflexões. O coração lhe pesava diante da muda rejeição, da recusa dele em permitir que ela' adentrasse seu santuário.

Certo, Damien havia partilhado o próprio corpo. De uma maneira bonita, irrestrita, excitante. Mas agora Darcie compreendia que, embora ele tivesse lhe devassado as barreiras e mistérios, deixando-a sem defesas, ela não exercia o mesmo impacto sobre Damien. Não conseguira tocá-lo na alma, não ganhara sua confiança.

Tal percepção foi como um golpe físico, que lhe causou tanta dor quanto um soco. Darcie o amava com tudo o que podia dar de si. Quanto a isso, não existia dúvida. A idéia de amar Damien, porém, era maravilhosa e, ao mesmo tempo, terrível. Despertava nela imensa alegria e desesperada angústia.

Era inegável que o desconhecimento da verdade sobre Damien lançava uma sombra espessa nos sentimentos de Darcie. Apesar de o amor que sentia ter derrubado suas reservas, restara uma: a falta de uma total confiança nele. Atilado, Damien percebera. Como culpá-lo por sua atitude de distanciamento?

— Por que quer conhecer meu inferno particular? — ele inquiriu de repente.

Darcie buscou as palavras certas. Em vez de uma mentira, era melhor uma verdade parcial, porque sentiu que confrontar Damien com as suspeitas dela viria apenas a afastá-lo ainda mais.

— Porque você conheceu meu inferno, oferecendo-me a mão enquanto eu enfrentava meus demônios. Aquele passado triste reduzia minha sensibilidade, e você me reviveu para o amor. Eu faria o mesmo por você.

— Nada pode alterar a dura verdade, Darcie. Eu a matei.

— Ma-matou? — ela gaguejou, desconcertada pela abrupta confissão.

A quem Damien se referia? A Sally? Parecia óbvio. Mas seu coração ficou apertado, depois ganhou um ritmo rápido à medida que a razão voltava. Vinham falando da jovem retratada na pequena moldura, portanto ele poderia estar aludindo a ela.

— Fala da mulher do retrato?

— Sim — Damien admitiu, com uma expressão torturada, antes de voltar o rosto outra vez para a janela.

Ao fitá-lo, Darcie pressentiu a dor que ele experimentava e sofreu ante a percepção de que Damien acreditava piamente no que havia afirmado, vendo a si mesmo à luz terrível do remorso e da culpa. Mas Darcie é que não ficou convencida, e tinha a história da sra. Feather como prova.

— O que sei é que ela ainda respirava, antes de você chegar — Darcie contestou. — Como pode assumir a culpa pela morte da jovem?

Damien riu alto. Em três passadas, venceu a distância que o separava de Darcie. Enlaçou-a à altura dos ombros, trazendo-a para perto de si, até que os lábios de cada um ficassem apartados por poucos centímetros. Ela pôde notar a selvageria, a mágoa obsessiva que o devorava, plantando nos olhos cinzentos um reflexo tempestuoso de sua alma.

— Eu a matei com a minha negligência — Damien explicou, ainda tomado de fria certeza. — Fuja de mim, Darcie, ou eu lhe farei muito mal. Existe em mim um lado escuro que não consigo controlar, um nojo dos meus próprios defeitos.

Os dedos dele se fecharam nos braços de Darcie, não o suficiente para machucá-la, mas o bastante para que ela sentisse a turbulência vigente no íntimo de Damien.

— Não tenho mais amor para dar — declarou.

Darcie anulou a distância física entre ambos, pousou seus lábios nos do médico, pretendendo ao menos dividir o sofrimento perceptível naquele espírito torturado. Sentiu-o estremecer no contato com seu corpo.

— Deixe-me ajudar você — ela pediu num murmúrio. — Conte-me o que quiser.

— Darcie... — ele sussurrou em timbre áspero. Subitamente, Damien a soltou e deu alguns passos para trás, como se a proximidade fosse íntima demais, tentadora demais para suportar.

— Ela era minha irmã, e eu sou responsável pela sua morte.

As espantosas palavras foram enunciadas com muita clareza e impecável dicção, na tentativa de fazer valer seu significado sem dependência de interpretações. Darcie emitiu um suspiro de perplexidade. Nenhuma de suas presunções era verdadeira.

— Prometi à minha mãe, em seu leito de morte, que cuidaria de Teresa, amparando-a por toda a minha vida. Mas falhei. — Novamente, a exatidão da sentença pareceu pesar na boca de Damien.

Darcie moveu-se na direção dele, com uma das mãos erguida em sinal de aceitação. Repousou a cabeça no peito de Damien. Ele suave, e ela julgou que seria reprimida com um empurrão. Então, os ombros de Damien se distenderam, perdendo a tensão, e ele acolheu o silencioso apoio que recebia.

— Conte-me, Damien. Divida seu peso interior comigo, e juntos poderemos carregá-lo. Prometo que será mais leve assim.

— Teresa era voluntariosa, obstinada. Com a morte de nossa mãe, tornou-se um pouco extravagante. Frequentava festas e bailes, mas tinha na mente a ilusão de que um príncipe viria raptá-la e fazê-la feliz. Se não um príncipe, pelo menos um homem com fortuna e título de nobreza.

Ele tomou fôlego, sem perder o fio da meada.

— Sem pai nem mãe, vivendo com o irmão mais velho, que se dedicava aos estudos e às loucuras da juventude, no limite da libertinagem, Teresa ansiava por um lar e um marido que nunca a deixasse. Nesse ponto, era ingênua e tornou-se presa fácil do primeiro namorado inescrupuloso.

Damien sentou-se no tampo da escrivaninha, mas trouxe Darcie para junto de si. De pé, ela se aninhou no peito dele, demonstrando completa disponibilidade.

— Eu também tive sonhos desse tipo. — Acariciou os cabelos alourados do médico, enquanto seu coração murmurava: *Você é o meu sonho*.

— Teresa encontrou seu príncipe — ele prosseguiu —, só que não era um sujeito decente, mas um conquistador barato. Não revelou o nome dele a ninguém. Em semanas, estava arrasada e... grávida.

Abraçando Darcie, Damien demonstrou certo alívio.

— Minha irmã me escondeu a situação, temerosa de que eu me negasse a ajudá-la. Pior, que eu não me importasse. Quando descobri tudo, não agi como um protetor. Deixei-a sozinha, para cuidar dos próprios problemas. Infelizmente, não correspondi à confiança de Teresa.

Damien pendeu um pouco a cabeça, de modo a poder olhar para Darcie. Suas emoções se achavam estampadas, nuas e cruas, na fisionomia.

— Teresa marcou um aborto em Whitechapel, onde a sra. Feather a encontrou no meio da rua, perdendo sangue, agonizando.

Damien se culpava. Darcie sentiu um nó na garganta. Podia quase tocar as ondas de remorso que emanavam dele.

— Não foi culpa sua. — Ela apertou os dedos do médico com fervor, recitando mentalmente uma prece para que conseguisse amenizar-lhe a consciência pesada.

Com um resmungo, Damien ergueu-se, o rosto transfigurado numa máscara de angústia.

— Ela teve medo de me procurar. Minha própria irmã. Não me falou da decisão de abortar, e assim eu a matei com o meu desconhecimento. Bastaria eu ter dado a Teresa mais atenção, mais acolhimento, mais amparo moral, e nada disso teria acontecido. Eu falhei, não ela.

Erguendo a mão, Darcie pressionou dois dedos contra os lábios de

Damien, na intenção de fazê-lo parar com aquela crise de autopunição.

— Entendo que tenha sido uma perda terrível, mas você não pode mudar os fatos. Se aprendi alguma coisa na vida, foi que lamentações e remorsos apenas tornam as coisas piores. Temos de seguir em frente, sem esquecer o passado, mas sem ficar escravos dele.

Damien a prendeu pelos dois pulsos, curvando os dedos finos sobre os ossos, até baixar os braços de Darcie e poder admirá-la por inteiro.

— Acho que já sou escravo do passado. Há noites em que creio que vou enlouquecer...

Que outro segredo estaria embutido nesse preâmbulo? Nenhum, ela censurou-se firmemente. Suas suspeitas tinham caído por terra. Estava diante de um homem bom e decente, apenas devastado pela culpa de não ter socorrido a irmã em tempo. No entanto, como o momento inspirava confidências, Darcie quis saber por que razão Damien a havia empregado.

— Quando me trouxe para a sua casa, de carruagem, perguntei a você se estava fazendo um favor a uma velha amiga, a sra. Feather. Você me olhou de maneira inquisitiva, seu rosto se alterou, e mesmo assim contratou uma completa estranha, a pedido de uma notória dona de bordel. Por quê? Damien fitou Darcie de modo menos inquisitivo do que naquela primeira noite, comprovando que muita coisa havia mudado desde então.

— Ela tentou ajudar Teresa, depois me pediu que acolhesse a irmã de uma sua hóspede. Eu não poderia recusar. Era um acordo justo. O que acha? — A expressão dele, sempre mutável, agora revelava desejo.

— Um acordo de ocasião, no meu entender. — Consciente, Darcie reagiu à intensidade do olhar de Damien. O tormento, a raiva tinham abandonado a face dele, que agora só abrigava uma crescente fome de sensualidade.

— Houve outro motivo para eu empregar você. — Os lábios de Damien ficaram perto dos de Darcie.

O pulso dela acelerou-se a essa afirmação, levando-a a sentir o fluxo firme do sangue nas artérias. Sim, era bom que Damien lhe dispensasse atenção de vez em quando. Assim ela ficava mais viva, mais dependente de carinhos íntimos.

— Que motivo? — Darcie ansiava por ouvir uma confirmação do afeto do médico, de sua tensão erótica. Não era tola a ponto de esperar declarações de amor ou de eterna devoção, mas identificava, nos cuidados para com ela, mais do que uma simples atração física.

A repetição da pergunta veio num murmúrio:

— Que motivo?

Ele riu alto e com aspereza.

— Se soubesse, talvez eu pudesse me defender contra o que senti por você naquela noite. Não tenho uma explicação racional. Apenas sei que você me atraiu de uma forma que não posso negar. Desde o primeiro momento, você se tornou um fogo queimando dentro de mim, lambendo as bordas da minha alma.

Então, Damien a beijou com ardor, pressionando os lábios com força.

Possessivo e faminto, deixou-a sem fôlego antes de encerrar o contato.

— Damien... — Darcie ajeitou-se melhor, moldando seu corpo ao dele, bendizendo a intensidade do desejo que os unia.

Damien não necessitava de outro convite. Depois de um suspiro, colheu novamente a boca que o seduzia. Utilizou golpes profundos de língua para enfatizar como era premente o encontro dos dois na cama. Darcie lhe daria a paz que ele demandava e receberia em troca a reconciliação com seu sonho de amor.

A pele dela arrepiou-se em todos os lugares que Damien tocava. Logo viu-se presa de uma combustão interna que exigia o prazer do companheiro para se aplacar.

— Venha — ele propôs, conduzindo-a pela mão até a porta aberta e depois ao longo do corredor vazio.

Levou-a para dentro de seu quarto, onde Darcie observou o feixe de luz diurna que se filtrava através da cortina semi-aberta, para incidir com inusitada precisão na manta sobre a cama.

— O sol ainda brilha — ela comentou. Uma observação, não um protesto. Inesperadamente, a idéia de ficar nua diante de Damien, em plena claridade, ganhou vigor, acrescentando intensidade às sensações que já a percorriam, porque ele também estaria despido, permitindo-lhe assumir e exercer toda a sua paixão.

Antes de se preparar, Damien apoderou-se mais uma vez dos lábios de Darcie, como se demarcasse um território já conhecido, mas não menos voluptuoso.

— Quero vê-la, apalpá-la, deixar que os meus instintos façam uma festa no seu corpo. — Assim dizendo, ele abriu o primeiro botão do vestido de Darcie, aproveitando o contato para correr os dedos ávidos por sua pele aquecida. Pouco depois, com um gesto gentil, Damien mudou a posição do colar que ela usava, desnudando a curva superior dos seios a seus olhos impacientes.

As palavras, os toques avivaram o fogo interior de Darcie, lançada no caldeirão fervente do próprio desejo. Com as mãos trêmulas de excitação e urgência, ela desabotoou, quase arrancando a camisa de Damien. Desde que o vira despir-se, sem ser notada, aquilo se tornara uma compulsão.

Sentiu uma leve dor ao beijar a pele bronzeada dele e inalar o aroma do corpo masculino. Em matéria de estética, Darcie pensou, Damien era perfeito. Ela exultou com a ascensão e queda do tórax quando percorreu com os dedos as saliências e reentrâncias do torso musculoso, alegrando-se também ao atritar a epiderme cálida do médico.

Então, suas mãos baixaram até a cintura de Damien, apressando-o a remover a calça. De propósito, ele não a ajudou na abertura do cinto, porém conduziu-lhe a mão aos lugares certos, franqueando sua livre exploração. Reagiu com um som entre os dentes no instante em que Darcie colheu sua virilha.

Ela envaideceu-se com a constatação de uma gloriosa rigidez no local.

Havia provocado isso em Damien: o atestado de seu poder de excitação, a prova inequívoca da necessidade que os unia.

Enquanto trocavam beijos, o restante das roupas foi descartado, caindo aos pés do casal. Só restaram as calças brancas e rendadas de Darcie, e Damien ajoelhou-se à frente dela a fim de retirá-las. Havia uma segunda intenção na posição que assumira. Ele a segurou pelas nádegas e aplicou os lábios na linha inferior do ventre, enquanto ela respondia ao toque aveludado com um rilhar de dentes. Impediu, porém, o prosseguimento da ação, decidida a adiar ao máximo o apogeu do contato íntimo. Ignorava, ainda, se teria coragem de retribuir aquele tipo de carícia tão ousada, tão especial.

Deitados, Damien excitou-a com habilidade. Os beijos no colo a levaram às portas do êxtase. Suas mãos se dobraram sobre os ombros dele, as unhas se cravaram na epiderme macia.

Colhida nas malhas do prazer, Darcie posicionou-se de modo a receber plenamente as estocadas de Damien. Naquele instante, existia somente Damien em todo o universo. O mundo dela se resumia às atenções, às carícias que lhe eram dispensadas. Estava louca por ele. Por isso, moldou-se ao corpo de Damien tão firmemente quanto conseguiu.

— Por favor, por favor... — Darcie implorou, sem que fosse necessário animar Damien em seus atos de volúpia. Com um grito rouco, que se juntou ao dele, atingiu o auge.

Permaneceram deitados, numa conjunção de pernas e de indizíveis emoções, alheios à passagem do tempo. Darcie cerrou as pálpebras e flutuou numa nuvem de contentamento, Acabou por cochilar, abrigada no firme abraço de Damien.

Mais tarde, ela abriu os olhos e examinou os arredores. O sol havia se deslocado com o passar das horas e já não lançava seus raios sobre a cama. Agora, era a luz do entardecer que entrava pela vidraça.

Apoiado num dos cotovelos, Damien ergueu-se e observou-a. Darcie molhou os lábios ressequidos, aguardando a fala dele, incerta quanto ao que iria escutar. Ansiava por novas revelações, vindas do coração misterioso de Damien.

A prazerosa intimidade que haviam acabado de viver exerceria um efeito duradouro na harmonia do relacionamento, mas Darcie desconhecia o que devia esperar do dr. Cole em matéria de demonstração aberta de seus sentimentos. Ele lhe dera enorme satisfação com seus toques e carícias, porém, mesmo no pico da paixão, Damien não havia sussurrado nenhuma palavra de afeto.

Era estranho, desafiador e irônico pensar nele como simples amante, empenhado em desfrutar seu corpo e, em retribuição, propiciando-lhe prazeres raros em sua vida.

— Estou faminto — Damien confessou finalmente,

Darcie pestanejou, disfarçando a decepção. De modo algum aquelas palavras poderiam ser confundidas com uma declaração de amor.

— Vamos descer — ele propôs, com um meio sorriso. — Cook deve ter preparado uma bela refeição para nos servir. Pedirei que ela arrume a mesa da

sala.

Espantada, Darcie sentou-se na cama, puxando o lençol até cobrir os seios.

— A mesa da sala? Para um jantar formal com você?

As sobranceiras de Damien se ergueram, a expressão tornou-se questionadora.

— Prefere comer sozinha no aposento principal dá casa?

— Sim... Não... Quero dizer, costumo comer junto com as outras criadas.

As faces dela se ruborizaram e a fisionomia de Damien se endureceu.

— É uma situação que eu teria remediado no primeiro dia em que trouxe você ao andar de cima. Minha displicência a deixou numa posição incômoda. Você não é mais minha serviçal. — Ele a beijou num impulso rápido e afagou-lhe os cabelos desalinhados. — Você não foi feita para ser uma criada.

— Mas, Damien, o que as outras vão dizer? Ficar á óbvio que temos uma relação diferente da normal entre patrão e empregada.

Antes de terminar a frase, Darcie compreendeu que, no fundo, não ligava para o que Poole, Cook, John e os demais pudessem pensar. Mesmo porque já deviam desconfiar de algo mais íntimo entre ela e o médico. Apreciou o fato de estar sendo corajosa. Ou era simplesmente tola?

— Esta casa me pertence — disse Damien com uma pitada de arrogância.

— Quem discordar do modo como levo a minha vida pode pedir demissão. Além disso, você realmente se importa com o que os outros dizem?

Como num filme acelerado, passou pela mente de Darcie tudo o que já havia vivido e sofrido. Com certeza, um cochicho aqui, outro ali não representavam uma condenação capaz de abatê-la.

Sua vida tinha sido pouco convencional. Perdera sua posição na sociedade, e jamais poderia apostar na sobrevivência da jovem inocente e ingênua que havia desfrutado a companhia de gente educada e elegante. Por todos os santos! Ela era irmã de uma prostituta a serviço de uma popular cafetina! Por pouco, não seguira o mesmo caminho, por absoluta falta de opção!

No entanto uma parte de Darcie Finch, bem escondida em seu íntimo, seguia sendo a moça sonhadora de outrora, que ainda almejava um lar, marido e filhos.

Ela balançou a cabeça tristemente, rejeitando esses perigosos pensamentos.

Damien leu o gesto de Darcie como uma negativa à sua pergunta.

— Ótimo. Você realmente não deve se importar com mentes estreitas e bocas malvadas. — Ele procurou de novo os cabelos de Darcie, correu a mão por sua extensão e ajeitou atrás da orelha uma madeixa solta. Depois, levantou-se e começou a se vestir.

— Vamos, então — Damien a encorajou, sorrindo por sobre o ombro. — Exceto se você estiver pensando em me atrair de novo para a cama...

Darcie riu, permitindo-se apreciar o bom humor contagiante de Damien, algo tão raro nele quanto palavras de amor. Não iria arruinar seu tempo de intimidade com ele preocupando-se com o que surgiria a seguir, no futuro

próximo ou distante.

Se o amanhã podia trazer alguma dor, o dia em curso ainda era adorável.

CAPÍTULO IX

Sentada à direita do dr. Cole, no ambiente formal da sala de jantar, Darcie terminou de saborear seu pedaço de torta de morangos. Olhou para o lado e viu que Damien admirava o gosto com que ela comia, sem haver tocado a própria sobremesa.

— Você nunca esquecerá, certo?

Ela depositou os talheres no prato pequeno e vazio, passando depois o guardanapo nos lábios.

— Esquecer o quê? A torta cremosa que a sra. Cook fez?

— Esquecer o que sofreu em Whitechapel. A fome. O frio. As privações.

Darcie engatilhava uma resposta quando Poole entrou na sala e começou a retirar os pratos usados. Assim que o mordomo se moveu para o lado de Damien, ela o observou, sendo contemplada com um olhar frio.

Certamente, Poole sabia o que havia acontecido entre Darcie e o patrão. Não fazia nenhum esforço, porém, para esconder a raiva, a aversão, a pose de superioridade. O mordomo tinha sido cruel com ela desde o instante de sua chegada à casa do médico.

Para a sua própria surpresa, Darcie não sentiu nenhuma consternação, nenhum aborrecimento. Seguindo a trilha proposta por Damien, a opinião de Poole nada significava para ela. Darcie sustentou o olhar, mas a expressão do mordomo não revelou nenhum embaraço nem outra emoção perceptível. Por um instante, contudo, ela imaginou ter visto preocupação nos olhos dele, e em função disso desviou a vista, interrompendo o contato.

Estranho. Havia sofrido um momento de desorientação, e sua atenção permaneceu fixada em Poole enquanto, silenciosamente, ele deixava o recinto.

Recuperando a total lucidez, Darcie voltou os pensamentos para o comentário inesperado de Damien. Retomou o diálogo.

— Esquecer Whitechapel? Nunca! Eu nem mesmo tentaria isso. O bairro é parte do que hoje sou. E considero impossível tirar da memória o desespero, a solidão, a fome que enfrentei. — Esboçou um sorriso tímido. — Talvez seja uma boa idéia pedir à sra. Cook que não sirva mais doces, tortas e pudins. Parece que você não os aprecia, enquanto eu tenho esse horrível impulso de comer tudo o que me é servido. Quero vencer a compulsão, pois, do contrário, vou engordar demais, a ponto de não caber mais no meu quarto, com Mary.

— Talvez, então, vá para o meu... — Damien maliciou. — Mas às ruas de Whitechapel você não retornará jamais.

Fome e frio agora pertencem ao seu passado. Nunca terá de dormir ao relento de novo.

Darcie o fitou, comovida com os bons votos que ele apresentara. Talvez

fossem uma demonstração de afeto, a versão de Damien para algumas palavras de amor.

Estaria o médico dizendo que Darcie podia confiar nele para uma firme proteção contra as adversidades da vida? Ou teria procurado convencê-la de que ela própria estava mais forte agora, nunca permitindo que suas horribéis condições anteriores se repetissem?

Confusa, Darcie apertou os lábios e admitiu: qualquer que fosse a intenção de Damien, já aprendera que só podia confiar plenamente em si mesma. O olhar furtivo de Poole, de volta à sala, a incomodou. Ele inclinou-se junto ao ouvido do patrão e segredou alguma coisa, exibindo um ar agitado.

Mal o mordomo saiu, ouviu-se um som de passos arrastados pelo corredor de entrada. O amigo de Damien, o homem que Darcie conhecera um dia antes, o guardador de corações sem corpo, surgiu então na soleira: o dr. Gramercy. As botas que calçava continham pingos de lama, e ainda assim ele as mantinha nos pés, bem como o casaco grosso no corpo. Darcie pensou no motivo da pressa que o fizera entrar sem entregar o casaco a Poole.

— Cole... — o dr. Gramercy bufou enquanto recobrava o fôlego, respirando praticamente em cima do ombro de Damien. Notou a presença de Darcie e inclinou a cabeça em saudação. — Srta. Finch, lamento interromper sua refeição. Vim avisar Cole que acabo de receber a visita de um inspetor de polícia...

Após indecifráveis exclamações e resmungos, ele prosseguiu, ainda arfante:

— Ele perguntou sobre aquele terrível mal-entendido na universidade, sobre a jovem morta e a sua demissão da escola de medicina. Juro que não contei nada. O policial também quis saber do seu problema em Edimburgo... O nome dele é... inspetor...

— Trent. Inspetor Trent.

Darcie girou em sua cadeira, a fim de constatar de onde procedia aquela voz desconhecida que supria a informação que o dr. Gramercy lutava para transmitir. Na soleira da porta da sala, o inspetor Trent abarcou todas as pessoas presentes com um olhar agudo. Tinha um porte ereto, militar. Vestia um bom terno de casimira, mas era fácil imaginá-lo de uniforme. Ele dirigiu um olhar rápido e atencioso a Darcie, antes de mover-se para perto de Damien.

Poole surgiu afobado na entrada da sala, atrás do recém-chegado.

— Sinto muito, senhor — ele recitou. — O cavalheiro se recusou a esperar que eu o anunciasse. Devo chamar a polícia?

— Seria de pouca utilidade, Poole. Esse homem é um oficial da lei. — Damien acompanhou, contrariado, o gesto de Trent ao dar a mão a Darcie e ajudá-la a levantar-se. Os dedos do inspetor ainda apertaram o braço dela, antes que ele voltasse a cabeça e ficasse de frente para os dois médicos.

— Sou o dr. Damien Cole. Por acaso me procura?

Trent fez uma medida polida.

— Gostaria de trocar uma palavra com o senhor, dr. Cole.

— Proponho aproveitarmos o conforto do meu escritório.

— Excelente idéia — aquiesceu o inspetor. — Mas vamos todos ao local que sugere.

Os olhos céleres de Trent recaíram sobre o dr. Gramercy e, em seguida, sobre Darcie. Ela sentiu um incômodo devido ao exame. Pensou no vestido simples que usava, nos cabelos escorridos, na falta de enfeites normais em qualquer mulher. Mas ergueu o queixo, sustentou o olhar, forçou-se a lembrar que ela era uma criatura forjada na batalha da vida. Assim, negou-se a experimentar mágoa ou vergonha por suas escolhas. Como uma onda a afastar-se da praia, seu sentimento de inadequação refluíu. Sua respeitabilidade e seu amor-próprio estavam assegurados.

— Minha assistente, srta. Darcie Finch — Damien tratou de apresentá-la.

— Sua assistente? É pouco usual. Em que especialidade ela o assiste? — indagou o inspetor.

A inquietação ressurgiu. Havia uma implicação negativa no tom de Trent, que restabeleceu o desconforto em Darcie.

Damien acercou-se dela, escondendo-a do olhar insistente do policial.

— Ela me ajuda no laboratório. E mora aqui sob a minha proteção.

Ao contrário do esperado, a tensão na sala aumentou.

— Uma jovem aqui dentro, sob a sua proteção? — Trent provocou.

Parecia claro a Darcie que o inspetor tentava, de propósito, irritar Damien, desafiando sua ira.

— É como eu disse. — De modo peculiar, Damien manteve a calma. O tom de voz indicou que a serenidade sublinhava suas palavras.

— Então, ao estúdio — o dr. Gramercy interveio. — Conheço sua estante e gostaria muito de saborear um copo do seu fino conhaque, meu caro Damien.

Com o nervosismo temporariamente contido, todos se dirigiram ao escritório interno da casa. Damien acomodou Darcie numa poltrona próxima da lareira, indicou o sofá para Trent e Gramercy, um em cada canto do móvel, e instalou-se na cadeira da escrivaninha, sua predileta.

Sem pressa, Damien serviu conhaque ao amigo médico, que o havia solicitado. O inspetor Trent declinou do oferecimento. Darcie, que não bebia, notou que Damien nada tinha servido para si próprio. Sentiu-se desconfortável na poltrona, inexplicavelmente temerosa do que poderia ocorrer naquele interrogatório.

Pela primeira vez, ela notou que o inspetor Trent carregava um saco estreito de pano. Ele desfez o laço e forçou o cordão que fechava o topo. Utilizou seu lenço para retirar da embalagem, cautelosamente, uma fina peça de metal prateado. Era um bisturi, semelhante ao que Darcie vira nas mãos de Damien durante as dissecações de cadáveres, bem como por ocasião da visita de ambos a Sally. Trent depôs o instrumento na mesinha baixa que estava defronte do sofá.

— Por Deus, homem! Isso é um bisturi. Claro que o reconhecemos. — O tom do dr. Gramercy foi de incredulidade, e ele desprezou a exibição do objeto com um aceno de sua mão.

O olhar penetrante do inspetor permaneceu centrado em Damien.

— E o senhor? Reconhece este instrumento?

— Assim como meu estimado colega aqui presente, sei perfeitamente que se trata de um bisturi, — Havia algum nervosismo na voz dele.

O inspetor Trent cofiou o queixo pensativamente.

— É normal que cirurgiões gravem suas iniciais em seu equipamento de trabalho?

— Sim, sim. Não é comum, mas alguns fazem isso. — O dr. Gramercy meneou a cabeça com vigor.

— Srta. Finch...

Ao escutar seu nome da boca do inspetor, Darcie sentiu-se acuada como uma raposa durante a caçada,

— Já viu este instrumento antes? — Trent indagou.

— Já vi um bisturi — ela afirmou.

— Quero dizer, este bisturi?

— Não tenho certeza.

— Por favor, examine-o de perto, se preferir. — Fez um gesto na direção da mesinha.

Para não causar problemas, Darcie inclinou o corpo e focalizou o bisturi. A lâmina estava suja, manchada com sangue ressequido. Ela estremeceu. Havia algo de terrível com relação àquela lâmina. Podia sentir isso. Intrigada, aproximou a mão da mesa e esticou o braço a fim de tocar o cabo. Antes de conseguir, assustou-se com o grito rouco do inspetor.

— Não toque, por favor. Apenas olhe.

Damien ergueu-se e foi colocar-se ao lado de Darcie, como tencionando protegê-la da truculência do policial.

— Consegue ver as iniciais gravadas no cabo? — Trent prosseguiu.

Darcie engoliu em seco. Tomando cuidado para não tocar o bisturi, inclinou-se mais e percebeu as letras gravadas no aço. Não precisava ler para tomar conhecimento delas. Com fria e massacrante certeza, sabia quais eram.

DWC. Damien Westhaven Cole.

— Este material cirúrgico foi encontrado no quintal da casa da rua Hadley, número dez — informou Trent em timbre casual, mas olhando intencionalmente para Damien. — O senhor reconhece algo de familiar nele?

— O bisturi pertence a mim. — A resposta soou pejada de impaciência.

Os dedos de Darcie se curvaram nos braços da poltrona. Os músculos dos ombros estavam rígidos e seu estômago latejava. Tão grande era a tensão que ela temeu colocar para fora todo o enorme jantar que engolira.

— Pode vir comigo, dr. Cole? — convidou Trent, observando fixamente o alvo de suas suspeitas.

Darcie ensaiou levantar-se do assento, a fim de acompanhá-lo ou pelo menos dar seu apoio, mas Damien levou a mão ao ombro dela e impediu o movimento.

— Sim, será melhor assim — ele disse. — Gramercy, faça companhia à srta.

Finch por alguns minutos. Desde já lhe agradeço.

— Não há problema, fique tranqüilo. — A face rosada do outro médico refletia sua preocupação.

A cena seguinte pareceu irreal: Trent devolveu o bisturi ao saco como se fosse uma jóia rara. Darcie ganhou um sorriso de Damien, ciente de que ele estava lhe assegurando sua inocência, embora a expressão se mostrasse alterada. Novamente, Damien apertou-lhe o ombro com os dedos, transmitindo uma mensagem de conforto. Quando saiu, seguido pelo inspetor, Darcie cobriu a boca com a mão, como bloqueando um grito de aflição.

— Não é possível — ela murmurou depois ao dr. Gramercy. — Deve haver alguma explicação...

Em silêncio, o médico a fitou, de queixo caído e ar tristonho.

— Por favor, preciso saber — Darcie insistiu. — O que aconteceu na universidade? O senhor fez referência a um episódio que...

— Não posso contar. — Ele balançou a cabeça, reforçando a negativa.

— Ou não quer contar — ela desafiou, antes de levar as mãos ao colo e atritá-las obsessivamente. Os dedos da direita se abriam e fechavam sobre os da esquerda, até passarem a esfregar a antiga cicatriz acima do polegar.

Darcie percebeu aquela demonstração de ansiedade. Movimentou os braços para as laterais da poltrona, onde os deixou quietos. Escolheu uma expressão serena, forçando a agitação para fora de sua mente. O pânico não lhe faria nenhum bem no momento. Precisava pensar claramente na evolução dos fatos.

Pouco depois, ela levantou-se e cruzou a frente do dr. Gramercy. Ele a observou calado, apreensivo. Após uma pausa, Darcie falou:

— Por favor... — Mais que um pedido, era uma súplica desesperada.

— A senhorita poderia ouvir o caso da universidade por aí.

Darcie ocupou o canto vago do sofá em que o médico se mantinha, de modo a olhá-lo bem de perto.

— Talvez, mas prefiro ouvi-lo do senhor — ela se apressou em dizer.

— Bem, suponho que seja verdade. — Uma máscara de tristeza seguiu-se a suas palavras. — Primeiro, havia aquela jovem pobre de Edimburgo. Damien estava de visita à Escócia, acompanhando as conferências de um famoso anatomista, o dr. Barrow. Este vendia ingressos para as suas aulas de dissecação. Geralmente, até os nobres compareciam. Era um espetáculo e tanto, ouvi dizer.

Darcie esperou, paciente, que o dr. Gramercy se aprofundasse em suas memórias perdidas.

— Só sei disso por meio de boatos, a senhorita entende — ele continuou. — Consta que houve tumulto durante uma conferência a que Damien compareceu. Ele desafiou o dr. Barrow, criticando suas idéias e conhecimentos científicos. Veja, Damien somente permitia que estudantes de medicina assistissem às suas aulas de anatomia. Nunca aceitou meros curiosos, muito menos vendeu ingressos para as aulas práticas. Damien e o dr. Barrow discutiram

pesadamente. Mais tarde, naquela noite, a filha de Barrow foi encontrada com a garganta cortada.

— Por certo o senhor não pensa que... — Darcie falou, horrorizada.

— Eu não, mas as autoridades sim. Levaram Damien para interrogá-lo, porém nada pôde ser provado. De fato, o álibi de Damien era indiscutível. Depois da conferência, tinha ido a um bar junto com uma dúzia de estudantes. Todos testemunharam a favor dele. Nenhuma dúvida restou quanto ao seu paradeiro na noite do crime.

— Nenhuma dúvida? Tem certeza? — Para Darcie, alguma coisa ainda estava mal explicada.

— Embora tivessem bebido, nenhum dos estudantes se mostrou embriagado durante o depoimento. Além deles, estava no bar um nobre de Londres: lorde Ashton, ou Alton, não me recordo... O aristocrata também jurou que Damien não tinha saído do bar a noite toda. O delegado de polícia aceitou as alegações e liberou Damien, com um pedido de desculpas.

Darcie passou a andar pelo estúdio. Tateou a garrafa de conhaque na estante, mas não se serviu. Era uma maneira de manter as mãos ocupadas, enquanto assimilava as informações prestadas pelo dr. Gramercy.

— Posso lhe servir mais bebida, doutor?

— Sim, seria ótimo.

Ela marchou até o lado do amigo de Damien e reabasteceu o copo quase vazio. Ao fazê-lo, os próprios movimentos lhe pareceram estranhos, pouco familiares, entorpecida que estava pelas circunstâncias. Encontrava-se no escritório de Damien, recepcionando um visitante que não conhecia, enquanto o patrão era interrogado a respeito de um crime hediondo.

Quantas horas tinham se passado desde que se entregara a Damien e repousara nos braços dele? O que antes era um sonho parecia agora um pesadelo. Para distrair-se, Darcie recolheu a garrafa de conhaque e arrumou-a na estante, procurando manter sua compostura. Um acesso de choro não serviria para nada.

— Há mais algum pormenor — ela disse suavemente, sem ousar encarar o dr. Gramercy, mas deixando claro que sua opinião valia por um questionamento.

— Sim — admitiu o médico, num tom grave que ficou suspenso no ar.

Darcie respirou fundo a fim de exibir uma fachada de calma, embora suas emoções desencontradas a roessem por dentro.

— Aconteceu aqui em Londres, na universidade. O episódio deixou Damien bastante abalado, quase enlouquecido. — O visitante fez uma pausa estratégica. — Ouviu falar de Teresa?

— A irmã de Damien? Sim. Sei que ela morreu tragicamente, depois de agir de maneira tola e imprudente. — Darcie reencontrou a força necessária para fitar o médico nos olhos. Sentou-se no braço estofado do sofá, a despeito de desejar, no fundo de sua ansiedade, percorrer o cômodo no comprimento e na largura.

— Foi uma ocorrência e tanto! Damien trouxe o corpo da irmã para a universidade, onde se realizava uma experiência com eletricidade como meio de reviver uma pessoa. — Gramercy baixou o tom e colheu a mão de Darcie. — Compreende do que estou falando?

Ela meneou a cabeça, focalizando os dedos do médico que atritavam os seus.

— Compreendo um pouco. O suficiente, creio.

— O corpo de Teresa já estava frio, sem vida. Damien entrou com ele nos braços, aparentando calma, e o transportou até o laboratório do último pavimento. O porteiro da noite tentou barrá-lo, mas Damien passou pela entrada com absoluta confiança em si. Eu ouvi os brados do porteiro, porque estava no prédio, trabalhando até tarde a fim de atualizar alguns relatórios. Quando cheguei ao laboratório, vi Teresa na maca, atada a diversos fios, recebendo uma descarga elétrica por todo o corpo.

— Não pode ser! — Darcie exclamou. Pôs-se de pé, sem duvidar do relato de Gramercy, mas com a mente ligada num livro que havia lido e que estimulava sua imaginação: *Frankenstein*, de Mary Shelley.

Na obra, publicada em 1818 e sucesso do momento na Europa, a escritora inglesa falava de um cientista, o dr. Frankenstein, que havia produzido uma criatura com partes de cadáveres.

Para ativar o cérebro, o pesquisador empregou a energia elétrica de um raio, numa noite de tempestade. Na verdade, criou um monstro de comportamento imprevisível, que oscilava entre o bem e o mal. O monstro fugiu do laboratório para assustar as pessoas e acabou por matar seu criador, de quem ganhou o nome: Frankenstein.

O dr. Gramercy ainda segurava a mão de Darcie quando a imaginação dela parou de viajar. Então, contemplou o visitante, percebendo sua expressão de raiva e contrariedade.

— Não aceito que Damien pensasse ser possível trazer Teresa de volta à vida. Creio que a dor da perda o levou a agir inconscientemente. Por sobre a maca, ligando e desligando os aparelhos, ele tinha um olhar de desesperança que nunca poderei esquecer. — Gramercy forçou suas lembranças. — Quando tentei conversar com Damien, ele apenas me perguntou: "Qual é a vantagem dos estudos acadêmicos e da ciência se eles não tiverem aplicação prática no resgate da condição humana?".

Darcie era sensível à tentativa de ressuscitar Teresa, pois se tratava da irmã de Damien. Por outro lado, a atitude tomada por ele era um escândalo, uma blasfêmia. Quanto à sua eventual fonte de inspiração, o romance de Mary Shelley constituía uma obra de ficção, não um relatório científico. Além do mais, acabava mal.

— O porteiro da noite tocou o alarme — completou Gramercy. — Damien foi desligado da universidade. Por certo, alguns membros do conselho diretor eram seus inimigos e esperavam uma oportunidade para destruí-lo. — O médico suspirou. — E houve uma segunda jovem assassinada, nos moldes da tragédia

de Edimburgo.

— Tudo me parece um castigo muito duro para Damien — emendou Darcie. — O senhor não crê que ele buscava liberdade para seus experimentos, certo reconhecimento da sua perda pessoal? E com o equipamento disponível...

O dr. Gramercy resmungou alio e consumiu mais um gole de conhaque.

— A experiência com Teresa fracassou, mas existiam os que sussurravam que Damien estava louco. Era muito moço e corajoso. Queria mudar o mundo a partir da mudança de mentalidade dos professores universitários. Brilhante e combativo. A maioria dos colegas ficou contente com a sua demissão.

— Então, Damien foi expulso sem justa causa — Darcie ponderou.

O visitante fitou-a espantado. Não pestanejou.

— Sem justa causa? Damien foi encontrado no laboratório com o corpo da irmã, usando equipamento público para objetivos não autorizados: a ressuscitação de um ser humano. Até então, os experimentos se limitavam à reanimação de animais, e com sucesso quando não estavam completamente mortos. Depois, a partir daquela noite, jamais houve outros testes com pessoas.

— Entendo. — Darcie sorriu, aparentando otimismo. — Tudo isso não faz de Damien um assassino. Na universidade, estava tentando restaurar a vida.

— Não precisa me convencer disso, minha cara. Estou do lado de Damien.

— O último gole foi dado com solenidade por Gramercy. — No entanto, aos olhos das autoridades policiais, eleja tinha sido suspeito da morte da filha do dr. Barrow, na Escócia. — O médico espalmou a mão no ar, impedindo Darcie de apartear-lo. — Nada foi provado, porém a suspeita pesa como um inimigo. E como uma nuvem negra que persegue um homem pelo resto da vida.

Trêmula, Darcie lembrou que o inspetor Trent havia conduzido Damien a um interrogatório. Tinha pouca dúvida de que, na mente do policial, ele era suspeito de muitas transgressões. E na dela? Poderia dizer honestamente que estava certa da inocência do dr. Cole?

Com o coração oprimido, Darcie escondeu o rosto entre as mãos, mal se dando conta de que o dr. Gramercy procurava consolá-la pousando os dedos sobre seu ombro. Talvez somente uma volta no tempo pudesse restabelecer sua fé, sua confiança em Damien. Mais uma vez tentou sufocar suas restrições, mas elas não podiam ser dispersadas facilmente.

O carrilhão do corredor de entrada deu meia-noite, e Damien ainda não havia retornado. Desconfortável, Darcie mexeu-se na cadeira. Em sua mente, o toque do relógio era semelhante a um dobre de finados. Sombras e sons, nascidos nos cantos do estúdio, deixavam seus nervos à flor da pele. A lareira ardia em fogo baixo, fornecendo a única luz do ambiente.

Ela não havia pensado em acender uma vela, porque desejava ver unicamente o que estava em seu coração. Horas de silente meditação a fizeram circular em torno de uma simples questão: tinha dado seu amor, o corpo e a alma, a um assassino?

Sabia que Damien Cole costumava responder somente à sua própria consciência. Era pouco ortodoxo, anticonvencional. Darcie vira nele a expressão

da bondade, embora ciente, por experiência própria, de que um homem pode parecer aquilo que não é. Steve se convertera de pai amoroso em vil demônio, com a sanidade abalada pelo consumo de álcool.

Darcie lembrou o dia em que havia flagrado Damien no estúdio, farejando o ar inebriado com o aroma das bebidas que emanava da estante reservada às garrafas. A despeito dessa atitude estranha, ele nunca fora visto bebendo, nem naquela tarde ou em outra qualquer.

Segundo a própria insinuação de Damien, existiam noites em que ele sucumbia. Mas o que significava exatamente sucumbir? Perdia o controle de suas ações e de sua estrutura emocional? Frustrada por causa da confusão mental, Darcie limpou as mãos no tecido gasto de sua saia, acreditando que isso lhe aumentaria o equilíbrio interior. Continuava andando em círculos.

A décima segunda batida do carrilhão ecoou pela casa. Darcie imaginou ouvir o ruído da porta principal sendo aberta, o que significaria o fim de seu drama. Ela ansiava por escutar a voz de Damien, o baque de suas botas subindo os degraus. Ardia de vontade de atirar-se nos braços dele. Ninguém entrou, porém. Nenhuma figura masculina atendeu às suas preces. Apenas o silêncio.

Ergueu-se da cadeira, embrulhada nos próprios braços, o olhar percorrendo o estúdio na penumbra, pousando momentaneamente no vago contorno do aparador acima da lareira. Daí, remeteu a visão à escrivaninha de mogno, encostada na parede oposta,

A forma bem delineada de uma lamparina a óleo captou-lhe a atenção, e Darcie cruzou o aposento para empunhar o objeto e acender o pavio. Tal providência melhorou a iluminação do local, dando-lhe um brilho suave. Mas o cheiro de óleo queimado logo lhe alcançou as narinas.

O dr. Gramercy permanecia deitado no sofá, dormindo em meio a roncos altissonantes. Darcie não se incomodou. Ao contrário, ficou satisfeita por não ter acordado o médico com sua movimentação. Provavelmente, ele despertaria na manhã seguinte com torcicolo, devido ao ângulo em que a cabeça se apoiava numa almofada.

Darcie pensou em ocupar a mesma poltrona de antes, esticar as pernas e descansar. Não conseguiria, porém, repousar em paz. Cada minuto que passava sozinha se tomava enlouquecedor. Em busca de distração, foi até a janela que dava para a rua. Abriu a pesada cortina de veludo e aproximou-se do vidro, que refletiu seu rosto pálido, enrugado de tensão nervosa.

— Oh, Damien! — ela exclamou de modo comovente.

Como ele não se encontrava ali para ouvir, Darcie estendeu o braço e pressionou a ponta dos dedos contra o vidro. Fechou os olhos, na fútil tentativa de bloquear os horríveis pensamentos e as dúvidas arrasadoras que a assaltavam. Sua imaginação foi torturada por vividas imagens da cena do crime no quintal da sra. Feather.

A tétrica visão a assombrou, ondulando nas bordas de sua consciência, até transformar-se no retrato do pequeno apartamento em que Steve havia morrido, apunhalado. Reviveu o medo que sentira naquela noite distante, bem

como a evolução do receio inicial para o terror e o desespero. Por certo, Sally Booth tinha experimentado um pavor muito maior. E havia morrido, enquanto Darcie sobrevivera.

Trêmula, procurou imaginar Damien enterrando uma faca afiada no coração de Sally. Mas a visão dele a cometer um assassinato não se formou. A mente de Darcie simplesmente falhava em conceber tal ação.

Como Damien poderia ser o monstro responsável pelos crimes em Whitechapel? A simples idéia parecia absurda, grotesca.

Mordiscou o lábio inferior, enquanto os pensamentos se multiplicavam em ritmo frenético, exaustivo. O homem que a havia acariciado e possuído não podia ser um assassino. O caridoso médico que tratara da perna infeccionada de Sally, desculpando-se pela dor eventualmente causada, não podia ter tirado a vida da mesma jovem e depois extraído do tórax seu coração ainda quente.

Teria de haver, enfim, uma explicação lógica para a presença de Damien no quintal da sra. Feather naquela mesma noite. Teria de haver.

Deixando os braços caírem ao longo do corpo, Darcie ergueu a cabeça e olhou distraidamente pela janela. Segurava uma dobra da cortina, pronta para fechá-la caso precisasse deixar a noite do lado de fora. De súbito, um som fraco, o do passar de rodas sobre o calçamento, atraíu sua atenção.

Com a testa franzida, apagou a lamparina. Por causa da escuridão interna, a visão da rua tornou-se mais nítida. Suas esperanças cresceram ante a percepção do som aproximando-se da casa. Damien?

Mais de perto, Darcie concluiu que não se tratava de uma carruagem destinada a transportar pessoas, mas antes de um rústico carrinho-de-mão. Não era Damien. Esperanças baldadas. Sua alma pareceu doer de frustração.

Já ia cerrar a cortina e recuar, quando viu o carrinho parar exatamente na frente do casarão. A curiosidade cresceu diante da imagem de um homem alto, pobremente vestido, que baixava a alça condutora do equipamento até o chão. O amigo atarracado que o acompanhava aproximou-se, riu e disse alguma coisa. Aparentemente um elogio ao colega, em cujo ombro deu duas palmadas consecutivas.

O temor de reconhecer os dois homens fez Darcie suar.

Não havia dúvida, no entender dela, que ambos lhe eram familiares. Tinha visto os mesmos dois na noite em que se refugiara no estúdio de Damien. Tratava-se de ninguém menos do que os carregadores do baú, arrastado até o abrigo da carruagem do dr. Cole. Dessa vez, porém, não arrastavam uma arca de madeira. Traziam uma espécie de fardo comprido sobre o carrinho, envolto num lençol branco e amarrado com cordas, que se destacava na escuridão.

CAPÍTULO X

Foi como se lâminas de gelo envolvessem o coração de Darcie, quando ela pensou no que os fornecedores de cadáveres faziam ali naquela noite sinistra.

Ocultas nas dobras da cortina de veludo, ela continuou examinando a rua, sem ser vista. Retomando a alça do carrinho, os dois homens despejaram sua carga na calçada, e depois dividiram entre si o peso do eventual corpo sem vida que transportavam.

Os carregadores não deram continuidade a suas ações sem antes observar os dois lados da rua, assegurando-se de que ninguém os via. Aparentemente satisfeitos, saíram da linha de visão de Darcie.

Os passos eram lentos devido ao fardo que eles puxavam manualmente e os fazia cambalear. Talvez seu modo de andar refletisse um estado de embriaguez. Darcie não podia descartar essa possibilidade.

Ela saiu rapidamente da janela, tomada por um violento turbilhão de idéias. Nada lhe restava senão alimentar conjeturas. O aparecimento daqueles homens no meio da noite poderia representar o portal do apocalipse, o prenúncio de uma tragédia.

Febril, Darcie pensou em agir, mas não estava certa de que seria prudente seguir os carregadores, confrontá-los e perguntar qual era o conteúdo do fardo que seguravam, caminhando rumo ao abrigo da carruagem. Descer e encarar as duas figuras tenebrosas e anônimas, sozinha e no escuro da noite, efetivamente podia ser uma iniciativa perigosa. Em pânico, ela desistiu do plano. Aproximou-se do sofá.

— Dr. Gramercy — chamou, de início murmurando, depois aos gritos. — Dr. Gramercy!

Ele resmungou e virou-se para o outro lado, mas não acordou. Darcie acercou-se mais, disposta a sacudi-lo pelos ombros, até fazê-lo despertar. Hesitou. Indecisa quanto a incomodar o médico, acabou por abrir mão de sua potencial ajuda. Tentou convencer-se de que não havia nada de macabro no embrulho branco, que os homens carregavam, Nada que merecesse sua preocupação, pensou.

Estremeceu quando outra possibilidade diferente foi considerada. Talvez existisse de fato algo terrível na carga, e nesse caso não seria bom convocar o dr. Gramercy como testemunha?

Era de conhecimento geral, em Londres, que os anatomistas pagavam algumas valiosas moedas por corpos frescos de indigentes ou de pessoas desprovidas de uma família que reclamasse sepultamento condigno. Outro rumor dizia que os próprios coveiros do cemitério distrital desenterravam cadáveres ou ossos e os vendiam, no todo ou em partes. Era um caso de polícia, afinal, mas por que ela não atuava?

Refletindo melhor, Darcie concluiu que não precisava do dr. Gramercy para comprovar o envolvimento de Damien, se de fato ela descobrisse um corpo sem vida no volume carregado pelos dois homens, depois de abordá-los.

Comprar um cadáver não fazia de Damien um assassino, e ela abominava a idéia de fornecer ao inspetor Trent mais material para suas suposições. Melhor não envolver o dr. Gramercy na história, decidiu.

Aspirou o ar profundamente e o soltou num sopro prolongado.

Determinada a buscar resposta para pelo menos uma de suas dúvidas, Darcie marchou, resoluto, até a porta, lançando por sobre o ombro um último olhar à figura adormecida do dr. Gramercy,

Seu coração bateu rápido quando ela cruzou a sala em trevas. O estalar de uma tábua solta, no pavimento superior, a fez parar. Gelada, esperou, meditando na loucura que praticava, porque era realmente uma insanidade seguir os carregadores até o galpão da carruagem. No entanto a compulsão por descobrir o conteúdo do fardo tornou-se irrefreável. Tinha necessidade de decifrar o enigma sem tardança, ganhando assim o controle de pelo menos um item em sua vida.

Um minuto se passou e ela não ouviu nada estranho. Continuou seu caminho, quase flutuando em pés silenciosos ao atravessar o corredor da ala da criadagem. Com cautela, abriu a porta dos fundos e saiu. Rumou para a rua, sob um discreto manto de estrelas, mas teve de destrancar o portão de ferro da entrada, que guinchou.

Cada um de seus sentidos a alertava para o possível retorno dos transportadores, que haviam desaparecido naquele instante, deixando a pesada carga novamente no bojo do carrinho-de-mão. Ainda assim, Darcie aproximou-se o bastante para constatar que as bordas irregulares do veículo dificultavam a abertura do embrulho, todo envolto em cordas. Mas o cheiro, este sim, a atingiu com plena força: um aroma adocicado e podre de sangue. A repugnância subiu até sua garganta e ela sentiu ânsia de vômito.

Correndo para longe dali, Darcie pressionou o dorso da mão na boca, lutando a fim de superar a náusea que ameaçava seu autocontrole. A imagem de um filete de sangue espesso, que vazava do fardo branco e tingia o chão debaixo do carrinho, atormentou-lhe a mente.

Ali estava uma prova, então, mas era insuficiente. Precisava ver com os próprios olhos o conteúdo do embrulho, pois seu instinto clamava que haveria dentro dele um importante segredo. Contudo, pelo bem ou pelo mal de Damien, ela ainda não tinha certeza.

Recompondo-se, Darcie regressou à casa de Damien, quase colada à parede externa, e alcançou a trilha de cascalho. Felizmente, a lua provia alguma claridade entre as sombras pelas quais ela avançou, vigilante. Preferia flagrar os carregadores a ser surpreendida por eles.

Tocou sua cicatriz, na recordação de um mau momento do passado. Por isso, ponderou a hipótese de voltar à segurança do estúdio de Damien. Na noite da morte de Steve, Darcie havia chutado as canelas dos dois criminosos e escapado com vida. Para que desafiar o perigo, optando por seguir aqueles dois aterradores personagens?

Racionalmente, reconheceu que seria maluquice confrontar a dupla, mas o coração lhe dizia que a verdadeira loucura estava em deixar a oportunidade passar.

A obsessão pela verdade rasgava o íntimo de Darcie, fortalecendo sua decisão em vez de enfraquecê-la. Bracejando entre as trevas, ela avançou. Ao

cruzar o portão de ferro, rumo ao abrigo da carruagem, abaixou-se rapidamente. Na frente dela estavam os carregadores, sentados juntos à entrada do galpão. Mesmo desviando os olhos e em posição baixa, eles a viram. Os rostos espelharam surpresa. Os corpos se ergueram e, por um momento, estudaram a situação, incrédulos.

Darcie emitiu um grito rouco e recuou na trilha cascalhada, quase caindo. Movendo os braços, conseguiu manter-se de pé. Deus! Os carregadores estariam em cima dela dentro de segundos.

Esconda-se. Corra. Fuja. O alerta de Steve voltou-lhe à memória, resgatado de um passado distante.

Tarde demais. Uma certa mão áspera a agarrou acima do cotovelo. Um pânico cego a impediu de escapar para a frente, em disparada. Darcie lutou a fim de livrar o braço. Chutou a perna do homem que a manietava.

— Que diabo de mulher! Por que faz isso? — O homem baixo afrouxou o agarrão e saltou sobre um só pé, segurando a perna atingida pelo sapato de Darcie.

— Está louco, Robin? — grunhiu o segundo intruso. — Tire suas patas dela!

— Já tirei, Jack. Não vê que já soltei a moça? Só estava evitando que ela caísse.

Darcie cambaleou para trás, ofegando de tal modo que seu peito se inflava e murchava em ritmo assustador. Não gritou, porém. Aprendera, em seus tempos de Whitechapel, que um grito de socorro costumava enfurecer os assaltantes, atraindo mais cúmplices do que salvadores. Aprendera também a defender-se sozinha.

A tentação de fugir era grande e viável. Mas ela se manteve no lugar, mesmo desimpedida, porque prevalecia a vontade de conhecer a verdadeira história dos misteriosos carregamentos destinados ao laboratório de Damien. Ademais, se corresse, os homens poderiam ir atrás e alcançá-la facilmente. Então, já não seriam tão amistosos. Melhor arriscaí' um diálogo.

— O que querem aqui? — Darcie perguntou, com a esperança de soar firme e incisiva. — Chamarei a polícia se vocês não explicarem tudo.

— Veja só, Robin. Parece que o doutor terá problemas com a esposa.

— Bobagem, Jack. Ele não é casado, e você sabe.

Darcie empertigou-se ao reconhecer o sotaque das ruas de Whitechapel. Olhou de um para o outro, sentindo que o perigo se abrandara, na medida em que nenhum dos dois se aproximava dela.

— Contem o que faziam, senão... — Darcie repetiu.

— Trouxemos o fardo, e o dr. Cole nos paga à vista, na hora. — Jack balançou a cabeça a fim de enfatizar sua declaração.

Darcie voltou-se para Robin, esperando que ele detalhasse a informação. Pela maneira como a fitava, deduziu que o homem mais baixo desconfiava dela tanto quanto merecia sua desconfiança. Foi uma idéia animadora, capaz de direcionar a conversa até o ponto que Darcie queria.

Tirando seu chapéu amassado para rodá-lo nervosamente nas mãos, Robin

esticou a cabeça na direção de Darcie.

— Viemos fazer nossa entrega semanal. O doutor paga bem.

— Vocês... vocês vêm aqui toda semana? — ela se espantou. Como os moradores da casa não tomavam conhecimento de um cadáver novo por semana? E onde Damien estaria guardando tantos corpos?

O único órgão humano que Darcie vira, no laboratório, tinha sido o coração assumidamente fornecido pelo dr. Gramercy. O alheamento de todos os criados, sobretudo de Poole, à entrega regular de corpos tornava-se mais um detalhe intrigante na coleção de dúvidas que o cérebro de Darcie já armazenava.

— Semanalmente, como um relógio — confirmou Robin, orgulhoso. De repente, sua expressão mudou. — Se bem que, nos últimos tempos, o dr. Cole parece não ter tido necessidade de nós. Talvez esteja utilizando outro fornecedor.

— Fazemos um trabalho sujo — interveio Jack, contrito.

Que tipo de trabalho sujo?, ponderou Darcie. Violação de sepulturas no cemitério ou algo ainda mais sinistro? Ela o olhou de lado. Jack permanecia com o pé pousado sobre o embrulho branco. A pose, pouco formal, provocou rugas na testa de Darcie. Jack parecia estar descansando o pé num caixão de defunto.

— Há alguma coisa aí? — Ela apontou o fardo, numa mescla de medo e repulsa..

Pergunta absolutamente tola. A situação e o relato não indicavam que o saco amarrado contivesse maçãs e peras. O volume, o comprimento, as saliências no lençol branco denotavam, sem sombra de dúvida, que ali estava um corpo humano. Adulto. E morto.

— Claro que sim. — Jack sorriu, revelando a falta de alguns dentes.

Era mais velho do que Darcie inicialmente pensara, quase um ancião. Com isso, o receio dela desceu para um nível normal.

— O doutor não está disponível para recebê-los esta noite, senhores — ela falou em tom convincente. — Talvez possam voltar outro dia.

— Não há problema. Vamos subir os degraus e deixar a encomenda. O doutor poderá nos pagar na próxima vez.

Darcie nunca poderia assimilar a idéia de um corpo ser descarregado no laboratório de Damien e deixado ali sem maior cuidado. Afinal, não sabia se os entregadores possuíam algum treinamento especial para lidar com cadáveres, prepará-los e conservá-los. Não, não daria certo. E Damien poderia ficar furioso com ela se viesse a saber os pormenores do episódio.

— O laboratório está trancado e eu não tenho a chave.

Darcie havia imaginado que os dois homens levariam o corpo embora, ou pelo menos para a rua, até Damien regressar. Não só seria uma cena terrível, como um policial ou um pedestre curioso poderiam cismar com a presença, na rua Curzon, de dois indivíduos mal-encarados, obviamente estranhos ao bairro, e sua carga macabra.

— Talvez possam deixar o fardo em outro lugar.

— Outro lugar? — Jack ecoou, parecendo confuso.

Robin esfregou a palma ao longo de seu queixo marcado por pêlos de barba malfeita. O rosto dele brilhou graças a uma idéia que julgou salvadora.

— Podemos deixá-lo na cozinha.

— Ah! — Um grito escapou de Darcie. — Na cozinha é impossível.

— Por que não? A carga é bastante limpa — atalhou Jack.

— Você a lavou, para saber? — Darcie admitiu de imediato ter sido ríspida, mas a incredulidade diante da idéia resultará em nervosismo. Ela suspirou, procurando um sentido na proposta. Não havia nenhum. Aqueles dois pretendiam abandonar na cozinha um cadáver recém-lavado!

— Qual é a saída, então? — questionou Robin, deixando Darcie mais nervosa.

— Que saída? — Nessa altura, a conversa beirava o surreal, fugindo totalmente à lógica comum. Ela ergueu a mão, mostrando que não desejava ser interrompida. — Esperem, por favor. Expliquem por que lavaram o corpo.

Em sintonia, Robin e Jack olharam para ela com estranheza.

— Que corpo?

— O cadáver enrolado no lençol que está no carrinho.

— Ela deve ser ruim da cabeça — disse Robin sabiamente, tocando uma das têmporas com seu dedo indicador.

— Como a minha tia — Jack o apoiou.

— Não lavamos nenhum cadáver — Robin esclareceu. — Lavamos a roupa usada do dr. Cole, vinda do laboratório e da clínica em Whitechapel. Bem, na verdade, minha mulher lavou tudo. Nós apenas estamos trazendo a roupa de volta, limpa e passada.

— O doutor disse que, na última vez que deu lençóis e fronhas manchados de sangue para a lavadeira da casa, ela desmaiou — complementou Jack. — Fazemos esse serviço noturno para ele há quase dois anos. Não sei se o doutor faz cirurgias aqui e junta mais roupa suja. Gostaríamos de cuidar dela, também.

Robin aproximou-se de Darcie e falou perto de seu ouvido, como se fizesse uma grande confidência:

— Para dizer a verdade, precisamos do dinheiro que ganhamos honestamente. Eu, por exemplo, tenho nove netos, que precisam de ajuda.

Ele lavava roupa branca com o fim de dar uma vida melhor aos netos! Darcie sentiu que a força da realidade estava arrombando sua caixa de fantasias.

— Então, podemos levar a roupa limpa para a cozinha?

— Não! — Ela gritou, alterada.

Jack ficou desapontado e Robin deu de ombros.

— Tudo bem. Voltaremos na próxima semana. Diga ao dr. Cole que, por favor, aguarde o recolhimento das peças que porventura ele tenha separado. Vamos, Jack.

Os dois empurraram juntos o carrinho, depois de ajeitarem o fardo em cima dele. Rumaram para a calçada defronte da casa.

— Esperem! — Darcie correu atrás deles. Tinha acabado de avaliar que não

devia aceitar a simples palavra dos dois como prova. — Gostaria de ver o que existe aí dentro.

— Certo — Robin concordou. — Abaixei o carrinho, Jack.

Desfizeram alguns nós, puxaram algumas cordas e... Darcie espantou-se com a quantidade de lençóis, toalhas e outras roupas hospitalares dobradas. Tocou as de cima, abriu um vão no meio das pilhas. Sua mente girava em torno da possibilidade de que um cadáver estivesse escondido debaixo dos panos brancos. Existia espaço para isso.

— O que mais temos aqui? — ela perguntou, remexendo no material como uma investigadora. Topou com garrafas cheias de um líquido marrom-claro.

— Um homem precisa ter um meio de vida. Nós fazemos algumas entregas especiais para cavalheiros sérios. — Robin encolheu os ombros. — Conhaque francês, por exemplo. A venda não é exatamente legal, mas carregamos um pouco para atender os amigos. Um modesto contrabando...

— Estou vendo. — Darcie levou um instante para digerir a informação. — O dr. Cole é um dos que compram esse conhaque?

Jack lançou a Robin um olhar repleto de cumplicidade.

— Bem, um cavalheiro pode ter seus segredos...

Os dois homens empunharam de novo o carrinho, prontos para sair dali. Deviam julgar' perigosa aquela conversa com Darcie sobre negócios ilícitos.

— Esse carrinho — ela disse — tem um cheiro nítido de sangue.

— Claro. — Robin não se deixou atrapalhar. — Durante o dia, fazemos carretos para o açougueiro. Já tentamos vinagre e sal, mas o cheiro do abatedouro não sai. Conhece algum produto para isso?

Muda, Darcie balançou a cabeça lateralmente.

— Adeus, então. — Robin, seguido de Jack, acenou para ela em despedida e afastou-se.

Darcie permaneceu na rua por um bom tempo, depois que os homens desapareceram na esquina. Pesou o espantoso fato de que os dois rústicos entregadores, que ela havia considerado cúmplices de médicos e cientistas que estudavam a ressurreição, não passavam de prestadores de serviços de lavanderia! Uma suave exclamação escapou-lhe dos lábios, e seu coração ficou mais leve.

Em vez da maldita prova de que Damien pagava por corpos frescos, abandonados ou removidos dos túmulos, Darcie encontrara mais uma evidência de sua bondade. Havia contratado os dois homens e os remunerava para um trabalho que poderia ser perfeitamente feito em casa, desde que instrísse bem a lavadeira. Ela sorriu, contente por mais essa confirmação da decência de Damien.

De volta à porta dos fundos, usada pela criadagem, parou, com a mão na maçaneta. Os delgados fios de cabelos de sua nuca se espetaram, arrepiados. O pressentimento de que não estava sozinha ali cresceu dentro dela. Olhou nervosamente para trás, mas viu apenas sombras. A rua estava deserta.

Estremeceu, consciente de que havia sido uma rematada tolice abordar e

acusar Robin e Jack, em plena calçada, Eles poderiam ter se mostrado violentos e vingativos, por que não?

Examinou os arredores mais uma vez, sem ver ninguém, mas a impressão de que vinha sendo observada não diminuiu. Era uma sensação arrepiante, e ela se recordou de outras noites em que havia disparado pelas vielas de Whitechapel, fugindo de um inimigo real ou imaginário.

Darcie desesperou-se para retornar logo ao estúdio e à proteção da casa. Entrou e subiu os degraus correndo. No escritório de Damien, acendeu uma lamparina. Agora que se sentia em segurança, avaliou a possibilidade de que alguém a tivesse espiado do lado de fora. Qualquer consideração racional diria que ela estava muito cansada, nervosa demais, pressionada a formar opinião a respeito de tudo o que lhe acontecia. Com grande probabilidade, não houvera ninguém empenhado em segui-la.

No entanto, do fundo da consciência, uma voz lhe segredou: *e se houvesse?* Com frio, Darcie cruzou os braços ao peito e esfregou a pele úmida. Buscando uma distração qualquer, focou sua atenção no dr. Gramercy, ainda deitado no sofá, exatamente como o tinha deixado.

Coitado, ela pensou. Parecia muito desconfortável, apertado num móvel que mal lhe abrigava as pernas gordas, quanto mais a barriga. O sacrifício servia para demonstrar, sua amizade para com Damien, passando a noite ali, longe de sua casa. Quando Damien lhe pedira que fizesse companhia a Darcie, ele devia ter imaginado que a ausência do amigo seria breve.

Era hora de mandar o dr. Gramercy embora para seus domínios. Darcie estudou o melhor tom de voz, enquanto enfrentava a melancolia que a rondava, a partir da suspeita de que Damien não retornaria naquela noite.

— Dr. Gramercy — entouou em volume controlado, sacudindo de leve o visitante.

— Sim, sim, mais um conhaque — ele murmurou, ainda zozzo, sentando-se com dificuldade depois de despertar.

— Já é muito tarde — ela informou, recuando a fim de dar-lhe espaço. — O dr. Cole certamente não pretendia que o senhor passasse a noite toda aqui. Ficarei bem, e o senhor já pode procurar repouso numa cama confortável. O sofá não serve.

— Eu não estava dormindo — ele declarou, sem perceber que mentia. — Apenas descansando os olhos.

Darcie sorriu, a despeito da consciência pesada.

— Sei que o senhor, por bondade, permanecerá vigilante até a volta do dr. Cole. Agradeço sua companhia, mas eu me sinto mal por negar-lhe o merecido descanso.

Ela hesitou em continuar, incerta sobre a etiqueta social apropriada ao caso. Fazia o papel de anfitriã, na casa de seu patrão, que também era seu amante e o principal suspeito da série de crimes hediondos que o inspetor Trent investigava. Lágrimas de ansiedade e decepção brotaram de seus olhos.

O inspetor não manteria Damien retido por tanto tempo, se não

acreditasse ter um bom motivo para isso. A Darcie restava rezar para que ele não estivesse sendo submetido a nenhum constrangimento físico. A idéia de que fosse torturado a fim de confessar trouxe-lhe um gosto amargo à boca. O importante, pensou, é que Trent se equivocava ao imaginar Damien como culpado. De bom grado Darcie perdoaria o policial, desde que mandasse logo o acusado de volta para casa.

Impaciente, ela secou as lágrimas com o dorso da mão. Relanceou o olhar para o dr. Gramercy, enquanto ele se erguia do sofá e assentava a roupa. Por sorte, ele dormia profundamente na hora em que Darcie havia saído e abordado os dois carregadores. Agora, o médico continuava distraído, sem notar a aflição dela.

Angustiada, Darcie temeu a possibilidade de que o médico ficasse no estúdio, sentado, pelo restante da noite, presumindo que devia tomar conta dela. Mas a presença dele não apressaria a volta de Damien. Além disso, Darcie ansiava por um momento de privacidade, a fim de organizar seus pensamentos e definir os que podiam ser descartados.

— Tem certeza, minha cara? — indagou o dr. Gramercy com grande atraso.

Darcie simulou um sorriso, mas pelo tom de preocupação do médico, desconfiou que tivesse falhado no propósito de afastá-lo da casa.

— Sim, ficarei perfeitamente bem.

— Nesse caso, acho que já vou embora. — A voz era cantante, cheia de falsa jovialidade.

— Obrigada por me fazer companhia. — Ela engoliu um suspiro de alívio.

De repente, o dr. Gramercy colheu a mão de Darcie e fitou-a nos olhos. Ela os arregalou, surpresa. O médico abriu a boca, aproximando-a do rosto de Darcie, como se fosse passar-lhe alguma informação importante. Tensa, ela aguardou, até concluir que o dr. Gramercy tentava lhe roubar um beijo. Felizmente, desistiu e sua expressão murchou.

— Venha me visitar um dia desses — solicitou, trançando o braço com o de Darcie. — Acompanhe um velho doutor até a porta.

— Claro. Deixe-me apanhar a lamparina.

Ela não viu problema algum em descer a escada e chegar à porta principal de braço dado com o dr. Gramercy. Mais do que um gesto sociável, tratava-se de uma infusão de calor humano da qual muito necessitava.

Após a partida do amigo de Damien, Darcie ponderou o que fora feito de Poole. O mordomo não só estava ausente na hora em que devia acompanhar o médico até sua carruagem, como havia deixado o casarão nas trevas, sem nenhuma vela acesa para esperar a volta do patrão. Teria ido dormir, prevendo que Damien não retornaria naquela noite? Tal hipótese a fez tropeçar na borda do tapete da sala.

Após trancar cuidadosamente a porta, Darcie permaneceu no saguão de entrada, sentindo-se perdida. O silêncio reinante parecia ser um eco de sua própria solidão. Sem Damien, o casarão se assemelhava a uma gruta, a um túmulo, sem vida e sem coração.

Que lugar ela escolheria para si? Deveria dormir no quarto do sótão, junto com Mary, ou Damien gostaria de vê-la na cama dele, quando chegasse?

Darcie suspirou fundo. Era ridícula a questão, mais ligada ao ramo das boas maneiras do que aos sentimentos. A decisão se anunciava irrelevante, pois, em qualquer cama que ocupasse, não conseguiria dormir.

— Agora, para cima — murmurou para si mesma.

Devagar, subiu os degraus e tomou o corredor, fracamente iluminado pela lamparina que ela portava. Fez uma pausa diante do quarto de Damien, demorou-se a olhar para a porta fechada. Sentiu saudade dele, dos toques, da presença, e ainda de mais alguma coisa. Sabia, porém, que, naquele momento, uma cena íntima de amor era improvável, senão impossível.

Impulsivamente, girou a maçaneta e logo sentiu-se dilacerada. Não queria invadir a privacidade de Damien, mas sonhava com uma conexão material com ele. Estar ali, perto de seus objetos pessoais, valia por um restabelecimento da intimidade que desfrutara com o amante. E da aprovação que Damien parecia ter demonstrado quando a tinha possuído.

A escuridão envolvia o quarto. Não havia fogo crepitando na lareira vazia. A luz da lamparina que Darcie carregava produziu sombras ao longo das paredes. Ela foi até a cama de Damien, afastou um dos lances de cortina pendente do dossel que a fechava. Pousou uma das mãos na superfície fria de um travesseiro, dobrando depois os dedos sobre as penas que o formavam, desfrutou a suavidade da peça à qual só faltava o calor de Damien.

Darcie colocou a lamparina no criado-mudo e inalou o aroma do travesseiro, pressionando-o contra o nariz. Era uma fragrância de sândalo, a colônia que Damien usava. Com saudade e excitação, apertou a peça contra o peito.

A cama exibia lençóis limpos, bem passados. Mary, ou talvez Tandis, devia ter estado ali depois de seu encontro vespertino com Damien, a fim de trocar a roupa branca. Sentiu um rubor nas faces, pois seria difícil que outra pessoa, sobretudo outra mulher, não percebesse que ali se desenvolvera uma festa de luxúria. Com cuidado e carinho, recolocou o travesseiro no lugar.

Ao mover-se pelo quarto, Darcie deparou-se com os acessórios de barba de Damien: a gamela com água para fazer espuma, o pincel, a navalha fechada num estojo, o afiador de couro. Deslizou os dedos pelos objetos, imaginando acariciar o rosto do amado. Em seguida, deu continuidade à exploração e atritou a mão na cortina aveludada da janela. No estado de carência afetiva em que se achava, tudo o que tocasse lembrava um pouco a pele de Damien.

Deu um suspiro comovido e retornou à cama, onde se deitou na superfície convidativa. As mãos se deslocaram pela tábua lateral do estrado, pela madeira polida do criado-mudo. Inadvertidamente, derrubou no chão um livro de poesias que ele mantinha ali.

Por felicidade, a lamparina continuou intacta na segunda mesa-de-cabeceira. Darcie a empunhou com cautela e ajoelhou-se a fim de procurar o volume. Descobriu onde estava, em parte encoberto pelo pé posterior da

mesinha. Inclinou a luz para obter uma visão melhor e esticou o braço, em busca do livro caído. Seus dedos se fecharam em torno dele no instante em que os olhos incidiram sobre um pedaço de pano amarrotado, esquecido ou jogado debaixo da cama.

Darcie resgatou o livro por meio do tato, sem perder de vista o estranho retalho. Com a testa enrugada, ainda de cócoras, devolveu o volume à mesinha e projetou-se até o limite do estrado, quase deitada, na tentativa de alcançar com o braço o ponto distante em que jazia o fragmento de tecido.

Conseguiu. Sentou-se sobre os quadris e alisou o pano, apertando-o com as mãos contra o chão. A visão não era nítida, mas os dedos indicadores, ao passarem sobre as bordas, denunciaram algo de estranho. A forma denteada do tecido trazia à lembrança um avental ou uma bata feminina. Forçando a memória, Darcie atinou com a provável origem daquela peça. Parecia ser o pano que vira Damien girar na mão, na noite em que ela havia encontrado Mary chorando na cama. A noite em que Mary tinha sido atacada, numa presumível agressão sexual.

Darcie reconstituiu mentalmente a barra denteada da bata que Mary vestia na ocasião. Presumiu que o retalho se encaixaria com exatidão naquela roupa rasgada. Estremeceu quando formou a terrível imagem de Mary fugindo do homem que queria lhe fazer mal. Imaginou o som de uma bata sendo rasgada e o grito de Mary ao livrar-se do estuprador. A cena era horripilante.

Damien não podia ter sido o agressor de Mary. Darcie insistia nisso com a mais absoluta firmeza. Então, quem teria assediado Mary? E como o fragmento de roupa viera parar no quarto de Damien?

Ainda confusa, levantou-se e introduziu o pedaço de pano no bolso de seu vestido. Da cama, foi à janela a fim de observar a trilha dos fundos da casa, como fizera na noite do ataque à amiga.

Chegou a encostar a testa no vidro, ponderando se, realmente, apenas algumas horas a separavam do caloroso e divinal abraço de Damien. Havia sido momentos de prazer e alegria, mas agora ela estava sufocada por preocupações e por perguntas sem respostas.

A contragosto, porém de maneira inevitável, sentiu um medo crescente do homem a quem amava. Recolhendo a lanterna mais uma vez, girou o corpo e deixou o quarto de Damien, tal qual o encontrara: deserto e silencioso como uma sepultura.

CAPÍTULO XI

— Não conseguiu dormir, pobre menina? — A sra. Cook saltou da área do fogão e veio dar leves palmadas no ombro de Darcie, que, mal tinha entrado na cozinha, desabou na mesa com a cabeça apoiada nos braços. — Vou lhe dar um bom desjejum. Uma xícara de chá forte poderá animá-la um pouco.

Darcie sentiu os olhos da cozinheira, e de todos, sobre si. O aroma de

bacon com ovos permeava o ar, mas, em vez de abrir seu apetite, produziu um princípio de náusea. Ainda assim, sorriu em gratidão ao oferecimento da sra. Cook, cuja presença era bastante acolhedora.

Olhando para cima, Darcie deparou-se com o ar preocupado de John, o condutor da carruagem. Ele movia a cabeça afirmativamente, encorajando Darcie, que sopesou o fato de que, na noite anterior, havia sido elevada da mesa da criadagem para a mesa do patrão, e naquela manhã retornava à cozinha a fim de fazer suas refeições. Estranhamente, ela se sentia confortável em ambos os mundos.

Serviu-se de ovos mexidos com torradas. Prato saboroso, como tudo o que a sra. Cook preparava, porém a comida caiu como terra em sua boca, e ela forçou-se a mastigar e engolir.

Circulando o olhar pela mesa, Darcie pensou no que os demais serviçais da casa haviam captado dos eventos da noite. No mínimo, Poole sabia que Damien tinha saído na companhia do inspetor Trent, para depor na delegacia. Imaginou que tipo de histórias vicejava entre os empregados.

Levou à boca mais um bocado de alimento e, num rápido exame da sra. Cook, percebeu que ela continuava impassível como de costume. Darcie já comia melhor, e voltou a atenção a Mary, sentada à sua esquerda. Entreabriu a boca para perguntar como a amiga se sentia naquela manhã, mas percebeu-a olhando para Poole com uma expressão indecifrável no rosto. Ainda mais estranha era a forma como o mordomo olhava para Mary.

Confusa, inclinando a cabeça, Darcie testemunhou a peculiar interação entre os dois. Em geral, Poole era desagradável, arrogante ou grosseiro com relação a suas comandadas. Darcie jamais o vira sem o esgar que lhe retorcia as feições. Naquele momento, porém, o olhar fixado nas íris verdes de Mary podia ser considerado aprazível.

— John, pode me levar para ver o dr. Cole? — inquiriu em tom baixo, sentindo o ar pesado da manhã.

O cocheiro fitou Darcie, aparentemente aborrecido com o pedido.

— Na cadeia?

Ela engoliu em seco, tentando eliminar o nó na garganta. Estaria Damien preso, encarcerado como um bandido odioso, ou apenas retido numa sala limpa da delegacia central, na rua Bow, onde teria se alimentado e dormido?

A segunda hipótese seria bem melhor, claro, embora Darcie tivesse escutado rumores de que, nos porões do distrito policial da rua Bow, existiam celas-fortes para interrogatórios e até instrumentos de tortura. Era o que diziam alguns marginais de Whitechapel. Ela notou os olhares incômodos das colegas, obviamente contrárias a uma visita.

— Desejo ir à rua Bow. É possível? — insistiu. — Espero que o inspetor Trent me receba e também libere o doutor, por falta de fundamento em suas suspeitas.

— O que vai fazer lá?—indagou a jovem copeira Tandis, timidamente, surpreendendo Darcie com sua voz suave, que quase nunca se fazia ouvir. —

Pergunto isso porque o dr. Cole deve estar faminto, com vontade de saborear algo mais do que sanduíches sem gosto. Meu tio Jack também foi detido, por dívidas, e passou dez meses na rua Fleet, dormindo num catre duro e comendo pão com mortadela. Meu pai, o irmão de Jack, obteve autorização para levar à cela lençóis, cobertas e vasilhas de comida caseira. Na verdade, subornou o carcereiro.

Nervosa, a copeira consultou as outras com o olhar, captando suas reações.

—Excelente idéia, Tandis — manifestou-se Darcie, grata à preocupação da jovem criada pelo dr. Cole. — Obrigada.

— É uma boa sugestão, realmente — John concordou.

— Mas não acredito que o patrão esteja trancado numa cela. Deve ter passado a noite na sala do inspetor Trent, respondendo a perguntas e explicando-se.

— Mesmo assim — interveio a sra. Cook —, pode estar cansado e com fome.

— Deve precisar de uma camisa limpa — falou Poole, para a surpresa de todas.

— Sem a menor dúvida, ele irá gostar de trocar de roupa

— Darcie apoiou serenamente.

Já não estava sozinha na missão de proporcionar a Damien um pouco de conforto e alívio, de modo a amenizar as circunstâncias de seu depoimento na delegacia policial.

O mordomo pareceu envaidecido com a aprovação das serviçais. Seu ar superior dera lugar a uma expressão bondosa, prova de seu interesse pelo bem-estar de Damien.

O apoio unânime que merecera reforçou em Darcie a determinação de desafiar o inspetor Trent e convencê-lo a soltar Damien ou, pelo menos, permitir que o visse e conversasse com ele.

— Trent está interrogando o homem errado — Poole voltou a exprimir-se, ecoando os conceitos de Darcie. — Quanto mais cedo ele aceitar isso, mais cedo o patrão voltará para casa e mais cedo a polícia poderá deter o responsável por essa horrorosa série de crimes.

— Sim, sim — Darcie empolgou-se. — Muito bem pensado.

Enquanto isso, Mary descambara na cadeira e dobrava nervosamente o guardanapo com as mãos, deixando-o cada vez menor e mais grosso. Chamou a atenção de Darcie, que colheu os dedos de Mary, tentando deter os movimentos ansiosos. A amiga não deu sinal de parar nem de fugir do alcance da mão de Darcie. Após um momento, ergueu o olhar e a fitou, com uma dose de insistência e outra de medo. Darcie franziu a testa quando Mary afastou os dedos dela. Esperava que a colega participasse da discussão, dividisse suas opiniões. Então, ponderou mais uma vez que, quem quer que tivesse atacado Mary, estava de alguma maneira ligado aos assassinatos. Nada de racional. Apenas o instinto a levava a estabelecer tal conexão.

— Certo. — John depôs seu guardanapo na mesa e ergueu-se, sem esvaziar

o prato. — Vou arrear os cavalos. Em vinte minutos poderemos partir.

— Seria ótimo, John. Obrigada — Darcie agradeceu.

Ela relanceou o olhar pela cozinha. Movida pela sugestão de Tandis, a sra. Cook usou um banquinho e desceu do alto do armário uma cesta de vime. Começou a arrumar dentro dela um verdadeiro arsenal para piquenique: pão, queijo e carne fria. Depois de hesitar um instante, acrescentou diversas fatias de bolo e doces confeitados.

— O dr. Cole não gosta de doces — preveniu Darcie, entristecida ao recordar a conversa com Damien à mesa da sala.

— Usualmente não — retrucou a sra. Cook, a sorrir —, mas hoje pode ser o dia da grande mudança nas preferências dele.

Darcie finalizou a arrumação da cesta enrolando um guardanapo limpo na forma de um cilindro e apertando-o entre as guloseimas.

— Como acha que é o distrito policial? Escuro, sujo e úmido, creio — comentou a cozinheira.

— Infelizmente, é o que imagino — disse Darcie, mal-humorada.

Aquelas palavras ressaltavam a deplorável imagem de Damien trancado num cubículo frio e sem ventilação, ou acorrentado na cela-forte existente nos porões do prédio da rua Bow. Desprovido de sol, de ar, de sua colônia de sândalo. E, principalmente, de liberdade.

Sua visão recaiu sobre o botão de rosa, ainda fechado, que a sra. Cook ajeitava dentro de uma jarra; no peitoril da janela.

— Você me deu uma idéia, Cook. Diga a John para me esperar aqui. Vou ao parque, mas volto logo.

— Ao parque? Para quê?

— Flores. Sempre há uma vendedora de flores no portão de entrada.

— Flores! — repetiu a cozinheira, assombrada como se Darcie dissesse que ia comprar diamantes. Mas o espanto passou e Cook sorriu, compreendendo a intenção. — Sim, uma idéia adorável. Não vou nem fechar a cesta agora, esperando as flores.

— Perfeito — Foi a vez de Darcie sorrir, sentindo-se aquecida em seu ego. Levaria a Damien uma bela cesta de comida e, adicionalmente, um maravilhoso buquê de flores frescas, ainda com gotas de orvalho nas pétalas. Elas não só fariam o dia brilhar como amaciariam o coração de Trent, facilitando o diálogo com ele.

Darcie correu para cima, em busca de seu agasalho de lã. Era muito cedo, e a atmosfera levaria algumas horas até esquentar. De fato, o céu estava nublado quando ela saiu do casarão, saltando os degraus de dois em dois, e foi saudada na rua pela corneta da carroça do padeiro.

— Pão quente! Pão quente! — a voz dele anunciava. A carroça de entrega parou na casa vizinha. A menina que acompanhava o padeiro erguia um suporte feito de arame, com duas garrafas de leite. Era graciosa, com um chapéu de palha protegendo-lhe a cabeça.

Darcie sentiu a garganta fechar-se. A pitada de alegria que tinha

experimentado momentos antes evaporou-se no ar da mesma maneira como faria o orvalho das flores. A vida seguia em frente, alheia ao fato de que seu coração se achava endurecido de dor e aflição. O padeiro vendia seus pães, a garota, seu leite, e nesse meio tempo Damien poderia estar sofrendo numa cela estreita, passando por privações.

Ela apressou o passo, tomando um atalho para o Hyde Park. O som da corneta do padeiro esvaiu-se na distância e, após dobrar uma esquina, Darcie ficou completamente só. A batida ritmada dos saltos das botinas no calçamento marcava seu trajeto. Então, um outro som, quase um sussurro, a pôs alerta. Ela parou, buscando com o olhar a fonte do ruído e do incômodo arrepio que lhe percorreu a espinha. Não viu ninguém na rua deserta. Nada de incomum chamou sua atenção. Era estranho. Talvez andasse sensível demais às circunstâncias, irritadiça demais por causa das condições em que se encontrava Damien.

Com passadas firmes, seguiu caminho, ansiosa por completar logo sua tarefa e rever Damien. Só lhe era possível, por enquanto, imaginar como ele devia sentir-se, o quanto estava solitário.

Subitamente, os cabelos da nuca se imantaram e um arrepio gelado a percorreu de cima a baixo, numa sensação parecida com a que sofrera na noite precedente, em frente a casa, quando havia se defrontado com os dois patéticos entregadores de roupa, ex-suspeitos de tráfico de cadáveres.

Darcie parou outra vez, estreitou a vista tentando identificar seu perseguidor, mas de novo se deparou com a rua deserta.

Livrando-se da extravagante sensação de estar sendo seguida, retomou o rumo do parque e foi recompensada com a visão da florista, expondo sua mercadoria junto à grade do portão.

— Olá, senhorita. — A vendedora de flores sorriu e apresentou um buquê de rosas amarelas, — Quer alguma coisa bonita? Também tenho vermelhas, rosadas e brancas.

Darcie pescou uma moeda no bolso, mas hesitou ao compreender o significado de sua ação. Estava utilizando seus poucos ganhos para comprar flores! Focalizou alternadamente a florista e o dinheiro.

— Deus do Céu! — murmurou, ensaiando uma autocensura. A magnitude da transformação pela qual tinha passado a deixou lívida.

Poucas semanas antes, ela nem sonharia em gastar alguns trocados comprando flores. Vibrava de satisfação quando conseguia pagar um prato de comida. Agora, agia conscientemente no sentido de adquirir algo supérfluo. Examinou a moça das flores e a moeda na palma da mão.

— Alguma coisa errada, senhorita? — perguntou a florista.

— Não, nada. — Darcie apanhou outra moeda, a fim de completar o preço, e colocou as duas na palma estendida da vendedora, que lhe passou o buquê.

— Espere que vou lhe dar o troco.

— Guarde para você — disse Darcie, generosa apesar de suas preocupações.

— Obrigada. É muito bondosa. Gostaria de ver as rosas vermelhas?

Com um gesto de cabeça, ela descartou a oferta. Vermelho não era uma boa cor. Lembrava...

Ficou com as amarelas mesmo e tomou o rumo da rua Curzon. A impressão de que havia algo inusitado no percurso cresceu a ponto de apavorá-la. Acelerou o passo, agarrando com força os talos floridos junto ao peito.

Eram passadas humanas o que ouvia atrás de si? Ou seria apenas um produto de sua imaginação? Começou a correr, buscando a segurança do lar.

Lar. Sim, a casa da rua Curzon se tornara um lar para ela. Apesar das esquisitas idas e vindas do patrão, dos contratempos aos quais tivera de se habituar, sentia-se segura ali. Havia reconquistado, em boa parte, o prazer de viver normalmente, escapando da exclusão social, da prostituição, do frio e da fome, refazendo as condições de sua juventude na casa de Steve, ao lado de sua mãe. Agora, já podia comprar flores por vontade própria, sem depender dos outros. Talvez tomasse um saboroso sorvete cremoso, no próximo passeio.

A diferença era que a propriedade não pertencia a ela ou a parentes. Assim, não podia mudar a decoração soturna do casarão nem impor uma organização menos desgastante à criadagem. Nenhuma grande frustração. Tudo somado, devia dar graças a Deus, a Damien Cole, e sentir-se aliviada.

Não foi o que aconteceu. Uma sombra larga desenhou-se nas pedras da rua, à sua frente. Darcie olhou para cima, pedindo ajuda aos Céus, mas suspirou de desafogo quando a sombra se materializou na forma de uma carruagem e na figura do cocheiro John, a empunhar as rédeas com garbo e atenção.

Ele fez parar os cavalos, desceu da boléia e encarou Darcie, que se encolhera de pavor junto a uma parede.

— Sem susto, senhorita. Sem pressa. — A seu modo, John percebeu o medo estampado nos olhos dela e procurou acalmá-la não mais por palavras, mas por um gesto compensador: abriu a porta do veículo e deu-lhe a mão.

— Claro, claro. — Darcie respirou fundo. — Obrigada por vir me buscar, assim ganhamos tempo. Você trouxe a cesta da sra. Cook para o dr. Cole?

— Está bem aí no assento.

— Então, podemos ir. — Ela acabou de entrar na carruagem, seu segundo refúgio, e só então o pulso ficou menos acelerado.

John continuou denotando preocupação com o estado de Darcie.

— Falta alguma coisa? — quis saber.

— Falta apenas o dr. Cole, que está preso enquanto um assassino cruel espalha o terror pelas ruas da cidade.

— Concordo inteiramente — disse o cocheiro, fechando a porta da carruagem.

Instalada no banco almofadado da cabine, Darcie arrumou o ramalhete de rosas amarelas debaixo da toalha que cobria a cesta de guloseimas. Assim, a surpresa de Damien seria mais completa. Um vento frio a perturbou, e ela colocou a cabeça para fora da janela do veículo, antes de fechá-la.

Ali, do outro lado da rua, a presença de um homem coberto por capa longa

e preta afligiu Darcie. Apesar da brisa, o ar era quente e seco. Ela própria havia tirado sua blusa de lã que lhe fora presenteada por Damien. Parecia incoerente que alguém percorresse as calçadas vestido com um capote mais apropriado para proteção contra o frio e a chuva.

Mais importante, havia algo de familiar na figura de preto. Mas, quando Darcie tentou decifrar-lhe as feições, ele dobrou a esquina, adiantando-se ao percurso da carruagem. Num lampejo, ela registrou o perfil do homem e seus cabelos negros. Tinha estatura mediana, e nada de especial que pudesse intrigar Darcie, exceto a vestimenta. Ainda assim, alguma coisa a importunava no caminhante. Alguma vaga, quase perdida lembrança.

— John! — ela chamou, com a intenção de deter o avanço do veículo.

O condutor não a ouviu. Em movimento, ele tomou a mesma direção do homem visto por Darcie.

Ela afastou a cortina da janela o máximo possível, pretendendo captar um último flagrante do estranho. Ele adotara passadas largas, apenas suas costas eram visíveis. A capa negra balançava sobre o corpo aparentemente franzino, criando uma atmosfera inicial de mistério, depois de um antigo pavor. Apegada aos fiapos da memória, Darcie olhou até que o estranho desaparecesse de sua vista.

Conformada, reclinou-se no encosto aveludado do assento. Tirou da mente a figura do caminhante, para concentrar-se no que deveria dizer ao inspetor Trent, em seu apelo pela libertação de Damien.

Algum tempo depois, a carruagem fez uma parada defronte de um prédio de tijolos aparentes. Darcie inclinou-se a fim de examinar a fachada do distrito policial da rua Bow. Um lance de degraus de granito levava à porta principal. Janelas duplas também exibiam molduras de pedra polida, assim como o arco que enfeitava a entrada. Diversas pessoas se congregavam ali, perto da escada, e Darcie imaginou qual seria o problema delas com as autoridades.

John veio abrir a carruagem e ajudar Darcie a descer.

— O que faz essa gente na porta da delegacia? — ela perguntou assim que alcançou o chão, segurando firme a cesta de comida.

O cocheiro passou os olhos rapidamente pelo grupo reunido.

— Estão aguardando a carruagem de Sua Majestade, aposto.

— Como assim? A rainha vem à rua Bow? Para quê? Distendendo os músculos da face, John permitiu-se sorrir divertido com a própria anedota.

— "Sua Majestade" é o apelido da carruagem usada para trazer os marginais detidos até aqui.

— Ah, claro. — Darcie riu de sua ingenuidade.

Em seguida, introduziu a alça da cesta braço acima, até vê-la firme e segura na dobra do cotovelo. Curiosamente, qualquer que fosse o resultado da visita a Damien e do apelo ao inspetor Trent, sentia-se responsável pelo bem-estar do médico, a quem forneceria uma comida de qualidade.

Com um suspiro, ela parou antes dos degraus da porta e voltou-se para John.

— Estou com medo, meu caro. E se não me deixarem ver o dr. Cole? E se...
— Darcie vacilou, temerosa de traduzir em palavras seus pensamentos. Forçou-se a continuar: — E se o tiverem machucado?

O cocheiro, que carregava uma sacola com roupas, meneou a cabeça e apertou os lábios numa expressão de ansiedade. Mexendo no bolso interno do casaco, ele retirou uma pequena bolsa de veludo e balançou-a no ar.

— Até as pessoas honestas têm adoração por dinheiro. Podemos utilizar estas moedas para convencer algum carcereiro.

Darcie relembrou a história sobre suborno que Tandis havia contado durante o desjejum. Efetivamente, poderia precisar das moedas.

Juntos, ela e John subiram a pequena escadaria de granito e entraram na delegacia. Darcie vasculhou o saguão com o olhar. Deparou-se novamente com muitas pessoas, todas de pé, e procurou certificar-se de quem iria atendê-la, quando perguntasse onde se achava Damien. A falta de um balcão de informações, o candidato mais credenciado parecia ser o homem corpulento, de farda, sentado a uma mesa comum de madeira.

Darcie preparava-se para abordar o guarda quando uma figura familiar cruzou o saguão, trajando um bem cortado terno de *tweed*. Teve de correr, seguida por John, para alcançá-la antes que desaparecesse por uma das muitas portas.

— Inspetor Trent! — gritou, sem parar de deslocar-se rapidamente.

Ele estacou, voltou-se para Darcie, que se aproximava, e um lampejo de reconhecimento fisionômico iluminou-lhe os olhos. Não desejosa de perder o esforço realizado, ela espiou por sobre o ombro a fim de assegurar-se de que John a escoltava.

Desviando-se de um senhor obeso, que exibia um enorme chapéu, Darcie plantou-se na frente do policial.

— Vim ver o dr. Cole — ela declarou com firmeza, embora tremesse em seu íntimo. — Por favor, autorize a visita e me leve até ele diretamente.

Trent enrugou a fronte, parecendo zombar do pedido de Darcie.

Sim, o policial devia julgá-la uma mulher histérica, como muitas das que atendia no distrito, perturbada pelo anseio de ver o homem amado. Graças à sua experiência de vida, Trent havia notado, desde o primeiro momento, quando conhecera no casarão, que existia algo de diferente e especial entre ela e Damien.

Escorada em reservas desconhecidas de energia interior, Darcie precisava convencer Trent antes que ele perdesse por completo o interesse pelo assunto e decretasse o fracasso dos objetivos dela. Assim, manifestou-se depressa e sentiu que subia na consideração do agente da lei ao falar, inspirada:

— Inspetor Trent, compreendo que tenha um trabalho a fazer. Na verdade, temos metas semelhantes. Sally Booth, a infeliz mulher assassinada, era amiga de minha irmã e da patroa dela. O que mais desejo é ver o criminoso atrás das grades. Por isso, cabe-me esclarecer um ponto importante, o dr. Damien Cole não é o homem que o senhor procura.

— Uma amiga de sua irmã, a senhorita disse? — O olhar do inspetor tornou-se agudo. — Quem é ela? E a patroa? Talvez eu resolva interrogar as duas.

— Imagino que já tenha feito isso. — Darcie umedeceu os lábios com a língua. — Minha irmã é Abigail Finch, que trabalha para a sra. Feather, conhecida alcoviteira no bairro de Whitechapel. Moram na rua Hadley, número dez — acrescentou quando viu que Trent aparentava não distinguir os nomes.

Em defesa de sua credibilidade, o inspetor não fez nenhum comentário depreciativo,

— A senhorita está certa. Já falei com elas. — A declaração soou enigmática, porém.

— Suponho que sim. — Darcie novamente verificou se John continuava às suas costas. Não. Ele devia ter ido ao banheiro ou procurar um atalho a fim de chegar a Damien.

Sozinha com Trent num canto do saguão, Darcie entendeu que só contava consigo própria para convencer o inspetor a liberar a visita. Pensou na bolsinha de veludo cheio de moedas que John lhe havia mostrado. No entanto conhecia pouco o inspetor de polícia. Duvidava que ele fosse do tipo que aceita suborno.

O encontro evoluiu para o inesperado. Trent notou a cesta que Darcie carregava no braço, recoberta por uma alvíssima toalha. Ele levantou o canto do pano e viu primeiro o buquê de rosas que ela havia guardado sobre os potes de comida. Intrigado, puxou as flores para fora, prendendo os talos com os dedos.

Por algum motivo, a visão das rosas na mão do inspetor comoveu Darcie até as lágrimas. Uma eternidade pareceu transcorrer desse instante até o momento em que Trent suavizou suas feições.

— Venha comigo — ele convidou bruscamente, devolvendo o ramalhete ao topo da cesta.

Darcie acusou uma presença humana atrás de si. Girou a cabeça e deparou-se com John, que acabara de voltar para o lado dela, onde aguardava a extensão do convite à sua pessoa.

— Somente ela — decretou Trent. — Você espera aqui.

Darcie torceu para que o cocheiro não discutisse.

— Está bem, então — ele afirmou, deslizando a palma da mão pelo queixo largo e forte, com óbvio nervosismo. — Vou permanecer no saguão, com a sacola de roupas. Depois verei como fazê-la chegar ao dr. Cole. — Pensou no guarda corpulento e fardado. Por certo, ele se encarregaria disso.

Sem demora, Trent marchou até uma das portas, fazendo Darcie disparar de novo atrás dele. Era o acesso a uma escada, nos fundos do prédio, que por sua vez levava a um corredor malcuidado e sombrio. A passagem terminava numa porta trancada, vigiada por um guarda, que a abriu prontamente a uma ordem do inspetor.

Darcie sentiu-se zozza de tanto alívio. Parecia que Damien não fora levado a uma cela-forte nem torturado para confessar o que não devia. Ela ficou grata a Trent e a todos os deuses.

Segurando a porta para a visitante entrar, o inspetor determinou:

— Tem quinze minutos. — O tom rude destoou das gentilezas anteriores.

Trent não ingressou no recinto junto com Darcie. Manteve-se do lado de fora, provavelmente contando o tempo no relógio. Pelo menos, respeitava a privacidade da visita. Ao ultrapassar a soleira, Darcie deparou-se com um pequeno cômodo que continha duas cadeiras simples e uma velha, gasta mesa de madeira. Ouviu o ruído da chave trancando a saída. Por um instante, pensou que o inspetor Trent havia mentido, que não havia mais ninguém ali e que ela também estava detida.

— Darcie... — O murmúrio, em voz familiar, veio de trás dela, impregnado de contentamento. — Por que veio aqui?

Um giro de corpo, e Darcie reconheceu Damien, de pé no canto da saleta, com um dos ombros apoiado na parede. Havia tirado seu casaco e se apresentava de colete e em mangas de camisa. Os cabelos dourados se espalhavam, em desarranjo, sobre a gola branca, e os bonitos olhos cinzentos eram pesadamente ensombrecidos por um estado geral de fadiga.

Plena de alegria, Darcie deu um passo na direção dele, mas logo estacou, indecisa. Colocou a cesta sobre a mesa desgastada, sem nada explicar a respeito do conteúdo. A oferenda que trouxera importava menos do que a presença do amado.

Por um momento, emoções perceptíveis se desenharam no rosto de Damien. Assombro. Prazer. Preocupação. Por fim, ele estendeu um braço, num convite silencioso, e Darcie lançou-se ao encontro dele. Desabou no peito sólido onde gostava de se aninhar, aspirou o aroma de sândalo, sentiu o calor do corpo de Damien, desesperadamente ciente de que o amava.

Os braços dele se fecharam em torno de Darcie, e logo ela experimentou a deliciosa sensação do queixo masculino a tocar levemente o alto de sua cabeça. Darcie conhecia bem o gesto. Não se cansava da doce intimidade que Damien anunciava.

— Tive tanto medo... — ela desabafou. — Pensei que haviam levado você à cela-forte e praticado torturas, forçando-o a dar as respostas que a polícia queria.

Ele estreitou seu abraço, transmitindo a tensão que o dominava.

— Trent nos concedeu apenas quinze minutos — Darcie avisou, com a voz abafada pelas dobras da camisa e do colete de Damien.

Depois de recuar um passo, ele a segurou pela região mediana dos braços, a fim de não romper o contato. Os dedos viajaram até os cabelos soltos, que Damien gostava de afagar, enquanto a observava intensamente. Em complemento, os polegares atritaram o rosto de Darcie de ambos os lados, demorando-se nas bochechas.

— Meu Deus! — exclamou. — Ainda não acredito que você esteja aqui.

Colhendo as mãos de Damien, ela pressionou os lábios contra as palmas dele, sem parar de olhá-lo.

— Claro que estou. — A frase foi seguida por um soluço de paixão. Darcie

colou-se a Damien, deslizando as mãos pela roupa, lutando para controlar-se. Soltou seu peso de encontro a ele, gratificada pelo conforto que descobria nas formas masculinas, das quais tirava energia. — Vim dizer a Trent que ele deveria concentrar suas investigações em outro ponto e outra pessoa.

Darcie sentiu os lábios de Damien beijarem sua cabeça. Afastou-se um pouco, apenas o suficiente para ver-lhe a face. Deparou-se com uma expressão sorridente, quase radiante, mas ainda ofuscada pelo comentário que escutara, otimista demais.

Ela reagiu por meio de mais uma sentença positiva:

— Sei quem você é, Damien. Um médico generoso. Um pesquisador respeitado. Um homem maravilhoso. Você não é nem pode ser um assassino.

— Do modo como fala, você me torna inumano, acima do bem e do mal, um ser superior que não come, não dorme, não ama, não erra. Não sou Deus, Darcie, e gosto de pensar que sou humano. No entanto...

— No entanto... — ela ecoou, notando a emoção contida na voz dele.

— Quando Trent exibiu o meu bisturi... — Houve uma pausa e um esgar de dor. — Darcie, não sou o monstro que o inspetor tenta pintar.

— É óbvio. — Ela o calou com um beijo rápido, mas sentiu uma trilha de lágrimas a descer dos próprios olhos. — Você não precisa se justificar para mim.

— Não chore por minha causa — Damien rebateu em timbre grave, vindo do fundo da garganta. — Eu não mereço suas lágrimas.

Darcie meneou a cabeça negativamente. Numerosas palavras se atropelavam dentro de sua boca, ávidas por serem pronunciadas, mas ela não conseguiu proferir nenhuma. Ao contrário, tudo o que fez foi inclinar-se diante de Damien, para melhor suportar os soluços que abalavam sua estrutura.

— Eu... eu vim para tranquilizar você... — Darcie sentiu a respiração arfante enquanto batalhava interiormente por autocontrole. — Vim oferecer conforto e apoio... e boa comida.

Ela apontou a mesa onde jazia a cesta que trouxera. Damien não tardou em examiná-la, e os cantos de sua boca se curvaram num sorriso satisfeito. Entrelaçou os dedos de uma das mãos com os de Darcie, trazendo-a para perto de si, como se temesse que, depois de ofertar as guloseimas, ela fosse embora. Ignorando o conteúdo da cesta, ele a focalizou com insistência, os olhos marejados.

— Eu decepcionei você — disse enfaticamente. — Minhas promessas de proteção e amparo não serviram de nada, tão sem valor como as que fiz a Teresa. Nem mesmo posso proteger-me de falsas acusações.

Darcie lançou-se ao pescoço de Damien e enterrou os dedos nos cabelos dourados, afagando os fios sedosos em devoto silêncio. Ele baixou a cabeça até o nível dos lábios de Darcie, que reagiu, trêmula, àquela antevisão da felicidade. Ah! Sentir Damien mais uma vez colado a seu corpo, forte, vivo e quente. Jamais se conformaria em perdê-lo para a loucura em que se convertera a situação do prisioneiro.

Darcie derramou seu amor sobre ele, abriu-se a suas carícias, aos beijos de

Damien cheios de urgência. A grande mão atacava-lhe as costas em toda a sua extensão, até repousar nas nádegas firmes, apertando-as de modo a não deixar nenhum espaço livre entre seus corpos.

Com um gemido suave, ela moldou-se à estrutura de Damien, tentando alcançar uma proximidade plena, uma fusão de corpos que os manteria unidos até o fim do pesadelo.

Os contornos da saleta escura se dissiparam ante a certeza de Darcie quanto à inocência de Damien e a intensidade de seu amor por ela. Mudos, agarrados como se fossem um só, eles extraíam um do outro a energia necessária para enfrentar tantas adversidades.

Uma série de leves batidas na porta quebrou o silêncio. O inspetor Trent, ou talvez o guarda, transmitia uma mensagem: o tempo de visita estava terminando. Quantos minutos lhes restavam? Cinco? Três?

Darcie gemeu de desolação, mas Damien selou seus lábios com um último beijo, e então afastou-se. Ela identificou a sutil mudança na expressão dele, a linha estreita que a boca formou, as faces pálidas, o cansaço evidenciado por sombras roxas debaixo dos olhos.

— Escute com atenção, Darcie — Damien disse resolutamente. — Se nada der certo, existem fundos no banco, dinheiro que você poderá usar para o que bem entender.

— Não fale assim — ela bradou, voltando o rosto para o lado, a fim de que Damien não visse o renovado fluxo de lágrimas que a inundava. — Nada vai acontecer de errado. Você é inocente. O que está ocorrendo é um terrível engano, um tropeço da Justiça. As autoridades vão perceber isso, com absoluta certeza. — Darcie pestanejou de modo a livrar os olhos das gotas salgadas. — Confie em mim.

— Confiar em você... — Damien sussurrou essas palavras como se contivessem um significado secreto.

Erguendo o braço, Darcie aplicou a mão espalmada no rosto dele, com infinita ternura. Ficou à espera de que Damien esclarecesse o que pretendia dizer.

— Você, que conhece o lado escuro da vida e a natureza dos homens, ainda acredita na bondade do ser humano?

Não se tratava de uma pergunta, mas de uma afirmação, por isso Darcie fitou Damien com certa ansiedade. Em seguida, repousou a cabeça no peito dele e valeu-se da mão para roçar-lhe os músculos. Poderia permanecer assim uma eternidade, pensou, sentindo-se recompensada pelo encontro de quinze minutos.

Ela rememorou várias passagens e personagens de sua vida: o padrasto, Steve, e sua amarga traição, uma maldade que pesava em seus ombros como uma lembrança maldita; sua própria irmã, Abigail, enganada por um homem em quem confiava e arrastada a uma devastação existencial.

— Como pode confiar num suspeito de assassinato? — Damien rompeu a corrente de recordações de Darcie, e seu questionamento trouxe de volta a

terrível realidade da situação que ambos enfrentavam.

— Eu... — ela começou.

A porta se abriu com um rangido e o inspetor Trent entrou naquele pequeno espaço.

— Tempo esgotado.

Darcie enviou um olhar mortificado a Damien, almejando ganhar mais um momento para dividirem o feitiço de um toque, o calor de um abraço, a paixão de um beijo. Quando conseguiria vê-lo de novo?

CAPÍTULO XII

Darcie experimentou um agudo senso de perda quando Damien recuou, após soltá-la de suas mãos. Era possível notar as ondas de tensão que pulsavam nele. Não custava nada tentar prolongar a visita, e assim Darcie olhou firme para o inspetor Trent e abriu a boca a fim de protestar contra o reduzido tempo que lhe fora concedido e pedir mais alguns minutos.

Trent dirigiu-se ao guarda que ela havia visto antes.

— Johnson, leve o dr. Cole para outra sala. Preciso conversar em particular com a srta. Finch. — Voltou a atenção para ela e completou: — Eu pretendia ir vê-la esta manhã. A senhorita me poupou a viagem.

Com um passo à frente, Damien usou seu corpo como escudo para Darcie, ocultando-a da vista de Trent.

— Ela nada tem a ver com isso — disse com serenidade.

O inspetor pendeu a cabeça de lado, procurando enquadrar Darcie, e estudou Damien por vários segundos, com uma expressão sarcástica na face.

— Pode ser, mas devo falar com ela do mesmo modo.

Aflita com a velada corrente de hostilidade entre os dois homens, ela deslocou-se até a mesa. Apoiou a mão no tampo, com receio de desfalecer. Mas ponderou que havia cumprido seu duplo objetivo: infundir ânimo em Damien e alertar o inspetor para a injustiça de sua detenção. Não valia a pena brigar.

— Por favor, cavalheiros. Nada tenho a esconder, e se alguma informação que eu prestar servir para a identificação do verdadeiro assassino, então estou pronta a colaborar.

O inspetor deu um largo sorriso de vencedor.

— Sua gata tem garras, Cole — ironizou.

— Não sou gata de ninguém — Darcie contestou firmemente. — Mas tenho garras, sim. E inteligência suficiente para reconhecer a inocência de um homem.

— Sua fé e convicção são admiráveis, srta. Finch — falou Trent. — Para o seu próprio bem, espero que não sejam imerecidas.

Darcie aspirou o ar sentindo raiva do tom do inspetor, pois Trent insinuava que ela havia se unido a um criminoso. Desistiu de retrucar, porém, porque sua perspicácia também lhe garantia que o policial tentava enervá-la, torná-la vulnerável a perguntas às quais talvez preferisse não responder.

Limitou-se a apontar a cesta sobre a mesa.

— Por favor, leve isso para a sala onde vai ficar o dr. Cole. Não quer ver um inocente morrendo de fome, não é?

Quando o guarda hesitou, ela pediu o apoio de Trent com o olhar. Ele gesticulou, em concordância com o pedido, e Johnson empunhou a cesta. O coração de Darcie apertou-se com a saída de Damien, que fez uma parada a fim de atritar gentilmente o polegar no queixo dela.

Naquele momento especial, Darcie experimentou novamente o impulso de atirar-se no pescoço dele, beijá-lo com fervor e expulsar o medo e o desespero que ameaçavam apossar-se de seu íntimo. Ficou na intenção. Era difícil mostrar-se tão corajosa assim.

A onda de antipatia pulsou outra vez entre Damien e Trent. O médico não expressava exatamente uma ameaça, mas alguma coisa no modo como fitava o inspetor continha um alerta sutil. Irritado, ele prevenia Trent para ser justo, cauteloso e amável com Darcie. Senão, haveria consequências.

Quais? Infelizmente, Damien não estava em posição de protegê-la nem de desafiar ninguém. O inspetor é que possuía as chaves da cadeia. E ainda tinha fama de bom investigador. Por tudo isso, ele comportou-se de maneira inesperada quando, debaixo do olhar de Darcie, fitou Damien com óbvio respeito.

Estreitando a mão dela, Damien precedeu o guarda e deixou a saleta.

— Ele é bastante protetor com relação à senhorita — comentou Trent enquanto arrastava uma das cadeiras até a mesa vazia, indicando por meio de um gesto que ela deveria sentar-se. — Fico imaginando se o dr. Cole se preocupa tanto com a senhorita ou com o que pode revelar.

A isca estava lançada. Darcie condicionou-se a só falar quando fosse preciso. Por instinto, percebeu que bombardear o inspetor Trent com juras sobre a inocência de Damien seria improdutivo. O policial tinha um trabalho a fazer, e o faria em seu próprio ritmo, ao seu estilo. O tempo vivido nas ruas ensinara Darcie a ter paciência. Por vezes havia esperado horas até surgir a oportunidade de roubar uma batata para comer. Na delegacia, naquele momento, ela sentiu-se grata a tantas boas lições.

— Qual é precisamente a natureza do seu relacionamento com o dr. Cole? — foi a primeira questão apresentada pelo inspetor, ainda de pé, enquanto puxava a outra cadeira para junto da mesa.

Trent tamborilou os dedos nos próprios joelhos e Darcie reconheceu o sarcasmo nas palavras e na atitude dele. Parecia sugerir que sabia tudo, ou muita coisa, sobre a intimidade dó casal.

— Sou a assistente do doutor. — Ela manteve a resposta o mais concisa possível. Pretendia fazer o mesmo com as seguintes.

— Que tipo de assistente? — O inspetor recostou-se na cadeira.

— Eu desenho.

— O que a senhorita desenha? — Houve uma nota de impaciência, quase de ameaça, no tom do policial.

— Imagens. — Darcie conservou a calma. Nas vielas de Whitechapel, tinha encarado ameaças bem mais apavorantes que as de Trent.

Após uma pausa, ele mudou de foco.

— Contou-me que sua irmã e a sra. Feather eram amigas de Sally Booth. A senhorita a conheceu?

— Sim.

Trent concedeu tempo a Darcie, a fim de que ela elaborasse uma resposta mais completa. Como isso não aconteceu, ele continuou:

— Quando a viu pela última vez?

— Acompanhei o dr. Cole à casa da sra. Feather, onde ele foi tratar de uma ferida, uma espécie de furúnculo, na perna de Sally.

Descansando os braços na mesa, o inspetor inclinou-se para mais perto de Darcie. Num reflexo automático de defesa, ela endireitou-se, pressionando as costas no espaldar da cadeira, e assim ganhou mais alguns centímetros de distância.

— Sally trabalhava para a sra. Feather?

Darcie confirmou com um meneio de cabeça.

— Sua irmã Abigail também. E a senhorita?

— Não! — ela negou com ênfase, arregalando os olhos.

— Desculpe-me. Não tive a intenção de ofendê-la.

Era claro que ele tivera. Não por malícia, Darcie cogitou, mas antes como um meio para atingir determinado fim. Desejava provocá-la até que revelasse algum segredo, passível de ser usado contra Damien. E se contasse que o dr. Cole, com a intercessão de Abigail e da sra. Feather, a havia salvado do mundo da prostituição? Que ele constituía um exemplo de bondade e correção?

Ela repousou as mãos no regaço, a fim de que Trent não tomasse conhecimento de seu tremor. Pressentia, com razão, que ele queria deixá-la nervosa, e por isso resistiu a dar qualquer informação incisiva.

— Como se comportou o dr. Cole na ocasião em que a senhorita viu a srta. Booth?

— Como médico, e dos bons. — Darcie fixou um olhar ativo no policial.

— Não pareceu agitado? Com raiva?

— Não.

— E por acaso agiu de uma maneira excêntrica?

— Ignoro o que o senhor entende por "excêntrica".

O inspetor Trent moveu a cabeça, aparentando desânimo.

— Permita-me perguntar mais uma coisa. Viu o dr. Cole na noite em que Sally Booth foi assassinada?

— Sim, eu o vi.

— Notou nele algo fora do comum?

A contragosto, Darcie fora carregada de novo para aquela noite fatídica. Reviu na memória a camisa ensanguentada de Damien, sendo consumida pelo fogo da lareira. Havia perdido o sono por causa da cena, até que a sra. Feather lhe explicasse a origem das manchas vermelhas. Estas tinham sido causadas

pelo sangue de Marise, espalhado na roupa de Damien enquanto ele lutava para salvar a vida da jovem. Se isso representava algo fora do comum, também não era nada que pudesse interessar ao inspetor Trent.

— Francamente, nada percebi de extraordinário — ela declarou com firmeza, saindo de sua posição forçada a fim de apoiar-se na mesa.

Como Trent não recuou, ambos ficaram a centímetros um do outro, colhidos num silencioso conflito de vontades.

— Algo ocorreu que lhe causasse medo do dr. Cole? Alguma ocorrência estranha, mesmo que no momento a senhorita a julgasse sem conseqüências?

Darcie vacilou, pensando no ataque sexual a Mary, na sua bizarra convicção de que a agressão tinha conexão com os homicídios em Whitechapel. Sem pensar, levou a mão ao bolso do vestido e seus dedos se fecharam em torno do retalho de tecido preto que havia encontrado no quarto de Damien. Avaliou a hipótese de relatar o episódio a Trent, considerando a possibilidade de que ele seguiria essa pista e chegaria ao verdadeiro autor dos crimes.

Sentindo a mudança de ânimo em Darcie, o inspetor atacou como uma cobra sorrateira.

— Conte-me. — Ele aproximou-se mais um pouco, exalando cheiro de café ao respirar. Elevou a voz: — Conte-me. Não proteja o monstro assassino. Pense em Sally Booth, com o coração arrancado do peito. Pense em Margaret Bailey, com o corpo cortado como um peixe aberto.

Darcie desviou a vista, horrorizada pelas imagens que as palavras de Trent despertavam, vividas demais para serem ignoradas. Ela apertou o pedaço de pano no bolso, fechou os olhos e concentrou-se em manter o fôlego normal, evitando que a refeição matinal lhe subisse à garganta, provocando vômito. O que quer que dissesse, naquele momento, o inspetor voltaria as informações contra Damien.

Observou-o de novo, sustentando o olhar enquanto disfarçava a ansiedade.

— Inspetor Trent, não há nada que eu possa lhe informar sobre os terríveis crimes, exceto que Damien Cole não é capaz de fazer mal a uma mosca. Aposto minha vida nisso.

— Aposto sua vida? — Um misto de incredulidade e zombaria pôde ser reconhecido no tom do policial, que se recostou na cadeira e restabeleceu alguma distância entre ele e Darcie. — Talvez já esteja fazendo isso, correndo um perigo que nem imagina.

Trent bateu suas mãos nas coxas e dobrou-se de novo sobre a mesa. Reaproximou o rosto do dela, como gostava de fazer. Talvez fosse sua técnica peculiar de interrogatório. Os olhos mostraram ira quando uma batida na porta o interrompeu. Resmungou com impaciência.

Darcie observou a caminhada curta e nervosa de Trent até a porta da sala, na qual abriu uma fresta que lhe permitia conversar com um interlocutor. Fragmentos de um diálogo em voz baixa chegaram a Darcie. Ela escutou um nome, Margaret Bailey, e depois outro, Zeona Bright. O primeiro fora recém-mencionado por Trent como vítima de assassinato. O segundo, pelo que se

lembrou, tinha sido referido por Damien como a esposa devotada de um marido beerrão e imprestável.

Darcie ergueu as sobrancelhas na tentativa de recordar com nitidez a referência feita por Damien à sra. Bright. Esfregou as mãos, concentrada, e apenas sentiu a presença de Trent, de volta à mesa, e seu olhar fixo. Após um instante de reflexão, ele falou;

— Por favor, venha comigo.

Ela recorreu a suas energias restantes a fim de aparentar calma. Levantou-se com o coração batendo descontrolado. Deu um pequeno espetáculo a parte ao desamassar o vestido, e com isso ganhou tempo para domar suas emoções exacerbadas. Ponderou sobre onde Trent a conduziria, no momento em que ele gesticulou para a saída.

No corredor, Darcie viu o guarda Johnson reclinado preguiçosamente contra a parede. Ao lado, estava Damien. O coração dela pulsou com mais força ainda, de maneira quase dolorosa. Num ato de vontade, parou a fim de examiná-lo bem, pois a presença imprevista de Damien iluminava o corredor sombrio. Darcie não alimentara esperanças de revê-lo, antes de deixar a delegacia.

Certos detalhes lhe chamaram a atenção. Ele tinha vestido o casaco e transportava a cesta de comida num dos braços. Não fosse a tensão evidente nos lábios apertados, poderia se dizer que ali estava um cavalheiro pronto para levar a namorada a um piquenique.

Darcie quase riu a esse pensamento. A visão de Damien a atordoava. Ansiava por abraçá-lo e tirá-lo daquele lugar escuro e sujo, devolvê-lo à luz do sol como merecia. Sim, ele combinava com um piquenique no parque, não com uma sala estreita no distrito policial da rua Bow, sendo questionado sobre crimes horripilantes.

Damien ignorou os dois homens que o escoltavam e só teve olhos para Darcie.

— Você está bem? — indagou, expondo preocupação na voz.

— Sim, estou. — Ela só poderia dizer isso, embora seu cérebro fervesse de conjecturas e suposições a respeito das manobras do inspetor Trent.

— Vou liberar vocês dois. Já podem sair. — As palavras de Trent provocaram uma prazerosa surpresa em Darcie, sobretudo porque a proposta incluía Damien. Ela fitou o policial, entre grata e assombrada. — Acabo de saber. O guarda Soames voltou da casa da sra. Zeona Bright, que confirmou o seu álibi. — Ele dirigiu o comentário a Damien. — A senhora afirma que o senhor não saiu do lado dela na noite em que Margaret Bailey foi morta. Lembra-se da hora da sua saída, já de madrugada.

A lembrança veio plena à mente de Darcie. A sra. Bright, esposa de um alcoólatra com o pé deformado, era cliente de Damien, que fizera menção ao nome dela na noite em que Darcie o questionara a respeito de seus sentimentos. A noite em que tinham feito amor pela primeira vez.

— Entendo — declarou Damien friamente. — Não estou mais sob suspeita?

O inspetor sorriu de modo enigmático.

— Digamos que, no momento, é livre para sair, mas eu não gostaria de sabê-lo fora de Londres, numa viagem pelo continente.

— Não tenho a menor intenção de viajar. — Damien devolveu o sorriso sardônico ao policial.

Darcie alternou o olhar entre Trent e Damien.

— Uma viagem pelo continente? — repetiu, confusa.

— O inspetor não quer que eu saia de Londres, ou seja, não quer que o principal suspeito dos crimes fique fora de seu alcance imediato — Damien explicou.

Darcie não se conteve e, resmungando, caminhou ao redor de Trent.

— Não pode ser. O senhor ouviu o depoimento da paciente, assegurando que o dr. Cole permaneceu ao lado dela o tempo todo. Assim, como seria o culpado por um ou mais crimes?

O inspetor baixou a cabeça.

— É o que a sra. Bright declara agora. Mas as pessoas são falíveis. Ela pode concluir que estava enganada, afinal. — Ele abanou a mão no gesto de despachar o casai. — Johnson, acompanhe-os até a saída.

— Obrigado, mas não é preciso. Sabemos encontrar o caminho. — Damien colheu o braço de Darcie e, juntos, avançaram pelo corredor.

Ao descerem os degraus rumo ao saguão principal, trocaram um olhar significativo e, então, Darcie verificou se havia alguém atrás dela. Estavam sozinhos.

— Ele é uma pessoa detestável.

— Mas é competente em seu trabalho — Damien replicou.

Darcie ficou admirada com a surpreendente resposta dele. Parou de andar, com um pé no degrau.

— Como pode dizer isso, depois do vexame que ele o fez passar? Depois de todo o nosso transtorno?

— Nosso? — Damien sorriu, porém em seu rosto se destacavam as linhas de tensão e fadiga.

— Sim, nosso. Eu fiquei doente de preocupação. — Sem importar-se com quem pudesse vê-los, ou com o que alguém viesse a pensar, ela enlaçou Damien num abraço apertado.

— Vamos. Vamos para casa. — Ele esfregou as mãos nas costas de Darcie, com o objetivo de animá-la.

John, o condutor da carruagem, arregalou os olhos de surpresa ao vê-los entrar no saguão, desacompanhados de qualquer policial. Colhendo a mão de Damien, ele a balançou com enorme entusiasmo. O médico suportou o excesso de atenção com elegância, permitindo que John desfrutasse um instante de alegria, antes de insinuar que estava com pressa para tomar um banho e deitar-se na própria cama. Em minutos, todos estavam abrigados em segurança na carruagem.

Naquele ninho de privacidade constituído pela cabine do veículo, Darcie

sentiu-se repentinamente tímida. Girou a cabeça e dirigiu a Damien um olhar constrangido. Com uma risada abafada, ele passou um dos braços debaixo dos joelhos dobrados dela, outro à altura dos ombros, e levantou-a até vê-la pousada em seu colo.

Era bom estreitar contra si aquele corpo quente e bem-proporcionado, que o levava a fantasiar, incansavelmente, novas loucuras de amor. Havia se assustado com sua dependência erótica de Darcie. Caso terminasse preso, não teria direito a intimidades com ela ou com qualquer outra mulher. Para o espanto do dr. Cole, em menos de um dia a abstinência sexual revelou-se mais angustiante do que a falta da prática médica e das experiências em curso em seu laboratório.

Reprimindo a própria vontade, Darcie decidiu avisar Damien de algo que julgava importante.

— Você teve visitas ontem à noite. Robin e Jack.

Damien acomodou-se no assento, ajeitou Darcie no colo e acariciou-lhe o rosto com os dedos, olhando-a fixamente.

— Eles costumam vir por volta da meia-noite. Como sabe que estiveram no casarão?

— Eu os segui.

— A meia-noite? Sozinha? — O médico franziu a testa de preocupação.

— Pensei que eles tinham ligação com os cientistas ressuscitadores. — Darcie espalmou a mão no peito dele ao senti-lo tenso. — Foram muito gentis, de verdade.

— Ressuscitadores? — Damien colou-se ao encosto da cabine da carruagem, em busca de firmeza. Acompanhou, porém, o balanço de Darcie sobre suas pernas. — E se tivessem? Por que decidiu abordá-los, correndo um perigo desconhecido?

— Julguei que eles escondiam alguma conexão com os assassinatos...

— Deus do Céu! Você os seguiu e os enfrentou no meio da noite!? Onde estava Gramercy, que eu encarreguei de tomar conta de você?

— Dormindo. Mas os dois foram perfeitamente educados, depois de uma tentativa de Robin me agarrar.

Damien produziu um som rouco de protesto, oscilando entre a descrença e a exasperação.

— Não foi nada do que está pensando — Darcie atalhou. — Robin me segurou para eu não cair, Mas, se ele e Jack não lhe trazem corpos para dissecação, onde você os consegue?

— Meu material de pesquisa vem do pátio dos condenados à forca ou dos hospitais. Tudo perfeitamente legal, posso garantir.

Damien precisou segurar Darcie, instável em seu colo devido ao balanço da carruagem nas ruas de pavimento precário. Desfrutou o atrito dos seios e das coxas em seu corpo, o que potencializava sua excitação a um nível quase insuportável.

— Legal, mas não livre de polêmica. — Embora motivada a fazer sexo com

ele, Darcie tinha mais interesse em discutir e esclarecer a questão. — A Igreja e os religiosos condenam os ressuscitadores, por tentarem devolver a vida a um cadáver. Você leu *Frankenstein*?

— Quem não leu? É ficção, e por enquanto ninguém conseguiu sucesso em reviver alguém. O mais importante é que as dissecações e os estudos com descargas elétricas no organismo humano vêm trazendo grandes progressos para a medicina.

— Na primeira noite em que tomei a sua carruagem, havia um cadáver aqui dentro. De onde veio?

Damien a olhou com uma expressão indecifrável, e então posicionou-se de modo a sussurrar diretamente no ouvido de Darcie:

— Pensa que eu o desenterrei de um cemitério? Ou talvez que roubei o corpo de uma agência funerária?

— Diga-me você — ela o desafiou.

Embora ciente de que uma comporta havia sido aberta, Damien reclinou a cabeça e riu, mas para Darcie a onda de bom humor apenas disfarçava a tensão que emanava dele.

— Darcie, minha preciosidade... — Deu-lhe um rápido beijo na boca, a fim de distraí-la, depois enrugou a fronte, exasperado. — Aquele veio do hospital. O coração parou. Eu não retiro corpos da sepultura. Sou um renomado anatomista, que dá conferências em escolas de medicina por todo o reino de Sua Majestade.

Renomado anatomista. Conferencista convidado. Darcie abriu a boca com a intenção de perguntar detalhes sobre as histórias contadas pelo dr. Gramercy, vividas em Edimburgo, e sobre a demissão de Damien da universidade local, porém a fisionomia de Damien era agora tão serena, tão aberta, que ela não teve coragem de confrontá-lo com o passado. Tomara permanecesse assim, Darcie pensou.

Sorrindo, ela conduziu as mãos de Damien até seus lábios e deu um beijo em cada palma. Ele sentiu-se estimulado a fortalecer o abraço.

— Prometa-me, Darcie. Nunca mais se exponha ao perigo do modo como fez. Eu não suportaria vê-la ferida, se falhar em mantê-la segura.

O que ouviu de Damien foi motivo de densa alegria interior. A carruagem balançava, levando os dois corpos a contatos estimulantes. Fechando os olhos, Darcie sentiu os músculos de Damien contra sua carne e desejou ser possuída ali mesmo, naquele instante, porém a cabine era um local contra-indicado. Melhor aguardar, se os deuses a ajudassem, a chegada triunfal à cama dele, com dossel, colchão macio e lençóis impecáveis.

Ela, então, empertigou-se no assento, fugindo às carícias ensaiadas por Damien, cujas feições agora denotavam sono. A noite passada em claro se refletia nas olheiras roxas. Quase adormecido, ele ganhou um beijo na boca, carícia tão leve quanto o voo de uma borboleta.

Apenas quando teve certeza de que Damien ressonava, Darcie soprou algumas palavras no ouvido dele:

— Prometo amar você para sempre. Quanto à minha segurança...

Ela pensou em Abigail, que fugira de casa com um namorado casado, na época em que a mãe doente agonizava e o padrasto, Steve, perdia rapidamente o senso da realidade, despojado de seus bens materiais e atraído para o alcoolismo.

Pensou mais ainda em sua mãe, que a tinha deixado órfã, aos cuidados de Steve. O padrasto prometera cuidar dela, apesar de sua veloz queda na pobreza. No fim, ele tramara a venda de Darcie para exploradores do sexo, em troca de um saco de moedas. Lágrimas copiosas brotaram-lhe dos olhos.

— Quanto à minha segurança, querido Damien — o murmúrio foi completado —, confio apenas em mim mesma.

Darcie olhou demoradamente para seu salvador, emocionada. Damien dormia a sono solto, embalado pelo sacolejar da carruagem. Ela imaginou o que seria de sua vida se ele não tivesse vindo em seu auxílio, contratando-a como serviçal do casarão. Com grande probabilidade, estaria vendendo o corpo a homens depravados, no bordel da sra. Feather, seguindo o mesmo destino de Abigail.

Ambas, porém, tinham nível mais elevado que o das colegas de atividade. Darcie informava-se de tudo por meio dos jornais e sabia que a Inglaterra, em torno de 1820, passava pela Revolução Industrial, como foi denominada a transição de uma sociedade agrária e artesanal para outra, predominantemente urbana e fabril. O país se desenvolveu. Máquinas recém-inventadas produziam mais bens de consumo e as fábricas garantiam pleno emprego à população, embora costumassem explorar o trabalho de mulheres e crianças.

Esse processo histórico levou ao acúmulo de capitais para novos investimentos, e até mesmo Steve havia conseguido enriquecer com o fretamento de barcos cargueiros. Assim, o padrasto pudera dar a Darcie uma boa vida e educação ainda melhor.

Infelizmente, faltava-lhe habilidade com teares e demais máquinas automáticas. Ela ficara desempregada e, após a traição cometida por Steve, quando ele já havia empobrecido, Darcie viu-se relegada às vielas sórdidas de Whitechapel, onde batalhou por um prato de comida e por um canto abrigado para dormir.

Naquele bairro de Londres, ocorria agora uma cruel série de homicídios.

O detestável inspetor Trent diria que o progresso também traz a criminalidade, mas para Darcie era absolutamente impossível que o bondoso dr. Cole tivesse algo a ver com os assassinatos. Até quando pôde, ela demorou-se na contemplação daquele rosto amado.

— Dormi dentro da carruagem... — Damien disse ao despertar, movendo a cabeça com visível embaraço.

— Você estava exausto. Não tem do que se lamentar. Imagino que não conseguia dormir dentro daquela horrível saleta na delegacia. — Darcie aconchegou-se ao lado dele, desfrutando seu calor corporal, abraçando o responsável por uma fase de felicidade.

Ao chegarem ao casarão, naquela manhã, constataram uma grande atividade da criadagem, no sentido de deixar tudo muito limpo e enfeitado. Sorrisos se multiplicaram na equipe que se perfilou a fim de saudar a volta do patrão. Até Poole se mostrou excepcionalmente gratificado, o que fez Darcie sentir vontade de beliscar o próprio braço e conferir se não imaginava cenas irreais. Ela viu a expressão admirada que marcou as feições de Damien, quando o médico compreendeu que todos ali manifestavam apoio. A ele!

A surpresa do dr. Cole evoluiu para um poderoso lembrete de como tinha se distanciado de relações humanas normais. Nesse contexto, Damien resolveu apertar a mão de cada serviçal, antes de escotar Darcie escada acima. Relutante em sair do lado dele, ainda que por um segundo, ela preparou o banho quente e acabou junto com Damien na banheira de ferro, após descartar suas roupas no chão.

Em seguida, de seu lugar ao lado dele na cama, Darcie focalizou a banheira já resinada e cultivou a lembrança de momentos de intimidade regados a água.

— Amanhã vamos às compras — Damien anunciou. — Nunca mais quero ver você vestindo roupas pretas. Se eu não fosse tão negligente, já teria abastecido o seu guarda-roupa semanas atrás.

Enrugando a fronte, Darcie moveu-se a fim de encontrar o olhar dele. Bateu-lhe no ombro, a simular raiva.

— Não insulte o homem que eu amo, pois ele não é negligente.

Isso provocou um sorriso largo em Damien, que a olhou com tal emoção que os nervos dela se esgarçaram. Aqueles olhos pareciam sondar as profundezas de sua alma, e debaixo de tal exame, Darcie atinou com o pleno significado do que acabara de dizer: *O homem que eu amo*.

Houve um instante de mútua compreensão, no qual cada um deu-se conta do progresso afetivo que a declaração de amor tinha causado. As palavras haviam sido pronunciadas espontaneamente, mas a emoção implícita nelas era pura. Ambos sabiam disso.

Darcie já havia se declarado antes a Damien. Uma voz insidiosa, porém, no fundo de sua mente, lembrava que ela afirmara seu amor quando Damien dormia dentro da carruagem, enquanto não existia risco de ele desapontá-la com uma atitude de rejeição. No quarto, como reagiria se Damien se furtasse de qualquer comentário? Aprovador ou não, feliz ou infeliz, Darcie preferia ouvir o amante a permanecer na dúvida.

Ela desviou a vista de Damien, focando as brasas que crepitavam na lareira. Percebeu a magnitude de seu erro ao verbalizar o que sentia por ele, confessando um segredo ainda guardado em seu coração. Com sua declaração de amor, Darcie havia mudado toda a situação. Uma pontada aguda feriu-lhe o peito.

Por quase uma vida, ela havia confiado em Steve, e ele a vendera para a prostituição. Era uma lição bem aprendida, impossível de esquecer. E agora, tolamente, havia entregado seu mais profundo amor a um homem.

Não, mais *do* que um homem. Tratava-se de Damien, e pelos caminhos da

razão, estava convencida de que não podia confiar em ninguém. Incapaz de suportar o silêncio, Darcie colocou os pés para fora da cama e ergueu-se, enrolada num lençol.

— O fogo da lareira... — tentou justificar-se. — Vou aumentá-lo...

Cruzou o aposento, empunhou o atizador metálico e quebrou alguns pedaços de carvão, tão energicamente que algumas cinzas voaram em sua direção. Recuou depressa, colidindo com o sólido corpo de Damien. Ele havia se aproximado em silêncio, por trás dela.

Os dedos quentes de Damien se fecharam nos ombros de Darcie, fazendo-a voltar o rosto para encará-lo. A garganta seca a incomodou. Estava tendo dificuldade em respirar. O pânico se insinuou em seu íntimo. Teria de dissimular o desconforto, esquivar-se de Damien, a fim de não parecer que fazia uma espécie de chantagem afetiva contra ele, cujo frio autocontrole conhecia bem.

O que ela fizera com um relacionamento razoavelmente satisfatório?

— Darcie, olhe para mim. — Damien pôs o polegar no queixo dela, como gostava de fazer, e depois espalmou a mão na face cálida.

Darcie molhou com a língua os lábios ressequidos. A sensação era de que caíra numa armadilha montada por ela mesma.

— Do que tem medo? — ele indagou, com um intenso brilho nos olhos,

Darcie pestanejou, procurando assimilar o significado da pergunta, porque Damien havia ferido a lógica, e ela não conseguia acompanhá-lo.

— Não compreendo — limitou-se a dizer.

— Sei muito bem como é viver sozinho, sem amor. Sou o único culpado pela morte de minha irmã. Sem Teresa, minha vida se tornou vazia. Eu me fechei para o mundo, desenvolvi experiências que talvez um dia possibilitem fazer reviver pessoas maravilhosas como ela.

Damien pressionou os dedos sobre a boca de Darcie, barrando um protesto. E prosseguiu:

— Movido pelo remorso, pela depressão, decidi controlar a ferro e fogo meu lado afetivo. Melhor privar-me de emoções do que sofrer a agonia de novas perdas. Melhor manter os relacionamentos num nível formal do que sucumbir a uma catástrofe interior. Em pouco tempo, concluí que era fácil privar-me de qualquer sentimento e impedir que as pessoas, sobretudo as mulheres, criassem expectativas a meu respeito, expectativas que só causariam decepção.

Darcie sentiu-se como nadando em águas turvas. Não podia entender.

— Era fácil? — ela ecoou. Então, ele não a amava nem aceitaria seu amor. Para Damien, abrir-se ao afeto significava abrir-se à dor. Isso Darcie compreendia.

As mãos apertaram as dobras do lençol que a cobria, amassando o tecido. Chegou a pensar que estava doente. Damien lhe perguntara do que tinha medo. Ali jazia o nó da questão. Ela temia a dor de perdê-lo, receava o vácuo que sua vida se tornaria sem ele.

De repente, Damien caiu de joelhos na frente de Darcie, pousando a cabeça

na fina camada de pano que lhe cobria o ventre. Ela conseguiu respirar fundo e recuperar o fôlego. Colocou a mão nos cabelos macios dele, mas, indecisa, proibiu-se de lhe tocar o corpo.

— Tenho medo de perder você. — A voz de Damien soou como um eco do que a própria Darcie pensava naquele instante.

Os batimentos cardíacos dela dispararam. Poderia cogitar uma arritmia, caso todas as emoções não estivessem concentradas no homem a seus pés. Darcie apertou a cabeça de Damien contra o próprio ventre, e a expectativa de entrega e posse aumentou.

— Mais do que perdê-la — ele acrescentou —, temo jamais ter você completamente.

Um leve gemido escapou dos lábios de Darcie, carregado por uma indomável esperança.

— Eu amo você de verdade — Damien completou, e a frase soou estranha em sua boca. Ele deu uma breve e abafada risada, como se tivesse se livrado de um peso e já pudesse entrever a liberdade. — Meu Deus, como eu a amo! Com tudo o que sou.

Damien estreitou as pernas de Darcie e então olhou para cima, antes de continuar;

— Você se tornou meu ar, minha vida. — Agora, as palavras fluíam com facilidade. — Você pensou que eu roubava cadáveres dos túmulos para ressuscitá-los, mas realmente é você quem deve ser chamada de ressuscitadora, porque me resgatou de uma tumba escura e me fez reviver, salvando-me do desespero e da solidão.

Darcie agachou-se no tapete grosso, amparada pelas mãos fortes de Damien. Ele a agasalhou contra seu peito. Os batimentos dos dois corações se confundiram. Comovida, ela percebeu que tivera extrema necessidade de ouvir a confissão de amor por parte de Damien. Entretanto, mais importante do que isso, as palavras dele o haviam libertado do passado.

— Eu amo você — Damien murmurou, com os lábios tocando delicadamente os cantos da boca de Darcie. Sorriu antes de complementar: — Como você me ama.

— Mas eu o adoro — ela disse, sentindo que os pensamentos rodavam numa estonteante órbita de felicidade.

Firmando entre as mãos o rosto de Darcie, Damien apartou-lhe com o polegar o lábio inferior e convocou-a para um longo e ardoroso beijo de boca entreaberta.

Ele movimentou-se de modo a colocá-la debaixo de seu corpo, mas ela resistiu. Pressionou os ombros de Damien até remetê-lo de volta ao tapete, sentado. No entanto não o poupou de seguidos beijos no queixo, no tórax, no ventre plano. Valendo-se da língua, Darcie retraiu a fina linha de pêlos que partia do umbigo e abaixou a cabeça ainda mais.

Damien murmurou-lhe o nome, excitado. Afagou os cabelos soltos que vazavam de seus dedos, permitindo que Darcie fizesse com ele o que bem

quisesse. Ela deleitou-se com o prazer de dar prazer ao seu amado.

Com um grunhido, Damien afastou de suas pernas a cabeça de Darcie. Beijando-a de modo voraz, levantou-a no colo e depositou-a na cama. Ela abriu-se para ele, dando as boas-vindas ao momento da entrega e da posse.

— Minha Darcie — murmurou Damien, atordoado com a satisfação dos instintos. — Meu amor...

Ela se arqueou a fim de proporcionar mais espaço e mais selvageria à relação, até que, em sincronia, ambos coroaram o contato íntimo com gemidos profundos.

Horas ou apenas minutos depois, Darcie ainda jazia debaixo do peso gratificante de Damien. Certa vez, na juventude, ela tomara um gole de champanhe. As bolhas tinham efervescido por todo o seu corpo, tornando-a zozna e alegre. Sentia-se exatamente assim naquele momento, como se flutuasse numa nuvem.

— Até você entrar na minha vida, eu era solitário, preso num inferno gelado, tendo apenas os meus demônios por companhia. — Damien suspirou junto à base do pescoço de Darcie. — Uma existência amarga e precária, que eu mesmo não soube reconhecer.

Apoiado nos antebraços, ele retirou de cima de Darcie a maior parte de seu peso. O encontro de pele com pele prosseguia na altura das pernas e dos ventres, que, colados um no outro, propiciavam uma sensação ímpar de eterna bonança.

— Sabe o que é o pior de ser sozinho? — Damien indagou, para ele próprio responder em seguida: — E que não existe ninguém que se preocupe com você, nem se está vivo ou morto.

Darcie suspirou, exprimindo sua concordância.

— Em diversas noites — ele continuou —, eu mesmo não me incomodava com a solidão. Depois que minha irmã morreu, tudo mudou. Comecei a beber para esquecer. Não para esquecer Teresa, mas sim minha responsabilidade pelo que aconteceu com ela.

Damien precisou tomar um pouco de fôlego antes de prosseguir:

— Lidar com doentes e cadáveres não ajudava em nada. Fiquei obcecado pela idéia de que a vida era efêmera e merecia ser bem vivida. Pensei em abandonar tudo ou, pelo menos, não clinicar nem operar mais, sobrevivendo apenas como professor.

Nova pausa para reflexão, e Darcie manteve-se atenta, agradavelmente surpreendida pela longa confidência.

— Então, certa noite, lembrei-me de como a sra. Feather tinha tentado salvar Teresa. Não havia a possibilidade de esquecer sua boa ação. Num impulso, decidi abrir um consultório em Whitechapel, em memória de minha irmã. Fez-me bem cuidar de pessoas necessitadas.

Darcie afagou o rosto de Damien, desejando que ele não tivesse sofrido tão grande perda.

— Às vezes encho um cálice de conhaque e observo o líquido âmbar contra

a luz. Aspiro o aroma da bebida, que confundo com uma promessa de esquecimento. Vejo aquilo que me tornei quando escolhi o caminho da bebida. Desde aquela noite em Whitechapel, não tomo mais álcool. Nunca tomarei, e queria que você soubesse.

— Acredito em você — Darcie finalmente interveio, e falava isso de coração, convencida da abstinência adotada por Damien.

Contudo, um canto escuro de sua alma abrigava a semente da inquietação. Era sua incapacidade de confiar por inteiro em outra criatura humana. Num esforço deliberado, ela baniu a má sensação. Nada deveria arruinar o precioso momento que estava vivendo.

CAPÍTULO XIII

Bem mais tarde, Darcie acordou ao som do relógio de carrilhão. Parecia-lhe próxima a noite anterior, quando, sentada no escritório, aflita com o possível destino de Damien, ouvira as doze badaladas, comparáveis a um dobre de finados. Agora, porém, ela se achava perto do amado, e a música do carrilhão lhe soou leve e doce. Sorriu de contentamento no instante em que Damien, agitado no sono, jogou um braço sobre seu busto. Ele não se mexeu mais do que isso.

Pelo ronco do próprio estômago. Darcie sentiu que estava com fome. Enquanto Damien tinha devorado a farta refeição que a sra. Cook lhe entregara numa bandeja, deixada à porta do quarto, ela não havia engolido nem um pouco de comida, pela primeira vez em tempos recentes.

Cuidadosamente, ergueu o braço de Damien, deslizou por baixo dele para fora da cama e foi até a lareira. Damien adicionara achas de lenha antes de ir dormir, acautelando-se para que o fogo não se extinguísse.

Com o atizador, Darcie reavivou as brasas e viu-as arder com novo vigor.

Deslocou-se para a mesinha em que havia as sobras do jantar para dois. Espantada, constatou que Damien tinha consumido o próprio prato e também o dela. Na bandeja, não restavam mais do que migalhas de pão.

Darcie olhou para a cama e pensou em driblar o apetite desfrutando novamente o calor de Damien. Confrontou a vontade de comer com o desejo de voltar a deitar-se, pôr-se debaixo das cobertas e estimular o companheiro para mais uma cena de deliciosa intimidade.

Teria ambas as coisas, decidiu. Primeiro, a refeição. Depois, um veloz retorno a seu ninho de amor. Em silêncio, de modo a não perturbar o sono de Damien, vestiu-se e saiu do quarto, pé ante pé.

Na cozinha, tratou de preparar um prato grande de carne fria e queijo. Mal terminou de alimentar-se, teve a atenção atraída para as rápidas passadas de alguém, no saguão. Darcie ergueu a lamparina e foi verificar o que ocorria no estreito corredor, mas não encontrou ninguém ali. Intrigada, ia retornar à cozinha quando ouviu outra vez um ruído estranho, procedente dos fundos da

casa, perto da escada utilizada pelos serviçais.

Darcie seguiu o ruído, movendo a cabeça ora para a direita, ora para a esquerda. Apressou o passo, porém se deteve logo que alcançou os degraus. Tornaram-se visíveis, acima dela, a barra de uma saia e o par de botinas que subiam os degraus. As botas de Mary, pensou. Disposta a chamá-la, Darcie hesitou, e nesse momento um segundo ruído veio da área à sua frente.

Com um sopro, apagou a luz e misturou-se às sombras, refugiada debaixo da escada. O barulho de passos, lentos e compassados, ecoou dentro do silêncio. Hirta e trêmula, Darcie colou-se à parede, vergada a fim de caber no espaço, e rezou para que a escuridão a ocultasse de qualquer intruso. As passadas, no entanto, ficavam cada vez mais próximas.

A sombra de um homem, alongada e estreita, desenhou-se no chão. Formada pelo luar que banhava a casa, a mancha negra anunciava a chegada do possível invasor. Darcie rilhou os dentes, focando a forma da sombra. Havia algo familiar no modo como o homem pisava, em sua altura, seu tamanho...

Poole! Não se tratava de nenhum intruso ou invasor, mas do próprio mordomo do casarão. A idéia de que Poole e Mary se encontrassem em sigilo, no quintal e depois da meia-noite, era tão improvável que Darcie quase riu. Então, aconteceu um lampejo de percepção.

Poole tinha acesso a todos os pertences de Damien, incluindo os instrumentos cirúrgicos. Era um homem grande e forte. Poderia ser o autor do primeiro ataque a Mary? Essa questão foi seguida por outras, dentro da mente confusa de Darcie. Quem agredia uma mulher também não seria capaz de matá-la?

Suas pernas fraquejaram. Era como se ela não tivesse mais ossos no corpo. Agachada junto à parede, Darcie testemunhou a hesitação de Poole no primeiro degrau, mas logo ele decidiu-se e caminhou para longe da vista dela. Abraçando os próprios joelhos, Darcie sentou-se sob a escada, suportando o frio do chão, que quase congelou suas nádegas.

Não tinha importância. Ela podia ter identificado o monstro de Whitechapel. Pelo menos, Poole era um forte candidato, devido, sobretudo a seu acesso fácil ao bisturi de Damien, passível de ser apanhado por ele a qualquer momento.

Descrente das próprias conjecturas, Darcie balançou a cabeça. Por certo, não gostava de Poole. Ele havia sido desagradável com ela desde o começo, e sua maldade intrínseca se convertera em indiferença. O mordomo era frio, calculista e até grosseiro, porém a grosseria, por si só, não fazia dele um assassino. Para estrangular e estripar mulheres da vida, precisaria apresentar taras inomináveis. No entanto, por que Poole seguia Mary pelo quintal escuro?

Darcie lembrou-se do retalho de tecido preto que guardara no bolso, depois de encontrá-lo no quarto de Damien, debaixo da cama. Trouxe a tira para as mãos e o som de sua respiração raivosa encheu-lhe os ouvidos, ensejando uma sensação de fúria. Não, não cederia ao medo. Surpreendentemente, não tremia nem se dispunha a sofrer arrepios diante de qualquer possível

adversidade.

Ao erguer-se, reconfortada com a sua aparente coragem, ela devolveu o pedaço de pano ao bolso do vestido e regressou ao casarão. Subiu dois lances de escada a fim de chegar ao quarto que dividia com Mary.

Encontrou o aposento em trevas, mas pôde distinguir uma forma humana espichada numa das camas. Foi sentar-se no seu colchão, sob a janela, e dobrou as pernas debaixo do tronco. Correu os dedos pela superfície do cobertor. Sentiu ali uma âncora no mar instável de suas incertezas.

— Mary, sei que está acordada — falou, ansiosa por conversar e descobrir pistas.

— Infelizmente — resmungou a amiga. — Gostaria de estar dormindo e nunca mais despertar.

— Não diga isso, Mary.

A colega soluçou e sentou-se na cama, ajeitando a coberta sobre os ombros e as costas. Darcie vasculhou a escuridão, preocupada com os acontecimentos e com sua segurança. O que seria dela se deparasse com Poole, em meio a um acesso de fúria assassina?

— Tudo bem, não falei sério. Fui abençoada, ou talvez amaldiçoada, com um forte apreço à vida. Mas quem sabe isso não passe de um medo desproporcional da morte. — Mary estendeu o braço até o criado-mudo. — Aqui está. Vou acender a vela.

A luz precária do pavio oscilou, levando Darcie a piscar. Um segundo, porém, bastou para que ela se ajustasse à fraca claridade.

— Mary, o que você estava fazendo lá embaixo, andando como um fantasma?

A amiga reagiu à pergunta meneando a cabeça desconsoladamente, com o rosto convertido numa máscara de apreensão. Também o olhar se desviou.

— Por favor, Mary. Eu só quero ajudar você.

Baixando a vista, Mary passou a recolher, meticulosamente, migalhas de pão caídas no cobertor.

— Não há ninguém que possa me ajudar. O que fiz... está feito.

Darcie fitou a amiga cabisbaixa, procurando uma maneira de confortá-la. Desconfiou de que existiam mais motivos para aquele abatimento do que o ataque à sua pessoa. Era óbvio que ela suportava um pavor crescente de algo ainda desconhecido.

— Do que tem medo, Mary? Conte-me. Falarei com o dr. Cole e tudo ficará bem. Além disso...

— Ele não é o tal! — gritou Mary, cortando a frase de Darcie.

Diante da declaração misteriosa, Darcie sentiu o coração apertado e dominou a vontade de abraçar Mary e atritar-lhe as mãos com o fim de acalmá-la. Preferiu escolher com cuidado as palavras certas para continuar o diálogo.

— Ele não é o tal... Não é o que, Mary?

— Você sabe.

— Está querendo dizer que o dr. Cole não é o assassino de Whitechapel? —

Darcie praticamente sussurrou a pergunta, empenhada em não assustar Mary.

Depois de encolher os ombros, Mary lançou à amiga um olhar questionador.

— Como posso ter certeza? — interrogou.

— Então, o que você quis dizer? — Darcie esforçou-se para manter o tom amistoso.

— Não foi ele quem me machucou.

— Disso eu já suspeitava. — De fato, a revelação não abalou Darcie nem um pouco. — Quem a atacou, Mary? Foi Poole?

Além de arregalar os olhos, Mary ficou pálida de modo visível mesmo na penumbra do quarto. Moveu a cabeça freneticamente.

— Não me pergunte sobre Poole! Eu não posso dizer nada! Não me peça isso!

Darcie pestanejou, ponderando por que a simples menção a Poole havia causado tanta angústia e revolta na amiga.

— Tudo bem, Mary. Não precisa me dizer nada, se não quiser.

Contrafeita, Darcie recordou o comportamento de Mary e Poole naquela manhã, quando Damien havia voltado da delegacia para casa. Um calor suave se plantara nos olhos do mordomo ao focalizar a criada. Naquele momento, Mary não aparentava ter medo dele. Era frustrante não entender, nos pormenores, o que vinha ocorrendo, e Darcie procurou achar algum sentido em tudo aquilo.

Subitamente, Mary levantou-se da cama, carregando a coberta junto ao corpo. Em seguida, deitou a cabeça no ombro de Darcie, sem deixar de proteger as costas com o cobertor.

— Você já desejou voltar a ser criança? — indagou com a voz embargada. — Criança pequena o bastante para desconhecer o que é o medo ou a mágoa?

— Às vezes — Darcie confirmou, disfarçando a perplexidade. — Mas, quando penso na menina que fui, fico contente por ser agora muito mais forte do que ela era. — Estava sendo sincera, ciosa da verdade do que dizia. Julgava-se mais resistente na idade adulta do que havia sido quando criança, mais capacitada para enfrentar os percalços da vida.

— Nunca fui muito forte — replicou Mary. — Gostaria de ser, mas na maior parte do tempo sinto medo.

Condoída com essa afirmação, Darcie meneou a cabeça. Lembrava-se bem do passado recente, quando ela também havia ficado vulnerável ao pavor. Felizmente, por um curto prazo.

— Ah! Quase me esqueci. — Mary ajoelhou-se perto da cama de Darcie e recolheu uma caixa pequena de madeira, escondida sob o estrado.

O comportamento dela continuava estranho, mas Darcie esperou calada que Mary se manifestasse a respeito da caixinha. Simplesmente, como se nada houvesse acontecido antes, ela mostrou uma carta.

— Pode ler isto para mim? Chegou hoje de manhã. — Mary sorriu ao entregar o papel dobrado a Darcie. — Nunca recebi uma carta.

Aproximando-se da vela acesa, Darcie abriu a correspondência. Logo

notou a letra delicada, feminina, em que vinha escrita. Depois, leu em voz alta:

Querida Mary,

Eu deveria ter escrito antes, mas, por causa do meu bebê recém-nascido, não sobrou tempo. O dr. Cole foi muito bondoso e indicou meu namorado, Warren, para um emprego no campo. Agora, estamos casados e vivemos numa boa casinha. Minha menina se chama Felicidade, pois foi isso o que ela me trouxe.

Nunca imaginei que o dr. Cole fosse tão generoso. Naquela manhã em que ele me encontrou na copa e ordenou que eu empacotasse meus pertences, pensei que estava me despedindo, sem nenhuma referência. Ao contrário, o doutor me conduziu até aqui, ao sítio da sra. Farrell, uma amiga dele que precisava com urgência de um casal de caseiros. Meus sonhos se realizaram. Mas não houve como me despedir de todas vocês. Lembranças a Cook e a Tandis.

Sua amiga de sempre, Jane McBride

A desaparecida Jane! Não estava morta. A carta, embora com atraso, explicava os motivos de seu sumiço. Ela vivia feliz no campo, com o marido e uma filha. Tudo isso graças a Damien, Darcie ficou sabendo.

— Meu Deus! — Mary murmurou assim que a leitura terminou. — Todos esses meses. Pensei que Jane tivesse morrido e que o dr. Cole poderia ter... — Ela calou-se, com ar envergonhado. — Bem, era uma boa história que alguém inventou para me assustar à noite. Jamais acreditei que o dr. Cole pudesse...

— Apossar-se de cadáveres para pesquisa? — Darcie desafiou, e Mary fingiu que não havia escutado.

— Estou muito contente por saber que Jane está bem e feliz.

Darcie sorriu. Ao menos o mistério do desaparecimento de Jane McBride estava solucionado. Ela havia engravidado do namorado, Warren, e Damien ajudara os dois, dando-lhe uma nova oportunidade.

A própria Darcie ficou alegre pela jovem, a quem não conhecia, pela boa ação de Damien ao enviá-la para uma residência rica, na zona rural, devidamente recomendada. No entanto, arraigada em seu íntimo, florescia a suspeita que a havia induzido a seguir Mary até o quarto.

Afinal, Mary nada explicara, e a razão pela qual Poole andava atrás dela, no pátio da casa, permanecia perdida nas trevas da noite.

No final da tarde seguinte, Darcie ocupou a cadeira de Damien no estúdio, fascinada pelo livro de anatomia que abrira em seu colo. O desenho de um osso etmóide, aquele que delimita as fossas nasais e ajuda a formar a base do crânio, mostrava suas elaboradas estruturas em concha.

Mas a ilustração pareceu escurecer-se de repente, à falta de luz externa. Um rugido de tempestade soou a distância, distraindo a atenção de Darcie. Ela observou a janela e descobriu um céu toldado por densas nuvens cinzentas. Por tal motivo, e por admitir que os nomes em latim, constantes do livro, estavam

acima de seus conhecimentos, fechou o volume com uma leve batida.

Embora o tempo tivesse piorado, Darcie recusou-se a permitir que isso afetasse seu ânimo. Caminhou até a estante e, cuidadosamente, colocou a obra de anatomia em seu lugar. Imaginou se Damien voltaria logo, e não pôde suprimir um sorriso largo ao pensar nele. Rindo misteriosamente, Damien havia dito que, naquele dia, deveria cumprir diversas tarefas. Darcie suspeitou que algumas dessas tarefas tinham a ver com ela.

Afastando-se das prateleiras, já ia deixar o escritório quando ouviu o bem-vindo som dos passos de Damien na escada. Veio à porta do estúdio e espreitou o médico a caminhar pelo longo corredor, em sua direção. Os cabelos estavam penteados com esmero. O tecido branco da camisa contrastava com a cor preta da calça e do casaco, realçando a figura longilínea e musculosa de Damien.

— Você está simplesmente magnífico! — Darcie elogiou.

— Mas você é tendenciosa. Como acreditar? — Sem demora, ele lhe deu um beijo e recuou a fim de examiná-la por inteiro. Ficou entusiasmado. — Não pude resistir.

Damien sorriu e entrou no escritório, puxando Darcie atrás de si.

— Venha e sente-se ao meu lado.

Ela aceitou ser escoltada de volta à cadeira que ocupara por mais de uma hora, lendo. Ao mesmo tempo em que dobrava o corpo sobre o assento almofadado, Darcie correu a mão pelo antebraço de Damien. No intervalo de um segundo, entrelaçou seus dedos com os dele, antes de permitir que Damien se livrasse a fim de devolver a maleta ao lugar correto e recompor-se pessoalmente, como faz qualquer profissional que retorna de um trabalho estafante.

Darcie não se continha de vontade de tocá-lo. Deu-lhe alguns minutos de privacidade, sabendo que Damien não era de demorar-se no banheiro. Ao voltar, ele tomou a cadeira ao lado dela e estudou-lhe a face.

— Então, qual problema sério você teve hoje?

— Nenhum — ela disse. — Mas ontem à noite enfrentei um verdadeiro enigma. — Darcie introduziu a mão no bolso do vestido e rolou nos dedos ocultos o retalho de tecido. Franziu a testa.

— Por que as rugas, Darcie? Seu humor é comparável ao tempo lá fora, pois muda de repente. O que a perturba? — Damien mostrou-se paciente, porém alerta.

Ela retirou o pedaço de pano do bolso e o colocou na mesa, desamassando-o um pouco.

— Reconhece isso?

Damien empunhou o retalho e o examinou de perto, antes de estendê-lo na mesa outra vez. Desconcertada, Darcie olhou demoradamente para ele. Teve de concluir que sua expressão era indecifrável.

— Onde conseguiu esse pano? — foi a pergunta.

— No seu quarto, debaixo da cama, parcialmente preso ao estrado, talvez para ser varrido pela empregada. Mas você o reconhece? Já o viu antes?

— Sim — Damien meneou afirmativamente a cabeça. — Tem um formato estranho, parece-se com o mapa da Itália. Eu o encontrei no chão e guardei no bolso.

— E como foi parar debaixo da cama? — Darcie inspirou o ar profundamente, com ansiedade. Sua respiração se tornou arfante. Falou depressa para poder relatar, sem interrupção, tudo o que desejava. — Eu sei de onde isso veio, Damien. Mary foi molestada por alguém, que a atacou de noite, no pátio. Não se machucou nem foi estuprada, porque conseguiu fugir do agressor, que a segurou pela bata e arrancou essa tira de pano.

— O quê? Quando? — Damien deu a impressão de estar realmente chocado. Ergueu metade do corpo da cadeira, sinalizando indignação, mas sentou-se de novo ao perceber que sua reação era exagerada.

— Foi na mesma noite em que trabalhamos naquele coração fornecido pelo dr. Gramercy.

— Enquanto eu dissecava o órgão, você desenhava. — De um instante a outro, Damien pareceu ausente. — Lembro-me de que fiquei ocupado até tarde. Bem depois da meia-noite, recebi a visita de um velho conhecido meu. — Havia na voz dele uma inflexão esquisita, que levou Darcie a ponderar se Damien tinha gostado do encontro. Tudo indicava que não.

— Da maneira como fala—Aproximou o corpo, de modo a estudar melhor o rosto dele —, sou forçada a crer que o visitante não era um amigo.

— Não era mesmo. Eu não esperava a visita nem compreendo o que ele queria aqui. Foi um encontro tolo, sem propósito. A não ser o de me recordar a ocasião em que nos conhecemos. Em Edimburgo, anos atrás. — Calou-se por um momento. — Quando finalmente saí do laboratório, topei com o retalho preto na base da escada. Foi naquela noite que Mary sofreu o ataque sexual? Tem certeza?

— Sim, absoluta. Encontrei Mary no nosso quarto. Deitada, mas em desespero. O vestido dela estava rasgado e havia marcas no pescoço. — Darcie fechou os olhos e reviu com a memória, vividamente, as feias impressões deixadas na garganta da amiga.

— Marcas? Como assim? — Damien também inclinou-se na cadeira, exprimindo interesse.

— Marcas de dedos. Alguém fechou a mão no pescoço dela e tentou um estrangulamento. Foi horrível.

Mas Mary tivera a sorte de escapar. E Darcie sabia, graças a reportagens divulgadas pela imprensa, que um maníaco sexual se valia da força física ou de armas para subjugar uma mulher fraca, indefesa, e obter dela o que desejasse. Por vezes, e isso era abominável, matava a vítima antes de violentá-la. Era um crime hediondo, cujas causas ela não conseguia compreender. Até que ponto podiam chegar a bestialidade e as taras humanas?

Mudo, Damien pareceu bastante abalado com o relato de Darcie.

— A nossa Mary? Por que não fui informado? Meu Deus... — Ele recuperou o pano na mesa, girou-o nos dedos com ar perdido. — Marcas de dedos? Em

volta do pescoço?

Damien repetia tudo na tentativa de acreditar. Traços desfeitos pela preocupação, ergueu a vista para Darcie.

— Quem fez isso? Ela lhe contou quem foi?

O véu de aflição nos olhos dele, a consciência do terror vivido por Mary fizeram com que Darcie engolisse em seco, nervosa com o amargor na boca que procedia do estômago. Sentiu-se amedrontada pelo rumo dos acontecimentos.

— Foi a mesma coisa em Edimburgo — disse Damien, mais para si mesmo. — A jovem estudante escocesa.

Curiosa, Darcie aguardou uma explicação. Enquanto os segundos se escoavam, ela percebeu que não necessitava de esclarecimentos. Damien se referia à moça assassinada em Edimburgo, aquela que o dr. Gramercy havia mencionado. Damien sabia de alguma coisa sobre essa ocorrência, e de certo modo o crime, estava ligado ao ataque contra Mary. Num ímpeto, ele pôs-se de pé.

— Preciso falar com Mary. Ela viu o rosto do agressor.

— Oh, meu Deus! — Darcie suspirou. Não havia pensado nisso. — Ela corre perigo.

Esboçando um sorriso confortador, Damien tocou a face da amada. Seus longos dedos acariciaram o rosto contrito, enquanto Darcie o fitava como se pedisse socorro e sentia o turbilhão de emoções conflitantes que minava o autocontrole dele.

— De fato, Mary não está em segurança. Ninguém está nesta casa. Vou levá-la até a delegacia da rua Bow, para registrar queixa e prestar depoimento ao inspetor Trent. — Sem perda de tempo, Damien dirigiu-se à porta do estúdio.

— Damien... — Darcie o chamou. Ele se voltou lentamente.

— Você sabe quem foi, não sabe? — ela pressionou, por mais que temesse conhecer a resposta.

— Tenho minhas suspeitas, apenas isso. Não saberei com certeza até que possa conversar calmamente com Mary. — A expressão de Damien tornou-se lívida. — Pensei que fosse coincidência. O criminoso esteve em Edimburgo, durante a minha temporada lá, usando-me como álibi. Depois, no bordel da sra. Feather, na noite em que Sally foi morta. Agora, nos meus próprios domínios particulares, tentando violentar uma criada... Trata-se do conhecido de quem lhe falei. — Damien ergueu as sobrancelhas ao forçar a memória. — Esse homem vagava pelas ruas de Whitechapel no dia em que conheci você, perto da casa da sra. Feather. Se eu estiver correto... Darcie, não deixe ninguém entrar aqui enquanto eu estiver fora. Ninguém. Entendeu?

Calada, ela aquiesceu com um gesto tímido.

Tomando-lhe a mão, Damien a levantou da cadeira e demorou-se num abraço apertado.

— Preciso pôr fim a essa situação, ou nunca mais dormiremos em paz. Não devo demorar. Na volta, tudo estará terminado.

A tempestade caiu e Darcie circulava dentro dos limites do quarto de

Damien, imaginando o que estaria se passando no distrito policial. O médico saberia de fato a identidade do maníaco que, livre de culpa ou remorso, aterrorizava as vielas de Whitechapel?

O vento uivou, infiltrando-se pelas frestas da janela, que balançava ruidosamente na esquadria de madeira. A chuva descia em grossos filetes pela superfície lisa da vidraça.

Darcie contou dez passos até o guarda-roupa, depois girou o corpo e marcou mais dez para chegar à cama. Repetiu o trajeto mais de uma vez. Cansada e inquieta, decidiu descer e ver se encontrava alguém.

A criadagem havia se recolhido, embora Darcie suspeitasse que nenhuma das serviçais da casa conseguiria dormir. Deviam estar nervosas pelo fato de que Damien e Mary demoravam para retornar. Poole se portava com igual ansiedade, colado à janela da sala, segurando a cortina e espiando a rua. Então, soltava a cortina por alguns minutos e voltava a abri-la. O ritual foi repetido diversas vezes, apesar da presença de Darcie no aposento. Ou por isso mesmo, talvez,

— Mary está segura com o dr. Cole — disse o mordomo, após deduzir que Darcie precisava ouvir algo nesse sentido. Mas ele também tinha necessidade de falar a fim de dissipar o nervosismo. — Ela voltará sã e salva, não acha?

Naquele momento, Darcie percebeu que os passeios noturnos de Poole nada tinham a ver com o crime, e tudo com o amor. Ele devia estar namorando Mary. Encontravam-se em segredo no quintal da casa, já que não existia outro local disponível para demonstrarem paixão.

Provavelmente, Darcie tinha visto a amiga ao pé da escada dos fundos quando ela regressava de um encontro ao luar. Poole a seguira a distância, a fim de ver se Mary chegava em segurança ao quarto. A despeito da extravagância daquele namoro, Darcie ficou contente pela boa sorte da amiga. Era óbvio que o mordomo cultivava sentimentos genuínos por ela.

Depois de fazer um lanche com leite e biscoitos, na cozinha, Darcie retornou ao quarto de Damien, onde desabou na cama. Sua agitação emocional a levou a levantar-se e caminhar de novo até a janela. Permitiu que os pensamentos vagassem. Para diminuir a tensão provocada pela demora de Damien, repassou na memória os nomes dos ossos do crânio. Não deu certo. Terminou recordando sua última conversa com Damien.

O criminoso esteve em Edimburgo, durante minha temporada lá, usando-me como álibi. Depois, no bordel da sra. Feather, na noite, em que Sally foi morta. Agora, nos meus próprios domínios particulares...

Tais palavras ficaram ressoando na mente de Darcie. Ela gritou de susto quando um relâmpago iluminou o quarto, seguido de um trovão. Fugiu da janela e tentou pensar em outra coisa, mas sua concentração continuava presa ao que tinha ouvido. *Usando-me como álibi.* O dr. Gramercy havia procurado lembrar-se do nome do homem... Lorde Ashton. Ou Alton. Ele não conseguira definir-se.

Imersa em idéias das mais desencontradas, Darcie apertou os lábios e

empenhou-se em descobrir alguma conexão que não tinha notado. Fixou-se na noite em que a pobre Sally fora assassinada.

Você esteve aqui antes. Sally a havia reconhecido como a desgrenhada mulher que pedira ajuda à sra. Feather, numa noite de chuva torrencial. *Lembro-me porque foi na mesma noite em que lorde Albright...*

Darcie congelou no lugar em que estava. Além das palavras, uma imagem forte formou-se em sua mente, e ela estremeceu. O homem que a seguira até o Hyde Park! Da janela da carruagem, tinha vislumbrado os cabelos negros e a capa longa.

Cabelos escuros. Existiam muitas pessoas com essa característica.

Esse homem vagava pelas ruas de Whitechapel no dia em que conheci você.

Naquela noite tempestuosa, encharcada, Darcie se refugiara no vão de uma porta, respirando o ar da morte enquanto observava a barra da capa de um monstro assassino. Na mesma ocasião, já dentro do bordel, ela havia reconhecido lorde Albright, percebendo que ele apreciava ver o sofrimento dos outros. Abigail tinha se deitado com o aristocrata, no lugar dela, que conseguira escapar do mesmo destino da irmã.

Lorde Albright.

Claro. A voz do dr. Gramercy voltou-lhe à lembrança, nomeando a pessoa que estivera em Edimburgo na mesma época que Damien. Lorde Ashton ou Alton, ele tinha dito, mas se enganara. O nome correto era lorde Albright. Recordou-se do sorriso de satisfação que ele exibira ao apertar-lhe o braço e lhe causar dor. Darcie havia se livrado do toque, e o homem, contrariado, batera o punho na mesa, antes que a sra. Feather lhe oferecesse Abigail para uma sessão de perversões.

Devia ser uma criatura sem consciência, sem coração, sem alma. Quando tinha focalizado os olhos dele, Darcie percebera a aridez que lhe marcava o espírito. Agora, sabia quem era o cruel assassino à solta em Londres.

Deus do Céu! Abigail! Sua irmã também não estava segura!

Damien tinha aceitado a probabilidade de lorde Albright ser o criminoso. Por isso, conduziu Mary à delegacia, para contar sua história ao inspetor Trent. Não seria possível que Abigail tivesse chegado à mesma conclusão? Ainda que não ligasse um fato a outro, estava correndo um perigo fatal.

Depois de jogar sua blusa de lã sobre os ombros, Darcie apanhou um gorro e uma sombrinha. Saiu correndo para a rua, repleta de água empoçada. Desistiu de acordar John e pedir que preparasse a carruagem. Era mais rápido encontrar um coche de aluguel para levá-la à rua Hadley. Precisava alertar sua irmã com urgência.

A chuva havia diminuído, mas o vento forte fez seu corpo vergar. Ela inclinou-se a fim de superar o obstáculo. A sombrinha era quase inútil para protegê-la do temporal.

Darcie teve de caminhar rumo ao Hyde Park, até encontrar uma carruagem vaga. Abanou a mão freneticamente, e o condutor parou. Em

segundos, estava na cabine seca e quente, embora malcheirosa, do veículo. Tremia de frio e umidade ao sentar-se, mas não importava. O essencial era chegar logo à casa da sra. Feather e prevenir Abigail. Abominava a idéia de perder a irmã, poucos meses depois de reencontrá-la.

No momento em que chegou às proximidades da rua Hadley, Darcie ainda tremia, batendo os dentes. Todo o seu ser, no entanto, se concentrava no objetivo de impedir qualquer ataque a Abigail. O cocheiro recolheu o pagamento da corrida, mas quando Darcie lhe pediu que a esperasse, ele olhou em torno de si, nervoso, e balançou a cabeça negativamente. Se falou alguma coisa, o barulho da chuva encobriu. A atitude era clara, porém. Estavam em local perigoso.

Ela havia parado a certa distância do velho casarão da sra. Feather, a fim de despistar algum eventual perseguidor. Percorreu correndo a viela que levava até lá. Em noite chuvosa, o movimento ali devia ser intenso. As prostitutas saíam das ruas e esperavam os clientes no bordel. Talvez por isso demoraram a atender à porta, a despeito das batidas frenéticas de Darcie. A cada golpe sem efeito prático, seu desespero aumentava, sua imaginação criava cenas tenebrosas do que poderia ter acontecido.

Por fim, a porta foi aberta e Darcie caiu diretamente nos braços de Abigail, suspirando, aliviada. Ela estava bem, inteira, viva. Mas teria de salvá-la, tirando-a do casarão. Não falharia de novo, como havia ocorrido com sua mãe e Steve. Abigail permanecera desaparecida por algum tempo e, agora que Darcie a tinha encontrado, nunca mais a perderia.

— Minha irmãzinha! — Abigail exclamou, emocionada por poder abraçar Darcie, como não pudera fazer antes.

— Tranque a porta — Darcie instruiu, abstendo-se do calor corporal da irmã, do qual tanto necessitava para se aquecer e parar de bater os dentes. Segurança era o mais importante.

Antes de Abigail cumprir o pedido, Darcie sentiu as pernas fraquejarem e desabou sentada no chão.

— Meu Deus! Você está fraca, além de ensopada. Venha...

— A porta! — ela gritou, e Abigail girou a chave duas vezes. Em seguida, apressou-se escada acima, até seu quarto, e logo voltou, trazendo um vestido simples, porém seco, e roupas de baixo limpas.

Juntas, as irmãs conseguiram remover os trajes molhados de Darcie e vestir nela as peças enxutas. Abigail era mais alta e cheia de corpo. A roupa ficou sobrando pelas extremidades, mas Darcie ficou imensamente grata.

Abigail envolveu a irmã com os braços, apertando-a contra si até que o tremor acabasse.

— Venha à cozinha. Farei chá para nós. Assim que melhorar, você me conta o que deu na sua cabeça para vir aqui numa noite como esta.

— Onde estão todas? — Darcie espiou o corredor deserto, a caminho da cozinha.

— Trabalhando, mas fora da casa. A sra. Feather está pensando em fechar o bordel.

— Fechar? Por quê?

— Caiu muito o movimento, desde a divulgação do crime. De qualquer modo, eu já planejava sair desta vida. A morte de Sally me fez ver as coisas de maneira diferente. Preciso levar em conta o meu futuro. As pessoas mudam...

— Como irá sobreviver?

— Você sempre foi muito prática. — Abigail deu uma breve risada. — Sente-se.

Uma vez instalada à mesa da cozinha, Darcie ainda esfregou as mãos nos próprios braços. Parecia que um calafrio eterno havia invadido seu corpo. Enquanto providenciava o preparo do chá, a irmã manifestou-se em tom suave:

— Veja a sra. Feather. Velha, acabada, sem ninguém. Provavelmente, será deixada na mão até pelos distintos cavalheiros a quem prestou favores. Sempre dependeu de comissões e do aluguel de quartos. Mas a cidade mudou, todos vivem melhor. Muitas prostitutas estão se estabelecendo por conta própria, e eu também economizei o suficiente para pensar em abrir uma loja de roupas. — Abigail deu um sorriso triste. — No interior, é claro, onde ninguém me conheça.

— Oh, Abigail. — Darcie mostrou-se pesarosa, incerta de que existia motivo para comemoração. Mais uma vez o mundo poria distância entre elas, mas ao menos a irmã sairia daquela vida horrível e lutaria por uma existência digna e feliz.

Na verdade, caso se mudasse logo de Londres, Abigail ficaria em segurança numa pequena cidade do interior. Não se sujeitaria a taras de qualquer espécie nem seria vítima do desespero ou alvo de assassinos.

Sim, era para sentir-se alegre, Darcie admitiu.

— Meu sonho é cultivar um grande canteiro de flores, sabia? — Abigail fitou a irmã com afeto. — Talvez eu me case com um jardineiro...

Estranhamente, Darcie não avaliou a idéia como impossível. À luz baça do ambiente, ela estudou a irmã. Mesmo sem maquiagem, usando longas trancas e trajando um robe gasto, Abigail era bonita o suficiente para encantar um futuro noivo. No mínimo, transmitia frescor, asseio e excelente disposição.

Bem a propósito, esquentou as xícaras de chá com água fervente, antes de servir a bebida. Arrumou a mesa com simplicidade e eficiência, sem esquecer a toalha branca, o leite e o açúcar.

Ao encher as xícaras, adicionou leite e fitou a irmã com ar divertido.

— Velhos hábitos — comentou.

— Você verteu o leite por último exatamente como mamãe fazia — disse Darcie. — Ela nos ensinou.

— Ah, sim. Mamãe afirmava que uma dama nunca coloca o leite antes do chá.

Dividiram uma risada e tomaram a bebida em silêncio, trocando olhares de cumplicidade. Compreendiam que a vida seguia em frente, que o mundo se transformava a cada minuto, que tudo poderia tornar-se melhor.

Darcie chegou a hesitar quanto a contar a Abigail o motivo de sua visita. Talvez o medo que sentira se tratasse apenas de um produto da sua imaginação.

No entanto a possibilidade de que Abigail conhecesse o monstro de Whitechapel representava perigo demais para ser ignorada.

Após um suspiro, sem encarar a irmã, Darcie começou:

— Abigail, diga-me o nome da pessoa que fez isso com você, que lhe fez mal e a trouxe para o bordel.

— O que importa? — foi a pronta resposta. — Já faz muito tempo...

— Nem tanto — rebateu Darcie.

Os olhos azul-escuros da irmã agora denotavam dor. Abigail já tinha sofrido muito para ser exigida ou magoada ainda mais. E a Darcie faltava certeza sobre suas suspeitas. Poderia estar enganada quanto a lorde Albright.

— Ele continua visitando você? — Foram palavras escolhidas com cuidado.

Abigail espantou-se, endireitou as costas na cadeira como se tivesse levado um empurrão. Seu olhar fugiu do rosto da irmã.

— Acho que a chuva parou. Já não dá para escutá-la.

— Por favor, Abigail. Ele a magoou seriamente. Creio que pode ser o homem que... — A frase ficou suspensa depois que Abigail a fitou de novo, com a face devastada por uma expressão de profundo horror.

— Não diga nada, Darcie. Se você não falar, então não será verdade. Duvido que eu suporte, se for.

Ali jazia, implícita, a resposta que Darcie queria ouvir. Abigail conhecia a realidade dos fatos, sem sombra de dúvida. Sabia o nome do matador de mulheres: lorde Albright. Tinha dormido com ele. Talvez o amasse.

— Querida irmã, você deve parar de protegê-lo. Ele não vale a sua vida.

Abigail vacilou, a xícara tremeu quando foi colocada no pires. Ela levantou-se, indo abrigar-se num canto escuro da cozinha. Seu corpo sinalizou tensão, a respiração tornou-se arfante.

— Bem — disse com forçada clareza —, suas roupas nunca irão secar se não as pendurarmos perto do fogão.

Abigail tomou conta de tudo, numa superatividade que compensava sua miséria interior. Gotas de água se espalharam pelo chão quando ela torceu o vestido encharcado de Darcie, a qual insistia na obrigação de alertar a irmã.

— Desse jeito, mais mulheres vão morrer... — Ela viu Abigail interromper o trabalho de repente, congelada no lugar, o desespero patente na fisionomia.

— Há quanto tempo você sabe? — indagou Abigail.

— Nunca tive certeza. Não até este momento. Mas você, sim, devia conhecer a terrível verdade.

Abigail meneou a cabeça, inconformada, e na sua vulnerabilidade deixou o vestido da irmã cair no piso.

— Não estava certa até agora, juro. Até você me perguntar sobre ele. As peças então se encaixaram e eu ganhei plena convicção. — Ela soltou o peso sobre a cadeira, como se sua energia tivesse sido inteiramente drenada pelos fatos. Depois, escondeu o rosto entre as mãos. — Talvez eu tenha fechado meus olhos por não desejar saber.

Darcie sentiu-se perturbada, pois conservava a esperança de ter cometido

um erro de avaliação. Abigail pendeu as mãos ao longo do corpo e encarou a irmã.

— Ele esteve aqui, nesta casa, em cada noite de cada crime. Nunca pensei...

O chiado de uma dobradiça gasta se fez ouvir. Darcie conteve um murmúrio de assombro e olhou para todos os recantos escuros da cozinha. Talvez tivesse apenas imaginado o ruído.

Não. O barulho se repetiu, seguido por passadas firmes vindas do interior da casa. Darcie e Abigail já não estavam mais sozinhas.

CAPÍTULO XIV

— O que foi isso? — Abigail reagiu com algum atraso ao barulho da porta sendo aberta. Levou as mãos ao peito, mas deslocou a direita a fim de ajeitar os fios de cabelo que tinham escapado de suas tranças.

Darcie ergueu o dedo indicador até os lábios, pedindo silêncio. Balançou a cabeça quando a irmã deu sinais de que queria falar. Levantou-se da mesa e cruzou a cozinha, fixando a atenção nas facas enfileiradas sobre a bancada de madeira. Não, não serviriam para nada. Ela carecia de força e habilidade para usar uma arma branca. Melhor procurar algo que pudesse utilizar como porrete, colocando todo o peso do corpo no seu manuseio. Algo como... um rolo de macarrão!

Sentindo a presença de Abigail a seu lado, Darcie apalpou-lhe o braço às cegas, até achar-lhe a mão. O contato infundiu energia em ambas.

Os segundos passaram, convertendo-se em minutos, e nenhum outro som foi ouvido. Por causa das roupas penduradas, a cozinha recendia a umidade e sabão. Darcie admirou-se por não ter notado isso antes.

Inclinada, Abigail soprou no ouvido da irmã:

— Talvez tenha sido a nossa imaginação. Talvez não haja mais ninguém aqui.

Darcie gostaria de acreditar, mas um pressentimento cruel apontava a presença do inimigo. Ela conhecia muito bem a sensação, desde que se escondera no escuro de uma porta recuada, observando a barra de uma capa comprida, respirando o cheiro do mal.

Compreendia agora que ele a espreitava e seguia. Havia eleito Darcie como a vítima daquela noite, por isso a caçava, sedento de sangue. E ela ainda tivera dúvidas quanto à identidade do monstro!

Estremeceu, tencionando cada músculo do corpo. Sentia que ele estava perto. Durante meses, a intuição a prevenira do risco. Mas o perigo não vinha de Damien, como tinha chegado a pensar. Era uma grande tolice ter considerado essa hipótese.

Ela cerrou os dedos em torno do cabo do pau de macarrão. *Fuja*, ordenavam-lhe os instintos enquanto o terror a envolvia. Sua mente, porém, pedia que Darcie permanecesse onde estava, pois ela desconhecia a localização

do inimigo. Correr em fuga poderia levá-la diretamente para os braços da morte.

Abigail pressionava as costas da irmã, tremendo de medo.

O invasor da casa havia matado Sally. E ferido Mary. Por causa de Darcie? Porque tinha sido supostamente rejeitado, na noite em que a sra. Feather os apresentara um ao outro? Mas a velha cafetina é que a salvara de prostituir-se, recomendando que procurasse o dr. Damien Cole. Esse pensamento a revoltou.

— Devemos correr até a porta da frente — Abigail sussurrou.

— Você não a trancou?

— Ele tem uma chave...

— E a porta dos fundos?

— Eu instalei mais uma tranca e bloqueei a porta com um baú pesado, depois da morte de Sally. Receava que o assassino pudesse entrar por ali e matar outras, nas próprias camas.

— Para cima — propôs Darcie, num murmúrio. — Tomaremos a escada dos fundos. O inimigo não estará esperando por isso. Tentaremos pular de uma janela ou ficar escondidas. Vamos, Abigail. Não podemos simplesmente aguardar, paradas, que a morte venha.

Sem perda de tempo, Darcie puxou a irmã pelo braço, antes mesmo de ela concordar ou não. Alcançaram os estreitos degraus da parte de trás da casa e subiram ao segundo pavimento.

— Abigail... — A voz do inimigo flutuou pela escada, junto com uma aterradora promessa de amor. — Por que está correndo? Espere por mim.

Debaixo de um senso de irrealidade, Darcie colou-se à parede. Relembrou a noite em que vira Steve ser esfaqueado e morrer. O brilho da lâmina fatal, subindo e descendo, ainda era vivido em sua memória. *Esconda-se nas sombras. Corra, menina, corra!* Naquela ocasião, Darcie havia sido lenta, vacilante. Mas escapara e aprendera com a experiência. Agora podia escutar as passadas do assassino nos degraus, cada vez mais perto, porém julgava-se preparada para enfrentá-lo. Ou para fugir.

Às carreiras, Abigail a guiou até o último quarto do corredor. Fechou a porta e se esforçou para bloqueá-la com uma pesada arca,

— Não se mexe — constatou.

— A janela! — Darcie gritou. — Vamos!

Quando a abriram, juntas, a chuva chicoteou seus rostos. Uma série de relâmpagos iluminou a cena. Inquieta, Darcie voltou-se e observou a porta. Lá estava seu atormentador, a sorrir revelando dentes aguçados.

— Você deveria ser minha naquela noite — ele declarou. — Paguei pelo calor do seu corpo, mas você me escapou.

Lorde Albright havia pagado por ela! Mas como? Deus do Céu! A sra. Feather tinha cobrado antecipadamente pelo encontro, ou era o lorde quem iria levá-la como escrava sexual, na noite em que Steve fora assassinado?

— Então, você voltou para mim. Fiquei feliz ao vê-la na casa da sra. Feather, depois de segui-la pelas ruas.

Darcie suportou o horror enquanto ele dava um passo em sua direção.

— Julgou que não iria encontrá-la? — Ele ergueu e apontou uma faca. — Hoje, você não vai fugir de mim.

Nos olhos sem alma, Darcie leu uma promessa de morte. Apertou os dedos em torno do rolo de madeira que havia trazido da cozinha. Pensou em Damien, com vontade de gritar alto seu nome. Era seu talismã, seu amuleto contra o mal. Não podia morrer ali, esfaqueada, deixando Damien sozinho e sem amor.

Ela brandiu a arma improvisada diante de lorde Albright e arremessou-a contra a cabeça dele, com toda a força de que foi capaz. Acertou o alvo e viu o inimigo cambalear.

Depois, passou pela janela e equilibrou-se no peitoril externo. Abigail se encontrava no telhado do prédio vizinho, gritando por socorro e acenando as mãos freneticamente. Sim, existia uma rota de escape, ainda que arriscada em virtude das telhas molhadas e escorregadias.

Lá embaixo, o terreno baldio, recoberto de grama crescida, amorteceria uma eventual queda. Mas Darcie manteve-se no peitoril, agarrada às saliências da parede.

— Você será minha para todo o sempre! — A voz cavernosa do criminoso, que projetava a cabeça para fora da janela, a assustou, estimulando uma passagem bem-sucedida para o telhado próximo.

Darcie olhou para baixo e viu Abigail já no terreno gramado, sã e salva, depois de ter saltado. Seu alívio cresceu quando identificou na rua o inspetor Trent, com vários policiais fardados. E Damien? Onde estava Damien?

Sentiu-se abandonada, até que uma carruagem parou exatamente embaixo da janela e despejou o dr. Cole no cenário escuro. Mais um relâmpago tornou visível a obsessiva concentração que lhe tomava as feições.

Sem esperar pela ação da polícia, ele postou-se junto à parede e observou o telhado, com a capa de chuva esvoaçando ao vento. Seu olhar transmitia amor e preocupação.

Uma onda de felicidade substituiu o terror no coração de Darcie. Pouco durou, porém. Lorde Albright, exibindo a faca, tentava alcançá-la, avançando devagar pelo peitoril. Certamente a mataria diante de todos. Só podia estar louco!

— Salte, Darcie! — A voz de Damien sobrepôs-se ao barulho do temporal.

Abaixada, ela segurou-se nas telhas, com medo de pular. Morreria da mesma maneira, pensou. Olhou de novo para Damien, que a focalizava intensamente, exibindo afeto e apoio com todas as fibras de seu ser. Os braços dele, estendidos em concha, poderiam com alguma sorte amortecer a queda direta no chão.

— Salte, Darcie! Não vai se machucar. Confie em mim.

Confie em mim. Palavras bem-vindas, que ela esperava ouvir fazia muito tempo. Melhor ainda se Damien acrescentasse: Confie em meu amor eterno por você.

Com o coração dividido entre sonhos de felicidade e espasmos de terror, ante a aproximação do maníaco matador, Darcie decidiu-se. Juntou as mãos em

oração e pulou do telhado, mirando o corpo de Damien. Ele a segurou, mas o forte impacto fez com que ela rolasse para o solo gramado. Saiu viva e incólume do episódio, exceto por um tornozelo torcido.

Ainda desorientada, Darcie escutou seu nome murmurado repetidamente por Damien. Aos poucos, distinguiu outros sons: o relincho dos cavalos, os gritos histéricos de Abigail, a voz do inspetor ordenando a seus homens a invasão da casa, a fim de desarmarem e prenderem lorde Albright.

Damien afagou-lhe o rosto e os cabelos com ternura. Já o beijo que deu em Darcie foi selvagem, desesperado, movido pelo pavor de perder a amada nas mãos sujas do monstro de Whitechapel,

— Você veio me salvar — disse ela, emocionada, desfrutando um abraço reconfortante. — Como sabia onde eu estava?

— Poole viu você sair. Partiu no seu encalço, mas não conseguiu retê-la. Quando ele chegou ao Hyde Park, você estava subindo na carruagem de aluguel, — O olhar dele mostrou-se reprovador. — Desafiou a própria morte, Darcie. Na hora em que a vi lá em cima, foi impossível agir racionalmente.

— Não, querido. Sua inteligência me salvou.

— Não a inteligência — ele sorriu —, mas o desespero. E a confiança. Você confiou em mim.

— Deduziu que eu tinha ido ver minha irmã? Ela corria perigo, pois conhecia lorde Albright e já suspeitava que ele era o autor dos crimes.

— Claro que era. Quando cheguei a essa conclusão, mandei Poole à delegacia avisar o inspetor Trent. Creio que tivemos sorte, se é que você acredita nela.

— Acredito, e muito. Desde o dia em que você me socorreu e empregou.

Algumado, conduzido por Trent, lorde Albright passou cabisbaixo pelo terreno. Ao divisar Darcie, porém, ergueu o olhar e falou com ela.

— Que pena, Darcie. Esqueci minha carteira — ele a insultou, na intenção de envenenar seu relacionamento com Damien.

No entanto, além de conhecer o passado de Darcie, o dr. Cole estava acima das intrigas de um assassino desalmado, que alegava ser um nobre, par do reino, para escapar da prisão em flagrante. Trent teve de protegê-lo do soco que Damien se preparou para dar.

Logo depois, em mais uma prova de generosidade, ele chamou Abigail para que embarcasse em sua carruagem e se hospedasse no casarão. Em segurança, descansaria melhor.

Abigail hesitou um momento, depois trocou um olhar significativo com o cocheiro, John.

— A irmã de minha esposa deve morar na mesma casa que ela — justificou-se Damien.

Esposa? Darcie não esperava ouvir uma proposta de casamento naquele instante, embora sonhasse com ela. Abigail faria bem em aceitar o convite, pois no casarão poderia refazer a vida longe dos bordéis, planejar sua mudança para o campo, talvez aproximar-se de John, com quem havia simpatizado.

A surpresa de Darcie aumentou à medida que a enormidade da frase de Damien penetrou em sua mente. Sorrindo, ele acariciou os cabelos dela.

— Você nem imagina como passei o dia. Fui ao cartório e obtive uma licença especial para o nosso casamento. Amanhã seria cedo demais?

Suspirando, Darcie tentou assimilar mais aquela novidade. Damien não só a queria como esposa, mas a queria o quanto antes.

— Não tenho palavras... — ela disse, quase a gaguejar.

— Você só precisa de uma: "sim".

— Então, é sim. Sim milhares de vezes.

Darcie abriu os braços e, numa mescla de riso e choro, procurou os lábios de Damien.

— Tive muito medo de perder você — ele confessou, com os olhos cintilantes de amor e paixão. — Medo de que caísse do telhado, medo de que fosse tarde para resgatá-la.

— Mas você estava no lugar certo para me amparar...

— Estava. — Damien sorriu. — E sempre estarei.

A luz do lampião da rua incidiu acima dos cabelos dourados de Damien, fazendo-os brilhar, como se um halo o coroasse. Darcie lembrou-se: na primeira vez em que o vira, sentada numa calçada úmida, confundira-o com um anjo, vindo à Terra com a missão de protegê-la, amá-la e proporcionar-lhe uma boa morada.

Aspirando o ar fresco e limpo da noite, Darcie projetou a boca à frente, enquanto Damien lhe colhia a mão, entrelaçando seus dedos com os dela. Era inevitável, irresistível: ele colou de novo seus lábios nos da futura esposa, longa e amorosamente. Uma comunicação silenciosa, por meio de olhares estreitou a cumplicidade entre o casal com laços de ternura e paixão.

Darcie soltou-se nos braços de Damien, seduzida pelo beijo, maravilhada com a idéia de que, naquela distante noite, ela estivesse com a razão: Damien era um anjo caído do Céu, e no amor dele Darcie havia encontrado seu verdadeiro lar.

Fim...



Eve Silver apaixonou-se por literatura ainda na adolescência. Formada em biologia, com especialização em anatomia humana, leciona em faculdades, mas reserva todas as horas vagas para escrever romances em que privilegia temas como o amor, a honradez e a perseverança. Vive na Inglaterra com o marido e dois filhos.
